

Será possível curar um
coração partido com
um novo amor?

**DESEJO
PROIBIDO**

Livro 2

paixão
libertadora

SOPHIE JACKSON



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

paixão
libertadora



O Arqueiro

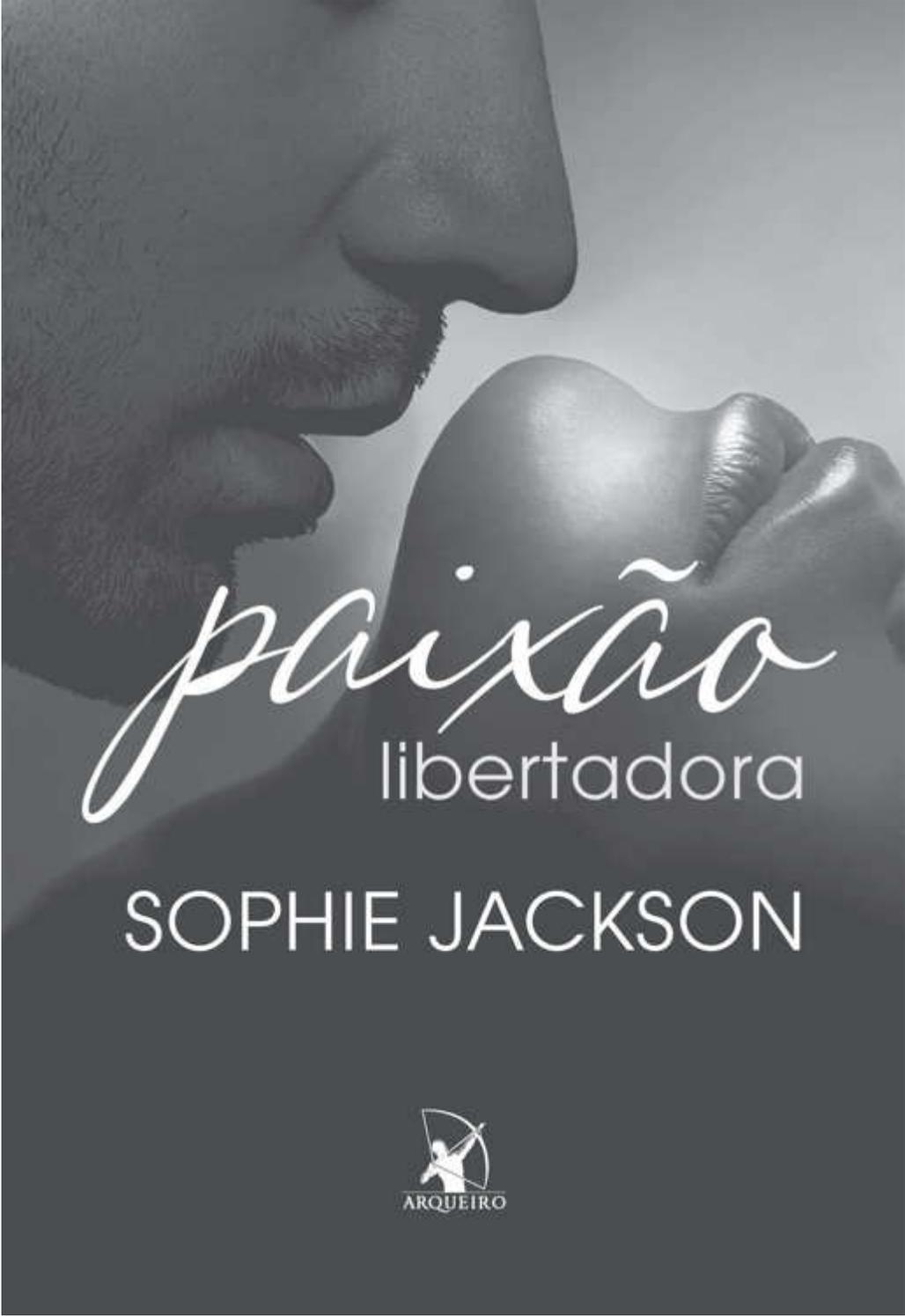
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



paixão
libertadora

SOPHIE JACKSON



Título original: *An Ounce of Hope*

Copyright © 2016 por Sophie Louise Jackson
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Gallery Books, selo da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thalita Uba

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Hermínia Totti e Raphani Margiotta

diagramação: Abreu's System

capa: isitdesign

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: homem: Kiukson/Shutterstock; mulher: Hans Neleman/Corbis

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15p

Jackson, Sophie

Paixão libertadora [recurso eletrônico]/ Sophie Jackson; tradução de Thalita Uba. São Paulo: Arqueiro, 2016.

recurso digital (Desejo proibido; 2)

Tradução de: An ounce of hope

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-543-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título. III. Série.

16-30846

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para os meus fãs, a minha família virtual.
Vocês são incríveis. Nunca mudem.

“A vida vai derrubar você. Ninguém pode protegê-lo disto. E de viver sozinho também não, pois a solidão vai arrasá-lo de saudade. Você precisa amar. Precisa sentir. É por esse motivo que está na Terra. Você está aqui para arriscar seu coração. Você está aqui para ser engolido. E, quando acontecer de ser destruído, traído, abandonado, magoado, ou ao sentir a morte espreitando, permita-se sentar à sombra de uma macieira e ouvir as maçãs caindo ao seu redor, desperdiçando sua doçura. Diga a si mesmo que saboreou tantas quanto podia.”

– Louise Erdrich, *The Painted Drum*

1

A primeira vez que Max O'Hare pensou em tirar a própria vida foi no dia do velório de seu pai. Era uma manhã gélida de meados de outubro, daquelas em que o vento fustiga o rosto e a chuva desaba em torrentes, fazendo até mesmo o cara mais bem-humorado ficar triste.

Max viu o caixão do pai ser enterrado ao lado do de Hazel O'Hare, sua mãe. A linda lápide acima do túmulo de Hazel exibia, em letras douradas elegantes, que ela tinha apenas 26 anos quando morreu – o carro em que estava batera de frente com outro no momento em que a jovem se dirigia à festa de aniversário de 2 anos do filho. Já Connor O'Hare, pai de Max, sucumbira aos 45 anos a um câncer de pâncreas cruel, após uma batalha corajosa de 18 meses, deixando o filho órfão.

Um órfão que não conseguia evitar se perguntar o que deveria fazer com a própria vida.

É claro que havia o negócio da família, uma oficina mecânica especializada, onde Max tinha aprendido o ofício do pai com olhos entusiasmados e ouvidos atentos. Mas tudo perdera o brilho quando Connor ficara incapacitado de trabalhar. Os carrões e os motores possantes deixaram de ter importância. Tudo passara a girar em torno da próxima sessão de quimioterapia e dos valores das contas médicas.

Não que o pai de Max reclamasse ou se preocupasse com isso.

Ele sorria quando o filho começava a se estressar com consultas e dinheiro e lhe dizia que a vida era curta demais para que se inquietasse com aquelas coisas bobas. Connor O'Hare era assim. Talvez por esta razão nunca tenha perdido a cabeça ao ver Max, ainda adolescente, chegar tantas vezes em casa em uma viatura da polícia ou ser preso por posse de drogas e roubo de carro. "Você vai encontrar o seu caminho; são apenas os obstáculos da estrada, filho", dizia o pai, dando de ombros com certa decepção, o que fazia Max se corroer de culpa.

Max não tinha tanta certeza de que algum dia encontraria seu caminho, e também não sabia por que se metia em confusão. Seria tédio? Ele nem sequer podia dizer que tinha problemas em casa. Seu pai era um homem bom, que se desdobrara para criar o filho sozinho. Não. Max era a ovelha negra, seu próprio pior inimigo. Ele queria ser forte como o pai, nobre e dedicado, mas sempre fracassava.

É verdade que a batalha de Connor contra a doença foi valente, mas sua morte não foi como a de um guerreiro. Não foi romântica. Não houve palavras sussurradas de amor ou declarações de lições de vida e arrependimento. Ele estava incapacitado de falar – o câncer tinha afetado seus pulmões e a garganta àquela altura. Max assistiu ao pai ser devastado por uma doença que roubou aquela vitalidade que ele conhecia e respeitava. Tudo o que sobrara fora o corpo maltratado de um homem que se foi durante o sono enquanto Max segurava sua mão, em sua vigília constante ao lado da cama do hospital.

A dor que assolou Max foi tamanha que ele nem sequer chorou. Seus olhos permaneceram secos, como se o pesar tivesse bloqueado cada duto lacrimal, veia e artéria.

Ele tinha amigos ao seu lado. Amigos que eram como família e estavam preparados para apoiá-lo incondicionalmente. *Qualquer coisa que a gente possa fazer. Estou aqui se você quiser conversar.*

Deus, ele mal conseguia sair da cama de manhã e as pessoas esperavam que conversasse! Apreciava o gesto, é claro, mas, à medida que o tempo passava, as palavras delas sumiam e Max se afundava na depressão. E tudo culminou com ele virando uma garrafa de vodca e cheirando algumas carreiras de cocaína enquanto olhava para os comprimidos que encontrara em meio aos pertences do pai.

“Seria tão fácil”, pensou ele.

E indolor.

Era isso que ele queria mais que tudo: uma existência sem dor.

Mas Max não tinha conseguido levar aquilo a cabo. A covardia não era algo de que se orgulhasse, mas, como Carter, seu melhor amigo, explicara: ele tinha 20 anos e a vida toda pela frente. E viver no limite foi o que ele fez: encheu a cara, pegou muitas mulheres, se envolveu com o que não devia, se tornou traficante, foi baleado, preso, saiu sob pagamento de fiança...

Não era exatamente uma vida; era mais uma ressaca contínua marcada por intervalos de delírio. Ele mantinha a oficina com a grana que conseguia no tráfico; pagava os funcionários e festejava do nascer ao pôr do sol. À medida que os meses foram passando, a dor que Max sentira no dia do velório foi diminuindo, dando lugar a um entorpecimento ao qual ele se entregava livremente. Não sentia dor. Na verdade, não sentia nada. E estava bem assim.

Ele duvidava que algum dia voltasse a sentir algo. Nem sabia se queria.

Até que *ela* apareceu em sua vida...

Max ergueu os olhos do carpete bege suntuoso sob seus pés, fixando-os no homem sentado diante dele. Elliot esperou pacientemente que Max dissesse mais alguma coisa, mas ele havia terminado. E tinha dito mais do que pretendia. Não falava sobre o pai fazia muito tempo, e tocar naquela ferida agora era tão agonizante quanto tinha sido no dia do velório, oito anos antes.

Ele pegou o copo d'água na mesinha de madeira ao lado de seu assento e tomou um gole longo. O silêncio e a expectativa eram sufocantes, fazendo Max se agitar e se remexer na cadeira.

– Pelo seu silêncio, suponho que isso é tudo.

Elliot sorriu e escreveu rapidamente em seu bloco de anotações, como sempre fazia. Max não respondeu, mas respirou fundo, sabendo que estava liberado. Aprendera que o Dr. Elliot Watts era um filho da mãe persistente e incansável. Bem, ele era terapeuta; essa era a droga do trabalho dele. Mas Max tinha que admitir que gostava dele, não importava a quantos caminhos sombrios do passado o doutor o fizesse retornar.

– Você fez um bom progresso hoje, Max – continuou Elliot, acenando de forma positiva com a cabeça. – Sei que falar do seu pai não é fácil.

É, nem me fale.

Rabisco, rabisco.

– Então, você está aqui há 15 dias. O que está achando da medicação?

Max deu de ombros. Ele estava tomando um monte de pílulas esquisitas todas as manhãs: antidepressivos, ritalina, amantadina. Cada uma tinha um propósito específico para ajudá-lo com a desesperança, as noites em claro e os anseios. E ajudavam. Quase sempre. Drogas eram drogas, afinal.

Não eram exatamente as drogas que ele queria, aquelas que poderiam dar um coice na sua ansiedade, que fariam seu pau deixar de ser um apêndice flácido, que iriam suprimir o apetite monstruoso que fazia seu abdome aumentar, que o impediriam de fechar os olhos à noite.

Mas drogas eram drogas.

A cada batimento precário de seu coração, o sangue de Max se movia vagarosamente por seu corpo. Ansiava por uma carreira de

pó, pela vida, pelo desapego eufórico. Só precisava cheirar um pouco.

Elliot se endireitou de leve na cadeira, como se percebesse a fome que parecia debilitar seu paciente.

– Como estão os terrores noturnos?

O pavor tomou conta dos ossos de Max. Ele engoliu em seco e esfregou as mãos. Seu desconforto deixava transparecer muitas coisas. Os terrores noturnos eram isso mesmo: terríveis. Pesadelos tão vívidos e perturbadores que só de pensar em dormir Max já ficava gelado. Eles tinham começado poucos dias depois de ele parar com o pó, logo após ter dado entrada na clínica de reabilitação e, apesar da medicação prescrita por Elliot, não estavam dando trégua. Suas olheiras eram a prova.

– Podemos aumentar a dose se você quiser, Max – disse Elliot com delicadeza. – Você precisa descansar.

Max suspirou e abaixou o queixo de modo quase imperceptível, seu orgulho incapaz de vencer o medo do que o aguardava quando ele dormia.

– Certo. Vou mandar alterar isso para você.

– Obrigado.

A voz de Max era baixa, mas sua gratidão era imensurável.

– Quer conversar sobre esses terrores?

– Não.

Max massageou as têmporas, tentando afastar as imagens grotescas que o assombravam à noite e ameaçavam se agarrar à sua cabeça.

O silêncio de Elliot fez Max encará-lo.

– Tão ruins assim?

Max puxou o capuz do moletom ainda mais para baixo, numa tentativa de se esconder. Ele usava o capuz tanto nas sessões individuais quanto nas de grupo e, estranhamente, Elliot não parecia se importar. Max não sabia ao certo por que, mas aquilo ajudava a

amenizar o estresse que sentia por ter que falar com desconhecidos sobre tudo o que lhe acontecera tantos anos antes. Era um casulo, uma redoma que tornava sua estadia na clínica um pouquinho mais tolerável.

– Talvez você possa escrever sobre isso naquele caderno que lhe dei semana passada. Sei que ainda está em branco.

Elliot sorriu com o olhar sarcástico que Max lançou para ele.

Escrever em um caderno? Não, obrigado.

– Tudo bem. Olha – disse Elliot, sentando-se mais à frente –, você sabe que estou aqui se quiser conversar mais. Todos nós vamos ajudá-lo a superar isso. Você não está sozinho, viu?

Max se conteve para não revirar os olhos. Claro, ele estava rodeado de pessoas que “só queriam o melhor para ele”, se dispunham a “ajudá-lo a ficar limpo”, que queriam “conversar sobre tudo” e pretendiam se certificar de que ele se sentia “confortável” e “tranquilo”, e não louco para fugir da porcaria daquele lugar e encontrar a boca de fumo mais próxima.

É, ele estava de fato rodeado por pessoas bem-intencionadas.

E nunca se sentira tão sozinho.

2

Sete anos antes...

A festa, como sempre, tinha se tornado um caos. Era quase meia-noite e Riley Moore, rodeado por três amigos, estava – usando apenas os dentes para pegar os copos – tomando doses de vodca dos seios de duas desconhecidas seminuas. Max sorriu enquanto os caras aplaudiam, gritavam e batiam o peito um no outro a cada dose gloriosamente despejada sobre a pele das meninas, seguida pela língua gulosa de Riley.

Max riu daquele entusiasmo. Ele conhecera Riley por meio de amigos comuns havia apenas dois anos. Apesar de não saber muito sobre o histórico do cara, percebia que Riley costumava ser a alma da festa e um monstro quando se tratava de bebida. Tomava qualquer coisa, desde que fosse alcoólica – mas, não importava quantas garrafas esvaziasse, parecia manter-se sóbrio. Ele ficava meio doido, mas nunca tocava em nada além daquilo. Nem mesmo maconha. Riley recusava, dizendo que nunca se interessara. E Max ficava silenciosamente surpreso com o autocontrole dele.

Não, os vícios de Riley eram carros e mulheres. Muitas mulheres. Max sentiu uma cotovelada. Quando se virou, viu seu melhor

amigo, Carter, bêbado e chapado, com o braço enrolado em uma bela morena vestida com roupas minúsculas.

– Se anime – disse Carter com um sorriso largo. – É uma festa, cara.

Max concordou com a cabeça e ergueu a garrafa de cerveja, apontando o gargalo para o amigo.

– Sim – respondeu ele, virando a cerveja, ciente de que a carreira que ele tinha cheirado uma hora antes já estava perdendo o efeito. – Pode me abastecer?

Carter assentiu com a cabeça e vasculhou o bolso da calça jeans, tirando um saquinho de cocaína.

– Aproveite. E depois encha a cara, coma alguém, faça alguma coisa para botar um sorriso nesse rosto, merda!

Max riu enquanto observava Carter cambalear até um dos sofás, onde caiu com sua nova amiga e começou a dar uns amassos. O cara tinha razão. Max tinha quase 22 anos. Precisava relaxar e se divertir, deixando para trás o luto que, após um ano e meio da perda do pai, ainda o aprisionava. Ele só não sabia como fazer isso sem umas carreiras de coca e uma cerveja. Sabia que a vida louca que levava beirava o limite do perigo, mas, ironicamente, era essa euforia levava Max a viver com pó no nariz e uma bebida na mão.

– Você veio!

O gritinho de uma das meninas seminuas, companheiras de Riley na vodca, chamou a atenção de Max, que se virou para olhar. A ruiva magrinha desceu da mesa, colocou a camiseta de volta – para grande irritação dos homens ao seu redor – e atravessou o apartamento correndo até a porta aberta.

Max a observou com um leve sorriso, que imediatamente se desfez quando ele viu a garota que ela cumprimentava. Deus! Ela era... alta e loura. Muito loura. E natural. Aquele cabelo não era de farmácia. Era amarelo-cinza, na altura dos ombros, que estavam cobertos por uma blusa vermelha de manga curta. A calça jeans era

preta e se aderiu às pernas como uma segunda pele. Nossa, ela era linda!

– Venha conhecer o Riley! Estamos tomando vodca sem roupa!

A ruiva saltitou e arrastou a nova e intrigante aquisição para a cozinha.

Pela expressão da loura, que olhava tudo à sua volta, Max percebeu que ela não era o tipo de mulher que iria se despir e deixar que um homem qualquer tocasse seus peitos. Estranhamente, esse pensamento foi um alento para o coração dele. Ela atravessou a sala com desenvoltura e elegância, enquanto Max quase quebrava o pescoço para espia-la por trás das outras pessoas da festa. Pessoas que ele tinha esquecido, para as quais não dava a mínima.

– Riley, esta é minha melhor amiga, Lizzie. Lizzie, este é o Riley. A ruiva se atirou nos braços de Riley e Lizzie sorriu.

E que sorriso maravilhoso!

Dentes brancos e brilho e malditos arco-íris.

– Oi, Liz – disse Riley. – Quer beber alguma coisa?

– É Lizzie. E não, não bebo quando estou dirigindo – retrucou.

Max riu da petulância dela e da expressão de surpresa no rosto de Riley.

O grandalhão deu uma gargalhada.

– Caramba, Lizzie, me deixe pelo menos pegar um Sprite para você.

Antes que ela pudesse responder, Riley apanhou um Sprite e lhe entregou com uma piscadinha. O sorriso torto que embelezou o rosto de Lizzie foi sexy pra caramba. Max enfiou um saquinho esquecido de pó no bolso de trás e se aproximou do lugar onde todos eles estavam, sua atenção total e verdadeiramente redirecionada.

Ele observou Lizzie, fascinado, durante os 45 minutos que ela ficou lá. Era charmosa e engraçada, respondendo à altura quando a azaração começou para valer. Quando ela olhou na direção de Max,

ele sorriu muito educado e acenou com a cabeça. E foi uma delícia ver o tom rosado que iluminou as bochechas de Lizzie quando ele fez isso.

Em situações como esta, Max já estaria dando em cima dela, falando um monte de frases bonitinhas e carismáticas que as garotas adoravam ouvir.

Mas algo o deteve. Uma sensação estranha e assustadora de que essa Lizzie lhe daria um fora se ele tentasse ser qualquer coisa que não fosse verdadeira e honesta.

Então ele só a observou, sabendo, quando ela foi embora, que precisava vê-la de novo.

■ ■ ■

O terreno da clínica de reabilitação era enorme. Seis hectares, para ser exato. Antes de a neve do centro-sul da Pensilvânia se acumular demais, Max tinha vagado pela propriedade, parado para um cigarro e perambulado um pouco mais. O silêncio era de perfurar os ouvidos, deixava-o extremamente agitado. Ele estava acostumado com o alvoroço da vida na cidade de Nova York, e era difícil se habituar aos campos vastos e ao ar fresco.

Quando não estava em uma das quinze sessões semanais com Elliot, com seu padrinho (alguém que o ajudava a se manter sóbrio) ou andando sem rumo, Max ficava sentado no quarto, ouvia música ou lia. E isso era perfeito, até mesmo *incrível*, nos primeiros dias de abstinência, pois aquilo o desacelerava. Mas, passadas duas semanas, ele estava começando a se inquietar. Elliot havia prometido que, assim que Max se estabilizasse com os medicamentos, poderia começar a malhar. E Max estava louco para ir à academia e aliviar um pouco da tensão e do estresse que faziam

seus ombros arquearem. Mas ele tinha que esperar. Como alternativa, foi sugerido que Max fizesse aulas de ioga.

Algo lento. E fácil.

Ele riu na cara de Elliot. Explicou que não era o tipo de cara que fazia ioga. E então voltou para o quarto.

Não que ele se importasse em ficar no quarto. E, na verdade, “quarto” era um termo vago. Parecia mais uma suíte de hotel. Era muito bem equipado, com uma cama enorme, poltronas confortáveis, belas obras de arte nas paredes e um banheiro interno. Aparentemente, Carter escolhera aquele lugar por causa do astral tranquilo e acolhedor e pelo fato de ser pequeno, com apenas dezessete “clientes” por vez, garantindo cuidados e apoio personalizados 24 horas por dia. Max sabia que Carter pagara os olhos da cara para conseguir uma vaga para ele com tão pouco tempo de antecedência.

Além dos doze passos dos Narcóticos Anônimos para a recuperação – uma parte importante do processo de cura de Max –, a clínica também oferecia uma terapia mais holística. Mas Max não acreditava em toda aquela baboseira de “mente, corpo e alma”. Ele só queria ficar limpo o mais rápido possível para poder ir para casa.

E, passados quinze dias, Max tinha que admitir, ainda que com certa relutância, que a reabilitação não era tão ruim assim – embora sentisse uma falta imensa dos amigos e dos confortos de casa, é claro. Era parecido com estar na prisão; só que mais agradável. Com cheiros melhores, cortinas mais bonitas e sorrisos mais naturais dos funcionários. Bem, as abomináveis sessões com Elliot faziam Max desejar se encolher, e as sessões em grupo eram ainda piores. No entanto, os caras que ele conhecera ali haviam tornado sua estada na clínica mais interessante. Pense em pessoas piradas.

Pegue o Stan, por exemplo. Tinha 28 anos e era viciado em cocaína. Assim como Max, ele havia mergulhado no pó como uma maneira de esquecer a vida e toda a merda que fazia parte dela.

Porto-riquenho obstinado de 1,70 metro, falava pelos cotovelos se deixassem. E deixavam. Com frequência. Mas Max não se importava. Se Stan estava falando, isso significava que Lyle, o líder do grupo, e Hud, um padrinho, não ficariam olhando para Max, esperando que *e/le* dissesse alguma coisa.

Nas dez sessões a que os dezessete pacientes compareceram, Max não abriu a boca. Ele não *quis* abrir a boca. Não sabia como começar a formar frases organizadas e fluentes. Deus, estar sóbrio e lúcido só encorajava seus pensamentos antes silenciados a martelarem seu cérebro torturado desde o minuto em que abria os olhos, todas as manhãs. A deliciosa proteção oferecida pela cocaína, que costumava usar todos os dias para abafar a orgia que se passava em sua mente, era uma lembrança distante. Max simplesmente puxava sua proteção substituta – o capuz de seu moletom – ainda mais baixo em seu rosto, enfurnando-se no tecido, e tentava relaxar.

Falar era mais fácil que fazer, com Stan papagaiando sobre seus arrependimentos. Ah, os arrependimentos.

– Cara, esse sujeito nunca cala a boca?

Os olhos de Max se desviaram para o responsável pela reclamação sussurrada, Dom Haynes, outro colega do pó com um histórico de tráfico, contravenções, prisão, etc. Tinha 26 anos e, apesar da ficha criminal, era um sujeito bastante decente.

Ele dividira os cigarros com Max num dos primeiros dias na clínica, quando Max estava a ponto de fugir daquele lugar. Haviam ficado próximos desde então. Dom lembrava muito seu amigo Carter, o que era tanto insuportável quanto reconfortante para Max.

Caramba, Max sentia falta do melhor amigo.

Mesmo que Carter fosse um babaca. Um babaca que estava ao lado de Max havia 20 anos. Um babaca que tinha cumprido pena na penitenciária de Arthur Kill no lugar de Max quando a merda atingira o ventilador. Um babaca para quem Max tinha apontado uma arma

quando chegou ao fundo do poço. Um babaca que, mesmo com a paciência quase esgotada, tinha recolhido Max inconsciente do chão do banheiro, gritando e implorando que ele tomasse jeito e se internasse numa clínica de reabilitação. Um babaca que tinha dirigido quatro horas para levá-lo até a clínica, pagando por tudo sem questionar e abraçando-o com força antes de ir embora com lágrimas nos olhos, dizendo que tudo ficaria bem.

Max suspirou e fechou os olhos por um instante, ignorando Stan e os outros dezessete homens na sala. Sabia que, sem Carter, ele estaria morto. Sabia que, sem a grana de Carter e o conhecimento de Riley sobre como administrar um negócio, a oficina de seu pai teria sido perdida, juntamente com a reputação que Connor lutara tanto para construir. Sem Carter, Max nunca teria sobrevivido à perda de Lizzie.

Como sempre acontecia quando ele pensava em Lizzie, uma dor aguda dilacerou seu estômago, subiu até o coração e os pulmões, fazendo-o se inclinar para a frente na cadeira. Ele arfou com a agonia implacável, grato pelo fato de a atenção de todos ainda estar focada em Stan.

Todos menos Dom.

– Você está bem, cara? – murmurou ele ao seu lado.

Max assentiu com a cabeça, limpou a garganta e tentou respirar do jeito que Elliot ensinara. Lenta e continuamente. Fundo e gradualmente. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Isto já havia sido, um dia, uma ação simples. Mas agora, sem ela e sem nenhuma carreira de pó, era uma batalha constante.

■ ■ ■

– Então me conte sobre o incidente que aconteceu na sessão de grupo.

Max estava começando a perceber que o Dr. Elliot era onisciente ou algo assim. Ele não deixava passar nada. O filho da mãe devia ter câmeras em todos os cantos dessa maldita clínica. Ele sabia de tudo! Ou isso ou o breve "incidente" não tinha sido tão sutil quanto Max pensara.

Ele deu de ombros.

– Não foi nada.

Por que ele continuava mentindo, só Deus sabia. Isso não o fazia se sentir melhor e certamente não o faria voltar para casa mais cedo. E, afinal, não era esse o propósito, ficar melhor e retornar logo para casa?

Rabisco. Rabisco.

– Max, falar sobre isso vai ajudar.

Elliot tomou um gole de sua caneca do Phillies, o time de beisebol mais antigo do estado. Max se perguntou se aquilo era café ou algo mais forte, como conhaque. Ou uísque. Droga, uma dose de Jack Daniel's seria bom pra cacete agora.

– Foi o mesmo de antes – murmurou Max, expirando devagar.

Os olhos de Elliot se suavizaram.

– Lizzie.

Max sentiu um aperto no peito ao ouvir aquelas duas sílabas.

– Fale – disse Elliot baixinho. – O que você conseguir. Me conte.

A persuasão suave na voz de Elliot, a necessidade de mostrar aos outros que ele conseguiria se recuperar ou, ainda, a necessidade de não decepcionar Carter foram, lentamente, derrubando as barreiras emocionais de Max. Ele começou contando a Elliot sobre a primeira vez que a vira e como tinha sido pamonha por não ter falado com ela. Narrou também o sermão que ouvira de Riley e Carter por se recusar a ligar para ela por semanas, apesar da sua ânsia em vê-la de novo. Deus. Aquela ânsia que ainda o aleijava. Lembrou o tom suave e interessado na voz dela quando ele finalmente tomou coragem de telefonar para o número anotado num pedaço de papel

surrado que guardava no bolso desde a festa de Riley. E do seu primeiro encontro em um boliche, quando Lizzie o venceu por quase 50 pontos e, em seguida, deixou que ele a beijasse. O beijo, os lábios dela...

Max mal conseguia respirar. O peito doía à medida que as lembranças pareciam golpeá-lo. Seu coração trovejava, fazendo a visão escurecer e o rosto queimar. Ele tinha que sair daquela maldita sala, mas seu cérebro não conseguia enviar os sinais para os pés rápido o suficiente. E o peito ardia. Max o esfregou, enquanto tentava dizer a Elliot que havia uma grande chance de ele estar sofrendo um ataque cardíaco. Mas nenhuma palavra saiu de sua boca.

E, de repente, lá estava Elliot, ajoelhado ao lado de Max, pedindo que ele respirasse fundo, segurando calmamente seu antebraço. Apesar de poder sentir os dedos ansiosos do psiquiatra, Max não conseguia responder. O pânico o sufocava. Era quase engraçado. Lá estava seu terapeuta, implorando que falasse, se abrisse, e, na única vez em que Max quis fazer isso, não teve sucesso. Que tremenda ironia. Ele desabou na cadeira, ciente das vozes, mas incapaz de responder. Era quase como se estivesse fora de si, flutuando sobre o próprio corpo, observando o tsunami de emoções afogá-lo.

E a última coisa que pensou antes de se sentir totalmente sufocado foi: estou morrendo.

3

– *Eu estava me perguntando quando você iria ligar.*

Max piscou.

– *Estava? Mas... Como você sabia que eu tinha seu número?*

Ela riu. Aquele som enérgico e delicado fez Max sorrir.

– *Acho que Riley contou a Amber. E Amber me contou.*

– *Amber? – Max franziu a testa. – Ah, você está falando da menina da vodca.*

Ela riu de novo.

– *Essa mesma.*

Max riu.

– *Maldito Riley.*

O silêncio que tomou conta da linha era de hesitação, mas também de excitação. Max sentiu a boca ficar muito seca. E implorou aos céus por uma onda de testosterona ou qualquer outra coisa que o ajudasse a criar coragem para chamar a garota para sair.

– *Então você ligou... – incitou Lizzie.*

– *Sim! – exclamou Max de imediato. – Sim, eu... Bem, não tive a chance de conversar com você naquela festa e...*

– *É, você ficou parado do outro lado da sala, sorrindo para mim a noite toda e não se mexeu. Estava esperando por um convite?*

Max soltou uma risada. A atitude dela era incrivelmente sexy.

– *Caramba, menina, já vi que você não vai pegar leve comigo, né?*

A gargalhada dela ficou mais alta.

– Não! Mas sou tão assustadora assim?

– Não! Você é linda, quero dizer, e não é assustadora e, caramba, eu só... É que você estava com seus amigos e eu não quis interromper.

– Max?

A maneira como ela disse o nome dele fez os músculos de seu abdômen se contraírem.

– Sim?

– Eu adoraria sair com você.

■ ■ ■

Max acordou lentamente. Sons, cheiros e sensações o cutucaram até ele recobrar a consciência e, por dois maravilhosos segundos, ele esqueceu que se encontrava a um zilhão de quilômetros de casa e em uma cama estranha. Espere. Ele estava na cama? Max deu uma olhada em volta. Sim, em seu quarto. Mas como? A última coisa de que se lembrava era de estar no consultório de Elliot...

– Você teve uma crise de pânico.

Max se assustou com o som da voz de Elliot. Ergueu a cabeça do travesseiro suntuoso e, com olhos cansados, procurou por ele. Elliot estava sentado, do outro lado do quarto, em uma das poltronas extravagantes de encosto alto, a perna direita cruzada sobre a esquerda, observando-o com atenção.

– Eu lhe dei uma injeção de Midazolam, que fez você dormir. – Ele apontou para a cama. – Achei que ficaria mais confortável aqui do que no sofá do meu escritório.

Max esfregou o rosto, uma dor chata martelando sua cabeça.

– Que ótimo. – Ele se sentou devagar, o mundo girando ao seu redor. – Tinha me esquecido de como é divertido.

Elliot não perdeu tempo.

– Você já teve crises de pânico antes?

Não desse jeito.

Elliot assentiu diante do silêncio, seu maxilar se contraindo.

– Isso pode ser causado por uma série de coisas. No seu caso, acho que uma combinação do nível baixo de açúcar no sangue com o assunto que estávamos discutindo contribuiu para uma crise de severidade considerável. – Ele se inclinou para a frente. – Você precisa verificar se sua hipoglicemia está sob controle, Max.

– Eu sei.

O apetite de Max tinha aumentado pra caramba graças à abstinência de cocaína e aos remédios e, apesar da encheção de saco do pessoal da cozinha, ele andava comendo muita porcaria e não estava testando seu sangue com regularidade. Ele só comia e comia. Droga, ia voltar para Nova York parecendo o boneco da Michelin. *Que beleza!*

– Testar meu sangue. Comer melhor – murmurou ele. – Entendi. O que mais?

O terapeuta se levantou bruscamente da poltrona e se aproximou da cama.

Pouco acostumado a ver Elliot tão irritado, Max ralhou:

– Qual o seu problema, doutor?

Elliot em geral era calmo, passivo.

– Não tenho problema nenhum, Max – respondeu ele baixinho. – Você é que tem.

Max bufou.

– Só um? Você está por fora, cara.

Elliot ignorou o gracejo. Cruzou os braços e olhou para Max de um jeito que ele quase se escondeu sob as cobertas.

– Você tem noção de que hoje foi a primeira vez, desde sua internação, que você falou detalhadamente sobre seu passado, sobre Lizzie?

Max engoliu em seco.

– Max, com exceção dos comentários breves sobre seu pai, hoje foi o dia em que você liberou, em 15 minutos, uma década de sofrimento. Um sofrimento que está retido dentro de você, apodrecendo, enterrado debaixo de muita malícia, cocaína e sexo sem compromisso.

Apesar da verdade nas palavras de Elliot, Max ficou branco.

– Jogando na cara, hein, doutor?

– Como uma barragem que se rompe, as emoções saíram de você rápido demais para a sua mente tolerar. Isso o sobrecarregou, e seu corpo entrou em pânico. – Elliot expirou, sem nunca desviar o olhar severo de seu paciente. – Você não pode continuar a agir assim, Max. *Precisa* começar a se abrir, a falar, a se expressar de *algum* jeito.

Max bufou e encostou a cabeça na parede, desejando receber outra dose daquela injeção maravilhosa que Elliot tinha lhe dado, só para poder se perder mais uma vez no esquecimento.

Ele preferiria qualquer coisa a ter que conversar sobre... tudo.

– E se eu não for disso? – Max se surpreendeu ao notar quão baixo estava o tom da sua voz ao fazer a pergunta que o assombrava desde a primeira sessão de terapia. Ele ergueu os olhos para Elliot. – E se eu não conseguir?

Elliot meneou a cabeça.

– Você consegue. Juntos, vamos conseguir. Vou ajudá-lo em cada passo do caminho, Max. Todos nós vamos. Mas é necessário que você venha ao nosso encontro. Lyle está preocupado com a sua insistência em pular sua vez de falar na sessão em grupo...

– E se eu simplesmente não quiser, hein, doutor? Se não quiser falar com nenhum de vocês, droga?

Elliot ficou em silêncio por um período imensurável de tempo, fazendo com que Max se contraísse.

– Mas você quer, Max – murmurou afinal. – Você está aqui

porque quer ficar melhor. Não foi embora porque Carter ficaria arrasado e você não quer decepcionar ninguém, muito menos ele. Você está aqui porque, lá no fundo, sabe que essa é sua última chance, sua última esperança de ficar limpo, feliz e livre dos fardos que carrega todo santo dia.

Ah, merda. Max deu um suspiro longo. Um pouco trêmulo, ele esfregou o rosto, escondendo as lágrimas que brotavam em seus olhos.

– Não finja que me conhece – murmurou ele, fazendo Elliot rir e suspirar.

– Amanhã você tem uma sessão com Tate Moore.

Max ergueu a cabeça, aquele nome soando vagamente familiar.

– Tate Moore?

Elliot confirmou com a cabeça.

– Ele é um dos nossos médicos residentes; é excelente. E também é o responsável pelas aulas de arte três vezes por semana.

Max revirou os olhos.

– Aulas de arte.

Que ótimo. Então Elliot o estava despachando para algum imbecil amante de Renoir, que sem dúvida reluta só de ouvir a palavra “abstrato”. Não que Max tivesse alguma coisa contra Renoir, mas enfim.

– Se você não gostar, pode experimentar outra coisa – disse Elliot, parecendo ler os pensamentos de Max. – Mas quero que se engaje, se expresse e se comunique. Além do mais, lembro de ter lido no seu formulário de admissão que você gostava de pintura.

Max deu de ombros.

– Carter escreveu isso. Não pinto há muito tempo. Eu costumava pintar os carros na oficina quando era mais novo. Aí levei meu trabalho para os prédios de Nova York. Meu pai se gabava de ter um filho que podia pintar toda a ilha de Manhattan com uma única mão...

As palavras ficaram presas na garganta dele.

Elliot colocou a mão em seu ombro e deu um apertão carinhoso.

– Pinte o que você não consegue falar, Max.

Max arqueou uma sobrancelha, dispensando o gesto afetuoso.

– E se eu não fizer isso?

Elliot se endireitou.

– Aí vou adiar a sua permissão para ir à academia.

Ele se virou, deixando Max desconcertado.

– Mas... você disse que... Ah, espere aí, doutor!

– Duas semanas – disse Elliot calmamente da porta. – Duas semanas com Tate, avanços nas sessões em grupo e então vou permitir que você comece a trabalhar com um *personal trainer*. Combinado?

Max se recostou nos travesseiros. Talvez tenha feito bico, como uma criancinha, mas sabia que não tinha muita escolha.

– Combinado.

■ ■ ■

A sala de artes não era como Max esperava. Era enorme, iluminada, arejada e fedida a tinta e sabão, com uma pitada subjacente, mas imediatamente reconhecível, do aroma de removedor de tinta. O cheiro inebriante fez Max se lembrar de seu trabalho na oficina do pai, pintando os Mustangs e os Buicks com spray enquanto escutava rock no último volume. Seu pai adorava trabalhar ao som de Pink Floyd e The Who. Quanto mais alto, melhor, era o que ele dizia...

– Você deve ser o Max.

Max se virou. O homem na porta, apesar de ser mais velho que ele, era jovem. Mais jovem do que Max esperava. Alto e forte, tinha cabelos louros escuros e bem curtos, grandes olhos cor de âmbar e

um sorriso largo. Ele esticou a mão esquerda enquanto a direita segurava uma bengala de madeira escura.

– Sou Tate Moore. – Os dois apertaram as mãos. – Elliot marcou nossa sessão para hoje. – Ele reparou que Max olhou para a bengala. – Ah, as meninas adoram um cara manco de bengala, sabia?

Max enfiou as mãos nos bolsos, olhos cautelosos.

– Você é o cara das artes?

Tate sorriu.

– Não era o que você esperava, hein?

O homem estava usando jeans pretos, tênis All Star e uma camiseta que dizia “Confie em mim, sou o Doutor”.

Max meneou a cabeça.

– Não exatamente.

Tate o dispensou com a mão, acenando.

– Acontece muito comigo. – Ele entrou na sala, passando por Max. Na verdade, ele não mancava tanto assim. – Temos a sala só para nós por um tempo antes da minha próxima sessão. Me fale sobre arte.

Max franziu a testa.

– O quê?

Tate se acomodou em um banco com rodinhas, apoiando a bengala na coxa.

– Qual a sua experiência? Você é iniciante? O que prefere? Tintas, lápis, carvão? Me conte.

Max olhou pelas grandes janelas, que davam para o terreno coberto de neve da clínica.

– Gosto de tinta. Quando eu era pequeno, pintava carros com spray, fazia detalhes. Fui preso algumas vezes por grafitar.

Tate assentiu com a cabeça.

– Ah, então você tem a mão firme e gosta de cor.

– Acho que sim.

Tate indicou que Max se sentasse.

– Então preciso perguntar, o que você quer ganhar com isso, Max?

– Que o doutor me deixe em paz – respondeu Max um tanto mal-humorado.

Tate pigarreou.

– Saquei. Mas você precisa estar motivado para se beneficiar do que vai fazer. Sei que o Dr. Watts planejou isso e conheço os motivos, mas quero ter certeza de que você vai se dar uma chance.

Max deu uma olhada em torno da sala ampla, vendo os cavaletes de madeira, os pincéis, os lençóis e os oleados respingados de cor e sentiu uma leve onda de euforia no peito. Ele suspirou.

– Quero conseguir... me expressar melhor. Porque preciso *ficar* melhor.

Ao fitar Tate, deu de cara com um sorriso.

– Gostei – disse Tate gentilmente.

Max riu.

– Quando começamos?

■ ■ ■

Eles começaram no dia seguinte.

Max descobriu que se levantar da cama foi um pouquinho mais fácil naquela manhã, apesar de ter acordado duas vezes de madrugada por conta dos terrores noturnos, e chegou quase cinco minutos mais cedo à sessão. Ele não diria que estava exatamente animado, mas estava sem dúvida ansioso para pegar num pincel de novo. Tate o cumprimentou com um sorriso, um aperto de mão e outra camiseta que, por baixo de uma imagem de Leonard Nimoy, dizia "Spocktacular". Max pensou, por um momento, que talvez Tate precisasse mais de uma sessão com Elliot do que ele próprio.

– Tomei a liberdade de montar um cavalete para você – disse Tate, guiando Max até um tripé grande. – Minha pergunta é: quer uma tela ou quer começar com algo menor?

Max considerou a pergunta. Ele nunca tinha, na realidade, pintado em nada que não fosse tijolo, concreto ou metal.

– Tela – respondeu ele. – É melhor mergulhar logo de cabeça, né?

Tate deu um tapinha no ombro de Max.

– Excelente.

Com sua tela e algumas tintas acrílicas selecionadas, Max se empoleirou em um banco com rodinhas e pensou no que queria dizer, no que queria mostrar. Elliot lhe dissera que se expressasse, mas como é que ele deveria fazer isso? Os últimos dois anos tinham drenado quase toda a sua inspiração. Os outros dois caras na sala estavam ocupados pintando e desenhando como lunáticos. Max ficou sentado por 20 minutos, sem fazer nada, antes de Tate se aproximar.

– Tudo certo? – questionou ele, apoiando-se na bengala.

Max deu de ombros, pegou sua garrafa e tomou um gole de água.

– Max, quando pintava, onde e com quem você estava?

Max passou as mãos pelos cabelos.

– Na cidade ou na oficina, com meu melhor amigo ou com meu pai.

– Você tinha uma rotina?

As sobrancelhas de Max se ergueram.

– Uma o quê?

Tate explicou:

– Por exemplo, tinha uma camiseta específica que você gostava de usar quando pintava? Ou coturnos, luvas, um pincel especial, música?

Algo veio à memória de Max.

– Meu pai sempre tocava rock na oficina, ou eu ouvia no iPod.

Tate sorriu.

– Espere aí. – Ele se afastou mancando rápido, deixando Max perplexo, e voltou com um iPod do qual pendia um par de fones brancos. – Meu gosto musical provavelmente não é o que você chamaria de rock – admitiu Tate. – Esse é mais o estilo do meu irmão; mas, se me falar os nomes das bandas, posso montar uma *playlist* para você. – Ele entregou o aparelho a Max. – Ouça; talvez isso desperte alguma coisa.

Max pegou o iPod, com os olhos fitos em Tate enquanto as peças do quebra-cabeça iam se encaixando no fundo de sua mente.

– Moore – sussurrou ele, observando mais uma vez a altura, a largura e o sorriso familiar de Tate. Ele se levantou de repente. – Cara! Você é o irmão do Riley, o médico, o herói de guerra!

As bochechas de Tate ficaram cor-de-rosa.

– Acho que “herói de guerra” é forçar um pouco a barra. Prefiro ovelha negra. Mas, sim, Riley é meu irmão. A não ser que ele deva dinheiro a você, aí vou ter que negar todas as informações e conexões.

Max riu.

– Puta merda! – Ele estendeu a mão, apertando a de Tate novamente. – Nunca nos encontramos, você sempre estava fora. Mas Riley falava demais sobre o irmão. Você fez faculdade de Medicina, depois foi para o Iraque, certo?

Ele olhou para a bengala.

– E para o Afeganistão.

– Caramba. Valeu por isso, cara. Conheço o Riley há quase dez anos. Ele está dando uma de babá da minha oficina enquanto estou aqui. Eu não sei o que faria sem a ajuda dele e...

Max puxou a mão de volta.

– Mas você já sabia disso.

– É claro. Pesquisei com cuidado os meus pacientes.

– Pesquisa? – perguntou Max, em tom de dúvida.

– Sim. – Tate olhou na direção do teto. – E também liguei para Riley e perguntei. Ele disse que a sua oficina está indo bem, por sinal.

Max riu e se sentou.

– Tenho certeza de que há alguma regra sobre confidencialidade médico-paciente que você acabou de admitir ter quebrado.

Tate fez um gesto irreverente com a mão.

– Ih, confidencialidade médico-paciente nem existe mais.

Max riu de novo. É, ele definitivamente era irmão do Riley. Ele segurou o iPod com força.

– Obrigado por isto.

Tate acenou com a cabeça.

– O prazer foi todo meu.

4

Grace Brooks xingou o irmão por ser tão alto.

Fala sério, o cara era uma montanha. Mesmo tendo 1,70 metro, o que já era acima da média para as mulheres, Grace encontrava dificuldade para manter as mãos tapando os olhos dele. Ela o guiava pela ruazinha coberta de neve na direção da surpresa que lhe preparara ao longo de um mês e meio.

– Olha, você me obrigou a trazê-la de carro até aqui para ver sei lá o que e... – Ele tropeçou. – Já estamos perto? – perguntou Kai, numa posição claramente incômoda.

Ele estava quase dobrado para trás, na tentativa de se adequar à falta de centímetros a mais da irmã.

– Sim – respondeu Grace, parando. – Certo. Um. Dois. Três. – Ela tirou as mãos dos olhos de Kai e abriu bem os braços. – Já!

Ela observou o irmão se erguer totalmente, ajustando o cachecol cinza em torno do pescoço. Seus olhos castanho-escuros se estreitaram enquanto ele assimilava a casa de dois pavimentos no final da rua, rodeada por uma floresta densa. Seu silêncio e a contração de sua boca fizeram Grace se inquietar.

– Então – disse Grace, incentivadora. – Não é incrível?

As sobrancelhas dele se ergueram com a escolha do adjetivo. Ele pendeu o corpo para a direita e cruzou os braços.

– É, definitivamente, interessante – comentou ele com cuidado.

A decepção se instalou no peito de Grace.

– Eu comprei – continuou ela mesmo assim. – Você vive me dizendo para seguir em frente, fazer alguma loucura... Bem, aqui está a loucura!

Kai esfregou a nuca com a palma da mão.

– Sim, só não pensei que seria uma loucura *desse* tamanho. – Ele apontou para a casa. – Grace, ela nem sequer tem uma porta de entrada. Ou janelas. Quase não tem telhado e... Espere, aquilo na varanda é um banheiro?

Grace agarrou o braço do irmão, arrastando-o na direção da casa – a primeira propriedade que ela adquiria, aos 26 anos.

– Você precisa usar a imaginação. Não veja como é agora. Pense em como *poderia* ser.

– Acho que nem o Spielberg teria tanta imaginação.

Grace bufou, parando na varanda carcomida por cupins.

– Não preciso que você seja sarcástico, preciso que seja divertido, alegre e...

– Imaginativo? – brincou Kai.

Grace estalou os dedos.

– Sim! Imaginativo.

O irmão riu e olhou para a casa. É claro, pensou Grace, que ele conseguiria ver o potencial do imóvel. Ok, estava sucateado e talvez levasse um milhão de anos e um bocado de trabalho pesado para se transformar em um local habitável; mas era dela. E, depois de tudo pelo que Grace havia passado, isto era algo que a animava de verdade.

– Obviamente – começou ela, endireitando-se para começar seu discurso de venda –, nas condições atuais, foi uma pechincha. Sei que vai custar para deixá-la bonita, mas essa é a parte divertida. Quero pintar de branco, para que ela se destaque, e fazer a porta azul, como a casa da mamãe. O que você acha?

Kai abriu a boca para responder, mas ela continuou a falar.

– A construtora da cidade já tirou as medidas e ouviu as minhas

ideias e, nossa!, os planos deles são incríveis. Eles vão começar depois do ano-novo, dependendo do clima. – Ela apontou para o segundo piso. – Tem três quartos, então você vai poder vir quando quiser e se esconder do seu harém. Também tem espaço para fazer uma câmara escura fantástica e, meu Deus, Kai, imagine as fotos que vou poder fazer aqui!

Ela olhou da casa para o irmão e piscou ao ver que ele arqueava a sobrancelha.

– O que foi?

– Eu *não* tenho um harém.

Ela bufou.

– Kai, morei com você em Washington por um ano e meio. Sua casa parece uma passarela, com um desfile de peitos com nomes como Charissa ou Sashina.

– Sasha.

– Tanto faz.

Ele riu e balançou a cabeça, discordando, apesar de saber que ela estava certa. Grace não era boba e sabia por que as mulheres caíam aos pés dele. Seu irmão mais novo era carismático, inteligente, engraçado e lindo. E também era a melhor pessoa que ela conhecia no mundo.

Kai a observou por um instante antes de se aproximar.

– Você não *precisa* se mudar, Grace. Eu gosto que more comigo. Você mantém aquele desfile em ordem.

Ela deu um tapa no ombro dele; os dois riram. O rosto dele logo ficou sério.

– Tem certeza de que vai ficar bem morando a essa distância de Washington? E para ir às suas sessões e tudo o mais? – Ele olhou em volta. – Este lugar é bastante afastado, e não me agrada o fato de você morar numa pensão. Já disse que você pode ficar comigo o tempo que precisar.

Grace sorriu, agradecida.

– Sei disso. E obrigada.

– Mas?

Grace deu de ombros.

– Mas sinto que está na hora. Gosto que o lugar seja afastado. Só tenho sessões a cada duas semanas agora. Não me sinto nem um pouco insegura aqui. Além disso, você virá me visitar sempre que puder. – Ela voltou a olhar para a casa, imaginando como ficaria linda quando estivesse pronta. – Mamãe nos deixou aquele dinheiro para fazermos algo grandioso. É isso que eu quero.

Kai tocou seu ombro. E a olhou como há muito tempo não fazia – com uma expressão suave, satisfeita e, ela ousava dizer, comovida. Grace puxou o cabelo de debaixo do gorro e começou a brincar com os grandes cachos pretos.

Kai ficou imóvel ao lado dela, reconhecendo o gesto de nervosismo.

– Estou orgulhoso de você, mana – murmurou. Em seguida seus olhos ficaram frios. – Depois que ele...

O coração de Grace acelerou.

– Depois que *aquilo* aconteceu, nunca pensei que fosse ver você animada ou empolgada de novo – confessou ele sorrindo, os dentes brilhantes exibindo um branco reluzente contra a pele caramelo, da mesma cor da dela. – Ver você assim é... incrível. – Ele olhou para a casa. – E, com sinceridade, acho que é *realmente* excelente.

■ ■ ■

– Então, já se passaram quase duas semanas do seu incidente. Como você está se sentindo?

Max tinha certeza de que ficaria muito melhor se todo mundo parasse de se referir a sua crise de pânico como uma merda de um incidente.

– Bem – respondeu ele, erguendo os ombros. – Testo o meu sangue com mais frequência, tento comer direito. Pinto quase todos os dias.

Elliot sorriu.

– Sim, o Dr. Moore me disse que você se envolveu de verdade com as aulas de arte – comentou, observando que Max ficara feliz com o elogio do terapeuta. – Quer me falar sobre o que tem pintado?

As chances de que Elliot e Tate já tivessem conversado sobre o trabalho de Max eram grandes, mas ele estava preparado para satisfazer a vontade do psiquiatra, apesar da dor em seu peito. Ele respirou fundo antes de dizer:

– Eu estava pensando em... Chris... Christopher. Meu filho.

Ele esticou o braço rapidamente para pegar o copo d'água ao lado da cadeira e tomou um gole bem grande, rezando para que ele abrandasse a sensação de mal-estar em seu estômago.

Elliot permaneceu calado e imóvel, apesar de seus olhos estarem calmos e pensativos.

Christopher era o bebê de Max e Lizzie, e tinha inspirado os lampejos de tinta azul que explodiam em sua tela. Um bebê que não havia sido planejado, mas que fora amado mesmo assim, inspirando também os círculos vermelhos e o rosa sutil de suas pinceladas suaves. Um bebê que deixara seus pais mais próximos do que nunca, levando Max a permanecer limpo e a andar na linha. Um bebê que motivara Max a pedir Lizzie em casamento, prometendo seu amor eterno a ela e ao filho ainda em gestação, presenteando-a com um diamante tão grande quanto seu coração. Max tinha consciência de que, com a chegada do filho, finalmente se tornaria o homem que sempre quisera ser. Um homem que teria deixado seu pai orgulhoso.

Christopher morreu no começo do terceiro trimestre de gravidez. Lizzie estava com quase sete meses quando o bebê parou de se

mexer ou chutar, e o parto precisou ser induzido. Max ficou sentado ao seu lado enquanto ela dava à luz seu filho sem vida. Lizzie uivou. Literalmente uivou de agonia, como um animal. Deus! Ele nunca esqueceria aquele som enquanto estivesse vivo. A dor da perda de Christopher quase a destruiu. Max tentou ser forte, abraçou-a dizendo que tudo ficaria bem; mas ele sabia que não era verdade. Naquele dia, algo entre eles, alguma coisa monumental e vital para o relacionamento, também morreu.

Aquela foi a segunda vez que Max pensou em dar cabo da própria vida. No momento em que segurou seu bebê minúsculo nos braços – a coisa mais delicada que já tinha visto, com os olhinhos fechados como se estivesse dormindo –, ele soube que o céu deveria ser o lugar mais perfeito, repleto de criaturas tão lindas quanto Christopher, um lugar onde ele preferiria estar.

Lizzie não conseguira olhar para o bebê. Soluçou, gritou, até que o médico lhe deu um sedativo. Quando seus olhos se abriram no dia seguinte, Max sabia, no fundo de seu coração dilacerado, que ela não estava realmente acordada. Ela estava perdida para ele também. Daquele momento em diante, ela não mais vivia, apenas existia, e o sofrimento de Max começou a esmagá-lo.

O velório foi torturante, outra lápide trazendo o nome O'Hare. As semanas seguintes foram piores. Pela primeira vez desde a noite em que pusera os olhos em Lizzie, Max se jogou de volta nos braços de seu caloroso e amado pó branco. Com Carter na penitenciária Arthur Kill e os amigos mantendo distância de seu temperamento instável, chapado ou bêbado, ele nunca se sentira tão sozinho e perdido. Até uma manhã em particular.

A manhã que fez com que Max cogitasse dar fim a tudo pela terceira vez: quando ele acordou e viu que Lizzie tinha ido embora.

– Como você se sentiu quando percebeu que ela não iria voltar?
– perguntou Elliot.

Max conteve o comentário mais óbvio e recheado de palavras e

puxou o capuz mais para baixo, quase se escondendo dentro dele.

– Confuso. Bravo. Sozinho... Aliviado.

O rosto de Elliot não mudou.

– Explique “aliviado”.

Max fechou os olhos, lembrando-se do rosto vazio, sofrido e sombrio da mulher que amara tanto.

– Fiquei aliviado porque sabia que não a estava ajudando – admitiu ele, surpreso com a própria confissão. – Fiquei aliviado porque ela tomou a iniciativa e abandonou as ruínas do nosso relacionamento.

– Mas ela abandonou *você*.

Max bufou.

– Com a bebedeira e a cocaína que eu tinha voltado a consumir? Eu também teria ido embora.

Elliot escreveu.

– E, ao olhar para trás, pensando nas suas pinturas, você acha que ela fez a escolha certa?

– Nunca vou perdô-la por ter ido embora sem dizer uma palavra – respondeu Max. – É isso que me mata. Eu merecia mais do que o silêncio dela. Eu *valia* mais. Tudo bem, quer ir embora, vá; mas tínhamos passado por coisas demais juntos para ela ir sem dar adeus ou mandar eu me foder. Fizemos um filho juntos, merda! Estávamos noivos! – A fúria cresceu dentro de Max, enchendo seu sangue de decepção e sofrimento. – Ela saiu de fininho como uma covarde, como se só ela estivesse sofrendo, chorando, sentindo falta do nosso filho. Foi egoísta pra caralho. – Ele se inclinou, repousando os cotovelos nos joelhos, lágrimas ameaçando cair. – Mas se ela melhorou, se seguiu adiante depois de perdermos Christopher... Ela fez a escolha certa para si mesma.

Elliot ficou quieto por tanto tempo que Max ergueu a cabeça para checar se o terapeuta ainda estava respirando.

– Segunda-feira – murmurou ele. – Vou agendar um horário para

você na academia para sua primeira sessão.

Max piscou de surpresa.

– Está bem.

■ ■ ■

Tate estava em pé ao lado de Max, mordiscando o doce de alcaçuz que Max tinha compartilhado com ele.

– Cara – exclamou ele com um grunhido de satisfação. – Essas coisas viciam que nem crack! – Deu um tapinha no ombro de Max. – Sem ofensas.

Max riu e mastigou o próprio doce.

– Quer dizer, eu não comia isso desde pequeno. E, mesmo naquela época, Riley roubava todos e escondia. – Ele suspirou pesadamente. – Falando sério, não sei por que ainda converso com ele.

Max olhou para seu arteterapeuta e sorriu com a camiseta que ele tinha escolhido, que dizia: “Não usar calça é o melhor traje.” E se perguntou como seria ver os dois irmãos Moore juntos. Na verdade, se não estava enganado, eles eram quatro irmãos; ele tinha encontrado o mais novo, Seb, algumas vezes. De qualquer forma, Max tinha certeza de que deveria ser caótico.

– Ganhei refrigerante também – disse ele, sacudindo a lata. – Carter é o cara.

– Nada mal – concordou Tate. – Ele mandou uma cesta básica?

– E vai vir me visitar no ano-novo.

É claro que Max estava animado com a visita de Carter, mas também estava nervoso pra caramba. A cesta inesperada, porém incrível, de guloseimas tinha chegado no dia anterior, embrulhada em papel natalino. Veio acompanhada por um cartão de Carter e Kat, assinado por todos os meninos da oficina – inclusive Riley –,

desejando a ele um bom e feliz Natal. Por alguns minutos, aquilo fez Max se sentir ótimo, querido e estimado, mas logo se deu conta de quão distante se encontrava dos amigos e da falta que sentia deles. As mudanças de humor e a ansiedade nunca estavam muito longe, não importava quanto ele se sentisse melhor. De qualquer forma, ele certamente tinha feito alguns novos amigos com o alcaçuz. E os M&M's.

– Ah – cantarolou Tate como quem não quer nada. – Estão dizendo por aí que você vai à academia na segunda. Legal.

Max concordou. Ele mal podia esperar para descontar um pouco da raiva latente em algum equipamento da academia.

– Gosto do que você está fazendo aqui – acrescentou Tate, apontando para o redemoinho marrom-claro contra o fundo preto da segunda pintura de Max.

A anterior, já terminada, estava guardada em seu quarto, em toda a sua glória enfurecida. Terminá-la não tinha reduzido a fúria dentro dele; ao contrário, tinha despertado uma vontade adormecida de pintar mais. Max estava começando a se expressar, como Elliot pedira. E era bom. Prazeroso. Quase como se cada pincelada reprimisse alguma ânsia silenciosa que carregava em si. Ele não se iludia; sabia que estava se purificando, basicamente vomitando seu vício e seu sofrimento na tela – a emoção crua da primeira pintura era a prova disso –, mas não tinha problema. Se a arte fizesse os médicos e funcionários pararem de pegar no seu pé e as crises de pânico cessarem, ele continuaria pintando.

Tate mastigou ruidosamente seu doce de alcaçuz.

– O contraste entre as cores é bacana. O que significa?

Max inclinou a cabeça, analisando o próprio trabalho. Depois de contar a Elliot sobre a partida de Lizzie, ele só pensava em voltar à sala de artes e pintar... alguma coisa.

– Não faço a menor ideia, cara – respondeu ele, seguindo as

linhas diagonais alaranjadas e vermelhas com os olhos. Deu um sorriso torto. – Sabe, você não deveria fazer perguntas idiotas.

Tate sorriu.

– Eu sei. Só estou zoando você.

Ele se virou com o doce ainda pendendo da boca e se aproximou de outro pintor. Max riu atrás dele. No mínimo, Tate o mantinha entretido.

5

Max deveria saber que a sensação leve e descomplicada que se instalara dentro dele durante as sessões em grupo, as conversas com Elliot e as aulas de pintura não iria durar. A decoração de Natal, a comida deliciosa, a música alegre e os presentes e chocolates que a clínica deu fizeram com que Max curtisse o período de festas pela primeira vez em anos, apesar de estar longe de casa e de rostos familiares.

Uma pena aquele bem-estar não ter continuado.

Ah, Max O'Hare sempre fora um filho da mãe pessimista, em uma escala quase insalubre. E, mesmo assim, à medida que os dias na clínica se transformavam em semanas, ele se permitira considerar a possibilidade de estar melhorando, de seus pensamentos não serem mais ditados pela raiva ou pela angústia e das chamadas constantes do vício em sua mente praticamente se extinguirem.

É, ele tinha sido muito estúpido.

E a maneira como Elliot o olhava, com aquele jeito de preocupação paternalista, não era o que ele precisava no estado em que se encontrava. Isso deixava Max furioso. Ele não conseguia entender o que o levava a ficar tão fora de controle, tão agitado. Descontara tudo nos aparelhos da academia – ganhando olhares apreensivos de seu *personal* –, correria na esteira até quase desabar, mas a agitação ainda pinicava sua pele como urtiga.

– Você fez uma ligação esta tarde – começou Elliot, fitando-o por

cima da caneca enquanto tomava um gole sabe-se lá do quê. – Com quem você conversou?

Max escorregou na cadeira e inspirou fundo.

– Carter.

Elliot sorriu.

– Ótimo. Como ele está?

Os molares de Max rangeram.

– Noivo. – A palavra foi disparada de sua boca como uma bala, sufocada por mágoa, inveja e raiva. – Ele está... Está noivo, merda.

Ele escondeu o rosto com as mãos, odiando aquela palavra e odiando a si mesmo por ser um tremendo de um babaca egoísta.

O som da caneca de Elliot sendo depositada na mesa lateral ricocheteou no cérebro cansado e aturdido de Max. Puta merda. Pela primeira vez em quatro semanas, Max queria uma carreira de pó.

Três carreiras de pó.

E uma garrafa de tequila trazida por uma mulher de pernas torneadas, belos peitos e sem moral alguma.

É, ele ficaria bem contente com uma transa quente e suada, regada a álcool e cocaína, para limpar a cabeça.

– Você está com raiva.

Elliot não entonou a pergunta, mas a deixou subentendida com um pequeno aceno da mão.

– Sim – latiu Max sem pensar. – Não. Droga, não sei o que senti.

Ele se levantou e caminhou até a janela com vista para os vastos jardins da clínica. A neve espessa brilhava sob o sol da tarde. Ele fechou os olhos e apoiou a cabeça no vidro gelado. A conversa com Carter tinha ido bem. Havia conseguido esconder o choque e a raiva ao saber da notícia. Agradecera pela cesta de Natal. Falaram muita merda e fizeram piada com os planos de Riley para a despedida de solteiro, mas foi algo contido. Ao menos da parte de Max.

– Não sei por que me sinto tão... Não consigo nem descrever.

Era como se algo comprimisse suas entranhas.

– Eu entendo.

Max se virou para o terapeuta.

– Entende?

– É claro. Ele é seu melhor amigo. Vocês têm uma história. Estiveram juntos durante os momentos mais difíceis da vida, e, agora, você está aqui. Ele está seguindo adiante e você se sente estagnado.

Max piscou. Caraca!

– Mas você não está estagnado, Max – continuou Elliot. – As mudanças que vi em você nas últimas duas semanas são notáveis. Você está se abrindo.

Max enfiou as mãos no bolso.

– Não me sinto assim. – Com um suspiro, ele cambaleou de volta para a cadeira e se sentou, aparentando cansaço. Ficou agitado com o silêncio de Elliot e tentou se esconder debaixo do capuz. – Quero que Carter seja feliz – disse afinal, cutucando a cutícula com a unha. – Não consigo pensar em qualquer outra pessoa que mereça mais do que ele.

– Com quem ele vai se casar?

– Com a Kat. Eles se conheceram em Arthur Kill. Bem, é uma longa história, mas eles têm uma bela trajetória juntos. Ele salvou a vida dela quando ela tinha uns 11 anos. – Ele riu sem graça. – Ele é totalmente louco por ela.

– Como você era pela Lizzie.

Max se encolheu, apesar de a dor com a qual ele estava tão acostumado ter diminuído consideravelmente.

– É, isso mesmo.

Elliot se mexeu na poltrona.

– E esse é o problema.

– Pode ser – confessou Max baixinho.

Talvez Max estivesse com inveja de seu melhor amigo por ele ter conseguido o que ele próprio era louco para ter. Talvez ele estivesse

zangado por Carter estar vivendo sua vida enquanto ele estava preso naquela merda. Talvez ele fosse um babaca por pensar qualquer outra coisa que não fosse parabenizar o cara que sempre o apoiara.

– Não quero que meu passado seja uma desculpa para o meu ressentimento. É vergonhoso – murmurou ele.

– Mas você precisa lidar com isso, em vez de deixar para lá – respondeu Elliot. – Lide com a inveja e siga em frente. Quando você voltar para casa, pode comemorar com ele, curtir a felicidade dele; as coisas vão estar diferentes, melhores.

Max não tinha tanta certeza assim, mas podia torcer.

– Além disso – acrescentou Elliot animado –, você é jovem. Vai encontrar outra pessoa, se apaixonar de novo.

Os olhos dele se arregalaram e o coração quase saiu pela boca.

– De jeito nenhum – sibilou ele.

Elliot deu de ombros, indiferente.

– Por quê? A vida continua, Max, como Carter está provando. Você também pode encontrar amor e alegria de novo.

Max balançou a cabeça com firmeza.

– Nem fodendo. Nunca mais vou me entregar a outra pessoa daquele jeito. Nunca.

Isso com certeza o mataria.

Além do mais, todos os viciados eram desencorajados a se envolver em relacionamentos amorosos nos primeiros doze meses de recuperação. Relacionamentos eram muito imprevisíveis, e os altos e baixos eram gatilhos em potencial para cheirar todo um saquinho de pó ou entornar uma garrafa inteira de Jack Daniel's. Não que Max cogitasse ter outro relacionamento sério na vida. Antes de sua ida para a clínica, suas interações com as mulheres eram fugazes e desprovidas de sentimento. Ele era um macho viril com necessidades, afinal de contas. Mas seu desejo sexual era exatamente o que ele precisava: desapegado e simples.

Elliot o fitou pensativo.

– Talvez esse seja um assunto para outro dia.

Colocando o bloco de anotações no braço da poltrona, ele se levantou e atravessou o escritório até sua mesa elegante.

– Tenho algo para você – disse ao abrir a gaveta e pegar alguma coisa dentro. Ele estendeu a mão. – Aqui.

Max se levantou com as pernas bambas e se aproximou do terapeuta.

– O quê?

Elliot colocou uma pequena moeda de metal na palma da mão de Max, que levou um instante para identificar o que era.

– É sua primeira ficha, Max. Parabéns. Trinta dias limpo e ainda contando.

Max ficou olhando para o singelo medalhão. No centro dele os dizeres “1 mês”, rodeado de palavras do grupo que ele conhecia de cor, como “liberdade”, “boa vontade”, “eu”, “Deus”, “sociedade”, “serviço”. Deus, já fazia mesmo 30 dias que ele tinha sido internado?

– Trinta e três, na verdade – esclareceu Elliot, como se estivesse lendo os pensamentos de Max. Ele colocou a mão em cima da de Max, dobrando seus dedos em torno da ficha. Sua expressão não era a de um médico, mas a de um amigo, gentil e encorajador. – O ano-novo está próximo; que isto aqui, aliado a sua determinação e força de vontade, prove que é possível alcançar o “felizes para sempre”, Max. Este é um símbolo de esperança. Pode acontecer. Até mesmo para você.

Max sabia que aquele sentimento deveria tê-lo reconfortado, afastando o medo e o pessimismo de sua mente e de seu coração machucado e ferido. Mas, apesar de estar orgulhoso por ter nas mãos aquele símbolo de um mês de luta, ele se entristecia por estar longe dos amigos e de tudo o que conhecia como a palma da mão. Ele balançou a cabeça teimosamente.

– Obrigado, mas “felizes para sempre” não existe para mim,

doutor – respondeu ele baixinho, erguendo a cabeça para encarar Elliot. – Depois de todas as pessoas que perdi na minha vida, sei que essa é a droga da verdade.

■ ■ ■

O bar no qual Grace entrou não era o que ela esperava. Janelas amplas e uma porta de vidro que dava para um quintal – que deveria ser um oásis no verão – iluminavam todo o espaço. Uma jukebox estilo anos 1950 tocava blues, enquanto uma mesa de sinuca e mesas e bancos de vários formatos e tamanhos preenchiam o resto do salão de pé-direito alto. O cheiro de fritas e chope impregnava cada centímetro do ambiente, provocando um sorriso nostálgico no rosto de Grace.

A fachada do lugar era muito pouco convidativa, com seu revestimento de madeira escura, e uma placa desbotada indicava que o bar se chamava Whiskey and Wings. Durante a visita de Kai, eles haviam passado por ali e, comentando sobre os tipos de clientes que o lugar deveria atrair, ele a arrastou para longe antes que ela pudesse cometer *mais* alguma loucura.

Determinada a assumir o controle da própria vida pela primeira vez em anos, Grace decidiu dar atenção ao seu instinto e perguntou sobre a vaga de emprego anunciada num pequeno papel no canto da janela grande e suja. Fazia tempo que ela não trabalhava em um bar, mas curtia as risadas e o burburinho, apesar de o emprego tê-la levado a conhecer...

– Posso ajudar você, querida?

O sotaque da Virgínia Ocidental envolveu Grace como um abraço caloroso.

A mulher que secava os copos atrás do bar era loura e tinha um busto que faria qualquer outra implorar pelo telefone da loja onde

ela havia comprado aquele sutiã com bojo. Seu rosto cheio de rugas era atraente, apesar do excesso de rímel e blush. Ela sorriu quando Grace se aproximou.

Grace respirou fundo e tirou o gorro, os cachos sacolejando ao serem libertados de suas garras.

– Oi. Eu gostaria de saber mais a respeito daquele aviso.

A loura apoiou a palma das mãos na beirada do bar e piscou.

Grace engoliu em seco.

– A vaga de emprego. Quais seriam os horários? Eu só preciso de alguns turnos por semana, mas...

– Você é nova por aqui, certo?

Os olhos dela se estreitaram. Grace estava acostumada com os olhares suspeitos e as perguntas de moradores de cidades pequenas.

– Sim. Estou na Pensão Masen's – respondeu ela. – Estou na cidade há...

– Já trabalhou em bar?

– Hum, sim. Já faz um tempo, mas fui garçonete na época da faculdade e meu irmão tem um bar em Washington, o que...

– Esteja aqui na segunda às seis e meia em ponto.

Grace ficou branca.

– É... Segunda é noite de réveillon.

A loura piscou.

– Você já tem planos?

Não, mas todo mundo sabia que aquele lugar estaria lotado. Repleto de estranhos.

Grace ficou um pouco ansiosa.

– Eu... Não. Pode ser, então.

– Ótimo. Não sei de quais turnos vou precisar depois disso. Talvez a cada dois dias ou duas noites, talvez não. Preciso que você seja flexível, mas com toda a certeza vou querer você aqui na segunda.

Seus olhos azuis intensos passearam pelo corpo de Grace, analisando as botas, a calça jeans, as luvas e a jaqueta pesada com um sorriso torto.

– E use uma roupa bonita.

Grace olhou para o que vestia.

– Está bem.

– Pare com isso, Holly. – Uma voz masculina veio da porta. – A moça já é bonita.

O homem usava um uniforme de policial: camisa escura, gravata e calça cáqui. Era alto e esguio, com cabelos castanhos ondulados e um cavanhaque bem desenhado que se ergueu quando sorriu para ela. Ele a observou por um instante antes de dar um passo à frente com a mão estendida.

– Sou o delegado Caleb Yates. Acho que ainda não tive o prazer de conhecê-la.

Grace engoliu em seco, sentindo um frio na barriga. Ridículo, ela se repreendeu. Ele é um policial. Não é nenhuma ameaça. E seus olhos azuis eram seguros e confiáveis. Ela inspirou fundo e sorriu de volta, apertando a mão grande que lhe oferecia.

– Sou nova na cidade, Grace Brooks.

– Ouvi dizer. Você causou um rebuliço e tanto. Não são muitas as caras novas que ficam mais do que o período de férias aqui no condado de Preston. Você comprou a velha casa dos Bailey, certo?

Ele sabia de muitas coisas, o que deixou Grace alerta. Na mesma hora, ela cerrou os punhos e seus olhos se fixaram na porta. Mas o distintivo do lado esquerdo do peito dele a fez se acalmar e raciocinar. É claro que ele sabia sobre a casa; ele provavelmente conhecia tudo da vida de todo mundo. Esse era o seu trabalho.

– Comprei, sim – confirmou ela, sem revelar mais nada, sentindo-se desconfortável sob os olhares examinadores dos dois.

Caleb cruzou os braços sobre o peito.

– Isso é ótimo. Estava na hora de alguém dar um jeito naquilo.

Grace riu de leve.

– Bem, cá estou eu. – O brilho nos olhos azuis amendoados do delegado era lisonjeiro, mas fez os pés de Grace começarem a se afastar dele. – Enfim, melhor eu ir. Obrigada... Holly. Estarei aqui na segunda.

Ela deu um tchau por cima do ombro, ignorando a resposta de Holly, qualquer que tenha sido, e saiu aos tropeços do bar em direção à rua coberta de neve. Correndo pela calçada como podia, com o frio maltratando as antigas lesões no lado direito de seu quadril e em suas vértebras, ela parou na entrada de um pequeno beco e pressionou as costas contra os tijolos úmidos.

Apoiando a cabeça na parede, Grace respirou tão lenta e profundamente quanto conseguiu, lutando contra o medo do ar frio da Virgínia Ocidental e do passado. Passado que se encontrava a milhares de quilômetros de distância, do outro lado do país, em condicional e com uma ordem de restrição judicial. Sua garganta doeu quando o rosto dele passou como um lampejo por sua mente.

Talvez Kai tivesse razão. Talvez essa não tivesse sido uma ideia muito boa. Talvez *fosse* cedo demais para ela ficar sozinha, em um lugar desconhecido. Talvez devesse refazer as malas, esquecer aquela casa antiga e voltar para Washington.

– Não – gritou ela na direção do céu congelante.

Ela não ia desistir tão fácil assim. Esses momentos iam mesmo acontecer – só precisava lutar para superá-los. Sua respiração desacelerou. Ela abriu os olhos, odiando as lágrimas que se formavam neles.

– Que ótimo – sussurrou ela, colocando o gorro de volta.

Depois de ter se comportado com tamanha falta de educação, o delegado e sua nova chefe iam pensar que ela era maluca.

Bem, como sua mãe costumava dizer, o que está feito está feito. Grace sabia que, quando começasse a trabalhar na segunda-feira, teria que mostrar a eles que não era uma doida varrida. Seus

batimentos cardíacos se aceleraram, dessa vez de animação. Um trabalho. Talvez por apenas algumas horas na semana, mas ela tinha um trabalho de verdade. Kai ficaria louco. Ela riu ao pensar na conversa que eles certamente teriam aquela noite quando ela lhe telefonasse para contar. E, sem pressa, deixou a segurança do beco, seguindo rumo à pensão.

Sim, as nuvens negras do passado continuavam a acompanhá-la; mas, com a casa e o emprego, ao menos agora elas tinham belos contornos prateados.

6

Entre a pintura, a academia – que estava tendo um efeito incrível em seus braços, peito e barriga –, as sessões de grupo e as conversas com Elliot, o tempo começou a passar rápido para Max. Os dias eram ocupados por conversas, corridas, socos e pinturas acrílicas, até que, em uma importante tarde de janeiro, ele recebeu seu segundo medalhão. Sessenta e quatro dias de vida desintoxicada e, Max tinha que admitir, ele estava se sentindo muito bem. Tinha até parado de fumar.

Max havia construído uma amizade sólida com Tate e agora ansiava pelas sessões com ele. Da mesma forma, a terapia com Elliot tinha se tornado menos torturante. Ele conseguira falar mais sobre Lizzie, sobre seu vício e as raízes dele – não que fosse necessário ser um gênio para descobrir –, e se permitira pensar no futuro, em sua vida longe da clínica.

Mas sua estada ali ainda não tinha um prazo definido, embora Elliot tivesse sugerido que ele ficasse mais um mês. O terapeuta estava contente com o progresso de Max, mas queria que ele estivesse feliz e pronto para lidar com o mundo real de novo. O programa pós-tratamento era ótimo, e Max obviamente teria acesso a padrinhos e terapeutas pelo tempo que precisasse.

Max também acreditava que ainda não estava pronto. Para falar a verdade, pensar em ir para casa fazia com que seu corpo fosse tomado por uma sensação estranha. Na clínica, ele estava ocupado

o dia todo, rodeado por pessoas que tinha aprendido a reconhecer e, em muitos casos, gostar. Max se preocupava em como iria preencher o tempo quando estivesse em casa, como viveria um dia após o outro sem a rotina rigorosa que cumpria agora. A agenda cheia era sua nova amiga. Sem ela, teria tempo livre demais; tempo para ruminar, agonizar, se perguntar onde poderia conseguir pó.

Ele se perguntava se os amigos entenderiam e reconheceriam quanto ele batalhara para sobreviver a cada manhã sem enfiar aquele veneno no nariz. Sabia que eles iriam apoiá-lo, é claro, como sempre fizeram. Mas seria suficiente? Elliot havia explicado que seus medos eram compreensíveis e perfeitamente normais, mas Max se afligia mesmo assim.

Seu reflexo na janela do corredor mostrava um rosto muito mais saudável, apesar de ainda marcado pelas rugas de preocupação. Seus cabelos castanhos tinham crescido de forma descuidada e ele não fazia a barba havia algum tempo. Seus olhos escuros observavam a entrada da clínica como um gavião.

– Você tem visita hoje?

Max se assustou com a voz ao seu lado. Ele se virou e viu Dom, das suas sessões de grupo, espiando pela janela. Max confirmou com a cabeça.

– Meu melhor amigo. – Ele voltou a olhar pela janela. – É a primeira vez que vou vê-lo desde que ele me largou aqui.

Ele engoliu em seco. Aquilo não era justo.

– Na verdade, ele me ajudou a entrar aqui. Pagou por tudo.

– Excelente – comentou Dom, um homem de poucas palavras.

Max reparou que o colega também estava com uma aparência melhor em relação à primeira vez em que foram apresentados. Isso não era esquisito? Dois homens, dois vícios, mas ambos com o mesmo objetivo: ficar limpo ou morrer.

Ambos ouviram o carro antes de vê-lo. O rugido inconfundível de

uma Maserati GranTurismo MC Stradale ecoou pelos arredores da propriedade rural.

– Deus – murmurou Dom enquanto eles observavam o veículo preto fosco estacionar na frente da clínica. – Belas rodas.

Max bufou. Ele sabia que Carter tinha amado cada minuto dirigindo aquela maldita coisa desde Nova York. O cara sempre tivera bom gosto para automóveis, e agora, como CEO da empresa que era sua por direito de herança, ele certamente tinha grana para se esbaldar.

Max e Carter cresceram juntos, observando e trabalhando na oficina do pai de Max, desmontando e remontando motores, aprendendo o que a expressão “carrão” realmente significava. Eles tiraram a carteira de motorista na mesma época, quando bateram os primeiros carros e compraram suas motos. Iam juntos a todos os eventos de maníacos por automóveis nos Estados Unidos.

Foram ótimos tempos. E, enquanto observava Carter sair do carro, Max percebeu como sentira falta do melhor amigo. Eles tinham passado por tanta coisa. Houve momentos em que qualquer amizade normal teria sido dilacerada, mas não a deles; permaneceram leais um ao outro. O fato de Carter ter ido para a prisão no lugar de Max três anos antes – para que Max pudesse ficar com Lizzie, que estava grávida – era apenas uma da longa lista de besteiras pelas quais Max devia muito ao amigo. E Max estava determinado, quando voltasse ao mundo real, a compensar Carter por tudo aquilo.

Apesar do choque inicial e de uma certa inveja, Max não poderia estar mais orgulhoso de seu melhor amigo. Ele estava feliz, saudável e apaixonado; era como se o peso da dúvida e do abandono que sempre carregara consigo desde criança tivesse finalmente sido eliminado. Max percebeu que Carter tinha encontrado seu lugar no mundo e sentiu um alívio imenso com essa constatação.

Carter sorriu quando Max se aproximou. Mas foi um sorriso

incerto, cauteloso, e Max o odiou. Ele sabia que o encontro de hoje poderia ser bem desconfortável – tanto Tate quanto Elliot o avisaram dessa possibilidade –, mas tinha ficado com esperança de que não fosse.

– Desculpe o atraso – começou Carter, apontando com o polegar por cima do ombro. – Tive que me cadastrar na portaria.

Max balançou a cabeça.

– Não tem problema. – Ele parou a poucos passos de Carter, as mãos enfiadas nos bolsos, e apontou para a Maserati com o queixo. – Está tentando compensar alguma coisa?

Carter soltou uma gargalhada e ergueu as sobrancelhas, dando uma olhada para o carro.

– Ela precisava esticar as pernas, né?

– É linda. Oito cilindros?

– Chega a 100 em 4,5 segundos – concordou Carter com um sorriso presunçoso. – Seria falta de educação não levá-la para sair, certo?

Os dois riram nervosamente. Max se mexeu meio desconfortável antes de estender a mão.

– É bom ver você, cara. Obrigado por ter vindo.

Carter enfiou as chaves no bolso de trás e pegou a mão de Max, cumprimentando e apertando-a antes de soltar.

– Imagine. Eu não teria perdido. Obrigado por me convidar. Você está... bem. Melhor. Bem melhor.

Max não podia negar que sentia uma vontade esmagadora de abraçar o amigo, porque era bom demais vê-lo. Mas, em vez disso, apontou para a trilha que dava a volta em toda a clínica.

– Quero mostrar tudo antes de você conhecer todo mundo. Quer dar uma andada?

Carter pigarreou.

– Claro.

Lado a lado, eles caminharam pela neve que derretia, enquanto

Max apontava para as janelas amplas, contando a Carter sobre a sala de artes e suas pinturas, as sessões em grupo e com Elliot. Era estranho explicar aquilo, mas Max já não sentia a vergonha que embrulhara seu estômago na primeira vez em que os dois conversaram ao telefone. Vê-lo ali pessoalmente com certeza facilitava as coisas.

– Riley me contou que o Tate trabalha aqui – disse Carter enquanto espiava a sala de artes onde Tate estava dando uma aula.
– Mundo pequeno, hein? Acho que falei com ele rapidinho ao telefone uma vez, mas nunca o encontrei. Ele é tão pirado quanto o Riley?

Max sorriu.

– Fora as camisetas malucas? Ele é como o Riley, só que um pouquinho mais são. Está vendo a bengala? Ele foi ferido enquanto viajava na condição de médico da Marinha.

– É, eu me lembro disso. Foi a única vez na vida que Riley saiu de Nova York.

– Tate se afundou nos comprimidos e analgésicos quando foi, honradamente, dispensado das forças armadas por causa do seu ferimento. E então o cara se recompôs, foi para a clínica de reabilitação, voltou a estudar, e aí está ele: limpo há quatro anos e ajudando outros viciados.

Carter gostou do que ouviu.

– Parece um cara ótimo.

– E é – concordou Max. – Ele se ofereceu para ser meu terapeuta quando eu... for para casa.

O estômago de Max doeu, mas o rosto de Carter se iluminou.

– Quando você acha que vai ser?

Max deu de ombros.

– Acabei de ganhar meu medalhão de dois meses, então...

– Isso é incrível, irmão – afirmou Carter, o orgulho e o alívio se revelando em sua voz.

Max mostrou as duas fichas em sua mão. Ele as carregava para todos os lugares, como todos os viciados eram encorajados a fazer, só para o caso de a vontade se exceder ao desconforto; um lembrete, uma maneira tangível de contar os dias de sua entrega ao vício.

Carter as fitou, sem tocá-las, e sorriu.

– Eu sabia que você ia conseguir.

– Bem – disse Max devagar, fechando a mão em torno delas –, ainda não cheguei lá. Elliot acha que devo ficar mais um mês, por aí.

A sobrancelha de Carter se enrugou.

– E como você se sente com isso?

Max guardou os medalhões e começou a andar, incapaz de suportar o que certamente seria uma expressão de decepção no rosto de Carter.

– Eu... acho que devo – confessou ele. – Acho que ainda tenho muito que trabalhar com relação a... Lizzie, Christopher e toda a merda que aconteceu. Não consigo... esquecer. Estou tentando, Carter, mas não é algo que ocorre da noite para o dia e vou ter que conviver com tudo isso todos os dias quando sair daqui e...

A mão de Carter no braço de Max o fez parar e se virar.

– Ei, cara, está tudo bem – murmurou ele, os olhos tristes, porém esperançosos. – É sério, parceiro, leve o tempo que precisar. Vamos esperar você voltar para casa. Não ligamos para quanto vai demorar. Só queremos que você melhore. *Eu* quero que você melhore.

Max suspirou e esfregou a mão no rosto. Ele chutou um morrinho de neve teimoso e congelado e permitiu que as palavras de conforto de Carter acalmassem o seu peito.

– Obrigado.

Eles continuaram a caminhada em torno da clínica. A conversa, apesar de não ser formal, parecia diferente. Carter falou sobre Kat e, com alguma cautela, sobre o pedido de casamento. Max se esforçou

para sorrir quando Carter falou maravilhas de sua Pêssegos, e Carter fez o mesmo quando Max contou sobre suas sessões com Elliot.

Aquilo com certeza era um pesadelo para os dois, ambos incertos sobre como a estada de Max na clínica de reabilitação influenciaria sua amizade. Max só podia torcer para que as coisas ficassem mais fáceis quando voltasse para casa. E não conseguia imaginar como estava sendo difícil para seu melhor amigo. Carter tinha visto Max em seu pior estado, quando ele atingira o fundo do poço, seminu e inconsciente no chão do banheiro. Max conhecia Carter da vida toda e sabia que ele provavelmente ficara em frangalhos com tudo aquilo, se culpando, o que era absurdo. Max não tinha ninguém a culpar além dele próprio.

E, talvez, Lizzie.

Mas ele estava trabalhando nessa culpa todos os dias.

Como parte dos seus doze passos, Max fora instado a reconhecer o que seu vício tinha feito com as pessoas de que gostava, aquelas que haviam tentado, por tanto tempo, ajudá-lo.

Nossa, Carter tinha se esforçado tanto! Tentara motivar Max a melhorar mesmo quando Kat pediu a ele que se afastasse e deixasse Max fazer o que quisesse; mesmo quando – em um momento de insanidade – Max apontou uma arma carregada para a cabeça de Carter. Em momento algum ele perdeu a esperança, implorando que Max buscase a ajuda de que tão desesperadamente precisava...

– Obrigado, Carter – disse Max, antes de se dar conta da necessidade de dizer aquelas palavras de gratidão.

Sentados na sala dos visitantes com o sol de inverno penetrando pelas janelas altas, as palavras reverberaram em torno deles. Carter, que conversava com Elliot, se virou. Ele abriu a boca para falar, mas Max continuou, murmurando para a caneca de café em sua mão.

– E desculpe por ter feito você passar por tudo aquilo. Você e Kat. Sei que vocês discutiram pra caramba por minha causa e sinto muito por isso. Desculpe pelo que meu vício fez você sofrer e

obrigado por ter me apoiado e não ter desistido de mim. Teria sido mais fácil deixar para lá. Mas você não deixou.

Ele ergueu a cabeça devagar, reparando primeiro no sorriso largo no rosto de Elliot. O filho da mãe parecia um pai orgulhoso vendo seu rebento dar os primeiros passos. Quase uma verdade literal, as palavras empurraram Max, aos tropeços, para um novo território.

A expressão no rosto de Carter era surpresa, porém calorosa, e seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

– Sem problema. Estou aqui por você.

É, ele sempre esteve; e palavras nunca poderiam exprimir quanto Max era grato por isso.

Após algumas horas, depois de Carter finalmente conhecer Tate, se surpreender com as pinturas do amigo de infância e ver o resto do lugar, Max foi com ele até o carro se sentindo mais leve, menos ansioso. Carter ativou o controle do veículo, fazendo as setas da Maserati piscarem.

– Bem – começou ele, respirando fundo –, quando você decidir que está pronto para ir para casa, será mais que bem-vindo para ficar comigo e com Kat. – Ele falava rápido, atropelando as palavras. – Lá na casa da praia em Hamptons, longe da cidade. Para relaxar, começar de leve. Riley tem a oficina sob controle. Ela está movimentada e com as finanças em dia de novo, então você não precisa voltar correndo. Tire um tempo, até que esteja pronto. – Ele ergueu os ombros. – Passar um período com a gente talvez seja melhor do que voltar para o seu apartamento vazio. Pelo menos você não ficaria sozinho o tempo todo.

Max sorriu de maneira educada, curioso para saber se Kat tinha alguma participação naquele convite ou se nem sabia dele.

– Eu agradeço. Me parece ótimo.

Carter sorriu.

– Bem, a oferta está feita, parceiro. É só me avisar.

Max assentiu com a cabeça e se afastou quando Carter abriu a

porta do carro e entrou. O motor de oito cilindros trovejou ao ganhar vida, fazendo os dois homens suspirarem de apreciação e prazer.

– Vou dirigir essa belezinha na volta para casa – provocou Max quando Carter fechou a porta e abaixou o vidro.

– Só nos seus sonhos mais selvagens, meu caro – respondeu Carter, pisando no acelerador e fazendo o carro ronronar. A risada de Max foi interrompida pelas palavras de Carter: – Tenho certeza de que consegue fazer isso, cara. – O rosto dele era sincero e esperançoso. – Hoje foi estranho e peço desculpas. Você tem um longo caminho pela frente, umas merdas para resolver com relação à Lizzie e... Mas sei que você vai conseguir. Simplesmente sei.

Max apertou o ombro de Carter pela janela do carro.

– Valeu, irmão.

7

O apartamento estava escuro quando Max cambaleou pela porta da frente, soltando um palavrão quando bateu a canela na porcaria da mesa de centro que Lizzie fizera questão de comprar logo que eles foram morar juntos. Era o charme da sala, aparentemente. Agora, só causava hematomas.

Ele disse a si mesmo que ficasse quieto e deu uma risadinha. A noite tinha sido uma loucura repleta de luzes estroboscópicas, pó e dança. O cheiro do suor impregnava sua camiseta, ao passo que o cabelo grudava na nuca em tufos encharcados. A lateral do seu rosto pulsava do queixo até a órbita do olho, onde algum idiota, mais cedo no bar, tinha lhe dado um soco. Max fizera alguma piadinha sobre a jaqueta do homem, mas ele não se dera o trabalho de responder. E, então – porque Max queria uma briga e uma onda de adrenalina para combater o vazio que se espalhava pelo seu corpo como o câncer que matara seu pai –, ele mencionou a mãe do cara, chamando-a de puta.

Havia sangue seco na manga da camiseta de Max. Ah, sim. O nariz dele também já tinha sido quebrado quando seu amigo Paul o agarrou pela gola e o jogou em um táxi, bem na hora em que a noite se enchia das sirenes e luzes piscantes da polícia.

Embriagado, Max fungou e limpou as narinas. Seu nariz doía. Mas ele consumiria o máximo de pó que conseguisse, se isso significasse que a dor da existência desapareceria. Merda, ele só

queria ficar anestesiado. Esquecer. Fingir que, em vez da mulher destruída que sabia que encontraria na cama, ele depararia com a criatura animada e vibrante pela qual se apaixonara. Em vez da porta trancada, ocultando todas as porcarias de bebê que haviam comprado e que nenhum dos dois suportava ver, ele queria encontrá-la escancarada, seu filho saudável e adormecido no berço branco...

Ele cheirou o dorso da mão, desesperado por qualquer resquício de pó, antes de abrir a porta do quarto.

Lizzie estava exatamente onde ele a havia deixado, encolhida, calada, sem banho, dilacerada pelo sofrimento. Max mal conseguia olhar para ela. Ele queria. Deus, como queria. Tomá-la nos braços, aliviar sua dor e se perder dentro dela. Faria amor com ela, a beijaria intensamente. Porque beijá-la sempre fora a coisa preferida de Max em todo o mundo. E a fazia esquecer; fazia a si mesmo esquecer. Mas ela não deixava ele se aproximar. Não falava com ele.

E ele sentia falta dela. Sentia demais.

Cambaleando pelo quarto, conseguiu se despir e se enfiar na cama ao lado dela, desesperado para envolvê-la em seus braços e pressionar o corpo contra o calor de sua pele. Apesar de tão próximos, nunca haviam estado tão distantes. Max esticou os dedos, as pontas dançando levemente sobre o braço nu de Lizzie. Ele sabia como era o gosto daquela parte do corpo dela. Conhecia o sabor de cada pedacinho de sua mulher, embora há meses não se amassem. Max compreendia. Ao menos tentava. Mas se ela não ouvia suas palavras de amor, talvez ele pudesse tentar falar por meio de seu próprio corpo.

Antes que tivesse uma chance de considerar o que fazer para lhe agradar, ela afastou o braço.

– Não! – gritou ela. – Você está fedendo a cerveja e está chapado de novo.

Ele ficou bravo, a embriaguez enrolando sua língua e deixando-o

com mais raiva.

– Pois é. Bem, preciso me divertir de algum jeito, certo? Ao menos um de nós está vivendo.

Ela suspirou, seus ombros se curvando e se afastando ainda mais dele.

– Isso não é vida, Max. Isso não é vida.

– O que você quer de mim, Liz? – perguntou ele, largando a mão no colchão, longe do corpo dela. – Me diga o que devo fazer. Converse comigo, merda!

Mas ela não conversou. Nunca conversava. Em vez disso, ela o dispensou, puxou as cobertas em torno do corpo pequeno e frágil e saiu da cama em direção à sala de estar, onde deu sequência ao seu silêncio desolado no sofá. Max não sabia o que era pior: ela na cama, ao seu lado, sem falar com ele ou em outro cômodo. Ele já a tinha perdido e não fazia ideia de como recuperá-la.

Horas depois, quando a luz do amanhecer penetrou por uma pequena brecha nas cortinas, despertando Max de um sono agitado, ele se perguntaria como não tinha ouvido ela ir embora. Por dias, meses e anos ele se torturaria por achar que deveria ter ido atrás dela na sala de estar, se esforçado mais, obrigado Lizzie a se abrir, a partilhar seu sofrimento com ele.

Mesmo antes de ele se arrastar até o corredor e ver que as chaves, os sapatos, a bolsa e o casaco dela não estavam lá, ele sabia que ela tinha partido. Mesmo enquanto vasculhava seu armário em busca de pistas que indicassem seu paradeiro e ligava incansavelmente para o celular dela, da família e dos amigos, ele sabia que ela não queria ser encontrada. E quando ele desabou no chão do quarto, gritando seu nome em meio a soluços torturantes, ele sabia que seu coração tinha se despedaçado para sempre.

■ ■ ■

Max girou o medalhão de três meses – 97 dias limpo – na palma da mão. Ele estava agitado, evitando olhar diretamente tanto para Elliot quanto para Tate, que aguardavam a chegada de Carter junto com ele.

– Então, você está com toda a papelada, meu número, sua receita, as datas das suas primeiras sessões com...

Max deu um sorriso torto e arqueou a sobrancelha para Elliot.

– Sim, doutor. Está tudo comigo. Assim como estava nas primeiras três vezes que você perguntou.

Tate conteve uma risada com o dorso da mão. Sua camiseta do dia era de um verde vivo e declarava: “Atenção: se zumbis nos perseguirem, eu te derrubo.” Max riu e balançou a cabeça. Ele ia sentir falta de ver aquelas camisetas. Tate agora era o responsável oficial de Max e os dois certamente iriam se ver, com as sessões e tudo o mais, mas não seria a mesma coisa. A risada de Max foi emocionada quando Tate lhe entregou sua própria camiseta ridiculamente inapropriada, com os dizeres “Togas, não drogas”, debaixo de um cachorro usando uma toga.

– Como parte do seu programa comigo – informou Tate –, você precisa usar isso aqui em todas as sessões.

Max tinha certeza de que estar sob a responsabilidade de Tate jamais seria entediante.

Carter chegou cinco minutos depois em um Shelby GT vermelho. Era maravilhoso e, Max tinha que admitir, dez vezes mais legal que a Maserati. Carter praticamente pulou do carro, um sorriso largo de orgulho tomando conta de seu rosto. Os quatro homens colocaram a bagagem e as pinturas de Max no porta-malas. Quando terminaram, Carter apertou a mão de Elliot e de Tate e desapareceu, reconhecendo a necessidade de privacidade de Max.

Max limpou a garganta e piscou para seu terapeuta.

– Valeu, doutor – conseguiu dizer. – Por tudo.

Ele estendeu a mão, que Elliot apertou com um sorriso torto.

Apesar do início turbulento, Max sabia que, sem Elliot, ele nunca teria conseguido chegar ao fim do primeiro mês, muito menos durar mais dois. Ele nunca admitiria em voz alta, mas era mais do que grato por ter ido parar no escritório de Elliot naquele primeiro dia.

– Esse não é o fim – murmurou Elliot. – É só o começo. Você é muito mais forte do que acredita ser, Max. Nunca se esqueça disso. E há esperança. Para todas as coisas. A parte mais difícil já passou.

Por mais piegas que aquilo soasse, Max assentiu compreensivamente com a cabeça.

– O Dr. Moir é excepcional. Ele é um grande amigo meu e com toda a certeza vai ajudar você a seguir adiante. De qualquer forma, você sabe que estou aqui se quiser conversar.

E, com isso, Elliot voltou para a clínica.

– Você tem meu celular, meu *pager* e o número da minha casa, me ligue quando quiser, não importa a hora, ok? – disse Tate, um raro momento de seriedade adornando seu rosto. – Vamos ter nossas sessões agendadas ou quando você precisar de mim. Sempre. Você não está sozinho.

Max assentiu com a cabeça.

– Entendi.

– E continue pintando – implorou Tate. – Por favor. Cara, você tem talento de mais para parar agora. Seu trabalho é excepcional. Mesmo que só faça no seu tempo livre. Vai manter a sua cabeça ocupada e longe dos pensamentos sobre...

– Entendi.

Tate sorriu.

– Ótimo. – Ele suspirou. – Então vamos dar um abraço para selar essa merda ou o quê?

– Obrigado – disse Max com sinceridade enquanto eles se abraçavam.

– Não há de quê. – Tate o soltou e se apoiou na bengala. – Vejo

você em breve. Diga um “oi” para aquele idiota do meu irmão por mim, tá?

Com sentimentos de medo, alívio, alegria e tristeza tomando-o dos pés à cabeça, Max cumprimentou Tate mais uma vez e entrou no carro. Ele suspirou profundamente e colocou o cinto de segurança. Carter permaneceu em silêncio por um instante antes de girar a chave na ignição.

– Você está bem? – perguntou ele.

Max contemplou os arredores de sua casa adotiva uma última vez e engoliu em seco. A ficha ainda não havia caído direito. Estava voltando para o mundo, indo para longe da segurança de sua rotina e dos relacionamentos que tinha construído. Sua permanência na Pensilvânia tinha sido difícil, para dizer o mínimo – relembrando o passado, o coração partido e as perdas –, mas Max sabia que, sem ela, poderia ter se tornado apenas mais uma lápide no túmulo da família, bem antes do que deveria.

Seus doze passos o tinham feito reconhecer tudo aquilo pelo que valia a pena viver. Mesmo que fosse simplesmente pintar, levantar peso, correr ou voltar a trabalhar na oficina, ele havia ganhado uma gotinha de otimismo e iria se agarrar a ela com todas as forças. Ele focaria em um dia por vez. Um maldito passo após o outro.

As palavras de Elliot ecoavam em sua cabeça: é só o começo.

– Sim – respondeu Max antes de se virar para seu melhor amigo. Ele tocou nos medalhões em seu bolso. – Estou bem.

8

A casa de praia de Carter, em Hamptons, era tão linda quanto Max se lembrava, apesar da chuva que caía e do vento que rodopiava em torno deles enquanto subiam com dificuldade os degraus até a porta da frente. Lá dentro, o fogo crepitava na lareira e o quarto de hóspedes para onde Carter o levou parecia ter sido preparado para receber um sultão de Brunei. Toalhas, TV de tela plana, cortinas de bambu nas janelas, um edredom enorme e travesseiros afofados, tapete macio no chão e, espere aí, uma penteadeira?

Carter juntou as mãos.

– Certo. Estou pensando... dane-se, vamos jantar pizza.

O estômago de Max roncou.

– Ótimo – concordou ele, tirando os tênis com um chute e se sentando na beirada da cama.

Ele deixou que seus pés encobertos pelas meias passeassem pelo tapete. É, aquilo era macio como bumbum de bebê. Ele deu uma olhada em volta.

– Isso é bacana, cara.

Carter cruzou os braços sobre o peito.

– É, Kat queria que estivesse tudo perfeito para quando você chegasse. Ela perdeu um pouco os limites na Home Depot. Não consegui segurá-la. – Ele deu uma olhada desconfiada para as toalhas felpudas e o roupão. – Desculpe.

Max tentou esconder sua surpresa com uma risadinha.

– Ela vai jantar com a gente?

Carter balançou a cabeça.

– Que nada, irmão. Somos só eu e você hoje à noite. Ela vai ficar na cidade. É mais fácil para ela, por causa do trabalho. Já eu, como sou o chefe, posso tirar o dia de folga amanhã.

Max bufou e caiu de costas na cama.

– Seu vagabundo de merda.

– Vá se ferrar – retrucou Carter, saindo do quarto. – Vou pedir a pizza antes de colocar o Call of Duty para a gente jogar – gritou ele da escada.

Max sorriu para o teto.

É, as coisas entre eles iriam ficar numa boa.

■ ■ ■

Com a barriga cheia da melhor pizza do mundo e depois de dar uma surra em Carter no jogo, Max o seguiu até o porão reformado da casa. Uma mistura de caverna masculina com academia, era como Carter o chamava. Max ficou maravilhado. Uma parede dividia o lugar ao meio: de um lado, os equipamentos de musculação que Carter tinha comprado, do outro, a mesa de sinuca, a jukebox, os sofás e o bar.

– Vai? – perguntou Carter enquanto arrumava a mesa, apontando com a mão para os tacos alinhados na parede.

Por duas horas, Max e Carter puseram o papo em dia. Sem a pressão da clínica de reabilitação em torno deles e sem ninguém para interromper, a conversa fluiu com tanta facilidade quanto a Coca-Cola diet e os Oreos, que Carter pegou de um pequeno armário secreto debaixo do bar.

– Você não pode contar a Kat sobre esse esconderijo – informou Carter, fingindo estar falando sério.

– Vou levar seu segredo para o túmulo – prometeu Max, enfiando outro biscoito na boca. – Eu com certeza vou precisar usar a sua academia.

Ele passou a mão pela barriga.

– Sinta-se livre para usar o que tiver vontade – insistiu Carter, mirando uma tacada e encaçapando uma bola no canto direito. – Tem espaço aqui e no seu quarto se você quiser pintar também.

Max não respondeu, emocionado e grato demais para conseguir falar. Carter se ergueu totalmente, a preocupação marcando sua testa.

– Bem, só se você quiser, cara. Mas sei lá. Você deveria.

Max concordou com a cabeça.

– Eu quero. É só que... – Ele notou que Carter ficou imóvel, calado. – Essa coisa da pintura foi esquisita. O doutor queria que eu pintasse; me chantageou, na verdade. Filho da mãe. Tate me encorajou. Eu sabia que queria tentar de novo, tinha consciência de que precisava me expressar, e, quando peguei o pincel, foi como... Simplesmente extravasei, sabe? Todo o ódio, toda a raiva e tudo dentro de mim que estava uma bagunça do caralho havia tanto tempo saltou para a tela. Algumas partes eu nem sequer me lembro de ter feito.

– E ajudou?

Max respirou fundo, lembrando a satisfação de terminar a primeira pintura e a alegria de se sentir mais leve a cada pincelada. E se deu conta de como aquilo tinha contribuído para ele se abrir mais com Elliot e com o grupo.

– Sim – respondeu ele. – Ajudou.

Carter sorriu gentilmente.

– Então continue.

■ ■ ■

– Ah, moleque, é o Max O’Hare!

A voz de Riley Moore ecoou pela oficina, reverberando nos metais e nas pessoas que estavam trabalhando neles.

Max riu e se perdeu no abraço apertado do amigo. Riley deu um tapinha no rosto de Max.

– Você parece bem, meu rapaz. Meu irmão Tate manja desses lances, não manja?

Max bufou.

– É, manja.

Todos os outros caras – Paul, Cam e alguns rostos que Max não reconheceu – se aproximaram dele dando apertos de mão, abraços e felicitações. Fazia uma semana que ele tinha saído da clínica, mas era a primeira vez que ia à cidade e visitava o próprio negócio. Estava aliviado, porém não surpreso, de ver que o lugar estava ótimo e absurdamente movimentado. Reparou em uma loura baixinha nos fundos da oficina, sentada atrás de uma mesa e trabalhando em uma pilha de papéis, alheia ao rebuliço que a chegada de Max havia provocado, e balançou a cabeça, achando graça. Carter lhe falara sobre a menina jovem e bonita que Riley tinha “introduzido” no mundo da O’Hares.

Ele empurrou o ombro de Riley.

– Você não muda mesmo.

Riley deu um sorriso malicioso.

– O quê? Tenho minhas necessidades.

– Tem certeza de que está tudo bem? – quis saber Max, dando uma olhada em torno da oficina, uma sensação estranha de neutralidade se alojando em sua barriga.

– Absoluta – respondeu Riley, sua expressão empresarial emergindo de imediato. – Não tenho o controle financeiro do último bimestre aqui, mas acho que o Carter tem lá na WCS. E, claro, você pode ficar mais que à vontade para dar uma olhada nos registros...

Max deu um tapinha no braço de Riley e sorriu.

– Não precisa. Confio em você. E nada do que eu diga ou faça vai ser suficiente para agradecer por tudo. – Ele baixou um pouquinho o tom de voz. – O Carter mostrou minha proposta para você, certo?

Riley parecia quase tímido, e certamente agradecido.

– Sim, cara, ele me mostrou. É fantástica. Obrigado.

Max e Carter tinham conversado bastante sobre fazer de Riley uma aquisição permanente da oficina. Quando a empresa de Carter, a WCS, se tornou acionista da O'Hares, sanando todas as dívidas quando Max foi para a clínica de reabilitação, e o know-how corporativo de Riley manteve a oficina prosperando, pareceu apropriado oferecer a Riley uma participação mais efetiva no negócio, bem como um salário. Além do mais, com amigos bons e confiáveis à frente da oficina que seu pai tanto amava, Max sabia que poderia se dar ao luxo de se manter afastado por mais algum tempo, apenas o necessário para se reencontrar no mundo exterior. Isso reduziria consideravelmente o peso das expectativas que repousava sobre seus ombros.

Botar o papo em dia com os caras da oficina foi uma experiência estranha. Todos pareciam felizes por vê-lo, em especial Paul, que, assim como Carter, havia implorado a Max que buscasse ajuda por meses – quem sabe anos – antes de ele finalmente ir para a reabilitação. Mas Max experimentava uma sensação de distanciamento na última semana.

Ele tinha ocupado seu tempo na casa de praia de Carter usando a esteira – quando o tempo não permitia que ele corresse na areia –, os pesos, tocando violão, lendo e até mesmo pintando, mas o nervosismo ainda pesava em suas costas. Ele continuou tomando os remédios regularmente, nos horários devidos; foi ao primeiro encontro do NA fora da clínica; conversou com Tate sobre o assunto; e marcou a primeira sessão com o Dr. Moir. E, mesmo assim, Max não conseguia se aquietar.

Carter tinha movido céus e terras para suprir as necessidades de Max, para garantir que sua transição de volta ao mundo real fosse a mais tranquila possível. Kat também fora superquerida, cozinhando para eles três e parecendo genuinamente interessada na recuperação de Max. Ela não ficou grudada em Carter, como Max havia presumido que ficaria. Ela estava, como sempre, atraente, ousada e independente. Naquele curto espaço de tempo vivendo na casa dos dois, Max enxergava de forma clara como eles funcionavam bem juntos – mas o diamante na mão dela ainda fazia o estômago de Max revirar de sofrimento.

Era tudo muito difícil de digerir.

– Você vai chegar lá – garantiu Tate ao telefone quando eles se falaram mais tarde aquela noite, enquanto Max relaxava no quarto de hóspedes de Carter.

– Talvez eu devesse ir para casa – ponderou ele. – Talvez fosse melhor eu estar em meu próprio apartamento.

– Se você acha que vai ajudar, então faça isso – encorajou Tate.
– Mas não se isole.

Max suspirou e esfregou o rosto com a mão cansada.

– Sim. Deus, eu só não achava que fosse ser tão...

– Diferente.

– É – concordou Max com entusiasmo. – Todo mundo está sendo legal pra caramba. Apesar de todas as merdas que fiz, estão felizes por eu estar em casa. Mas o problema é que não consigo... me conectar nem relaxar.

– Está agitado?

– Acho que sim. Estou tentando me manter ocupado e fazer coisas que mantenham minha cabeça ocupada. Quero que tudo volte a ser como... antes. A verdade é que não parei desde que voltei.

Ele estava cansado, emocional e fisicamente. Por mais legal que fosse ver os rostos familiares dos amigos, aquilo no fundo o feria. Ali

estavam pessoas que, de uma maneira ou de outra, ele tinha machucado, ferrado ou decepcionado.

Tate suspirou.

– Um erro comum que as pessoas podem cometer depois que voltam para casa é tentar resolver tudo de uma vez. Você não vai conseguir solucionar todos os problemas da sua vida em uma semana, Max. Os primeiros dois anos de recuperação são um período de reabilitação. Você ainda está frágil, cara.

Aquela palavra fez os dentes de Max rangerem, mas ele entendia que Tate não estava tentando agir com superioridade. Partes dele continuariam sendo muito frágeis. Ele tinha percorrido um longo caminho na Pensilvânia, mas sempre estaria a um pequeno passo de desandar de novo. Assim era a vida de um viciado. A única coisa que ele podia fazer era se manter longe de tudo e de todos que pudessem causar estragos.

– Viva um dia de cada vez – repetiu Tate gentilmente. – Isso é tudo o que você pode fazer.

■ ■ ■

– Este lugar está incrível!

Grace não conseguiu conter o gritinho de animação que explodiu de sua boca quando Kai entrou no primeiro piso de sua casa. Ela já não estava mais em ruínas. Ainda faltava muito para ser habitável, mas, graças a uma semana de tempo seco, os construtores tinham – assim que o problema do cupim fora solucionado – construído um telhado novinho em folha, instalado pisos novos e paredes no andar de baixo e começado a construir a escadaria larga até o primeiro andar.

– Consegue ver agora? – perguntou ela, com um ar perspicaz.

Kai riu e bateu com a mão em uma das paredes novas.

– Sim. Antes duvidei, mas agora consigo.

Grace deu um soquinho no ar.

– O serviço está muito bem-feito também – comentou Kai. – Estou impressionado.

– É claro que está – retrucou Grace, revirando os olhos. – Eu não iria contratar qualquer um. Não sou completamente incapaz, sabia? Posso tomar boas decisões.

Kai arqueou uma sobrancelha e Grace soube de imediato o que estava por vir.

– Não comece – avisou ela.

As palavras saíram da boca de seu irmão como uma avalanche.

– Trabalhar em um bar, Grace? Com a sua ansiedade do jeito que está? Tem certeza? Você não pensou direito nisso. Trabalhar em um lugar cheio de estranhos. Estranhos *bêbados*! O mesmo tipo de ambiente onde você encontrou aquele bosta...

– Kai. – Grace xingou baixinho, virou-se e saiu furiosa porta afora, para o ar fresco do início da primavera. – Por que você não pode apenas...

Os passos pesados de Kai a seguiram rapidamente.

– Isso não tem nada a ver com ele – sibilou ela, ainda marchando para longe do irmão. – Eu queria ver se conseguia sair da minha zona de conforto, e tenho certeza de que nos poucos meses que estou trabalhando no Whiskey eu fiz isso. Não tive nenhuma crise ou retrocesso.

– Sim – concordou Kai, ainda exasperado, quase caindo em cima dela quando Grace parou de forma abrupta. – Mas você foi informada de que precisava levar as coisas com calma. – Ele apontou com um braço para a casa. – Uma decisão maluca por vez.

– Não venha me tratar com superioridade, Kai – enfureceu-se ela.

A expressão de Kai mudou de imediato, as palavras dela pegando-o de surpresa.

– Não era essa a minha intenção, Grace. Eu só... Eu me preocupo com você. Quero me certificar de que está segura e não posso fazer isso estando tão distante. Depois do que ele fez com você...

A raiva que fervia no sangue de Grace se abrandou quando ela viu os ombros de seu irmãozinho se arquearem de tristeza.

– Estou bem – murmurou ela, apertando com delicadeza o braço dele. – Sei que você pensa diferente e eu o amo muito por isso, mas não é seu papel me proteger, Kai. Além do mais, ele está bem longe daqui e eu estou ótima. Mesmo. É claro que ainda fico nervosa e retraída, porém consigo lidar com essas emoções. Todo mundo tem sido tão legal comigo.

– Em especial o delegado Colin – ponderou Kai friamente.

Grace bufou e balançou a cabeça.

– É Caleb, e ele é inofensivo.

– Ele olha para você de um jeito que sugere o contrário, Grace.

Apesar do arrepio de inquietação que atravessou seu peito, Grace deu de ombros.

– Posso lidar com isso. Ele sabe que não estou interessada em nada além de amizade.

Kai a observou com atenção.

– Agora que você está fazendo toda essa transformação, acha que um dia vai... *ficar* com alguém de novo?

Grace engoliu em seco e respirou fundo.

– Não sei.

Pensar em ter intimidade com um homem fazia Grace se arrepiar de medo, mas ela não podia negar a solidão que machucava seu coração sempre que via casais apaixonados, felizes. Será que teria aquilo de novo? Talvez. Se ela conseguisse confiar. Será que ficaria apavorada? Com certeza. Mas ela sempre fora uma romântica inveterada. Estava enraizado nela, apesar de tudo pelo que havia passado nas mãos do homem que tinha jurado honrá-la e protegê-la.

Kai colocou o braço forte nos ombros dela e a puxou para perto, sabendo para onde sua mente tinha viajado.

– Vamos lá – disse ele, dando um beijo em sua testa. – Você pode me mostrar seus talentos fantásticos no bar e me pagar uma cerveja enquanto o delegado Calvin finge não estar babando por você.

Grace não pôde evitar uma risada.

9

Suando como um porco, Max se arrastou até a cozinha da casa de praia de Carter e foi direto à geladeira. Pegou uma garrafa grande de água, que bebeu em goles longos. A corrida na praia tinha sido exatamente aquilo de que ele precisava aquela manhã para abrandar a vontade quase insuportável de cheirar. Os terrores noturnos haviam voltado vingativos na noite anterior também; um loop contínuo de imagens, que fez Max lutar contra os travesseiros e soluçar às duas da madrugada. Era a primeira vez que ele sofria desses anseios e pesadelos desde que retornara para casa, há três semanas, e aquilo o abalara demais.

Tate fora um salva-vidas do outro lado da linha, oferecendo-se para ir até lá, escutando e dizendo a Max o que ele precisava ouvir. A corrida tinha sido ideia dele, e Max se jogou de cabeça nela. Seu corpo estava moído. O exercício transformara um possível tsunami numa marola.

Tirando a garrafa da boca, Max parou na porta da sala de estar e deu um grito na mesma hora em que viu Carter se erguer do sofá, ajeitando as roupas às pressas e deixando Kat, muito envergonhada, uma pilha de nervos em cima das almofadas. Max permaneceu imóvel, sem fazer ideia do que dizer ou fazer naquela situação.

Deus, essa era a última coisa que ele precisava testemunhar.

– Oi – disse Carter rapidamente, passando as mãos pelos cabelos curtíssimos.

– Oi – respondeu Max, dividindo os olhares entre os dois rostos culpados à sua frente.

– Foi boa a corrida?

Uma irritação inexplicável subiu pela garganta de Max diante do sorriso e do desprendimento de Carter. Por mais que eles tentassem não esfregar na cara de Max, a felicidade transbordava dele e de Kat em uma escala de dar nojo. E por que não estariam felizes? Eles estavam apaixonados e contentes, prestes a se casar, ao passo que Max continuava travando uma batalha terrível contra o vício.

Ele respirou fundo.

– Claro.

Sem mais uma palavra, Max caminhou na direção da escada. Droga, ele precisava tanto de um banho quanto de uma bronca. Ficar puto porque Carter estava transando com a noiva em sua própria casa era absurdo! Ele sentia raiva e fraqueza ao mesmo tempo, tamanha era a sua necessidade de uma carreira de pó e de uma boa noite de sono. Ele tinha chegado à porta do quarto quando Carter o alcançou.

– Desculpe, cara – pediu ele, fazendo Max se virar.

Max coçou a nuca e expirou, tentando, sem sucesso, controlar sua irritação.

– Sem problemas – respondeu ele um tanto insolente. – A casa é sua, certo?

A sobancelha de Carter se ergueu.

– Claro, mas não é justo que... Você está bem?

Max deu de ombros, meio impaciente.

– Tão bem quanto qualquer outro homem que mataria por algo que não pode ter.

O tom de voz dele era amargo, suas palavras se referindo a muito mais do que a cocaína que ele cobiçava; Carter, no entanto, não reagiu.

– Já conversou com o Tate?

Max mordeu a língua, contendo a resposta maldosa que a inveja remoía em seu estômago, e confirmou com a cabeça.

– Posso fazer alguma coisa?

– Não.

A palavra foi imediata e, apesar de Max se desprezar por aquilo, cheia de amargura.

Os dois ficaram em silêncio por um instante, e então Carter se aproximou.

– Olha, não sei se esta é uma boa hora, mas tenho uma coisa para pedir a você. Uma coisa importante.

O tremor leve na voz de Carter fez Max ficar em estado de alerta.

– Qual o problema?

– Ah, nenhum. Está tudo bem, quero dizer, é só que... Você nos pegou comemorando um pouquinho. – A maneira como Carter estava amenizando as coisas deixou Max confuso. – Kat e eu decidimos fazer o casamento ainda este ano. Aqui. Na praia.

Max lambeu os lábios e apoiou o ombro no batente da porta. A alegria e a raiva guerreavam dentro dele, exacerbadas pela necessidade esmagadora de dormir por dois dias seguidos e, depois, ligar para seu fornecedor.

– E eu gostaria que você fosse meu padrinho.

Max não deveria ter ficado surpreso com o convite. Afinal, quando pediu Lizzie em casamento, também chamou Carter para padrinho. A cara dele tinha sido impagável. Aquela lembrança tomou conta de Max, comprimindo seu peito e deixando-o sem ar, arremessando-o de cabeça nos terrores que o haviam assombrando na noite anterior. Que diabos estava acontecendo com ele? Sua mente zunia e seu sangue clamava por um fogo branco.

– Você topa? – perguntou Carter. – O que acha?

Max sentiu uma vontade súbita e ridícula de chorar e vomitar ao mesmo tempo.

– Eu, hum... – Max apertou os olhos com os dedos, desesperado

por aliviar a pressão que crescia na parte da frente de sua cabeça. – É que... Estou me sentindo... Carter, não consigo...

– Max?

A voz de Carter parecia distante, assim como a voz de Elliot tinha ficado aquele dia no escritório dele, como se Max estivesse debaixo d'água. Uma mão forte segurou seu ombro, enquanto palavras que ele não conseguia decifrar agrediam seus ouvidos. Ele tentou ao máximo respirar, aliviado por sua bunda ter encontrado um lugar para sentar antes de ele desmaiar aos pés de Carter.

Afinal, isso era tudo de que ele precisava agora, não é mesmo?

Vagamente ciente de Carter ao seu lado, Max enfiou a cabeça entre os joelhos e pediu a Carter que pegasse um clonazepam. Um comprimido e um copo d'água logo apareceram bem debaixo do nariz de Max, antes de ele engolir e se deitar, colocando o braço em cima do rosto e rezando para que o remédio fizesse sua mágica veloz.

■ ■ ■

Max acordou em um pulo. Apoiado nos cotovelos, com metade do corpo debaixo das cobertas, ele olhou para si mesmo, ainda usando a roupa de corrida, a luz suave no quarto sugerindo que era fim de tarde. Assim como acontecera quando ele tivera uma crise de pânico com Elliot, a dor de cabeça era forte. Com as pernas bambas, ele foi pegar um Tylenol e o tomou a seco mesmo.

Aquela merda tinha vindo do nada. Primeiro os terrores, depois a vontade, em seguida a crise. O que ele estava fazendo de errado?

Olhou para si mesmo no espelho do banheiro enquanto jogava água no rosto. Ele parecia derrotado, destruído, muito mais velho do que seus 28 anos. Os olhos castanhos estavam fundos, ele não fazia a barba havia três dias e seu cabelo escuro parecia um ninho de

rato. O que via do lado de fora, contudo, não era nem um pedacinho do que sentia por dentro. Mas o que mais ele poderia fazer? Tomava os remédios como um bom escoteiro, se exercitava e fazia várias coisas para prevenir o cérebro de se desintegrar, mas, mesmo assim, tinha perdido o controle. A frustração e a exaustão se remexiam dentro dele.

Enquanto descia as escadas lentamente, atraído pelo cheiro delicioso de chili, pegou o celular e começou a mandar uma mensagem para Tate perguntando se podia ligar ou se encontrar com ele. Vozes fluíam da cozinha, em tons baixos e preocupados. Foi só quando ele estava na porta da cozinha, ouvindo um celular bipar com uma mensagem recebida, que ele percebeu que Tate estava sentado ao balcão.

– Ei, você levantou – disse Kat com um sorriso cauteloso perto do fogão.

Tate e Carter viraram a cabeça rapidamente em sua direção. Max ficou agitado com a análise minuciosa que fizeram dele.

– É. Desculpe. As coisas ficaram um pouco tensas por um instante. – Ele limpou a garganta de vergonha. E franziu a testa para seu padrinho. – O que você está fazendo aqui?

Tate se levantou, pegando a bengala que estava apoiada no banco.

– Depois da nossa conversa hoje de manhã, achei que devia vir. Você parecia... distante. Aí o Carter me ligou.

– Fiquei preocupado – Carter se apressou em explicar, fazendo Kat se aproximar mais dele. – Eu não sabia o que fazer.

Ela segurou a mão dele.

Max suspirou, a culpa martelando suas têmporas.

– Tudo bem. Obrigado.

– Olha – disse Kat para Carter, interrompendo o silêncio constrangedor que preencheu a cozinha. – Por que não vamos comprar pão para o jantar e deixamos esses dois conversarem?

O olhar perturbado de Carter permaneceu em Max, mas ele concordou com a cabeça e saiu da cozinha. Quando a porta da frente se fechou e a moto de Carter desapareceu no horizonte, Max já estava sentado de frente para Tate, segurando um copo de leite com uma das mãos e a cabeça com a outra.

– Um dia de cão, hein? – começou Tate, sua voz baixa.

Max fechou os olhos, ouvindo o silêncio da casa.

– Não posso ficar aqui.

Tate sorriu tristemente quando Max o fitou.

– Não está dando tão certo aqui quanto você imaginava.

Aquela afirmação atingiu o alvo em cheio. Max tinha tentado ao máximo se adequar, mas não adiantou. Ver Carter e Kat juntos depois da noite que ele tinha tido, aliado ao desejo de consumir pó que ainda queimava no fundo de sua garganta, o havia empurrado precipício abaixo. Ele não os culpava. Nossa! Os dois tinham feito de tudo para acolhê-lo em sua casa e deixá-lo confortável. E, mesmo assim, não era o suficiente.

– Não quero voltar para o meu apartamento – afirmou Max. – Não quero retornar para a cidade ainda.

Além de ser agitado e barulhento demais para ele suportar, aquele lugar estava repleto de tentações, fedendo a histórias ruins e hábitos ainda piores.

– O que quer que você resolva, vou apoiá-lo – disse Tate. – Você sabe do que precisa melhor do que ninguém. Mas certifique-se de tomar uma decisão porque quer melhorar, não porque está assustado e quer fugir.

Max bufou.

– Mas eu *estou* assustado – confessou ele. – Estou apavorado, merda.

A voz de Max vacilou e ele grunhiu, exasperado.

– Não quero decepcionar nem chatear ninguém. Já fiz isso demais na minha vida.

– Trata-se do que é melhor para você, Max – declarou Tate. – Não para os outros. Se você precisa ser egoísta, seja egoísta! E, acredite em mim, seus amigos só querem o que é melhor para você.

Max agarrou um punhado de cabelos.

– Não quero que eles pensem que não sou grato. Eu sou. Mas só... preciso ficar longe de tudo isso por um tempo. – Ele fungou. – Pensei que tivesse começado a me encontrar de novo, mas agora me sinto mais perdido do que quando comecei. Não sei a *qual* lugar eu pertenço.

A mão de Tate tocou o braço de Max.

– Então vá descobrir.

10

O bar estava tão cheio quanto era de esperar em uma noite de jogo. As piadinhas e os palavrões já rolavam soltos, visto que os Orioles estavam três pontos atrás, e rodadas de cerveja e comida eram pedidas em consonância com cada arremesso. Não que Grace se importasse. Pelo contrário, ela tinha aprendido a gostar da atmosfera do Whiskey, e o fato de muitos clientes terem se afeiçoado a ela tornava tudo ainda melhor. Eles haviam ficado desconfiados por um tempo, mas a intervenção de Holly tinha sido fundamental na aceitação de Grace ali no covil. Era engraçado, mas assim funcionava a política dos bares.

– Grace, me vê outro chope, por favor?

– Claro, Earl – respondeu ela com um sorriso. – Não está assistindo ao jogo?

Earl ergueu uma sobrancelha, indiferente.

– Não desse bando de idiotas – bufou ele. – Me avise quando o Washington Nationals estiver jogando e aí a gente conversa.

– Ok – concordou Grace, dando risada ao colocar a cerveja na frente de Earl enquanto pegava, simultaneamente, a nota de dez dólares que ele tinha deixado no bar.

– Oi, linda. Como está?

Grace sorriu timidamente com o cumprimento de Caleb quando ele se sentou no bar ao lado de Earl e pegou um punhado de

amendoins. Ela tirou uma garrafa de Heineken da geladeira e entregou a ele.

– Bem. E você?

Ela costumava ser gentil com o delegado; afinal, ele era um cliente do bar e sempre era simpático e charmoso. Mesmo assim, a implicância de Kai com Caleb em sua última visita tinha plantado uma sementinha de cautela na mente de Grace. Apesar de sua necessidade de provar seu argumento e de ser livre para tomar suas próprias decisões na vida, a mãe sempre ensinara tanto a ela quanto a Kai a confiar em seus instintos. Não que seus instintos duvidassem do delegado, é claro, mas ela ficaria na defensiva mesmo assim.

Caleb sorriu e abaixou a cabeça.

– Estou ótimo. A casa dos Bailey está ficando deslumbrante. Não deve demorar muito para você poder se mudar para lá, hein?

O sorriso de Grace alargou. Era verdade. O imóvel começava a parecer uma casa de verdade. O piso estava pronto, bem como a escada, a varanda e as paredes. Na semana seguinte eles iriam colocar as janelas, e Grace mal conseguia conter a animação.

– Estou impressionada com o trabalho do Vince – respondeu ela.

– A equipe dele é incrível e...

– Será que ouvi meu nome?

Vince Masen, dono da Masen Construction e da Pensão Masen's, deu um sorriso torto enquanto caminhava na direção do bar. Ele foi seguido por um grupo de seis homens que Grace reconheceu como sendo os pedreiros da casa. Ela já tinha visto todos antes. Com exceção de um.

– Espero que esteja falando coisas boas, Sra. Brooks – alertou ele. – Acabamos de fechar uma jornada de doze horas no seu imóvel.

Grace corou.

– É “senhorita”, ou apenas Grace. E é claro que eram coisas

boas. Eu estava dizendo ao delegado que seu trabalho e da sua equipe é absolutamente extraordinário. Estou mais que agradecida.

Vincent Masen era um cara corpulento; o peito largo indicava anos de trabalho e os cabelos grisalhos faziam dele um homem distinto. Grace supunha que ele tivesse uns 55 anos, mas, pelo que observara desde que sua construtora começara a trabalhar na casa, ele tinha a tenacidade e a energia de um homem muito mais jovem. Ele inclinou o queixo ao ouvir o elogio que ela lhe fez e ergueu o copo de cerveja que Grace pagou para ele como agradecimento.

Todos os outros homens compraram cerveja e pediram comida, menos o cara novo, que ficou atrás do grupo, alto, calado, observando Grace com olhos castanhos intensos que eram emoldurados por cílios grossos. As íris dele eram tão escuras que pareciam infinitas em sua intensidade, como dois diamantes negros enormes repletos de segredos ocultos. Seu cabelo era quase preto sob a luz fraca do bar; era curto dos lados, mas comprido e selvagem no topo, com mechas espetadas. O rosto dele tinha contornos marcados e era sombreado pela barba de alguns dias por fazer. Pelas rugas em torno de seus olhos e da sua boca, ou ele era mais velho do que Grace imaginava ou tivera uma vida difícil. De qualquer forma, ele não era nada ruim de se admirar. Parecia um Colin Farrell desganhado, pensou Grace.

Ela tentou sorrir para ele, que desviou o olhar rapidamente, agradecendo a Vince o suco de laranja que lhe entregara. Eles atravessaram o bar, pararam perto da mesa de sinuca e começaram a bater papo. Os ombros dele se arquearam ao se sentar no banco, como se tentasse se esconder enquanto os homens ao seu redor riam e conversavam.

– Alguma coisa chamou a sua atenção lá, meu bem?

A voz de Holly assustou Grace. Ela ficou horrorizada ao perceber que olhava fixamente para o desconhecido.

– Hã... Não. Eu só me perguntava quem seria aquele cara novo

na equipe do Vince. Eu nunca o vi na obra.

Holly olhou para o outro lado do bar, estreitando os olhos azuis como se isso fosse ajudá-la a identificar o novato mais rápido. Ela deu de ombros e começou a colocar os copos em suas devidas prateleiras.

– Não faço ideia. Mas já estava na hora de termos algo novo, masculino e bonito para admirar por aqui. Não acha?

Grace riu, escondendo a boca com a mão. O recém-chegado era, sem dúvida, um colírio para os olhos. E isto a surpreendeu. Fazia muito tempo que ela não sentia nenhum tipo de atração pelo sexo oposto, dada a dor que suas últimas relações lhe tinham causado. Seu histórico quanto a tomar decisões a respeito dos homens não era dos melhores e, após tudo o que acontecera nos últimos dois anos, o medo que sentia era suficiente para ajudá-la a, educadamente, dispensar qualquer um que mostrasse interesse por ela. Não que esse cara tivesse feito isso; ele não tinha nem correspondido ao seu sorriso.

Caleb virou-se para o bar com a sobrancelha enrugada.

– Aquele é o sobrinho do Vince – explicou. – Não sei o nome dele. Chegou de Nova York há alguns dias. Está em uma pensão aqui no condado de Preston. – Caleb ficou em silêncio por um instante. – Eu manteria distância, senhoritas. Ouvi dizer que ele teve uns problemas; já foi preso, se envolveu em umas merdas sérias por lá. Drogas e coisas desse tipo. Parece que está aqui para se “desintoxicar”.

O delegado usou os dedos para simular um sinal de aspas ao dizer aquilo, e o coração de Grace saltou dentro do peito.

Ah, claro que o novato tinha um passado duvidoso. Por que ela sempre se sentia atraída por aqueles que tinham ido em cana pelo menos uma vez na vida ou se envolvido com substâncias ilícitas? Deus, ela era um ímã para esse tipo de pessoa. Em silêncio, ela

xingou a própria intuição, que, evidentemente, não estava funcionando direito.

– Tudo bem, então.

Ela deu uma risadinha sem graça e pegou um pano para limpar o bar, contando nos dedos as últimas horas de seu turno e mantendo o olhar curioso longe do sobrinho gato de Vince.

■ ■ ■

A decisão de Max de sair da casa de Carter e ir para o condado de Preston, na Virgínia Ocidental, estava se mostrando, após quase uma semana, uma boa ideia. Enquanto corria pela floresta que ficava atrás da pensão do tio, sentia a ansiedade e a tensão diminuírem. Não ver os rostos do passado todos os dias aliviava o peso que parecia carregar. Apesar do enorme sentimento de culpa por ter ido embora, conseguir respirar com um pouco mais de facilidade fazia valer a pena.

Assim como Tate previra, tanto Carter quanto Kat torciam para que ele fizesse o que fosse necessário para melhorar, e, se isso significava vê-lo partir para que passasse um tempo com seu tio Vince, ok. A crise de pânico que os dois testemunharam revelou como Max ainda estava longe da recuperação. Depois que Tate agendou uma sessão com um NA da região para Max e o colocou novamente na lista de pacientes regulares de Elliot em seu consultório em Pittsburgh, Max estava pronto para se mudar. Ele logo começou a se sentir melhor, menos estressado, mais tranquilo consigo mesmo.

Seus pés batucavam o chão da floresta, seus joelhos e suas pernas queimavam, e o cheiro da chuva recém-caída preenchia seus pulmões como um elixir precioso. Seguindo a trilha na direção da estrada principal, Max diminuiu a velocidade e entrou na cidade,

voltando para a pensão. Tio Vince ficara bastante surpreso com a ligação de Max perguntando se podia visitá-lo. Eles não se viam havia quase oito anos – desde o velório de Connor O’Hare –, mas Max sabia que seria recebido de braços abertos. Apesar de Vince não ser seu parente de sangue, ele e o pai de Max tinham crescido juntos, sempre tratando um ao outro e suas famílias como fariam irmãos de verdade.

– Maximus Chatus!

Max parou abruptamente quando ouviu o apelido familiar. Ele se virou para a esquerda, de onde o grito tinha vindo, e, ao olhar para o outro lado da rua, viu sua prima Ruby parada diante de sua oficina, com os braços abertos.

– Ruby Gluby!

Ele voou até ela como uma bala, fazendo-a gritar de surpresa, e a ergueu num abraço apertado.

– Meu pai falou que você estava na cidade – disse ela, rindo, abraçando-o de volta. – Como é que você está?

– Estou bem – respondeu ele, colocando-a de volta no chão. – E você? Que merda é essa de você se casar? Conheci o seu marido quando fui para o trabalho com o seu pai ontem.

Ela ficou roxa de vergonha, passando a mão pelos cabelos castanhos repicados, e confirmou com a cabeça.

– Há três meses. – Ela exibiu a mão com o solitário pequeno, porém elegante, no anelar. – Josh e eu mandamos um convite para você, mas... Acho que você não estava em casa.

O sorriso no rosto de Max sumiu imediatamente. Ele suspirou, ciente de que todos os detalhes sórdidos dos últimos oito anos de sua vida que ele compartilhara com o tio no dia em que chegou tinham sido repassados para Ruby em uma questão de horas. Não que ele se importasse. Ele até achava bom que sua família soubesse das merdas que ele tinha feito. Cidades pequenas, no entanto, eram lugares esquisitos; e versões variadas de seu histórico nada

lisonjeiro com certeza tinham circulado algumas vezes desde sua chegada.

– Pois é – concordou ele. – Eu estava... indisponível. Desculpe.

Ruby colocou a mão no peito dele e abaixou o tom de voz.

– Mas você está melhorando?

– Devagar, mas com consistência.

Max sorriu um tanto hesitante.

Os olhos cinza dela se suavizaram.

– Fico feliz.

Eles se abraçaram de novo e só se largaram quando um dos funcionários de Ruby assobiou alto.

– Lá está ela – exclamou um cara com cabelos louros na altura dos ombros e tatuagens nas articulações dos dedos enquanto olhava para o outro lado da rua. – Minha Ri-Ri.

Max se virou, curioso, e reconheceu a menina que trabalhava no bar aonde fora com seu tio e os outros funcionários na noite anterior. Ela se apressou para descer a rua. Estava com fones de ouvido e uma bolsa grande pendurada no ombro. Os jeans pretos e o moletom amarelo que vestia ressaltavam sua pele escura. Seus cabelos negros estavam presos em um rabo de cavalo que balançava de um lado para outro quando ela caminhava.

– Ri-Ri? – perguntou Max arqueando a sobrancelha, seu olhar seguindo o alvo da afeição descarada do louro.

– É – respondeu o homem, lambendo os lábios de modo pervertido. – O nome dela é Grace. Mas ela é igualzinha à Rihanna, não é?

– Não, Buck – retrucou Ruby, revirando os olhos. – Não é. – Ela mordeu os lábios pensativamente. – Ela é mais suave; de certa forma, menos sexo e mais abraços calorosos. – Ela empurrou o braço de Buck. – Agora pare de secar a menina e volte ao trabalho. Vai assustar a coitada desse jeito.

– Ah, cara, precisa ver essa garota de perto – continuou Buck,

olhando para Max. – Olhos verdes, pele morena. Uma bunda maravilhosa.

Ele foi caminhando na direção do Buick 1989, sacudindo a cabeça.

Max não tinha conhecimento suficiente para comentar a questão da bunda, já que não tinha visto direito, mas entendia o que o louro tinha falado com relação aos olhos de Grace. Ela tinha olhado para ele na noite anterior, no bar, o verde de seus olhos brilhando, deslumbrante. Ele ficou momentaneamente hipnotizado por ela quando eles entraram no Whiskey, e só saiu do transe no momento em que ela sorriu.

Era, com certeza, um sorriso muito bonito, mas Max não podia se dar ao luxo de refletir demais sobre isso. Ele estava ali para clarear a mente, não para ficar ainda mais confuso por causa do olhar sedutor de uma estranha. É claro que ele adoraria satisfazer suas necessidades masculinas metendo nela até ela ver estrelas de felicidade, mas, só de olhar para ela por aquele breve instante, ele soube que ela não era esse tipo de mulher. Ruby tinha razão. Havia uma suavidade nela, uma certa inocência naqueles olhos e talvez uma pitada de medo, o que ele achava ótimo, se isso significasse que ela manteria distância dele.

Max se voltou para Ruby novamente, afastando quaisquer pensamentos de sexo ou de olhos verdes de sua mente.

– Então, vamos fazer alguma coisa enquanto estou aqui? – perguntou ele.

– Claro. Posso fazer um jantar. Aí você conhece o Josh direito.

Max brincou com uma mecha do cabelo dela.

– Me parece ótimo.

11

Tio Vince abriu a Pensão Masen's bem antes de Max nascer, com sua primeira esposa. Durante dez anos, antes de se divorciarem, eles acolheram os visitantes com comida boa, hospitalidade e uma cama decente. A segunda esposa dele, Fern, mãe de Ruby, assumiu a administração da pensão com um olhar corporativo experiente, enquanto Vince organizava o que se tornaria a Construtora Masen. A família Masen tinha, há muito tempo, uma força inquestionável e trazia mais dinheiro para a cidade do que qualquer outra pessoa. Dizer que o tio Vince era um herói na comunidade seria um eufemismo.

Com uma toalha enrolada nos quadris e o vapor escapando pelo vão da porta do banheiro atrás dele, Max voltou até seu quarto, dando uma olhada no relógio de parede e confirmando que eram sete e pouco da manhã. Ele pegou a cueca e a calça jeans em cima da cama e as vestiu. O quarto no qual ele estava hospedado era bastante agradável, com uma cama grande, TV e guarda-roupa. As cortinas com estampa floral não eram muito do gosto de Max, mas ele tinha aprendido a tolerá-las.

Ele tomou um gole do café que tinha preparado na cafeteira antes de colocar meias, coturnos e uma camiseta preta do Sonic Youth. Ele estava trabalhando para o tio de novo – determinado a pagar por sua estadia de um jeito ou de outro, mesmo que com trabalho braçal. Seu tio protestara, dizendo que Max estava ali para

relaxar e se recuperar. Mas Max tinha apaziguado as preocupações de Vince. Aquilo evitava que o orgulho dele fosse ferido por ter casa, comida e roupa lavada de graça, já que o teimoso do tio não aceitava seu dinheiro. E o trabalho o mantinha ocupado tanto física quanto emocionalmente, e *isso* era sempre uma coisa boa. Seus terrores noturnos, em sua maior parte, tinham cessado, mas ele não iria se arriscar.

Ele passou um pouco de desodorante, secou o cabelo com a toalha, enfiou um chiclete na boca e pegou a jaqueta.

Ao abrir a porta e sair do quarto, Max trombou em alguma coisa, ou melhor, em alguém, que estava atravessando o corredor com pressa. Ele segurou quem quer que fosse nos braços para evitar que caísse, enquanto xingava baixinho por causa da ponta de um sapato que batera com força em sua canela.

– Meu Deus, me desculpe!

Max recuperou o equilíbrio e olhou para o idiota apressado que se desculpava, sendo imediatamente atraído por olhos verdes hipnotizantes e uma expressão de surpresa completa. Grace. Ele a soltou e deu um passo para trás.

– Tudo bem. Sem problema – murmurou ele, passando a mão pelos cabelos úmidos.

Que ótimo. Exatamente o que ele precisava logo de manhã cedo.

– Chutei a sua perna – insistiu ela, colocando a mão na boca. – Desculpe mesmo. Não olhei para onde estava indo.

– Tudo bem – repetiu ele, trancando a porta do quarto.

– Acordei tarde porque trabalhei a noite passada. E preciso ir para casa antes que as janelas cheguem. Prometi ao Vince – ela continuou tagarelando enquanto se abaixava para pegar a bolsa e o celular que tinha derrubado.

Max franziu a testa, confuso. Janelas? Vince?

– Tem certeza de que a sua perna está bem?

Max expirou, juntando o máximo de serenidade que conseguiu

em seu peito, e sorriu de modo educado.

– Já sofri coisas piores.

Parecendo sentir a impaciência dele, ela assentiu com a cabeça e desviou o olhar rápido.

– Certo. Bem, desculpe de novo.

Ela o contornou, como se evitasse um animal raivoso.

Max a observou ir embora correndo, sacudindo a cabeça maliciosamente quando reparou na bunda que Buck havia mencionado dois dias antes.

É, ele tinha razão.

Era uma delícia.

Ainda bem que Grace não estava por ali quando, enfim, Max saiu e foi até a sua caminhonete alugada. Era uma manhã nublada de abril, com os resquícios da chuva da noite acumulados em poças grandes no chão. Ligando a caminhonete, Max se afastou do centro da cidade, na direção do terreno no qual seu tio estava trabalhando. O projeto era uma casa enorme, potencialmente linda, com o verde da floresta como pano de fundo. O trajeto levou só dez minutos e, quando Max chegou, o trabalho já tinha começado havia um bom tempo.

Ele acenou para o tio, Josh e os outros caras enquanto descia da caminhonete e corria até o lugar onde eles estavam descarregando um monte de janelas.

– Trouxe café da manhã? – perguntou Vince enquanto tirava uma janela grande do caminhão com a ajuda de dois outros homens.

Max deu um sorriso torto.

– Ih, não.

Vince bufou.

– Para que diabos eu pago você?

Max deu uma risadinha e começou a trabalhar, levando janelas, vigas e ferramentas até a casa antes de começar a ajudar na construção lenta, porém contínua, do piso e das paredes do primeiro

andar. As horas passam rápido quando se está ocupado assim. Os músculos de Max doíam por levantar todo aquele peso; e o papo com os peões era agradável. Eles muito provavelmente sabiam quem Max era e por que estava ali, mas ele não ligava a mínima. Eles pareceram aceitá-lo bem na equipe, e isso, para Max, era suficiente.

Ao sentar na caminhonete ao lado de outro pedreiro, Rob, e desembulhar o sanduíche que seria seu almoço, Max se surpreendeu ao ver Grace conversando com Vince. Ela sorria satisfeita, obviamente elogiando seu tio pelo serviço. Max reparou que ela parecia minúscula perto da figura volumosa de Vince e notou que trazia uma câmera bem cara pendurada no pescoço. Talvez ela estivesse produzindo algum material promocional para a empresa de Vince.

A gargalhada dela ecoou, angariando olhares enamorados e comentários pouco respeitosos dos trabalhadores. Não que Max os culpasse. Ela estava gostosa de calça legging, tênis e moletom. Ele deu uma risadinha quando ouviu os murmúrios brincalhões de Rob:

– Sou um homem casado. Sou um homem casado.

Max desviou o olhar de Grace, focando-se em seu saco de batatas chips.

– Tudo bem por aqui? – perguntou Vince quando se sentou na beirada da caçamba, pegando seu próprio sanduíche gigantesco.

Max confirmou com a cabeça e sorriu com os lábios colados no gargalo da garrafa de refrigerante.

– Ouvi dizer que você foi jantar com Ruby e Josh ontem à noite.

Max engoliu a bebida.

– Sim, foi ótimo vê-la. Além disso, ela fez uns biscoitos que eu não podia recusar. O Josh parece ser um cara legal.

– Ele é – concordou Vince. – Trata bem a minha filhinha.

Os olhos de Max encontraram Grace outra vez. Ela estava tirando

fotos do exterior da casa e da floresta ao redor. Ele ergueu o queixo na direção dela.

– O que ela está fazendo aqui? Ela trabalha para você ou algo assim?

Vince fez uma careta confusa.

– Não. Esta casa é dela. Comprou antes do Natal.

Merda.

– Não sei muito sobre ela – continuou ele, com o sanduíche de mortadela na boca. – Ela é ótima, mas é bem reservada. Não conheço sua história, só sei que está pagando por tudo isso à vista. Deve ter grana. – Vince deu uma olhada de canto de olho para Max e se aproximou dele. – Ela é casada, sabia? – Fez uma pausa para causar maior efeito. – Mas não tem nenhum marido com ela na hospedaria. Estou achando que rola uma pensão altíssima.

Max bufou.

– Você sabe o que dizem por aí sobre fazer fofoca, tio Vince.

Vince soltou uma gargalhada e deu um tapinha nas costas de Max. E, após um tempo em silêncio, ele o cutucou delicadamente com o cotovelo.

– Não tivemos uma chance de conversar direito, Max. Como você está? Se sente bem aqui?

– Sim – respondeu ele, sem pestanejar. – Me sinto... melhor. Menos estressado. Obrigado.

Apesar de estar um tanto inquieto, ele vinha dormindo melhor e seu apetite voltara. Ainda não tinha recomeçado a pintar, mas isso iria acontecer uma hora ou outra.

– Tenho encontro do NA amanhã de manhã. Vou tentar voltar para ajudar você...

– Max – repreendeu Vince. – Eu aprecio a sua intenção, filho, mas não se preocupe com trabalho. Você pode vir me ajudar quando puder. Não há necessidade de bater ponto. Faça o que precisa fazer.

Melhere. Só isso importa agora. É por este motivo que você está aqui.

– Eu sei. Vou fazer isso, mas quero pagar por tudo e...

– Olha – interrompeu Vince, virando-se para olhar diretamente para Max –, quando o seu pai estava doente, e mesmo antes disso, quando ele perdeu a sua mãe, eu disse a ele que ajudaria você sempre que eu pudesse ou que você deixasse. Prometi a ele que ajudaria você assim como ele prometeu que ajudaria a minha Ruby caso alguma coisa acontecesse comigo. Agora eu sei que, assim como ele, você é teimoso como uma mula quando quer. – Ele sorriu de modo afetuosamente. – Especialmente quando se trata de aceitar auxílio. Então imagine como fiquei surpreso quando você ligou.

– Sim.

– Mas você ligou porque, em algum lugar bem lá no fundo, sabia que eu estaria do seu lado para o que desse e viesse. Todos nós estaríamos. – Ele cutucou Max de novo. – Então me deixe fazer isso, está bem? Me deixe ajudar.

Max suspirou, sentindo a garganta apertada.

– Seu único trabalho agora é deixar seu pai orgulhoso e ficar saudável. Está me ouvindo, filho?

– Sim, senhor.

As palavras dele eram suaves e permeadas de gratidão.

– Muito bem. – Vince amassou o pacote do sanduíche e pulou da caçamba da caminhonete. – Agora, levante essa bunda daí, pare de ficar de olho nas minhas clientes e volte a trabalhar.

■ ■ ■

O encontro do NA na manhã seguinte foi exatamente como Max esperava. Ele ficou sentado no salão da igreja, rodeado por estranhos reunidos por suas dependências e seus vícios. Ele se

apresentou e depois ouviu os rostos desconhecidos relatarem suas histórias de desgraça, arrependimento e recuperação. Desde sua estada na clínica, Max tinha se tornado muito mais empático com relação às narrativas dos outros; então ele ouvia e prestava atenção.

Durante os meses de sua reabilitação, ele havia aprendido a reconhecer por que tinha resistido tanto a participar do grupo. O fato era que cada relato que ouvia, cada história sobre magoar pessoas queridas para conseguir alguma coisa, não importavam as consequências, lhe soava familiar demais. Max enxergava a si mesmo em seus colegas viciados: o remorso, os anseios que nunca cessavam, a necessidade de perdão e o medo do que esse perdão iria significar. Ele nunca quis ser *aquela* cara que fodeu com a vida das pessoas mais próximas e que chafurdava na autopiedade, mas foi o que aconteceu.

Ele almoçou um hambúrguer no carro durante seu retorno para casa, deu uma corrida no meio da tarde e estava em seu quarto havia mais de uma hora quando ouviu um estrondo e um grito vindos do quarto ao lado.

Max se levantou imediatamente da cama, largou o livro que estava lendo e abriu a porta, dando uma olhada no corredor vazio. Ele correu até o quarto vizinho e bateu com força na porta, ouvindo um ruído de água vazando e alguns palavrões abafados. A porta se abriu de repente, revelando Grace apenas de toalha, encharcada e respirando com dificuldade.

– O cano estourou! – gritou ela, escancarando a porta para Max segui-la, perplexo. – Não consigo conter!

Max correu até o banheiro, seus pés marulhando na água que já tinha se acumulado. A água jorrava de um dos canos do chuveiro, inundando tudo.

– Puta merda!

– É, concordo – disse Grace, dando risada. – Socorro!

– Vá procurar a Fern, a Sra. Masen, e diga a ela que feche o

registro e desligue a eletricidade – ordenou Max enquanto voltava correndo para seu quarto.

Ele pegou o cinto de ferramentas, disposto a tentar minimizar os danos, e, com uma chave inglesa, tratou de apertar a junta do cano.

A água disparou na direção dele, encharcando sua camiseta e seu jeans até que, após o que pareceu ser um milhão de anos, parou. Logo em seguida, as luzes se apagaram, deixando o lugar banhado pela luz fraca do fim de tarde, que penetrava pela pequena janela de vidro fosco. Max desabou na banheira, água pingando do queixo. Ele falou um palavrão, olhando para suas roupas encharcadas.

– Que merda é essa?

Tio Vince preencheu o vão da porta, os olhos arregalados, um sorrisinho cutucando sua boca enquanto observava Max. Grace apareceu por cima do ombro de Vince, incapaz de conter uma risada.

– Deus!

– Max! – exclamou Ruby, se acabando de rir.

Vários risinhos pontuais logo se transformaram em gargalhadas estrondosas.

Max balançou a cabeça, levantando-se e tomando cuidado para não escorregar. Ele passou a mão pingando pelo rosto.

– Fico feliz por entreter vocês.

– Está entretendo mesmo. Mas não se sinta mal por isso – falou Vince, dando um tapinha amigável no ombro de Max. – Vamos lá. Vá se trocar que eu vou comprar um suco de laranja para você.

■ ■ ■

Max, seu tio, sua tia Fern, Ruby e Josh estavam sentados no bar Whiskey bebendo e petiscando batatas chips. Com o cano

consertado e Grace no quarto adjacente ao de Max enquanto os reparos eram feitos no chão do banheiro e no carpete do quarto, Max começou a enxergar o lado engraçado.

– O herói do dia! – provocou Ruby.

Ele deu de ombros, evitando olhar para Grace, que trabalhava de modo diligente atrás do bar. Ela lhe agradecera profusamente.

– Sempre gosto de salvar a donzela em perigo – brincou ele.

Max quase agradeceu a Grace pela visão maravilhosa dela molhada e enrolada na toalha, mas conseguiu se conter.

Porém, aquela imagem certamente ficaria na cabeça dele por um bom tempo; a menina tinha pernas lindas.

– Bem, pelo menos sei onde te encontrar, caso alguma outra coisa dê errado – ponderou Grace enquanto secava o balcão.

– Ei! – interveio Vince, fingindo estar ofendido e apontando um dedo para ela. – Esse foi um evento único. Eu sabia que aqueles canos malditos estavam... Olha, nada mais vai acontecer.

Tia Fern fez um carinho nas costas dele, rindo.

– Você sabe onde me encontrar – sussurrou Max para Grace, que escondeu o riso atrás da mão.

E as brincadeiras continuaram. Max bebia seu suco de laranja, jogava uma batata ou um amendoim na boca, petiscava as asinhas que Vince tinha pedido e permitia que o calor das pessoas ao seu redor penetrasse em sua pele. Fazia muito tempo que ele não se sentia tão relaxado. Com o encontro do NA e o rebuliço do estouro do cano, ele ficara todo retraído, mas as risadas e a liberdade que sentia enquanto ouvia sua família e os outros clientes atenuaram tudo. Até mesmo no bar, com o cheiro de bebidas alcoólicas no ar, o que era inegavelmente tentador, Max sentiu seu corpo descontraír e se acalmar.

– Parece que rolou um bocado de diversão lá na pensão, Vince.

Um cara alto, de cavanhaque e olhar desconfiado, colocou a mão no ombro de Vince, sem nunca tirar os olhos de Max.

Vince riu e recontou os acontecimentos do dia, provocando mais uma rodada de risadas.

– Então *você* é o Max – disse o Cavanhaque com a mão estendida. – Delegado Caleb Yates.

Ah.

Bem, isso explicava o olhar desconfiado.

Max estendeu a mão para ele, e mostrou um sorriso torto com o apertão que o delegado deu.

– Conheço o Caleb desde que ele estava no ensino fundamental, o pai dele trabalhou para mim por muitos anos – explicou Vince. – Mas nunca pensei que veria este cara praticamente comandando a cidade.

O delegado deu uma risadinha.

– Me vê um chope Heineken, Grace? – murmurou ele por cima do balcão. E, piscando quando ela colocou o chope na frente dele, elogiou: – Você está linda hoje.

Max observou atentamente a reação de Grace pelo canto dos olhos, mas não a viu corar nem parecer lisonjeada. Na verdade, ela pareceu tensa, perdendo a suavidade de seu belo rosto.

– Elogios não vão levar você a lugar algum, delegado. Sabe disso. E vai ter que me dar gorjeta de qualquer jeito – retrucou ela.

Max sorriu, gostando do que tinha ouvido.

– Quer mais alguma coisa? – perguntou ela de repente, apontando para o copo quase vazio de Max. – Posso te pagar uma cerveja para agradecer por hoje. – Ela olhou para o teto, franzindo o nariz de um jeito cativante. – E me desculpar pelo outro dia.

Max balançou a cabeça.

– Nada de cerveja. Mas outro suco seria ótimo. Obrigado.

– O outro dia? – questionou Fern. – Em que outras confusões vocês dois andam se metendo?

Grace deu uma risadinha.

– Foi culpa minha. De novo. Quase fiz o Max cair de bunda no

chão. Eu estava com pressa e atravessei o corredor a mil por hora. Também dei, sem querer, um belo chute na canela dele quando, para evitar que eu caísse, me segurou nos braços.

Apesar das risadas e dos comentários, Max podia sentir o olhar do delegado queimando a lateral de seu rosto. A expressão dele era de divertimento, apesar de seus olhos estarem sombrios e desconfiados.

– Segurou a garota nos braços, hein? – perguntou ele, apoiando o cotovelo no bar.

Max arqueou a sobrancelha. Aquele idiota era transparente como o copo em sua mão.

– É – respondeu.

O delegado Yates assentiu lentamente com a cabeça, fitando Grace.

– Parece que você é o herói da vez de Grace.

O rosto de Grace ficou corado.

– Ah, não. Não foi assim, eu...

– Parece que sou – interrompeu Max, louco para fazer o delegado se irritar.

E foi exatamente o que aconteceu. Um músculo em seu maxilar se tensionou e uma lufada de ar disparou de seu nariz. O delegado tomou um gole de chope, deixou uma nota de dez no bar, se despediu e foi embora.

Max não conseguia explicar o porquê, mas ver aquele homem ir embora tão afrontado e reparar no sorrisinho no rosto de Grace deixou um gostinho bom em sua boca.

12

Max O'Hare era um enigma.

Desde os últimos acontecimentos envolvendo os dois, Grace não parava de pensar nele. À medida que as semanas passavam, e apesar do alerta do delegado quanto ao seu passado nada admirável, Grace ia se aproximando um pouco mais de Max. Ela conversava com ele quando ele ia ao bar – e agora sabia que a sua bebida era o suco de laranja – e o cumprimentava quando o encontrava na pensão ou na obra.

Ele já não estava tão distante e evasivo quanto antes, mas com certeza ainda não tinha baixado a guarda. Estranhamente, em vez de enxergar essa distância como um motivo para se afastar, Grace se viu ainda mais intrigada. Descobriu que ele tinha ficado mais de três meses na clínica de reabilitação. Ela não sabia por quê – apesar de o delegado Yates ter mencionado algo sobre drogas –, e, quanto mais pensava no assunto, mais percebia que aquilo era irrelevante.

Na verdade, o importante era que ele tinha conseguido ajuda e queria se recuperar. Ao menos era isso que Grace dizia a si mesma quando buscava uma explicação para seu interesse por ele. A questão era que, quando Max se encontrava em família ou achava que ninguém estava olhando, suas barreiras se desmanchavam. Por um instante muito breve ele se transformava em um cara mais alegre, menos tenso, e dono, não havia como negar, de um sorriso

maravilhoso. Grace sabia, sem dúvida alguma, que ele era fotogênico. E pensava nas fotos sensacionais que poderia tirar dele.

Ele odiava ser o centro das atenções. Até mesmo na Páscoa, com a pensão repleta de gente, comida e risadas, ele tinha ficado sentado no canto, observando e ouvindo as pessoas – o que Grace achara... atraente. Não havia nada pior do que um idiota que adorava os holofotes e o som da própria voz. Ele era quieto sem ser melancólico; estava mais para um cara forte e silencioso.

Ao contrário do delegado e dos outros homens que iam ao bar, Max nunca dava em cima dela. Não fazia comentários descarados sobre como ela estava vestida nem a chamava de qualquer outra coisa que não fosse seu nome. De vez em quando, Grace o pegava observando-a daquele seu jeito discreto, e isso fazia seu coração acelerar. Mesmo assim, ele se mantinha distante.

Grace sabia que era atraente para o sexo oposto. Aquilo costumava ser um privilégio, antes de seu ex-marido entrar em sua vida e fazê-la acreditar que ser bonita era motivo de vergonha. De qualquer forma, os homens ainda olhavam para ela, sorriam e, às vezes, faziam comentários. Mas Max, não. Ele ficava na dele. Era gentil e agradável, mas nunca mostrou qualquer interesse especial, e Grace tinha dificuldade de entender por que aquilo a incomodava tanto.

Ela suspirou e tomou um gole de água depois de contar isso à sua terapeuta.

Apesar de ter se mudado para o condado de Preston, cidade natal de sua mãe, Grace continuava com as sessões de terapia a cada duas semanas, deslocando-se até Washington DC de ônibus ou de trem. Ela passava a noite no apartamento de Kai e retornava na manhã seguinte. Seu irmão não tinha ficado feliz com esse esquema – preocupando-se sempre com o fato de ela ficar sozinha –, mas Grace curtia o tempo que a viagem lhe proporcionava. Ela lia e ouvia música; às vezes, fotografava os passageiros ou a paisagem que

avistava da janela; outras vezes, usava esse tempo como uma chance para refletir sobre os últimos anos de sua vida, especialmente sobre as mudanças e o longo caminho percorrido para sua recuperação.

Dois anos atrás, o simples ato de pensar em viajar sozinha lhe teria provocado uma crise de pânico. Agora, desde que tomasse os remédios direitinho, ela nem sequer sofria de palpitações. Aquilo era libertador de um jeito que ela nunca conseguiria descrever.

– Diga-me uma coisa – pediu Nina, sua terapeuta. – O que você quer conquistar com esse interesse pelo Max? Qual é o seu objetivo?

Grace franziu a testa.

– Meu objetivo?

– Quero dizer, esse é um lance carnal, de companheirismo? Você quer dormir com ele ou só quer ser amiga dele?

Grace se mexeu na cadeira, um tanto constrangida.

– Ele é bonito, sim, mas... Dormir com ele? – Ela observou, alarmada, os pelos de seu braço se arrepiarem, como sempre acontecia só de tocar no assunto “sexo”. – Não posso responder a isso.

– Por causa de seus problemas com relação à intimidade ou pelo próprio Max?

Grace não tinha certeza. Apesar dos olhares furtivos dele, ela nem sequer sabia se Max se sentia atraído por ela. Além do mais, ele também tinha passado por coisas difíceis e estava, pelo que diziam, na casa do tio para se recuperar – sexo deveria ser a última coisa a passar pela cabeça dele.

– Eu gostaria de ser sua amiga – respondeu ela. – Depois de tudo pelo que ele passou, talvez precise de uma. Além disso, eu também preciso.

Nina ergueu o queixo, observando Grace com aquele seu jeito perspicaz.

– Grace, essa é a primeira vez, desde que começamos nossas

sessões, 28 meses atrás, que você menciona um homem que não seja o seu irmão ou o seu ex-marido. E o mais encorajador é que você se sente atraída por ele. Portanto, lembre-se: você está no caminho certo.

Com isso Grace tinha que concordar. Fosse o projeto da casa ou o ar da Virgínia Ocidental, sua confiança aumentara. Ela começava a perceber que não queria mais recuar diante da perspectiva de criar uma conexão com alguém. Pela primeira vez em muito tempo, o desconhecido era, subitamente, muito excitante.

■ ■ ■

Foi só dois dias após a sessão de terapia que Grace viu Max de novo. Sentado à janela do café da cidade, ele estava sozinho, com um lápis e um pequeno bloco de notas nas mãos. O cabelo caía no rosto, escondendo seus olhos enquanto ele escrevia, ou desenhava ou o que quer que estivesse fazendo. Com seu café com leite diário em uma das mãos e um muffin de chocolate na outra, Grace se aproximou, tossindo delicadamente para não assustá-lo. Ele ergueu os olhos, a incerteza encobrendo seu rosto.

Seus olhos estavam mais escuros que o de costume, circundados por olheiras fundas, como se ele não dormisse há uma semana.

– Oi – disse ela. – Como vai? – A única resposta que ela obteve foi uma ruga confusa no meio das sobrancelhas dele. Ela continuou mesmo assim: – Adoro os cafés daqui. Sem dúvida, dão de dez a zero naquelas porcarias que encontramos em Washington.

Ele olhou para o copo dela, depois para o seu próprio, parecendo acordar daquela névoa que o perturbava. Grace prendeu a respiração.

– Sinto falta do café de Nova York – murmurou ele.

Sucesso!

– Imagino – comentou ela, apertando os lábios. – Nova York tem ótimos cafés. E *bagels*. *Bagels* excelentes. Então... Posso sentar? – falou, apontando para o caderno ainda aberto na mesa, não conseguindo identificar claramente os rabiscos nas páginas. – Não quero atrapalhar, nem encher o saco; se você preferir ficar sozinho, tudo bem.

Max fechou rápido o caderno e puxou-o para junto de si, como a protegê-lo. Lentamente, ele concordou com a cabeça.

– Pode ficar.

Enquanto ela se sentava, ele enfiou o lápis atrás da orelha e cruzou os braços longos sobre o peito largo. O tamanho dele, para muitas pessoas, deveria ser intimidador. Mas para Grace, não. Na obra de sua casa, vira como ele usava sua força para trabalhar com rapidez e eficiência. E o observara também em eventos sociais, notando que ele agia de forma oposta, sempre tentando parecer menor, como se procurasse se esconder dos outros. Ela se perguntou o que tinha acontecido em seu passado para levá-lo a agir assim.

– Quer dividir? – perguntou ela, empurrando o muffin para o centro da mesa. – Vamos lá – disse Grace, dando uma risadinha quando ele olhou o muffin com desconfiança. – São muito bons. Eu como um todas as manhãs. Não tenho germes – garantiu ela, arrancando um pedaço e jogando na boca.

Max deu um sorriso torto e, depois de um instante, fez o mesmo.

– Obrigado.

Grace sorriu.

– Imagine. Eu não vejo você há dias. Comecei a entrar em pânico com relação ao que eu faria se os canos do meu novo quarto estourassem. Você deve estar ocupado.

Ele bufou. Ela mexeu o café depois de colocar um pouco de açúcar. Sua carência de coisas doces a estava matando.

Max deu de ombros.

– Não muito. Meu tio disse que não precisava de mim na casa – na sua casa –, então tenho ficado... por aí.

Ele ficou olhando para a mesa. Era difícil, para Grace, ignorar a tristeza que pesava sobre os ombros dele.

– Ficar por aí é bom – concordou ela, sorrindo. – Deve ser maravilhoso estar aqui com a família. Eles todos parecem ótimos.

– E são mesmo.

– Você os visita com frequência?

– Não.

Ele olhou para fora; o sol que penetrava pela janela tornava seu cabelo mais claro, deixando os fios dourados.

– Fazia um tempo que eu não vinha. Você tem família aqui? – questionou ele.

Surpresa pela pergunta, mas encorajada pelo fato de ele estar puxando papo, Grace sorriu.

– Minha mãe era da Virgínia Ocidental, por isso resolvi voltar para cá. Mas nós crescemos na Califórnia, terra do meu pai. Desde que os dois morreram, ficamos somente eu e meu irmão, que mora em Washington DC.

O rosto de Max se contraiu, e ele se desculpou.

– Está tudo bem – garantiu ela. – Sinto falta dos dois, mas a vida continua, certo?

Os olhos dele se arregalaram, enquanto o canto de sua boca se contraiu com o início do sorriso maravilhoso de que Grace tanto gostava, mas raramente via. Ele roubou outro pedaço de muffin.

– Isso é verdade.

Ele ergueu o copo, exibindo uma mancha de tinta preta no cotovelo de sua blusa cinza.

Grace apontou para ela.

– Você pinta?

O olhar intenso dele se voltou subitamente para ela, prendendo-a à cadeira. Ela gesticulou na direção da mancha e observou Max

analisá-la. Ele suspirou, parecendo desconcertado com a descoberta, e, com a ponta do polegar, começou a tentar sumir com ela dali.

– Sim, eu faço uns rabiscos.

– Eu adoraria ver seu trabalho. – E antes que ele pudesse protestar, ela continuou: – Nunca pinte. Minha mãe é que era pintora. Kai, meu irmão, desenha, mas eu só mexo com a câmera fotográfica.

Max permaneceu em silêncio, mas seu olhar não vacilava. Ele ouvia com atenção, como sempre fazia quando ela conversava com ele no Whiskey.

– Estudei fotografia na faculdade e abri meu próprio negócio, mas aí... Bem, eu meio que desisti, mas ainda levo minha câmera aonde vou.

Ela abriu a bolsa e mostrou a Nikon escondida lá no fundo.

– Eu vi você tirando fotos lá na obra. Por que você desistiu?

A pergunta de um milhão de dólares. Os ombros de Grace se ergueram e ela circundou a borda do copo com a ponta do dedo enquanto tentava impedir sua mente de vagar por aquela parte horrorosa de seu passado. Por mais que desejasse conhecer Max, ela não estava preparada para contar a ele essa parte da história.

– Coisas da vida.

A resposta, por mais vaga que fosse, pareceu apaziguar a curiosidade de Max.

– É, a vida tem dessas.

– Tem mesmo – concordou ela. – Surge do nada e puxa o seu tapete; e você fica lá deitado se perguntando que diabos aconteceu.

Apesar de tentar manter a voz animada, Grace observou algo infeliz relampejar no rosto de Max antes de a barreira que ele carregava consigo se fechar imediatamente atrás de seus olhos e a escuridão o obscurecer de novo.

Droga. A conversa acabou.

Ele pigarreou e pegou o caderno.

– Preciso ir – murmurou ele, levantando-se. – Foi bom ver você. Obrigado pelo muffin.

Grace sorriu com a educação dele, mesmo com a decepção que sentiu em seu peito.

– Ah, sim, não foi nada.

Nem sempre ele era tão agitado, tão apreensivo. Na verdade, era a serenidade de Max que Grace achava fascinante. Havia algo de diferente.

Ela o observou ir embora apressadamente do café, seus ombros fortes tensos e arqueados e suas longas pernas atravessando a rua cheias de propósito na direção de sua caminhonete. Ele passou a mão pelo cabelo bagunçado uma, duas vezes, antes de entrar no veículo e ir embora.

■ ■ ■

Sete horas depois, Grace se surpreendeu ao ver Max entrar cambaleando no Whiskey, com dois caras que ela reconheceu da obra. Ele se acomodou em um banco perto do bar enquanto seus amigos seguiram até a mesa de sinuca.

– Suco de laranja? – perguntou ela, tentando não reparar em sua expressão sombria.

O que quer que o estivesse incomodando de manhã, no café, aparentemente não tinha sido resolvido, e agora o envolvia em um silêncio perigoso. Ele parecia pronto para uma briga.

– Não. Uma dose de Jack Daniel's – respondeu ele, batendo a mão no bar com uma nota de vinte.

Uísque? Isso era novidade. E potencialmente catastrófico. Grace não sabia se Max era um alcoólatra em recuperação ou qualquer outra porcaria desse tipo; e uma dose de uísque seria um retrocesso colossal. Ela não queria ser responsável por isso. Grace deu uma

olhada rápida pelo lugar, procurando por Vince, mas ele não estava lá. Holly também não, Grace a estava substituindo pelas próximas duas horas. Com exceção dos amigos de Max e outros dois grupos de clientes regulares, o lugar estava calmo.

Ela batucou com os dedos no balcão do bar.

– Tem certeza?

Os olhos de Max se estreitaram.

– Sim. Por quê?

Grace mordeu o lábio inferior.

– Eu só...Você acha que deve beber? – Deus, como isso era constrangedor. – É que... quero dizer, você sempre toma suco.

A compreensão iluminou o rosto de Max e uma risada estranha e sem graça explodiu de seu peito. O olhar dele era hostil e zangado, nada parecido com o que ela tinha visto no café.

– Não sou um bêbado, Grace – ralhou ele. – Sou viciado em drogas, merda.

– Ah.

Grace engoliu essa informação como se fosse uma lâmina.

Ela sabia muito bem o estrago que as drogas podiam causar. E também tinha consciência de que Max não deveria beber. Substituir um vício por outro era algo que ela conhecia muito bem.

– Então – continuou Max com um aceno sarcástico na direção das garrafas de bebida alcoólica. – A não ser que o uísque aqui seja batizado com narcóticos, o que, vou ser sincero, seria fantástico pra caralho, eu gostaria de uma dose, se você não se importar.

As palavras dele não eram rudes, mas o tom que ele usou, sim. Aquilo deslizou pela espinha de Grace e a deixou gelada. Ela e Max não eram amigos, embora ela desejasse que fossem, mas o cara sentado à sua frente não era o homem que ela tinha conhecido. Ele era instável e deixava Grace completamente atordoada. Sem dizer uma palavra, ela se virou e serviu a bebida. Grace colocou o copo no

bar e observou Max pegá-lo, olhando para ele como se fosse uma granada prestes a detonar.

Minutos se passaram e ele continuou olhando para o copo. Seus lábios se moviam em resmungos inaudíveis até que, com um “foda-se” bem alto, ele virou a bebida. Ele sibilou, xingou e tossiu, mas a batida do copo no bar de madeira era triunfante.

– Mais um – pediu ele.

O coração de Grace ficou apertado, por ele e pela guerra que deveria estar sendo travada dentro de sua cabeça.

– Max, querido, por que...

– Você é surda? – ralhou ele, fitando-a. – Faça o seu trabalho e continue me servindo, ouviu? Não preciso de um amigo ou de uma conversa. Preciso encher a cara. Só isso.

Magoada com as palavras duras dele, Grace continuou servindo as bebidas e ele, entornando tudo.

Volta e meia ele segurava o copo entre as mãos antes de virar, e Grace tinha vontade de chorar. Os amigos de Max não fizeram nada para ajudar. Eles pagaram várias rodadas, além de terem convidado três meninas para se juntarem ao grupo. Em geral tão indiferente às mulheres que se aproximavam dele no Whiskey, dessa vez Max olhava para as meninas de um jeito que deixou Grace enjoada. Parecia feroz e faminto.

Será que aquele era o estranho perigoso sobre o qual o delegado Yates a tinha alertado?

Será que esse era o verdadeiro Max O’Hare?

Ela não sabia.

Tudo o que Grace sabia, ao ver Max cambaleiar para fora do bar horas depois, com o braço em torno de uma loura com olhos vítreos e a mão na bunda dele, era que o pedacinho de esperança que ela guardara bem no fundo do coração, aguardando pacientemente por alguém bom o suficiente para compartilhá-lo, tinha se estilhaçado em mil pedaços.

13

Batidas.

Batidas altas pra caralho que aturdiavam o cérebro já dolorido de Max. Ele ergueu a cabeça do travesseiro – caramba, como estava pesada –, piscando por causa do sol que entrava pelas cortinas abertas.

– Max, abra a porta.

Merda!

Tate.

– Max! – gritou com voz zangada. – Foda-se se sou aleijado; eu vou arrombar essa porta. Fui da Marinha, seu imbecil. Vamos lá. Levante essa bunda da cama. Também nem ligo se você está pelado. Não tem nada aí que eu não tenha visto antes. – Ele continuou socando a porta. – Agora, Max. Levante! Sei que você está aí.

O quarto se inclinou como uma montanha-russa quando Max se sentou, e seu estômago revirou de um jeito que não era normal. Ele se ergueu com as pernas vacilantes, enfiou uma calça jeans em cima da cueca e cambaleou até a porta, chutando uma caixa de pizza e uma garrafa vazia de Jack Daniel's no caminho.

– Certo – gemeu ele, apoiando a testa na porta e destrancando-a.

Ele respirou fundo e abriu. Quando viu a expressão de Tate, desejou não ter aberto.

– Bom dia, flor do dia – ralhou Tate. – Que merda foi essa?

Max pressionou a bochecha contra o batente da porta, tentando explicar em palavras e frases completas por que tinha bebido tanto na noite anterior.

– Vista-se – ordenou Tate. – Vamos sair.

Max olhou para o relógio. Passava do meio-dia, mas ele poderia facilmente continuar a dormir por mais umas doze horas.

– Tate, velho, não posso; preciso...

– Não – latiu Tate, seus olhos brilhando com uma decepção que fez Max se encolher todo. – Dirigi por duas horas para chegar aqui. Estou cansado, preciso de café e estou cagando para a sua ressaca.

Sem ter energia para argumentar e ciente de que era mesmo o imbecil que Tate sugeria que ele era, Max tirou uma camiseta limpa da gaveta, colocou os coturnos, pegou a carteira e a jaqueta e saiu do quarto, rezando para que as marteladas na sua cabeça parassem.

Ele indicou a Tate o caminho até o centro da cidade, incapaz de dirigir até o café que costumava frequentar. Ele pediu o café mais forte do cardápio e um muffin de chocolate. Eles se sentaram à mesma mesa que ele ocupara com Grace no dia anterior. A dor de cabeça de Max aumentou quando pensou nela. Deus! Ela devia achar que ele era um idiota. Ele *era* um idiota.

– Então, quer me explicar por que recebi ligações suas às duas, às três e às quatro da manhã? – perguntou Tate, mostrando a ele as ligações perdidas em seu celular. – Além de um monte de mensagens de texto dizendo que você queria beber até morrer, que não conseguia ficar limpo, que estava desistindo?

Tate largou o celular na mesa e cruzou os braços em cima do peito, sério e sisudo apesar da camiseta que dizia “Minha mulher tem um ótimo físico”, com um desenho de Albert Einstein abraçado a uma figura feminina.

Max apoiou a cabeça na mesa e grunhiu. Ele só tinha uma vaga

lembrança de ter falado com Tate. Quanto às mensagens, não se lembrava de nada.

– Caramba, me desculpe, cara – resmungou ele antes de se erguer novamente. – Se serve de consolo, me sinto um monte de merda inútil. Me desculpe. Mesmo.

– Não se desculpe – respondeu Tate com firmeza. – Me conte o que aconteceu.

Max sentiu o vômito chegar à sua garganta e tomou um gole bem grande de café para espantá-lo.

– Ontem foi... Lizzie... Foi quando ela foi embora. Foi o dia em que ela me deixou.

– E em vez de me ligar, você decidiu lidar com esse pequeno detalhe enchendo a cara – ponderou Tate. – Ótima escolha. Estou vendo que a estada na clínica de reabilitação ajudou você a tomar *maravilhosas* resoluções. Você bebeu um monte de álcool enquanto está tomando antidepressivos e todos os outros comprimidos que...

Max perdeu o controle.

– Vá se foder, tá? Eu tive um dia ruim e queria beber alguma coisa.

O palavrão e o tom de voz alterado chamaram a atenção dos outros clientes para a mesa deles. Dando uma olhada rápida em volta, Max engoliu em seco e inspirou. Quando voltou a falar, sua voz era baixa, mas ainda raivosa.

– Eu não devia, mas bebi. Tenho certeza absoluta de que não fui o primeiro a fazer isso. Você também não pode ficar sentado aí bancando o fodão, pois sabe que agiu da mesmíssima maneira. Não posso mudar essa coisa. É assim que é.

– Não – retrucou Tate. – Não é, não. Sim, eu fiz merda logo depois que saí da clínica também. E vou dizer a você exatamente o que o meu padrinho me falou na ocasião: *você é quem escolhe. Você tem as ferramentas para tomar uma boa decisão, para lutar contra dias como o de ontem, Max. Há pessoas que se preocupam*

com você, que querem o melhor para a sua vida, e não pode se esquecer disso.

Max beliscou o dorso do nariz e suspirou. Ele sabia que tinha decepcionado todo mundo, que aquilo era um retrocesso após meses de luta e de trabalho árduos. Mas acontece que, alguns dias, a força dentro dele não era suficiente.

– Abra a carteira – mandou Tate.

Tonto e cansado demais para perguntar por quê, Max tirou a carteira do bolso da calça e entregou-a a ele. Tate a abriu e retirou os cinco medalhões do NA que Max tinha recebido. Ele os dispôs em um círculo sobre a mesa.

– Isto aqui mostra como você foi longe – disse ele, sua voz mais baixa. – Mostra a escolha que você fez cinco meses atrás, quando agarrou o seu vício pelo saco e gritou: “Vá se ferrar, seu desgraçado. Vou lutar contra você.”

Max segurou a cabeça com as mãos.

– Às vezes, é difícil.

Tate bufou.

– Nem me fale. É difícil o tempo todo, Max. O tempo todo! E vai continuar sendo assim pelo resto da vida, porque é a isso que nós, viciados, temos que sobreviver. Você acha que eu não tenho mais dias ruins? Pois há dias que eu gostaria de ligar para o meu antigo fornecedor e me drogar. – Ele ficou olhando para o copo de café entre as mãos. – Mas aí eu me lembro do que esta atitude faria com meus pais, com minha família, com meus amigos. E comigo. E é isso que *você* precisa fazer.

– Eu tentei – murmurou Max. – Sabia que esse dia ia chegar. Não dormi a semana toda. Tive pesadelos inacreditáveis, até mesmo com a medicação. Pinteí pela primeira vez desde que cheguei aqui. Fui correr, tentei dormir, ler, liguei para o Carter, para o Elliot, mas era como uma merda de um pedaço de chumbo preso na minha garganta. Eu não conseguia respirar. A única coisa que poderia

aliviar isso era cheirar uma carreira de pó. – Ele fez uma careta. – Então fui até o bar para encontrar a segunda melhor coisa à disposição.

Os dois ficaram sentados em silêncio, ambos afogados em suas próprias batalhas.

– Max, eu entendo – declarou Tate baixinho. – Sabe que eu entendo. Mas esses dias acontecem. Eles vão torturar você e deixá-lo desesperado para jogar seus medalhões fora. Mas eu garanto que, um dia, você vai acordar e seu primeiro pensamento *não* será cocaína nem qualquer outra merda que deixe você chapado. Vai encontrar alguma coisa que fará você querer pular da cama pela manhã e dizer: “Manda ver, vida. Estou pronto.”

Max arrancou uma gota de chocolate do muffin e a colocou na boca. Grace tinha razão. Eram bons, mesmo com mais álcool do que sangue em suas veias.

– Me prometa que, da próxima vez, vai me ligar *antes* de ir para o bar e não quando já estiver indo embora dele – pediu Tate.

– Da próxima vez?

– Haverá várias. Isto é fato.

Ah, que divertido! Max concordou desanimadamente com a cabeça.

– Ótimo. Agora ligue para Elliot para uma sessão de emergência.

Max arfou.

– Não posso. É domingo.

– Como se eu me importasse. Além do mais, eu já falei com ele hoje cedo. Ele está esperando você. Vamos lá. – Tate se levantou, pegando a bengala com uma das mãos e o café com a outra. – Eu dirijo.

■ ■ ■

Quando Tate deixou Max na pensão, estava começando a anoitecer. A sessão com Elliot tinha sido tão difícil quanto Max imaginara. Mas o bônus veio em forma de uma receita com remédios mais fortes para ajudá-lo a dormir. No entanto, com a ressaca beliscando o seu cérebro e o estômago cheio de sanduíche do McDonald's, ele tinha certeza de que dormiria como um bebê. Mas, antes de desabar na cama de roupa e tudo, Max precisava pedir desculpas a Grace. Ele havia sido um babaca com ela e, apesar de não conhecê-la tão bem, sabia que ela não merecia aquele comportamento por parte dele. Ninguém merecia.

Então, com certo nervosismo, ele bateu na porta do quarto dela.
– Só um minuto! – gritou Grace lá de dentro.

Max esfregou a testa com o dorso da mão e esperou.

Por que estava fazendo aquilo consigo mesmo?

Ah, sim.

Porque ele tinha sido um imbecil.

Porque Elliot explicara que era importante se desculpar pelos erros, para poder seguir adiante na vida sem arrependimentos. Porque o Guia Prático dos Passos do NA ensinava aos viciados que eles eram responsáveis por seus próprios atos.

Porque Grace era uma menina legal.

A porta se abriu com um floreio, exibindo grandes olhos verdes que ficaram imediatamente desconfiados.

– Oi – disse Max, já que ela permaneceu em silêncio.

Ela expirou com força, arqueando os ombros, e seu rosto ficou muito sério.

Eis por que ele precisava pedir desculpas.

– Oi.

Max trocou o peso do corpo de uma perna para outra enquanto a olhava. Ele notou o rabo de cavalo frouxo e o rosto sem maquiagem. Observou que ela vestia roupa de corrida, uma regata rosa-clara bem justa e uma legging preta que se agarrava ao seu corpo de um

jeito que deveria ser ilegal. Ela estava descalça, o esmalte em suas unhas delicadas combinava com a regata.

– Eu... desculpe perturbar você – gaguejou ele. – Espero que não esteja ocupada. Eu queria te dar isto.

Ele mostrou o copo de café para viagem e um saquinho de papel branco.

Ela os fitou receosa, cruzando os braços sobre o peito.

– E o que é isto?

Max deu de ombros e ergueu o copo.

– Uma oferta de paz em forma de café. – Então ergueu o saco de papel. – E um pedido de desculpas em forma de muffin.

Grace franziu a testa, ainda sem pegar nada.

– Por que você está se desculpendo?

Ele suspirou, os braços desabando com o peso da culpa.

– Estou me desculpendo por ter sido um babaca mal-humorado ontem. Eu não devia ter falado com você daquele jeito; coloquei você numa situação constrangedora e não devia ter feito isso.

Ele mostrou os presentes de novo, dando um sorriso tímido.

Ela pareceu considerar o pedido de desculpas por uma eternidade antes de pegá-los e dizer baixinho: “Obrigada.”

– De nada – respondeu ele, enfiando as mãos nos bolsos de trás da calça.

– Vou comer quando voltar.

Ele apontou para o traje dela.

– Vai correr?

– Vou – concordou ela, o brilho de costume lentamente retornando à sua voz. – Preciso queimar as calorias do chocolate de alguma forma.

– Claro – disse ele. – Eu também corro. Tem uma trilha ótima lá perto do riacho.

Ela deu um largo sorriso.

– Talvez você possa me mostrar. Gosto de ter companhia quando

corro e ainda estou conhecendo a região.

Max sentiu o estômago revirar.

– Vou ter que passar – murmurou ele, arrastando o pé pelo chão.

– Não estou me sentindo muito bem.

O sorriso de Grace desapareceu.

– Bem, qualquer um que consiga beber aquela quantidade de uísque vai acabar tendo a maior ressaca do mundo no dia seguinte.

Max limpou a garganta, cheio de vergonha.

– Pois é.

– E a sua namorada, ela também estava se sentindo mal hoje de manhã?

Max levantou a cabeça tão rápido que quase caiu no chão. Merda. A loura. É claro, Grace a tinha visto com ele. Ele disse àqueles caras que não estava interessado em pegar ninguém, mas eles não lhe deram ouvidos. Mas, na verdade, aquilo não foi um problema, porque, depois da sétima ou oitava dose, uma transa anônima pareceu bastante fantástica para ele também.

– Eu não... Ela não é... Só estávamos nos divertindo. Nada... Não foi nada disso.

Ele não fazia ideia de por que estava gaguejando ou se explicando. A verdade era que a menina *tinha* tentado dormir com ele, e ele ficou bem feliz com a situação. Até que ela tentou beijá-lo na boca e chamá-lo de “querido”. Isso derrubou a excitação de Max. Ela queria intimidade, e acabou lhe trazendo lembranças que ele estava tentando apagar. Além do mais, com todo aquele uísque no organismo, teria sido difícil conseguir uma ereção.

Ele a deixara em casa, comprara uma garrafa de Jack Daniel’s e uma pizza e retornara para a pensão, de onde, aparentemente, tinha ligado para Tate um milhão de vezes.

– Bem, obrigada por isto – disse Grace, indicando o café e o muffin, mas evitando olhar para ele. – Fico grata pela atitude.

Ela se virou para ir, mas Max segurou a porta com a mão,

assustando-a.

– Desculpe – falou ele. – Eu estava só... Tenho certeza de que vou estar me sentindo melhor amanhã. Aí posso te mostrar a trilha. Se você quiser. Se não estiver ocupada, nem nada assim.

O que havia naquela mulher que fazia sua língua se enrolar daquele jeito? E por que ele estava se oferecendo para compartilhar sua corrida com ela? Ao contrário dela, ele adorava o silêncio solitário da trilha na qual corria todos os dias. Grace certamente tagarelaria demais, perturbando a serenidade que ele se esforçava tanto para alcançar. Ela iria querer conversar e ele só estaria interessado em correr.

Ela piscou para ele algumas vezes antes de seus lábios se curvarem em outro sorriso.

– Me parece ótimo.

Aquilo deixou Max perplexo, pois ver seu rosto delicado e feliz, em vez da cara magoada e decepcionada com que abrira a porta, fazia valer a pena perder o silêncio de apenas uma corrida.

– Muito bem, então – concluiu ele.

Afinal, não podia ser tão ruim assim, certo?

■ ■ ■

Eles se encontraram na manhã seguinte no corredor entre seus quartos. Constrangidos, saíram da pensão. Max guiou-os pela trilha ali dos fundos, atravessando a floresta e descendo até o riacho que percorria toda a extensão da cidade. Os fones de ouvido dele permaneceram dependurados na gola da camiseta, sacolejando em seu peito enquanto corria. Não queria ser rude no caso de Grace querer conversar. Mas, para sua surpresa, ela permaneceu ao lado dele – ou atrás, quando a trilha se estreitava –, calada e focada.

Ela acompanhou o ritmo dele. Seguiu com ele passo a passo e

nem parecia tão cansada quanto Max quando eles pararam para beber água.

– Este lugar é lindo – sussurrou ela, admirando a quantidade de verde ao redor deles. – Estou na cidade há meses e nunca soube que tudo isso estava tão perto.

– Adoro isso aqui – confessou Max, antes de tomar muitos goles de água.

Era tão silencioso, fresco e verde, especialmente agora, na metade da primavera.

– Eu poderia tirar fotos maravilhosas.

Ela passou a mão com delicadeza pelo musgo de uma árvore próxima.

Antes que Max pudesse entender o que ela estava fazendo ou perguntar mais sobre suas fotografias, ela enfiou a mão dentro da regata e tirou o celular. Ele permaneceu embasbacado, boquiaberto.

– Você acabou de tirar isso do seu top?

– É um top esportivo, fique você sabendo, e não é nada confortável. Eu com certeza vou ficar com a logo da Apple marcada na pele do meu seio por dias.

Grace bufou com a expressão pasma de Max e começou fotografar árvores, teias de aranha e flores.

– Dá para tirar boas fotos com essa coisa? – perguntou ele, coçando a cabeça, tentando se livrar da imagem de Grace apalpando os seios dentro do top, em busca do celular.

Deus, ela é de outro mundo! Já era ruim o bastante vê-la correr com toda aquela lycra colada no corpo. E, é claro, “ruim” significava “bom”, porque aquela mulher estava usando aquilo como se fosse uma segunda pele, toda cheia de curvas, formas delicadas, pernas torneadas e...

– Não ficam ruins – respondeu ela, inclinando-se para fotografar... sei lá o quê. – É mais para me dar uma ideia de cor e luz. Vou voltar aqui depois com a câmera de verdade.

Eles retomaram a corrida cinco minutos depois. Em boa velocidade, conseguiram voltar à cidade em uma hora. De repente Grace o chamou e Max parou. Ele se virou e a viu com a mão no quadril, mancando um pouco.

– Você está bem?

Ele correu até ela.

Ela o dispensou com um aceno.

– Sim, sim. Eu só... Tenho uma lesão antiga que inflama de vez em quando. Vai passar. Vá em frente, continue, sei voltar para casa daqui.

– Está tudo bem – garantiu ele. – Já atingi minha meta. Não me importo de andar.

Eles caminharam o restante do trajeto até a pensão. Max ouviu Grace tagarelar sobre seu entusiasmo com o trabalho no Whiskey e sobre sua animação com o progresso que os pedreiros estavam fazendo na casa. Max se perguntava como ela encontrava tanta alegria e prazer em tudo. Nunca conhecera alguém com uma atitude tão positiva com relação às coisas do cotidiano; até mesmo seu comportamento imbecil parecia ter sido esquecido e perdoado.

Sua visão da vida era revigorante, contagiante. Ele se pegou sorrindo enquanto ela falava, observando as mãos dela se mexerem freneticamente enquanto descrevia como queria decorar a casa. Ele não tinha dúvidas de que, sem as mãos, ela seria uma pessoa muda.

– Talvez eu possa comprar um dos *seus* quadros – comentou ela.
– Uma obra exclusiva do Max. Eu daria a ela um lugar de destaque na minha sala de estar.

Nervoso, Max coçou a nuca.

– Talvez.

– Sobre o que você pinta? – perguntou ela, seu tom de voz interessado, em vez de intrometido.

Ela manteve os olhos no caminho à sua frente.

– Coisas – respondeu ele, notando a olhada exasperada que ela

lhe deu. – Eu desabafo – complementou Max. – Sobre coisas que vivi. Quando estava... na clínica de reabilitação, eu participava de aulas de arteterapia. Isso me ajudou a expressar o que eu não conseguia verbalizar na terapia individual ou de grupo.

Max se surpreendeu com a enxurrada de informações que deu e com o fato de não se sentir vulnerável ao compartilhá-las com Grace. Aquela liberdade era novidade para ele. Ela não disse nada, mas parecia atenta como sempre.

– Que ótimo que você tem essa válvula de escape – disse ela.

Eles chegaram na pensão, subiram os degraus até o primeiro andar e ficaram parados diante de suas respectivas portas, de novo constrangidos.

– Gostei de hoje – disse Grace, tamborilando na maçaneta. – Obrigada.

– Eu também – respondeu Max, estranhando aquilo ser a mais absoluta verdade.

– Temos que fazer isso de novo um dia desses.

– Com certeza.

– Quem sabe amanhã?

– Por que não? Amanhã.

14

Na verdade, a corrida “de amanhã” se transformou na corrida de depois de amanhã, e do dia depois desse, etc. Todas as tardes, pelas duas semanas seguintes, assim que Max terminava seu trabalho na obra, ou pela manhã, antes de Grace ir para o bar, eles corriam juntos. Grace tirava mais fotos e eles conversavam, mas nunca sobre nada sério ou profundo. Era só papo furado e divertido.

Então, Grace ficou sabendo que Max morara em Nova York durante boa parte da vida. Seu melhor amigo ia se casar no final do verão e Max seria o padrinho. Ele adorava carros e tinha uma oficina mecânica, tocava violão, curti rock e, apesar da modéstia com relação aos seus dotes artísticos, entendia de cores e técnicas mais do que deixava transparecer. Ela sabia que ele era órfão, mas não forçou a barra para obter mais detalhes e nunca tocava em nada relacionado à sua reabilitação, apesar de saber o nome de seu terapeuta e de ele falar sobre seu padrinho, Tate, com frequência.

Desde que ele batera em sua porta, assustando-a com seu pedido de desculpas e um muffin de chocolate, Grace começara a conhecer melhor o lado mais alegre de Max. Ele estava cada vez mais relaxado, e aquele sorriso que ela amava tanto surgia com mais facilidade. E ele parecia tão mais jovem quando ria, menos sobrecarregado pela vida.

Grace nunca se sentia ansiosa perto de Max. Pelo contrário, em sua presença ficava calma e segura. Quanto mais tempo passava

com ele, mais compreendia que aquele comportamento horrível no bar tinha sido atípico. Ela sabia muito bem como as mudanças de humor dos viciados eram imprevisíveis, e, se ela e Max iam ser amigos, devia estar preparada para isso.

Talvez fosse realmente *maluquice* querer conhecê-lo melhor, como Kai a alertara ao telefone quando ela lhe contou sobre Max. Talvez ela gostasse *mesmo* de sofrer, já que estava disposta a se envolver com um viciado em recuperação; mas Grace não conseguia se preocupar com isso. A verdade era que ela gostava daquele homem bonito, divertido e sincero.

Certa tarde, enquanto fotografava sua casa, cuja obra estava a poucas semanas de terminar, ela se pegou prestando atenção na maneira como ele se movimentava. Ele era muito sexy!

Ele abaixava a cabeça quando seus olhos se encontravam, o que sempre fazia Grace sorrir. Max não era inteiramente indiferente a ela, mas mantinha, sim, uma certa distância. E Grace gostava disso. Gostava de saber que tinha acesso a outro lado dele quando estavam sozinhos. Amava o fato de terem algo só deles e de mais ninguém. Seus encontros diários não eram um segredo, mas ela sabia que, se alguém descobrisse, precisariam admitir que algo mais estava rolando. E isso arruinaria tudo.

– Mas que belo sorriso – comentou o delegado Yates enquanto ela lhe servia um chope. – Para quem é?

Grace deu de ombros e colocou o copo diante dele.

– Apenas estou vivendo um bom momento – respondeu ela. – Minha casa está incrível; fiz novos e excelentes amigos.

O delegado concordou com a cabeça e tomou um gole de chope, deixando uma pequena linha de espuma branca no bigode.

– Você parece gostar bastante daquele tal de O'Hare. Vi vocês dois juntos no café na semana passada.

Grace suspirou.

– Sim, ele é um cara legal – comentou ela, de modo indiferente.

Uma voz rouca chegou até eles, vinda do outro lado do bar.

– Eu que o diga. É gostoso até não poder mais. Mal posso esperar pelo segundo *round* com aquele homem.

A loura com a qual Max saíra do Whiskey naquela noite infeliz se apoiou no bar, os cotovelos dobrados, os lábios pintados de um vermelho berrante. Ela sorriu para Grace de um jeito que não era nem gentil nem genuíno. Parecia desdém, e fez Grace endireitar as costas. A mulher espremeu os seios, fazendo uma bela exibição para os clientes. Com sua blusinha justa e seu jeans apertado, ela exalava sexo selvagem. Ela era tudo o que Grace jamais seria.

O delegado Yates bufou.

– Nossa, Fay, você não muda. Ele não é um cara legal. Eu não confio nele.

Mas Grace não estava ouvindo.

Ela estava ocupada demais tentando deletar a imagem de Max e Fay na cama. Então se apoiou na pia atrás do bar e suspirou, o ciúme tomando conta dela.

Mas seu ciúme vinha da noção de que aquela mulher podia satisfazê-lo, dando-lhe uma noite da qual ele não se esqueceria. Aquela mulher não choraria nem congelaria quando ele tentasse tocá-la intimamente. Ela montaria nele e assumiria o controle da situação, e permitiria que ele fizesse o mesmo. Na verdade, Grace tinha inveja de Fay e do sexo pleno que ela irradiava.

Aquilo era tão injusto. Era tão injusto que um homem do seu passado, alguém em que ela confiara, até idolatrara, tivesse arrancado toda a sua autoconfiança na cama! E ele a roubara com violência, deixando cicatrizes dentro e fora do seu corpo.

Não.

Grace sabia que nunca seria páreo para uma mulher como Fay.

E isso doía.

Doía tudo de novo.

■ ■ ■

Na manhã seguinte, Max sabia que havia algo de errado com Grace antes mesmo de eles começarem a correr. Ela se mantinha distante e calada. Enquanto se alongavam, ele perguntou se estava tudo bem; ela respondeu que sim, mas não o convenceu. Grace parecia... triste. O verde de seus olhos brilhava menos, como se seus pensamentos os deixassem opacos.

Eles percorreram a trilha de sempre, pararam para tomar água e retomaram a corrida. Não houve exclamações sobre as cores ou a beleza da floresta, como Grace costumava fazer. Ela nem sequer remexeu no top para pegar o celular e tirar fotos, o que praticamente tinha se tornado o ponto alto do dia de Max.

Havia algo errado.

Ele reduziu a velocidade, esperando até ela reparar nisso e se juntar a ele, coisa que ela fez com uma expressão curiosa.

– Você está bem? – perguntou ela, analisando-o e tentando encontrar alguma lesão.

– Estou – respondeu ele. – Acho que a gente podia mudar um pouco hoje. Conheço outra trilha que ainda não exploramos.

Ela olhou em volta e deu de ombros.

– Ok.

Ele avançou floresta adentro, reconhecendo o caminho de suas explorações quando criança como a palma da mão, pulando sobre árvores caídas, poças acumuladas da chuva da noite anterior e desviando de galhos grossos que tentavam agarrá-los enquanto eles corriam. Quando mais se embrenhavam na floresta, mais escuro ficava; o sol bloqueado pelo dossel de folhas deixava o ambiente mais fresco e sinistro.

– Max – disse Grace ofegante. – Para onde você está me levando?

– Espere para ver – respondeu ele. – Venha comigo.

Eles correram por mais alguns minutos antes de Grace parar novamente, sem fôlego, seus olhos examinando todo o local.

– Para onde você está me levando? – repetiu ela. – Não faço ideia de onde estamos, Max! Isso não é engraçado.

Para qualquer outra mulher gostosa, sozinha com ele no meio do mato, Max teria feito uma piadinha sobre ser um sequestrador e estar louco para transar ali mesmo. Mas algo no tom dela, o tremor ansioso em sua voz, o fez ver que isso não seria uma boa ideia.

Ele ergueu as mãos.

– Está tudo bem. Estamos chegando. Olhe.

Ele se virou e apontou para o meio das árvores, mais adiante, de onde vinham a luz do sol e um barulho suave de água corrente. Max observou Grace com atenção. Notou a tensão em seu pescoço, a cautela em seu rosto e se arrependeu imediatamente. Eles ainda estavam se conhecendo e cá estava ele, um viciado, levando-a para o meio da floresta densa e escura. Não era de admirar que ela estivesse apavorada.

– Merda. Não pretendia assustar você. Só queria te mostrar esse lugar.

Grace o fitou por um instante antes de passar a mão pelo rosto e suspirar.

– Não. *Eu* é que tenho que pedir desculpas. Sou... Não é você. Eu só...

Max indicou com a cabeça.

– É logo ali.

Grace ergueu a mão.

– Mostre o caminho.

Max fez o que ela pediu, guiando-a em meio à vegetação até eles chegarem a uma clareira pontuada por árvores altas e flores amarelas, que balançavam com a brisa. Um riacho enchia o lugar com o som de uma pequena queda-d'água.

Grace arfou ao lado dele.

– Que lugar é este?

Os olhos dela se fixaram no que havia restado de um chalé de pedras. As janelas, a porta e o telhado haviam sido consumidos pela natureza e pareciam ter saído das páginas de um livro de conto de fadas.

– Não é fantástico? – perguntou Max. – Eu o descobri quando estava passando as férias aqui com meu pai. Acho que todo mundo se esqueceu dele, assim como se esqueceu da sua casa. – Ele apontou para o lado. – Que fica a apenas dez minutos daqui, naquela direção.

Grace arregalou os olhos, o brilho costumeiro retornando a eles.

– Está brincando?

Max riu.

– Achei que você ia gostar de tirar umas fotos.

Ele adorou a sensação de estar fazendo algo bacana por outra pessoa.

A mão dela tocou seu braço.

– É incrível.

Grace passeou por entre as flores e as árvores, explorou as ruínas e mergulhou o pé no riacho. Max se sentou em um tronco caído e sorriu ao observar que a alegria contagiante dela regressava. Ele ficou feliz ao vê-la cantarolar e dançar enquanto pegava o celular dentro do top e tirava foto atrás de foto, prometendo a si mesma que iria voltar com a Nikon. Max virou o rosto para o sol quente de maio e permitiu que a calma e o silêncio penetrassem em seu corpo.

– Você me acha atraente?

Max franziu a testa antes de abrir um olho.

– O quê?

Grace estava parada ao lado do riacho, os braços soltos ao lado do corpo, parecendo um tanto desconfortável.

– Você me acha atraente? Sim ou não?

Max pigarreou.

– Isso é uma pegadinha?

– Não é uma pegadinha.

Max não ficou tão convencido assim.

– Parece uma pegadinha.

– Somos amigos, certo?

Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

– Acho que sim.

– Ótimo. Eu queria que você fosse sincero comigo.

Max suspirou, soltando uma risadinha incrédula.

– Não tenho certeza se posso responder à sua pergunta sem dizer *alguma* coisa errada.

Ele sabia como as mulheres funcionavam. Ela encontraria algo na resposta dele de que não iria gostar. Além disso, não queria parecer um canalha, o que acabaria acontecendo, agora que a observava naquela roupa de corrida, com o rosto inocente e a pele viçosa.

Grace se aproximou dele.

– Bem, vou perguntar de outro jeito. Você faria sexo comigo?

A *esta* pergunta o corpo de Max com toda a certeza prestou atenção.

Naquele momento ele ficou grato por estar usando shorts largos. Merda. Ele se mexeu.

– O quê? Você está... Por que você está me perguntando isso?

Ela deu de ombros.

– Só curiosidade – disse, cruzando os braços. – Tudo bem se a resposta for “não”. Eu entendo.

Max soltou uma gargalhada.

– Meu Deus. Mulheres! Eu nem respondi à pergunta e você já está imaginando o pior.

– Bem, não sou como a Fay, lá do bar – argumentou ela. – Então consigo entender por que você não iria me desejar como a desejou.

As palavras dela não eram arrogantes nem amargas. Ela estava

resignada, aceitando o que pensava ser verdade, e aquilo fez Max congelar. Como ela podia acreditar no que estava dizendo?

Ele se levantou e deu dois passos na direção dela.

– Não – concordou ele. – Você não é nada parecida com a Fay. Graças a Deus – acrescentou, vendo a surpresa iluminar os olhos dela. – E, só para deixar claro, eu não quis e não transei com ela.

Grace piscou.

– Não?

Max balançou a cabeça.

– Não acredite em tudo o que você ouve.

– Mas ela é tão sexy – retrucou Grace. – E tem peitos incríveis.

Ela parecia genuinamente confusa.

Max bufou.

– Isso ela tem mesmo; mas, em primeiro lugar, eu estava bêbado pra caramba. Em segundo, para um homem, todos os peitos são incríveis, especialmente quando têm a logo da Apple marcada neles.

Max sabia que seu comentário tinha sido um tanto cafajeste, mas a risada de Grace fez o constrangimento dele valer a pena.

– De onde veio tudo isso? – perguntou ele, erguendo os ombros.

– Achei que estivéssemos bem desse jeito.

Max sabia que, se ela esperava mais dele, ele precisaria botar rédeas naquela relação imediatamente.

– E estamos – insistiu Grace. – Nossa, este lugar é maravilhoso.

– Ela apontou para tudo à sua volta. – Eu adoro correr com você e bater papo, é só que...

Max esperou, reparando na dificuldade que sua boca encontrava para achar as palavras certas.

Grace tinha uma boca linda.

Ele ficou agitado.

– Olha – começou ele, sentindo que a amizade dos dois estava prestes a mudar. – Quero ser direto com você: não posso oferecer um relacionamento a *nenhuma* mulher. Estou fodido. Tenho

problemas sérios com apego e confiança. Sou um viciado. Dia após dia me esforço como um louco para seguir com a recuperação, e me envolver com você agora não seria justo com nenhum de nós.

Um pequeno V marcou a sobrancelha de Grace.

– Quem é que falou em relacionamento? Eu estava falando de sexo.

Max riu e apertou o dorso do nariz.

– Sei. – Ele a encarou. – Mas eu não faria sexo com você mesmo assim.

O macho de sangue quente dentro dele perguntava que merda era aquela que ele estava dizendo. E, antes que Grace pudesse ficar ainda mais decepcionada, ele confessou:

– Eu acho você muito, muito atraente.

– Acha?

– Você tem espelho em casa?

Ela sorriu.

– Mas, mesmo assim, você não faria...

– Porque você merece mais – interrompeu ele. – Você merece mais do que um babaca que não pode oferecer nada além de uma transa sem compromisso. Você merece alguém que a leve para sair e a trate direito. – Ele sacudiu a cabeça. – Não sou capaz de fazer isso nesse momento. E não sei se algum dia voltarei a ser capaz disso de novo.

Grace fitou-o por um instante, buscando em seu rosto as respostas para preencher as lacunas do passado dele. O olhar dela provocava coisas esquisitas no peito de Max.

– Certo. Obrigada por ser sincero comigo – murmurou ela. – Aprecio sua honestidade.

Ele abaixou a cabeça.

– Imagine.

Ela esfregou uma mão na outra e começou a correr na direção de casa.

– Pelo menos agora já sei a quem recorrer quando quiser uma transa sem compromisso.

Max sorriu com o molejo exagerado da bunda e dos quadris dela. Que mulher!

■ ■ ■

Desde que chegara à cidade, Max nunca vira o Whiskey tão movimentado. Buck, um colega de trabalho de Ruby, estava fazendo 30 anos e convidou Max para se juntar a eles na comemoração. Já fazia alguns dias, desde sua recaída, que evitava o bar e os convites dos amigos e da família. Mas, além de ser um sujeito teimoso, ele sabia que não conseguiria mais adiar o inevitável. Afinal, ele gostava da atmosfera e das pessoas que frequentavam aquele lugar, e curti passar o tempo livre ali com seu tio. O papo e a comida incontestavelmente deliciosas fizeram com que se esquecesse das tentações éticas.

O olhar dele se voltou para Grace, que abria uma garrafa de cerveja para um cliente.

Era tentador demais.

Precisando de distração, Max se sentou com a prima, o marido dela e os amigos e os ouviu contarem histórias da infância de Buck, de seu comportamento nada exemplar no colégio e de sua obsessão por *Guerra nas estrelas*.

Max aproveitou para contar histórias de quando Ruby era adolescente e recebeu vários tapinhas envergonhados dela, para grande deleite do tio Vince. Max bebericava seu suco de laranja e se divertia com todos os relatos, mas seu olhar continuava a se desviar para o bar, onde Grace trabalhava duro. Como estava linda.

Fazia dois dias que ela tinha perguntado se ele a achava atraente, e, desde então, ele ruminava aquilo.

Max odiara o fato de Grace pensar que era menos atraente do que Fay – que o observava com olhos predadores de sua cadeira perto da mesa de sinuca – e ficara realmente perplexo ao perceber que Grace não tinha noção de como era gata. Por mais que se esforçasse para manter o sexo distante do relacionamento dos dois, Max não era imune aos atributos de Grace.

Deus.

Um ano atrás, ele não teria dado a mínima para os sentimentos dela, para os próprios sentimentos ou para qualquer outra coisa se tivesse uma chance de levá-la para a cama ou pegá-la no banco de trás do carro ou na mesa na oficina... Mas, agora, tudo era diferente.

Depois da reabilitação, ele começou a se importar com essa merda toda. Ele sabia que, por mais que Grace garantisse que tudo o que desejava dele era sexo, as coisas não funcionariam daquela forma; nenhuma mulher lidava com isso tão tranquilamente assim. Alguém sempre saía machucado ou decepcionado. Max tinha sido esse cara, migrando de um rabo de saia para outro sem se importar com o sentimento das mulheres. Ele transava para esquecer e não estava nem aí para o que suas parceiras queriam. Era um babaca.

Mas ele não era mais aquele cara.

Grace era perfeita, irradiava otimismo, e ele não podia brincar com isso. Como dissera antes, ela merecia mais. Merecia ser tratada como uma rainha por um homem que não fosse um egoísta fodido. Merecia um homem que pensasse *nela* 24 horas por dia, sete dias por semana, que a fizesse rir.

Ela se apoiou no bar enquanto conversava com o delegado Yates, que, como sempre, parecia devorá-la com os olhos. Imbecil.

Max pensou que, se pudesse voltar no tempo e responder à pergunta de Grace de novo, ele diria: "Pode crer que sim."

É claro que ele dormiria com ela.

Deus, ele a penetraria até ela gritar. E em todas as posições que conseguisse pensar. Ele a saborearia e faria a pele dela brilhar

exatamente como quando eles corriam. Ele a observaria quando ela gozasse, sabendo que seria incrível, e aí faria tudo de novo até que ela implorasse para ele parar. Grace era o tipo de mulher que merecia ter prazer em tudo...

– Tudo bem por aí? – perguntou Ruby, dando uma risada maliciosa por cima da garrafa de cerveja, ciente de para quem Max estava olhando.

– Sim – respondeu ele, ignorando seu olhar moleque.

Buck bufou.

– É claro que está tudo bem, ele está olhando para a Ri-Ri. – Ele se levantou, rebolando e batendo na própria bunda enquanto cantava, fora do tom, uma música da Rihanna.

Todo mundo riu. Ruby revirou os olhos antes de se aconchegar ao marido.

– Só vocês...

– Ela é uma gata, Ruby – sussurrou Buck enquanto voltava a se sentar. – Não é verdade, Max?

Max não respondeu, achando o bico de seu coturno subitamente fascinante.

– Eu iria morder a bunda dela até não poder mais – continuou Buck. – E depois iria beijar até sarar.

Todos na mesa riram de forma nada respeitosa. Max sabia que Buck era totalmente inofensivo; mesmo assim, as palavras dele causaram um mal-estar em seu estômago.

Buck se endireitou, fitando o bar.

– Eu deveria chamá-la para sair.

– Não faça isso, Buck – disse Ruby. – Você está bêbado.

Buck se levantou, puxando a barra da camiseta do Black Sabbath na tentativa de ficar apresentável. Ele passou as mãos pelos cabelos louros na altura do ombro e foi caminhando, dando uma gingada de leve, até o bar. Max e o grupo de quinze pessoas observaram em silêncio Buck sorrir para Grace e receber um sorriso de volta. Depois

de um momento, ele entregou a ela algumas notas de dinheiro. Grace lhe deu em seguida o que parecia ser um pedaço de papel. Max torceu para que não fosse o telefone dela. Buck piscou para ela e retornou à mesa.

– Mas que droga foi essa? – exclamou Josh.

– É assim que se trata uma mulher, meu caro – respondeu Buck com um sorriso, dobrando o pedaço de papel que Grace lhe dera antes de sacudi-lo na cara de Josh.

Josh tossiu, claramente impressionado.

– É o número dela? Você a chamou mesmo para sair?

Buck se sentou, toda a sua glória desaparecendo, e ergueu o papel.

– Eu tentei. Mas aí ela perguntou o que eu queria, então – ele abriu o recibo – eu pedi umas asinhas de frango para a mesa.

Até Max soltou uma gargalhada.

■ ■ ■

Fazia tempo que Max não se divertia tanto sem a ajuda de substâncias ilícitas. Ele estava sóbrio e limpo e a sensação era boa; sua preocupação inicial por ter ido novamente ao bar tinha se dissolvido naquela atmosfera descontraída. À medida que a noite avançava, Buck ficava mais bêbado e, quanto mais ele bebia, mais engraçado ficava. Ele tocou um rock atrás do outro na jukebox – algo que Max aprovou totalmente – e dançou em cima do banco, apesar de terem dito várias vezes para que ele descesse e tomasse cuidado. Depois, amarrou o cinto na cabeça enquanto fazia uma performance deslumbrante com uma guitarra imaginária, gritando cada palavra de todas as músicas do Led Zeppelin.

– Parece que ele está se divertindo – comentou Grace quando entregou outro suco de laranja a Max.

Max sorriu, observando Buck se exibindo em volta da mesa de sinuca. Ele dançava com todas as mulheres que via pela frente, girando e rodopiando as meninas por todo o bar.

– Ele vai ter uma puta dor de cabeça amanhã.

Max tomou um gole de suco e se virou de novo para Grace, que estava ao lado dele no bar, pegando copos.

– Como você está? – perguntou ele.

– Hum, cansada. Não tenho dormido direito.

Os olhos dela se arregalaram, como se tivesse falado demais. Max assentiu com a cabeça, sem querer dizer nada que fosse deixá-la ainda mais envergonhada. Ela limpou o balcão ao redor do copo de Max, parecendo agitada. Ele queria dizer a ela que sabia como era sofrer de insônia, mas não sabia ao certo como. Ele não queria falar sobre Lizzie ou Christopher, apesar de eles serem os principais motivos dos terrores noturnos dele.

Max abriu a boca para explicar que entendia, que ele a ouviria se ela quisesse, mas foi interrompido de repente. Um braço suado se enrolou no pescoço dele, exalando um fedor de cerveja.

– Maaaaaaaax! – Buck o abraçava forte. – Eu sabia que iria encontrar você aqui com a bela Grace. – Buck apontou para Max e disse: – Ele gosta de você.

– Buck – repreendeu Max, afastando-o. – Por favor, cara.

– Viu? – exclamou Buck. – Ele está todo envergonhado e tal porque aaaaaaama você.

As bochechas de Max ficaram quentes. Se era de irritação ou de constrangimento, ele não sabia, mas a risadinha que ouviu de Grace o aliviou por um momento.

– E por que ele não amaria você, né? – continuou Buck. – Você é tão bonita.

Grace corou e abaixou os olhos, fitando o chão.

– Você é – confirmou Buck, perdendo o equilíbrio de leve. – Eu acho você mari... maru... maravilhosa. – Ele deu um passo na

direção dela. – E você deveria dançar comigo porque é meu aniversário.

– Ah – disse Grace, balançando a cabeça e andando para trás. – Eu não danço.

– É claaaaaro que dança – insistiu Buck, aproximando-se dela.

Ela colocou as mãos no peito de Buck e meneou a cabeça.

– Não, não danço, Buck. Por favor.

Max viu o pânico nos olhos de Grace quando suas costas atingiram o bar. Ele segurou o braço de Buck.

– Ela não quer.

– Quer, sim.

Buck pegou as mãos de Grace e as segurou firme, balançando e cantarolando. Ele a puxou para si, envolvendo-a com os braços, fazendo-a parecer minúscula perto do corpo enorme dele.

– Me solte – disse Grace, em um fio de voz.

– Ah, vamos lá, só uma música, meu bem. Só uma.

– Buck – chamou Max, sua mão agora no ombro dele.

– Por favor, me solte – pediu Grace. – Você está me apertando demais. Eu não consigo... – Ela tentou se desvencilhar dos braços dele. – Não consigo me mexer. Não consigo respirar.

Buck a puxou para longe do bar, girando enquanto Max tentava fazer os ouvidos embriagados do filho da mãe ouvirem.

Os olhos de Grace estavam fechados.

– Buck – repetiu ela, debatendo-se.

Buck riu, sua mente enevoada pelo álcool acreditando que ela estava se divertindo.

– Me solte – suplicou, tentando se afastar dele mais uma vez. Seu rosto se contorceu e um respiro trêmulo preencheu seus pulmões. – Buck! Me solte! Me solte, Buck!

O grito ricocheteou pelo bar. Cabeças se voltaram imediatamente na direção dele enquanto Grace lutava contra o homem que a segurava.

– Me solte! Me solte! Agora! Agora!

Buck soltou Grace como se tivessem jogado água fervendo sobre ele, cambaleando para trás até uma mesa próxima, já arrependido e apavorado. Depois de um momento em que todo o bar pareceu prender a respiração sob os acordes cada vez mais baixos do Def Leppard, Max tentou, lentamente, tocar em Grace. Ela deu um tapa em sua mão.

– Não. Não faça isso!

Os ombros dela se arquearam, os joelhos ficaram vacilantes e os olhos se apertaram, enquanto ela se abraçava com força. Max observou, impotente, enquanto a respiração dela acelerava e ela gritava que estava tendo uma crise de pânico.

– Grace – murmurou ele. – Você está bem? – Ela sacudiu a cabeça, tentando respirar. – Grace – repetiu Max, dispersando a multidão de clientes preocupados com um aceno. – Ouça, você está segura. Ninguém vai te machucar. Você está segura. Só respire.

– Me desculpe, Grace – disse Buck, enrolando a língua. – Eu não queria te assustar. Eu só estava...

O delegado Yates, que se aproximara pelo outro lado do bar, tocou no ombro de Grace, fazendo-a gritar de surpresa. Seus olhos se abriram de supetão, arregalados e desesperados, fazendo Max prender a respiração.

O que havia acontecido na vida daquela menina?

Seu olhar apavorado encontrou o de Max.

– Está tudo bem – sussurrou ele, tentando sorrir. – Ok?

Ela engoliu em seco, sua respiração ainda acelerada e ofegante.

– Eu... Eu não consigo... Por favor...

Max arriscou dar um passo na direção dela.

– Me diga do que você precisa.

Ela deixou um soluço escapar. E tentou segurá-lo com a mão trêmula.

– Por favor, eu... Casa. Max, por favor. Me leve para casa. Preciso

ir para casa.

■ ■ ■

Grace não falou nada no trajeto até a pensão. Ao ouvi-la dizer que precisava sair do bar, Max colocou sua jaqueta nos ombros dela, sabendo que os tremores começariam logo, e praticamente a carregou até a caminhonete, ignorando a expressão furiosa do delegado e sua insistência de que era ele quem tinha que levá-la.

Imbecil.

Max olhava para Grace a cada minuto enquanto dirigia. Vê-la tão assustada e triste fez o peito dele doer; a mulher ao seu lado era uma mera sombra da Grace vibrante e feliz que ele conhecia. Ele estacionou e desligou o motor. Ela nem se mexeu. Ele tocou na perna dela com as pontas dos dedos. Ela se assustou, como ele sabia que iria acontecer.

– Chegamos – disse ele de forma delicada.

Ela olhou pela janela, retornando de onde quer que estivesse durante seu silêncio. Abriu a porta da caminhonete antes que Max pudesse dar a volta no veículo e começou a atravessar o estacionamento correndo, agarrando a barra da jaqueta que vestia com tanta força que as articulações de seus dedos ficaram brancas. O casaco a engolia, mas a mantinha quente. Ele a seguiu escada acima, grato por seu quarto ser de frente para o dela. Se ela precisasse de qualquer coisa, conseguiria chegar ali rápido. Grace pegou a chave, mas sua mão tremia tanto que ela não conseguiu encaixá-la no buraco da fechadura.

Ela resmungou um palavrão antes de Max pegar a chave e abrir a porta. Ela entrou e Max ficou parado, arrasado. Ele precisava se certificar de que ela ficaria bem sozinha. Porém, não queria assustá-

la ainda mais. Um homem dentro do seu quarto era o que ela menos precisava agora. Isso estava claro.

– Pode entrar – murmurou ela.

Grace ligou o abajur, tirou os sapatos e desabou na beirada da cama. Max fez o que ela pediu, aproximando-se com cautela, e fechou a porta atrás de si. Depois de um momento em silêncio olhando para o chão, Grace cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar. Com cuidado, Max se agachou na frente dela, colocando a mão em seu braço.

– Sou tão idiota – conseguiu dizer em meio às lágrimas. – *Tão* idiota.

– Ninguém acha isso – garantiu Max.

No máximo, todo mundo no bar tinha ficado apavorado com o que acontecera. Para falar a verdade, ele sentiu pena de Buck. Ela certamente o ajudara a ficar sóbrio.

– Fazia... tanto tempo que eu não... Eu não tinha isso há algum tempo. Eu pensei... que estar aqui... Eu achei que estava conseguindo esquecer.

O polegar de Max se moveu pela pele dela, tentando acalmá-la. Ela esfregou o rosto e secou os olhos.

– Me desculpe mesmo.

– Você não tem por que se desculpar – disse ele com firmeza. – Isso acontece, acredite em mim.

Ela deu uma risada sarcástica.

– Acho que somos dois problemáticos, né?

Max concordou com a cabeça.

Grace fechou os olhos vermelhos e expirou.

– Estou tão cansada.

– Melhor eu deixar você dormir – sugeriu Max, levantando-se devagar.

– Essa é a questão – reclamou ela, batendo com a palma da mão na perna. – Não consigo. Tomo meus comprimidos e mesmo assim

fico acordada. Ou então tenho pesadelos e fico assustada demais para fechar os olhos de novo.

O rosto dela se contraiu, a frustração enrijecendo seus ombros e as lágrimas rolando novamente pelo seu rosto.

Max coçou a nuca, impotente.

– O que posso fazer? Quer uma bebida? Um banho de banheira? Posso preparar um banho de banheira, se você quiser.

Grace fungou e limpou a garganta.

– Poderia... Você poderia ficar? Só um pouquinho. Talvez assim eu consiga pegar no sono. E eu... Eu não quero ficar sozinha.

– Claro – respondeu Max sem pestanejar. – Deite-se.

Ele atravessou o quarto para se sentar na poltrona de encosto alto no canto do quarto, revivendo o dia em que ele mesmo tinha acordado da crise de pânico na clínica e encontrara Elliot a seu lado. Grace não retirou uma peça de roupa; nem mesmo a jaqueta de Max. Ela simplesmente se enfiou debaixo das cobertas e se acomodou.

– Obrigada, Max – murmurou ela, suas palavras abafadas pelo travesseiro.

– De nada.

Levou um tempo para que sua respiração se normalizasse, seus músculos tensos relaxassem e ela adormecesse. Não pareceu estranho a Max o fato de ele ficar sentado ali, sob a luz fraca do abajur, vendo Grace dormir. Parecia natural ela ter pedido que ele ficasse, e ele sabia que estava fazendo a coisa certa. Max sentia que seria errado qualquer outra pessoa além dele próprio estar ali, principalmente aquele policial babaca cujos olhos denunciavam a atração que sentia por ela. Max se recostou na poltrona, confortável, quente, e a observou. Deu uma olhada no relógio digital na mesa de cabeceira.

Era meia-noite.

Ele ficaria ali mais meia hora e, depois, iria embora.

■ ■ ■

Max foi arrancado de um sono inesperadamente profundo por um grito desesperado. Ele se ergueu de imediato, atordoado e assustado, se perguntando onde diabos estava e que merda estava acontecendo. Recuperando a consciência, ele olhou para a cama e viu Grace lutando contra os lençóis, chorando e berrando coisas ininteligíveis que fizeram os ossos de Max gelarem.

Com pernas pesadas do sono, ele correu até a cama. O suor manchava o rosto contorcido dela.

– Grace. Está tudo bem.

A voz dela estava rouca dos gritos.

– Rick, não! Por favor, não!

Max agarrou os braços agitados dela antes que ela pudesse se machucar e segurou suas mãos.

– Grace, você está segura.

Mas ela continuou lutando.

Foi só quando Max – em um momento de loucura e sem encontrar outra solução – se deitou na cama ao seu lado, apertando-a contra o peito, que ela começou a se acalmar. A agitação foi diminuindo aos poucos, deixando-a sem fôlego. Ela se agarrou à camiseta de Max como quem se agarra a um salva-vidas.

– Está tudo bem – sussurrou ele. – Estou aqui. Não vou deixar ele machucar você.

Ele sussurrou palavras de proteção em seu ouvido, até que ela relaxou novamente, seu corpo pequeno se aninhando ao dele como um molusco. Mas não tinha problema. Se era de um corpo quente que ela precisava, Max ficava feliz em oferecer o seu. Ela resmungou e murmurou no pescoço dele e Max a abraçou mais forte. Ele fez carinho em seu cabelo por mais algum tempo até também ser tomado pela exaustão.

15

Max estava sozinho quando acordou. Com os olhos pesados e cansados, ele deu uma olhada em torno do quarto, procurando por sinais da presença de Grace. Ele a chamou duas vezes, mas não obteve resposta. Max se espreguiçou e grunhiu, odiando a sensação de ter dormido de roupa, e levantou da cama, pegando a jaqueta que havia colocado nos ombros de Grace na noite anterior. Ele saiu de fininho, dando uma checada no corredor, e entrou em seu quarto.

Ele precisava de um banho quente e demorado; tinha muito em que pensar.

Desde o momento em que ele e Grace se conheceram, Max se admirara com a capacidade dela de se manter tão íntegra, segura e positiva. Ele já tinha admitido, algumas semanas antes, que gostava de tê-la ao seu lado. Obviamente, ela era um colírio para os olhos, mas era mais que isso. Na verdade, ela apaziguava um pouco da dor dele com seus sorrisos e seu entusiasmo, fazendo Max esquecer as merdas da vida e se concentrar nas coisas boas.

Ele gostava dela. Ficaria feliz em chamá-la de amiga. E presenciar sua amiga desandar daquele jeito, vê-la tão destruída, foi difícil de engolir.

Limpo e vestido, Max foi até a cozinha, e o som do Lynyrd Skynyrd e o barulho das panelas denunciavam a presença de seu tio ali. Vince sorriu quando viu Max e imediatamente lhe ofereceu um pedaço quentinho de torrada com manteiga.

– E aí, filho? – perguntou ele, jogando um pano de prato em cima do ombro e mexendo uma panela de alguma coisa que tinha um cheiro espetacular.

Max falou com a boca cheia.

– Tudo certo. Viu Grace hoje?

O rosto de Vince ficou preocupado.

– Ela saiu cedo. Acho que está lá na casa. Não falou muito. Será que ela ficou bem depois da noite de ontem?

Max deu de ombros, limpando as mãos cheias de migalhas na calça jeans.

– Ela ficou bastante assustada.

Max explicou que a tinha levado para o quarto dela, mas não comentou nada sobre o pesadelo. Aquilo era pessoal. Ele sabia que Grace não iria gostar que as pessoas soubessem, e não cabia a ele contar.

Vince se apoiou no balcão da cozinha.

– Buck está arrasado. Ficou tagarelando sobre mandar rosas para ela, perguntando para o Caleb se ele iria preso ou qualquer coisa assim. – Um sorriso torto curvou os lábios dele. – Eu o acalmei.

– Ela sabe que ele só estava bêbado – garantiu Max. – Vou lá ver se ela está bem.

O sorriso de Vince se alargou. Ele assentiu com a cabeça.

– Isso é muito legal da sua parte. Diga a ela que, se precisar de alguma coisa, é só pedir, tá?

– Vou dizer.

Max foi até a casa de Grace, parando no caminho para comprar café e muffins, e estacionou na frente do que agora era um imóvel de dois pavimentos bonito, limpo e recém-pintado. Ainda havia alguns retoques a serem feitos aqui e ali, mas já estava incrível.

Max bateu na porta da frente uma vez antes de entrar. A seu ver, até que seu tio entregasse as chaves a Grace, ainda era uma obra e ele trabalhava nela. Danem-se as boas maneiras.

Os acordes de “I Heard It Through the Grapevine” chegaram até ele, vindos da sala de estar. Ele encontrou Grace sentada de pernas cruzadas no chão de madeira, de cabelo preso, vestindo um moletom largo, leggings e tênis, rodeada por sacolas e caixas. Ela via algumas fotos enquanto a música tocava no celular ao seu lado.

Ele ergueu os copos de café e o saco com os muffins.

– Trouxe sustância.

Ela levantou a mão sem erguer os olhos.

– Shhh, você está atrapalhando Marvin Gaye.

Max sorriu e se aproximou quando Grace o chamou para se juntar a ela. Ele se sentou a seu lado e lhe entregou o saco de papel.

– Obrigada. Eu sabia que alguém ouviria meu estômago roncar.

Ele ergueu a tampa do copo e tomou um gole de café.

– O que você está fazendo?

Ele deu uma olhada curiosa para os incontáveis pacotes espalhados.

Grace suspirou e desligou a música.

– Comprei algumas coisas de decoração para a casa, e chegaram hoje. Eu tinha esquecido completamente depois do que acon... Bem, de qualquer forma, recebi uma ligação do entregador logo que amanheceu, perguntando onde eu estava. Vim correndo para cá.

Max franziu a testa.

– Não ouvi seu celular tocar.

– Você dorme bem pesado.

Grace abriu o saco de muffins, evitando fitá-lo.

– Parece que sim.

– Aliás, obrigada – sussurrou ela. – Por ter ficado comigo. Eu... Significou muito.

– Sem problema. Como se sente?

Ela deu de ombros.

– Uma idiota. Envergonhada.

Max balançou a cabeça.

– Não fique. Você não fez nada de errado.

Ela respirou fundo.

– Quer conversar sobre isso? – perguntou Max.

Grace pareceu analisar a oferta de um ombro amigo antes de olhar para longe.

– É uma história muito longa, muito... difícil de contar.

Max cutucou seu muffin, compreendendo a recusa dela em compartilhar aquilo. Ele não sabia ao certo como se posicionar. Ele queria ajudá-la, queria saber quem era Rick e o que ele tinha feito com ela. E queria que ela confiasse nele.

– Você sabe que Brooks não é meu nome de solteira, né?

Ela falava baixinho.

Max confirmou com a cabeça.

– Ouvi dizer.

Grace mordeu o lábio inferior, ocupando-se com uma das caixas.

– Rick era seu marido?

Ela se virou tão rápido para ele que seus olhos quase saltaram das órbitas.

– O quê? Como... Por que você está perguntando isso?

– Ontem à noite você gritou seu nome enquanto dormia, como se estivesse com medo dele.

Grace cobriu o rosto com as mãos.

– Deus – murmurou. – Sinto muito por você ter presenciado isso, Max. Me desculpe mesmo. Eu...

– Que tal você parar de pedir desculpas? – insistiu ele, com a boca cheia de muffin. – É sério. É irritante.

Um sorriso torto apareceu em sua boca. Após um momento de silêncio, ela ergueu o queixo, endireitou os ombros e olhou diretamente nos olhos de Max.

– Sim – respondeu ela. – Rick era meu marido.

Max tentou aparentar indiferença diante da confirmação, mas

não tinha certeza se havia conseguido. Ele cutucou o muffin, subitamente sem fome, e esperou que ela prosseguisse. Ela não continuou. Ficou prestando atenção em seu café, sem dizer uma palavra, deixando o ar pesado. Max se mexeu, um pensamento alarmante tomando conta dele.

Talvez ela estivesse esperando que ele também compartilhasse algo.

Merda, ele não sabia se conseguiria fazer isso. Já tinha sido ruim abrir-se com Elliot, imagine repetir a dose com Grace! Ele a observou enquanto ela retirava alguns quadros bem coloridos das sacolas e pensou em como devia ter sido difícil, para ela, compartilhar até mesmo uma informação mínima. Ela *confiava* nele; nada mais justo do que retribuir da mesma forma.

Ele se recompôs e respirou fundo.

– Eu já fui noivo uma vez.

Grace o encarou, a boca se abrindo.

– O nome dela era Lizzie.

Pronto. Toma lá dá cá. Apenas dois amigos conversando. Compartilhando. Fácil. Seus batimentos cardíacos acelerados sugeriam o contrário.

– E ela partiu o seu coração.

A afirmação de Grace ficou flutuando em torno deles como uma nuvem negra, provocando uma confirmação brusca de Max com a cabeça. Aquilo era tudo que ele conseguiria fazer; sua garganta estava bloqueada.

– Rick e eu ficamos noivos quando minha mãe morreu.

Max olhou para ela, reconhecendo a força característica de Grace. Ele abaixou a cabeça para que ela continuasse.

– Meu irmão, Kai, nunca gostou dele, dizia que não prestava. Mas eu estava completamente apaixonada. Nós nos conhecemos no bar onde eu trabalhava e estávamos juntos havia um ano e meio; e eu estava decidida a me casar com ele.

Ela empurrou as sacolas e as caixas para longe, segurou o copo de café perto de si e falou olhando para o chão.

– O casamento foi simples, mas Rick me tratava como uma princesa. Compramos um apartamento, falávamos sobre ter filhos, aquela coisa toda. Eu estava ridiculamente feliz.

Max se aproximou, seu ombro tocando de leve no dela.

– O que mudou?

Ela sorriu com tristeza.

– Ele foi promovido no trabalho e... nada, nunca mais, foi a mesma coisa. – Ela puxou os joelhos para perto do peito. – Antes de nos casarmos, Rick sempre dizia como eu era linda, como ele tinha sorte de ter uma esposa tão maravilhosa. Ele gostava de me exhibir e eu gostava quando ele fazia isso. Me sentia bem por ter um marido que me desejava.

As bochechas dela coraram com a confissão.

– Desde a faculdade ele trabalhava com publicidade; eram jornadas longas e uma carga de trabalho imensa. Ele festejava tanto quanto trabalhava, mas nunca me ocorreu que eu deveria me preocupar. Rick era cheio de vida. Era isso que me atraía nele. Enfim, depois de meses mal nos vendo, ele foi promovido a um posto superimportante. Ele ficou nas nuvens. Para comemorar, teve uma festa no escritório. Comprei um vestido novo. Eu queria estar especialmente bonita para ele, para que tivesse orgulho de me ter ao seu lado. – Ela fez uma pausa. – Olhando para trás, vejo que comprei aquele vestido porque já sabia que algo estava errado. Ele andava distante, instável, pouco atencioso, mas eu achava que era tudo por causa da quantidade de trabalho. Ao batalhar para conseguir a promoção, começou também a beber. Todos os dias. Tinha sempre uma garrafa de alguma coisa no balcão da cozinha quando eu levantava de manhã.

Max virou o corpo na direção dela.

– A noite toda, ao longo daquela festa, os colegas de Rick não se

cansavam de repetir que formávamos um belo casal, que eu era linda, que Rick era sortudo por eu ser sua mulher. Ele agradecia e sorria, mas seus olhos diziam algo diferente. – Ela puxou os joelhos para perto do corpo e inspirou. – Enfim, quando chegamos em casa, Rick me acusou de flertar com seus colegas de trabalho, de envergonhá-lo. Eu o chamei de louco e ele me imprensou contra a parede, dizendo que eu precisava aprender a ter respeito... – Ela deu um longo suspiro. – E ele não foi gentil.

O estômago de Max revirou.

– Caramba, Grace.

– Eu não conhecia aquele homem. Ele era um estranho. O tempo todo ele me dizia como eu provocara, como eu o tinha humilhado me vestindo como uma puta, como eu adorava que toda a atenção estivesse voltada para mim e não para ele. – Ela esfregou as mãos no rosto. – Foi só depois que descobri que ele estava não apenas bêbado, mas também chapado – ela olhou para Max – de cocaína.

Max piscou, ciente de que não devia ter ficado surpreso, mas ficou perplexo mesmo assim.

– Puta merda!

Ele abaixou a cabeça, o queixo tocando em seu peito.

– Ele se envolveu com uns caras que conheceu no trabalho e começou a cheirar direto para lidar com o estresse do escritório. E conseguiu manter tudo em segredo. Cheirava para conseguir cumprir os prazos. Mais tarde, fiquei sabendo que ele já era usuário assíduo durante a faculdade, antes de nos conhecermos. Toda noite era a mesma coisa: ele saía, enchia a cara, ficava chapado, voltava para casa e descontava em mim.

– Por que você continuou com ele? – questionou Max.

Ele tentou impedir que a incredulidade transparecesse em sua voz; afinal quem era ele para julgar os outros por tomarem decisões ruins?

– Eu tentava me afastar, mas ele se desculpava – respondeu

Grace, com indiferença demais para o gosto de Max. – Prometia que iria mudar, implorava por outra chance. Ele me levava para sair e fazia amor comigo como no começo do nosso namoro. Voltava a ser o homem pelo qual me apaixonei, o homem com quem me casei, por um ou dois dias, e aí...

– E aí ele batia em você.

A expressão no rosto de Grace era tudo de que ele precisava.

– Espero que esse desgraçado esteja apodrecendo em uma cadeia em algum lugar – grunhiu Max, passando as mãos pelos cabelos.

– Ele está em liberdade condicional, morando no apartamento que compramos lá na Califórnia.

A pergunta que não foi pronunciada deve ter transparecido no rosto de Max.

– Ele ficou dois anos preso em uma penitenciária estadual por agressão, depois de ter fraturado meu quadril, perfurado meu pulmão e me quebrado três costelas na noite em que eu disse que ia deixá-lo.

A revolta cresceu dentro de Max. Tantas coisas a respeito de Grace faziam sentido agora. A lesão que doía quando eles corriam, o medo que sentira do comportamento de Buck e o ataque de pânico subsequente. A desconfiança constante quanto às investidas e os gracejos do delegado inconveniente, sua necessidade desesperada de ser independente, de mostrar ao desgraçado do ex-marido que poderia assumir o controle da própria vida, mesmo depois de tudo o que ele fizera a ela.

Apesar do que sofreu nas mãos do homem que deveria amá-la e protegê-la, ela estava seguindo em frente, sendo forte, encontrando o lado bom das coisas. O respeito dele pela mulher ao seu lado se multiplicou exponencialmente.

O que não tinha explicação, no entanto, era por que ela quisera se aproximar de Max. Por que ela desejava ser amiga de um viciado

em recuperação quando tinha sofrido tanto nas mãos de outro? Era um teste?

– Sei o que está pensando – murmurou Grace. – E está errado. Você não tem nada a ver com ele. Nada mesmo, acredite em mim.

Max bufou e apoiou os braços nos joelhos dobrados.

– Somos todos iguaizinhos – respondeu ele desanimado, os olhos fixos no chão entre seus pés. – Viciados. Nossos cérebros são programados de forma idêntica. Queremos as mesmas coisas e não damos a mínima para quem machucamos para consegui-las.

– Você espancou a mulher que amava? Estuprou? Abusou dela usando as palavras mais vis?

– Não – negou Max com veemência, ofendido com as perguntas.

– Eu nunca... Eu a amava, eu... Nunca.

Grace sorriu tristemente.

– Viu? Nada parecido.

Max mexeu no cabelo, nervoso.

– Não é bem assim, Grace. Posso não ter feito essas coisas, mas cumpri minha cota de cagadas. Cagadas de que não me orgulho, coisas em que ainda estou trabalhando. – Ele suspirou. – Você não deveria querer nada comigo.

– Sou grandinha – respondeu ela. – Posso tomar minhas próprias decisões.

Max não tinha tanta certeza assim. A vontade de sair dali e salvá-la de seu passado, de seu vício e de seus erros cresceu em seu estômago. Mas a verdade era que por nada no mundo ele se afastaria dela.

– Sabe o que vi quando olhei para meu marido pela última vez no tribunal? – perguntou Grace. – Vi ódio. Vi um monstro libertado por toda aquela droga e toda aquela bebedeira. Vi segredos, ameaças. Vi um homem que estava a um passo da própria destruição. Vi um homem que teria me matado, se um vizinho que ouviu meus gritos não tivesse chamado a polícia. Não havia ali nem

a sombra do homem com quem me casei. – Ela acariciou o ombro dele. – Sabe o que vejo quando olho para você?

Max balançou a cabeça com fervor.

– Prefiro não saber...

– Vejo um homem que quer muito melhorar, que se arrepende das decisões ruins que tomou, que quer consertar as coisas e seguir em frente com a vida. Vejo um homem morrendo de medo de se arriscar e de confiar, mas desesperado para fazer isso. Vejo um homem em frangalhos, mas que está tentando. Vejo esperança.

Ele olhou para ela com uma expressão de dúvida, perplexo demais para falar, receoso demais para acreditar nela.

– Você é um bom homem, Max – declarou ela, levantando-se com um grunhido e limpando a sujeita da bunda com as mãos. – Agora pare de pensar nisso e me ajude com estas caixas.

E, assim, ela deu por encerrada a conversa.

■ ■ ■

Grace ainda estava um pouco grogue. Sempre ficava assim no dia seguinte a uma crise. Era como nadar em concreto molhado. Todo o seu corpo estava pesado e rígido, mas ela não iria permitir que isso a atrapalhasse, não quando tinha sua nova casa para embelezar. Ela olhou para Max, equilibrando-se em uma escada, pendurando um quadro grande na parede. Havia uma expressão de concentração em seu belo rosto.

Despertar ao lado de Max aquela manhã tinha sido uma surpresa, para dizer o mínimo. Uma surpresa boa. Ela acordara confusa, com uma dor de cabeça de arrancar os cabelos e sem conseguir se mexer. O braço de Max envolvia sua cintura com firmeza, o peito pressionava suas costas, o nariz se encaixava na

curvatura de seu pescoço. Estavam dormindo de conchinha, um verdadeiro clássico.

Ela nem sequer se lembrava de ele ter se deitado na cama com ela, mas se sentiu reconfortada com sua atitude. Ele era mais cuidadoso e atencioso do que imaginava. O fato de ele ter ido atrás dela com café e muffin demonstrava isso. Mas ele estava tão acostumado a bancar o lobo mau que não conseguia ver que era uma boa pessoa. É claro que ainda tinha muita coisa a trabalhar – Grace não era tão ingênua assim –, mas ele era muito melhor do que acreditava ser.

– Está bom assim? – perguntou ele, segurando o quadro na parede, seus braços grandes muito esticados e seus ombros largos quase saltando, deliciosamente, da camiseta vermelha.

Grace cruzou os braços em cima do peito, admirando a vista.

– Hum, mais para a esquerda. – Ele fez o que ela pediu. – Um pouquinho para a direita. – Novamente, ele obedeceu. – Para cima. – Ele suspirou. – Para baixo.

– Grace.

– Agora para a esquerda. Direita.

Ela disfarçou o riso quando ele se virou para olhar para ela.

– Está de brincadeira comigo?

– Ah, relaxe – disse ela com um aceno.

– Vou relaxar quando você tomar uma decisão, droga – grunhiu ele, mas Grace viu o sorriso que ele tentou esconder.

– Assim está perfeito.

Eles mataram a corrida naquela manhã – ambos cansados demais após os acontecimentos da noite anterior – e, como nenhum dos dois iria trabalhar, começaram a colocar os quadros, os espelhos e as obras de arte que Grace tinha comprado. Max não questionou quando ela lhe pediu ajuda e trabalhou sem descanso a tarde toda, indo inclusive até à cidade buscar almoço para ambos.

Sua atitude descontraída e sua aceitação daquilo que ela havia

Ihe contado fez Grace se afeiçoar a ele ainda mais. Fazia tempo que ela não se abria assim com alguém – alguém que não fosse da família ou que não estivesse sendo pago para ouvir. E não tinha sido tão difícil quanto ela imaginou que seria. Max ouviu atentamente, como sempre fazia. Ela não viu pena em seus olhos grandes e escuros, apenas raiva, inquietação e, talvez, culpa.

Mas aquilo era simplesmente ridículo. Ele podia argumentar quanto quisesse, mas Grace tinha certeza de que Max era um homem bom. Ela não sabia por que ele se envolvera com drogas. Mas era óbvio que ele não tinha nada a ver com Rick.

Nada.

Ela cantarolou enquanto pendurava outro quadro. Tratava-se de um pedaço de tecido desgastado estampado com uma citação de Martin Luther King: “Devemos aceitar a decepção finita, mas nunca perder a esperança infinita.” Aquele quadro era o preferido de sua mãe e tinha ganhado lugar de destaque no corredor. Seria a primeira coisa que os convidados veriam ao entrar na casa.

Ela se afastou para observar o quadro, subitamente ciente de que Max não estava fazendo barulho algum do outro lado do cômodo. Ela se virou e o pegou fitando-a, com uma expressão tensa no rosto, os braços cruzados.

– O que foi? – indagou ela.

– Foi por isso que você me perguntou? Por causa do que ele fez com você?

Grace franziu a testa.

– Perguntei o quê?

– Aquele dia, quando fomos correr, você perguntou se eu a achava atraente, se faria sexo com você. Foi por causa do que ele fez?

Ah. Isso.

As bochechas de Grace ficaram vermelhas.

– Mais ou menos – respondeu ela. – É um pouco complicado.

Max permaneceu em silêncio, esperando.

– Já tentei ficar com alguém duas vezes depois de Rick, e ambas foram desastrosas.

E ela estava sendo generosa. A primeira tentativa acabou com uma ida ao pronto-socorro, quando Grace não conseguiu respirar por causa das lembranças horríveis que martelaram sua cabeça assim que ele ficou sobre ela. A segunda vez tinha sido igualmente terrível.

Ela se aproximou de Max.

– Eu não conseguia lidar com eles... em cima de... me segurando, me apertando com muita força. Para falar a verdade, eu tinha problema com qualquer contato mais íntimo. Não foi necessário que minha terapeuta explicasse o porquê.

– Então por que seria diferente se eu tocasse você? – perguntou Max, erguendo a sobrancelha.

Grace sorriu.

– Porque você é o primeiro homem de quem eu quis me aproximar de verdade desde que tudo aconteceu. Não nesse sentido – explicou ela quando notou um certo desconforto em Max. – Eu desejava conhecer você, ser sua amiga. Me sinto segura ao seu lado. Não quero sair correndo e me trancar em um quarto para mantê-lo longe de mim. – Grace limpou a garganta, o constrangimento pinicando seu pescoço. – Então pensei que... como consigo ficar ao seu lado, talvez consiga ficar *com* você.

Os olhos de Max se arregalaram ao compreender o que ela dizia.

– Entendi.

Grace deslizou o pé descalço pelo chão.

– Você viu o que aconteceu quando Buck me tocou. Você acha que quero que aquilo aconteça pelo resto da minha vida toda vez que alguém se aproximar? – A raiva borbulhou dentro dela. – Eu odeio o fato de *e/e* ter poder sobre mim, mesmo que a gente esteja separado há tanto tempo. Odeio o fato de *e/e* ainda ditar com quem

posso ficar, de quem posso ser amiga. Ele não merece esse poder. Ele não fez nada para merecê-lo.

– Concordo. Você não deve deixar que ele controle a sua vida.

– Eu quero ser sexy de novo. Quero ser intensa e não ter medo de ser sensual.

Os olhos deles se encontraram por um breve momento, até que Max desviou o olhar, inspirando fundo. Ele esfregou o rosto. Grace observou aqueles dedos longos e sentiu...

– Posso ser honesto com você? – perguntou ele, a expressão sincera, porém dividida.

– É claro que pode.

Ele fez uma pausa, abrindo a boca uma série de vezes sem falar nada. Coçou a cabeça e passou o peso do corpo de uma perna para outra.

– Você é gostosa – disse ele afinal. – E é sexy pra caramba; não deveria duvidar disso, muito menos se preocupar com isso. Seis meses atrás, eu teria transado com você do jeito que você quisesse. – Ele ficou olhando para ela. – Eu *hoje* transaria com você do jeito que você quisesse.

Grace engoliu em seco.

– Certo.

– Mas, como eu disse, você merece mais que isso.

– Mas eu não quero mais que isso, Max – argumentou ela.

Max pareceu estar em dúvida. Grace deu um passo adiante.

– Certo – começou ela. – Hipoteticamente falando, se você concordasse com isso, quais seriam os seus termos, os seus limites?

– “Isso” seria a gente transar? – quis esclarecer ele.

– Sim.

Ele ergueu o queixo, seus olhos passeando pelo corpo dela de um jeito que fez a pele de Grace esquentar.

– Nada de conchinha, de papinho fofo, de apelidinhos carinhosos ou de beijos.

Grace inclinou a cabeça.

– Nada de beijos e ponto final ou...

– Na boca – respondeu ele. – É íntimo demais.

Grace deu um sorriso malicioso.

– Muito *Uma linda mulher* da sua parte.

– Uma o quê?

Ela fez um aceno com a mão.

– Esquece. Parecem termos justos.

Até mesmo a conchinha. Ela não ia contar a ele que tinham dormido de conchinha a noite toda. Seria um segredo seu.

– Nada de promessas, nada de expectativas – acrescentou ele, contando com firmeza as restrições nos dedos. – Usamos camisinha.

– Ele apontou para ela, sua expressão séria. – É essencial para mim.

– É claro. Eu não esperaria outra atitude de você. Mais alguma coisa?

Ele apertou os lábios.

– Acho que não. Desde que fique claro que somos amigos, nada mais. Nada de relacionamento, nada de amor, nada de merda nenhuma.

A amargura permeava cada palavra dele, mas Grace concordou com a cabeça mesmo assim.

– É claro. Você é só um amigo me ajudando a seguir em frente – disse ela, como se estivesse lendo aquilo num livro. – Tentamos uma vez e vemos o que acontece. Tudo bem?

– Tudo bem.

Grace lambeu os lábios, a excitação correndo em suas veias.

Max pigarreou e se mexeu sem sair do lugar.

– E se você não ficar bem na primeira vez?

Grace ergueu um ombro, rezando por tudo o que era mais sagrado para que ficasse. Seria horrível ter outra crise de pânico na frente de Max.

– Aí podemos tentar de novo – respondeu ela, sua entonação

ficando aguda, como se fosse uma pergunta. – A gente vai fazer isso até eu conseguir que você me toque sem pirar como uma idiota, até eu encontrar alguém que possa me amar, com meus problemas e tudo mais.

Ela sorriu, mas Max não sorriu de volta. Ela compreendia a hesitação dele, é claro; aquilo era algo grande. Mas Grace não se permitiu pensar que, se eles criassem esse tipo de intimidade, talvez a amizade deles acabasse. O posicionamento dele quanto a essa questão fora claro e Grace o respeitaria. Além de tudo, ela acreditava que não deixaria que sentimentos platônicos atrapalhassem tudo. Não mesmo. Ela olhou bem nos olhos de Max.

– Não vai ficar esquisito. Prometo.

– Ótimo. – Os ombros dele relaxaram; ele pareceu aliviado. – E quanto a você? – perguntou após um instante de silêncio. – Quais são os seus limites?

Ela piscou para ele, surpresa com a pergunta.

– Grace, não quero tocar em você e te deixar em pânico – acrescentou ele. – Para isso dar certo, preciso saber o que posso e o que não posso fazer.

Grace lambeu os lábios e pensou no que a *faria* entrar em pânico, no que a assustaria. Olhando para Max, tão sério e responsável, ela refletiu por alguns instantes.

– Eu... não gosto que me segurem – explicou ela, lembrando-se da noite anterior. – Como você viu Buck fazer, não consigo suportar ser... Eu fico claustrofóbica. – Ela jogou o cabelo por cima do ombro. – Preciso poder mover minhas mãos.

– Entendido. O que mais?

O coração dela acelerou ao recordar certa vez com o marido. A voz raivosa de Rick, suas lágrimas, as mãos dele forçando a cabeça dela contra seu corpo.

– Isso talvez seja outro empecilho para você. – Ela fechou os olhos, sem querer ver o rosto de Max enquanto falava. – Eu não

consigo... Fazer sexo oral. Não gosto. – Ela abriu os olhos lentamente. A expressão de Max não tinha mudado. – Ele não era... Rick não era gentil quando eu fazia...

Um músculo no maxilar de Max saltou e o olhar dele queimou, ardente.

– Eu entendo – disse ele com delicadeza. – E posso viver com isso.

Ele fez uma pausa antes de o canto de sua boca se erguer de modo malicioso.

– Gosta que façam em você?

Grace tossiu.

– Eu, hum, não... Eu posso, hum... Ah, eu não me importo.

Max riu, seu rosto recobrando a suavidade de costume.

– Bom saber.

Grace riu também. A tensão entre eles se dissipou.

– Então, vamos fazer isso?

O sorriso dele desapareceu.

– Desde que você saiba que eu não posso oferecer mais do que...

– É só sexo. Já entendi – interrompeu Grace, fingindo estar exasperada. – É sério, cara, você não é *tão* gostoso assim. Até parece que existe um harém inteiro perseguindo você e declarando amor eterno!

Max deu uma gargalhada, suas bochechas corando lindamente. Ele coçou a nuca, um gesto nervoso com o qual Grace estava ficando acostumada.

Ela estendeu a mão.

– Vamos selar isso com um aperto de mãos. Somos apenas dois amigos, um ajudando o outro.

A confusão marcou o rosto de Max.

– Ora, por favor. – Grace riu. – Você precisa disso tanto quanto eu. Não importa o que você diga. Fechado? – perguntou ela.

Ele a fitou antes de apertar sua mão com delicadeza.
– Fechado.

16

– Você parece tenso – reparou Elliot enquanto escrevia em seu bloquinho.

Max se mexeu sob o olhar perspicaz do terapeuta.

– Quer falar sobre isso?

– Não muito.

A verdade era que desde que Max decidira ajudar Grace com seu... problema íntimo, ele estava meio perdido. No dia seguinte ao fechamento do “acordo”, Grace foi para Washington DC. Depois da crise de pânico, ela conseguiu uma consulta de emergência com sua terapeuta. Ela também quis passar um tempo com o irmão, o que Max achou ótimo.

Um pouco de espaço antes do inevitável seria bom, certo?

Max expirou e apertou o dorso do nariz. Caramba!, como ele sentiu falta de Grace durante aqueles dois dias que ela passou longe. Era a chance de pensar no que o acordo deles significava. Mas depois de refletir e ruminar tudo aquilo por 48 horas, como um perfeito idiota, Max se deu conta de que só de pensar em trepar com Grace ele já suava frio.

Aquilo era loucura. Ele já tinha feito sexo antes. Ele tinha feito *muito* sexo antes e nunca havia analisado tanto a situação quanto nos últimos sete dias. Ao longo dos anos, teve mulheres de todas as idades, tamanhos e raças; mas com Grace era diferente. Ela não era

uma qualquer que ele pegara num bar e nunca mais veria de novo. Ela era uma amiga.

Depois que Grace voltou de Washington, parecendo mais relaxada, eles retomaram a velha rotina. Saíam para correr, conversavam e passavam um tempo na casa, mesmo quando Max não estava trabalhando.

Ele a ajudou a pintar, pendurou mais quadros e a levou até a floricultura da cidade para escolher as plantas que ela queria colocar lá. As coisas estavam como antes de ela viajar – só que não exatamente. Porque, durante todo o tempo que eles passaram juntos, nenhum dos dois tomou qualquer iniciativa.

Nem um toque leve, uma olhada mais demorada, ou mesmo um “foda-se, vamos fazer isso de uma vez”.

Nada.

Max desejara agir. Deus, como ele tinha pensado naquilo. Ele a olhava trabalhando atrás do bar, a observava enquanto corria, e tudo em que conseguia pensar era como seria tocar debaixo da saia que ela usava no Whiskey ou até mesmo provar o suor que escorria pelo seu rosto quando eles corriam. Ele a ouvia rir, reparava em como jogava a cabeça para trás e se perguntava se ela faria o mesmo ao gozar.

É, “tenso” talvez fosse uma ótima palavra para isso. Fazia tempo que o pau de Max não funcionava de forma tão ativa. Desde que o corpo dele reconheceu que Grace precisava de sua “ajuda”, ele se encontrava mais do que disposto a dar sua contribuição.

– Seus remédios estão dando resultado? Você tem tido terrores noturnos?

Max começou a roer a unha do polegar. Ele balançou a cabeça como resposta à pergunta de Elliot, ponderando se deveria contar sobre Grace de uma vez. Ele sabia qual seria a primeira reação do médico. Ele acharia que Max estaria se envolvendo em um

relacionamento, o que não era verdade, e explicaria que aquilo era uma má ideia.

Talvez *fosse* uma má ideia. Mas lembrar o rosto de Grace ao contar tudo pelo que tinha passado e as batalhas que ainda enfrentava diariamente era toda a motivação de que ele precisava para ajudá-la. Ela resgatar a própria vida, derrotar aquele idiota arrogante que batia nela; e quem era Max para lhe negar isso?

– Tenho uma pergunta – lançou ele, escondendo a boca com a mão. – Uma pergunta hipotética.

As sobrancelhas de Elliot se ergueram de imediato.

– Sou todo ouvidos.

– Certo – começou Max, sentando-se mais para a frente. – Relacionamentos para viciados em recuperação são uma coisa ruim, certo?

– Não são uma coisa totalmente ruim. Nós apenas *aconselhamos* os pacientes a não se envolverem em qualquer novo compromisso amoroso. As emoções podem ser avassaladoras demais no começo de um relacionamento, e isso pode levar a recaídas.

Max juntou as mãos e as deixou caírem entre os joelhos.

– E quanto a sexo? Vocês também desaconselham?

Elliot fez uma pausa, a mão ao lado do rosto, a caneta imóvel entre os dedos.

– Desde que você esteja seguro e seja honesto com a sua parceira, não vejo nada de errado em fazer sexo.

– Por que sinto que tem um “mas” a caminho? – perguntou Max com ironia.

Elliot colocou o bloco de anotações no braço da poltrona. Ih...

– Só quero me certificar de que você não vai substituir uma necessidade por outra, Max.

– Não é nada disso, doutor – respondeu Max. – Ela é... Nós não somos... É complicado.

Elliot assentiu com a cabeça, mas não forçou a barra.

– E ela sabe do seu passado, do seu vício?

– Um pouco. Ela sabe sobre minha reabilitação, sabe de você, de Tate. Já mencionei Lizzie.

– Isso é bom, Max – disse ele, com um sorriso orgulhoso. – É um bom começo. Honestidade em *qualquer* tipo de relacionamento é de uma importância vital.

Sim, disso Max sabia. Ele se recostou na cadeira, sentindo-se um pouco mais calmo com a afirmação de Elliot de que sexo estava liberado – não que Max fosse deixar de fazer se ele tivesse dito que não estava. Mas as palavras do terapeuta apaziguaram a ansiedade que o acompanhava havia mais de uma semana.

A volta para casa, depois da sessão, foi longa. Max abaixou o vidro da caminhonete e curtiu o ar quente da noite em seu rosto, permitindo que ele reforçasse a decisão que tinha começado a tomar forma no consultório de Elliot. Toda aquela coisa com Grace só se tornaria problemática se ele assim permitisse. Ele se abria com ela e compartilhava coisas que em geral não compartilharia. Essa parte difícil já tinha sido resolvida.

Sexo era fácil. Sexo ele sabia. Sexo era uma de suas especialidades. Sexo com Grace sem dúvida seria incrível.

Ele só precisava, como diria Grace, parar de pensar demais naquilo. E, quando estacionou do lado de fora da pensão, ele tinha parado. Ele iria transar, sem compromisso, com uma mulher gostosa. Qualquer outro cara, no lugar dele, já estaria fazendo aquilo há tempos. Ele bateu as mãos no volante, decidido.

Sem pressão, sem preocupação, sem confusão.

É, ele iria começar a se divertir, caramba!

■ ■ ■

Tate chegou na manhã seguinte com seu sorriso costumeiro e uma

camiseta amarela com estampa de...

– Que merda é essa? – perguntou Max, confuso, depois que eles se sentaram no lugar de costume e cada um pediu um sanduíche enorme.

Tate olhou para a própria camiseta e arqueou uma sobrancelha.

– É um Minion vestido de Wolverine – respondeu ele, claramente ofendido com a falta de conhecimento de histórias em quadrinhos de Max. – O que mais poderia ser?

Max bufou.

– Peço desculpas. Obviamente não estou muito por dentro do que rola na DC...

– Marvel! Meu Deus.

– Tanto faz.

Tate meneou a cabeça, olhando pela janela com a boca cheia de sanduíche e disse:

– Eu realmente não sei por que continuo voltando para encontrar você.

– Porque você me ama – respondeu Max.

Tate deu de ombros.

– Alguém tem que amar, né?

Eles permaneceram sentados em um silêncio amigável, observando o mundo passar enquanto comiam.

– Então, como andam as coisas?

Max balançou a cabeça afirmativamente.

– Bem. Consegui meu medalhão de seis meses.

Max jamais imaginou que conseguiria, mas a medalha dourada em seu bolso provava que ele chegara lá. Ao recebê-la, em sua última sessão em grupo, Max sentiu, pela primeira vez, um arrepio de orgulho.

Tate sorriu.

– Meu garoto! Muito bem. Mais alguma recaída?

Max balançou a cabeça. Ele e Tate mantinham contato frequente,

por meio de mensagens ou telefonemas regulares. Desde aquela bebedeira infeliz de Max, Tate estava dando um apoio enorme a ele. O simples fato de o cara viajar para o condado de Preston toda semana para ver Max era prova de como ele levava seu papel de padrinho a sério.

Como sempre, eles trocaram figurinhas sobre a terapia, tomaram café e fofocaram sobre os amigos. Tate contou que a oficina de Max estava bombando com Riley no comando, e que Carter estava estressado com os planos de casamento de Kat. De repente, Tate parou com a caneca de café no ar, sua atenção capturada por algo na rua. Max seguiu o olhar dele e deu um sorriso torto.

Era Grace.

Vestindo seu traje de corrida e suando de um jeito maravilhoso, ela descia a rua principal em direção ao café, mexendo no relógio de pulso, sem dúvida checando seu tempo de corrida, como sempre fazia. O cabelo estava preso, o rabo de cavalo balançando, a legging gloriosamente apertada. O pau de Max acenou de modo apreciativo. Ele estava puto por ter precisado cancelar sua corrida aquela manhã.

– Senhor! – exclamou Tate enquanto a observava, boquiaberto, pela janela.

Ele se virou para olhá-la entrar no café.

– Gosta? – perguntou Max com a boca no copo de café.

Max se sentiu incomodado ao ver seu padrinho secar Grace.

– Sim, hum... Cara! São todas assim por aqui?

Os olhos de Max e Grace se encontraram. Ela deu um sorriso largo e acenou. Ele acenou com a cabeça para ela.

– Não – respondeu ele.

Como Max esperava, Grace desfilou na direção deles com um café e um muffin nas mãos.

– Oi – cumprimentou ela, seus olhos verdes agitados.

– Oi, você. Boa corrida?

– Sim. Estranhamente entediante sem você. – O olhar dela se voltou para Tate. – Oi, você deve ser Tate, padrinho de Max. Ouvi falar muito de você.

Tate estendeu a mão, que Grace apertou um tanto nervosa.

– Só coisas boas, espero.

Ele deu um sorriso largo, cheio de dentes. Max revirou os olhos.

Grace riu.

– Ah, sim, só coisas boas.

Tate se virou na direção de Max, que suspirou.

– Esta é Grace – apresentou ele. – Ela é minha parceira de corrida.

– Parceira de corrida, é?

A expressão no rosto de Tate mostrava desconfiança. Mas ele podia pensar o que quisesse.

– Sim – respondeu Grace. – Você atrapalhou uma corrida importante hoje.

Seu jeito brincalhão era adorável, e Max observou Tate babando por ela.

– Bem, não podemos deixar por isso mesmo, né? – Tate entrou na brincadeira. – Talvez eu possa te oferecer um café para me redimir.

Max pigarreou e cruzou os braços. Merda. Ele olhou para a rua enquanto seu padrinho dava em cima de sua... amiga.

– Obrigada, mas já comprei um – respondeu Grace, erguendo o copo.

Pelo vidro da janela, Max podia ver o reflexo dela. Seu rosto estava sorridente, mas tímido. E ele não ia se intrometer a menos que ela parecesse estar incomodada com a situação. Além disso, Tate era inofensivo. Um babaca, mas inofensivo mesmo assim.

– Ei, Max – disse ela de repente, atraindo o olhar dele de novo. – Você pode me encontrar no chalé perto do riacho mais tarde? Vou

trabalhar até a hora do almoço no bar, mas consigo estar lá às três e meia.

Ela parecia nervosa.

– Devo me preocupar?

– Ah, não. Só preciso da sua ajuda com uma coisa.

– Estarei lá.

Ela sorriu de novo, a ansiedade se dissolvendo.

– Ótimo. Foi um prazer conhecer você, Tate.

– O prazer foi todo meu, Grace.

Tate não parou de fitá-la até ela desaparecer rua abaixo.

Max esperou, um tanto inquieto.

– Certo – ordenou Tate, o dedo indicador pressionado na mesa. – Pode ir abrindo o bico. Por que diabos você não falou dela antes? E não me venha com aquela lorota de parceira de corrida. Ela está a fim de você, e, se você não sacou isso, vou revogar a sua reputação de macho agora mesmo.

Max não conseguiu conter uma risada.

– Ela não está a fim de mim. Não é bem assim.

Tate ficou atônito; boca e mãos abertas, parecendo muito com seu irmão Riley.

– Ela está *muito* a fim de você. Como é que você pode... Ok. Por que não está pegando essa mulher?

Max passou a mão pelos cabelos.

– Você não deveria estar me dizendo para ficar longe da mulherada?

O rosto de Tate ficou branco.

– Por que eu faria isso?

Max deu de ombros.

– Por causa de toda aquela conversa fiada sobre relacionamentos não serem uma boa ideia durante o período de recuperação.

Tate piscou, muito inocente.

– Ora, mas quem falou em relacionamento?

Max bufou.

– Somos amigos.

– Coloridos?

Max olhou para seu copo.

– Mais ou menos.

Tate se recostou na cadeira, pegou a bengala ao seu lado e respirou fundo.

– Precisamos de mais um café e de um daqueles muffins maravilhosos. – Ele se levantou. – E aí *você* vai me contar tudo.

Ia ser uma manhã longa pra caramba.

■ ■ ■

Às três e meia, Max chegou ao chalé. Fazia um dia maravilhoso. O céu estava limpo e o cheiro do verão iminente pairava no ar. Grace estava parada ao lado do riacho, a câmera no rosto, como sempre, enquanto ela tirava fotos da água. Ela usava uma saia jeans que batia na metade da coxa, uma regata branca, que fazia sua pele parecer deliciosamente mais escura, e chinelo de dedo. Seu cabelo, preso apenas na parte de cima da cabeça, escorria por suas costas em ondas e cachos negros. Ela estava muito sexy.

Max se certificou de fazer barulho suficiente para alertá-la de sua presença. Ela ergueu os olhos e deu um sorriso largo e feliz ao vê-lo. As palavras de Tate ecoaram em sua mente. Será que ela estava a fim dele? Ela não teria pedido a ele que dormisse com ela se não estivesse, certo? Ele tirou os óculos de sol e deu um tapa mental em si mesmo. Ele precisava se acalmar, merda. Para de pensar demais.

– Você veio – disse ela.

Ele abriu os braços.

– Eu disse que viria.

Ela fez uma careta.

– Talvez vá embora rapidinho quando eu contar por que você está aqui.

Max franziu a testa.

– Desembucha.

– Bem, semana passada, quando vi meu irmão, ele me contou que fui convidada para participar de uma exposição de arte e fotografia no final de agosto.

Max sorriu.

– Isso é incrível!

Grace ficou vermelha.

– Sim. É a primeira vez desde... Bem, estou nervosa pra caramba. Meu irmão mexeu vários pauzinhos com uns amigos e acertou essa exposição. É um local muito grande, é bastante espaço para preencher, mas não vou deixar que isso me preocupe.

– Então, para que você precisa de mim?

Ela respirou fundo.

– Eu queria saber se você me deixaria tirar umas fotos suas.

Max abriu a boca para dizer “nem fodendo”, mas Grace se adiantou a ele.

– Não são retratos, nem nada parecido – garantiu ela. – Na verdade, as pessoas nem sequer vão saber que é você. Serão apenas partes de você.

As mãos de Max foram parar nos quadris.

– *Partes* de mim.

– Aham. Por exemplo, seus braços. – Ela ergueu a mão, mas não o tocou. – Seu peito.

O comportamento nervoso que ele tinha visto no café voltara, a expressão dela era cautelosa, defensiva.

Ela nunca havia se comportado daquele jeito com Max, e ele não ia deixar que começasse agora. Sem pensar, ele deu um passo à frente. A mão de Grace se esparramou sobre o peito dele, queimando-o por cima da camiseta. Ela ofegou um pouco no

momento em que seu olhar, todo brilho de esmeralda, se encontrou com o dele.

– Você pode me tocar – disse Max com delicadeza. – Não tenha medo. Não de mim.

Ela engoliu em seco, mas não se afastou. Em vez disso, pressionou a mão com mais firmeza em seu peito. Uma expressão de determinação endureceu seus traços.

– Certo – sussurrou ela. – Também vou querer fotos do seu rosto.

Ela ergueu a mão devagar, segurou o queixo de Max entre o polegar e o indicador e virou a cabeça dele para o lado.

– Desta parte – declarou ela, traçando uma linha invisível do canto do olho até a boca com a ponta do dedo. – Ninguém vai saber que é você.

A respiração de Max estava mais pesada; sua pulsação trovejava. A sensação dos dedos de Grace em seu maxilar, da pele dela na dele, era inacreditável. Fazia tempo que não sentia o toque de uma mulher. Ele estava excitado e sem ar, e os dois ainda estavam totalmente vestidos.

Putá merda!

– Tudo bem – concordou ele.

– Tudo bem? – perguntou ela, abaixando a mão. – Você topa?

Naquele momento ele teria feito qualquer coisa que ela quisesse, que ela lhe pedisse.

– Claro.

Durante a hora seguinte, Grace tirou fotos do rosto de Max. De seus olhos, de sua boca, de seu maxilar, sempre com o velho chalé, as árvores ou a água como pano de fundo. Ela mostrava a ele cada uma, garantindo que não dava para identificá-lo. Max ficou impressionado com seu talento. Ela tinha um olho extraordinário para forma e luz.

– Preciso de você aqui – chamou ela, apontando para um tronco

caído.

Ele jogou uma perna para o outro lado, montando no tronco. Grace se sentou ao lado dele.

– Quero tirar fotos das nossas mãos – disse ela, a voz sumindo ao tocar a parte de trás do pulso dele. – Mas eu... Eu quero mostrar a variação de cores. – Ela colocou a mão na dele. – Assim.

Max lambeu os lábios enquanto olhava para as duas mãos juntas; a pele dela deliciosamente escura, um caramelo quente, contra o branco levemente bronzeado dele. Ela ergueu a câmera com a mão livre e fotografou duas vezes. Ela se ajustou, sentando mais perto, o aroma de seu perfume doce e floral assolando Max. Ela se mexeu e bateu a foto; moveu a própria mão, depois moveu a dele, mas ainda continuava insatisfeita. Max, por outro lado, estava adorando.

Grace fungou e se afastou, tirando os dedos dos dele.

– Não está dando certo. – Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. – Não consigo acertar o ângulo.

O olhar de Max passeou pelo pescoço dela, deslizando até o decote em V e o volume de seus seios, descendo até as coxas, onde a saia tinha subido. As pernas dela eram perfeitas pra caralho. Pernas de corredora, esguias e fortes. Max se perguntou como seria tê-las em volta de seus quadris, de suas costelas e de seu pescoço. Ele apostava que ela tinha um gosto incrível.

– Você precisa segurar a câmera com as duas mãos – sugeriu ele, a voz grave e rouca, o olhar fixo nas pernas dela.

– Sim, mas não consigo fazer isso sentada assim – explicou, apontando, frustrada, para eles dois.

Max pegou a mão de Grace e a segurou, determinado. Ele esperou que ela o olhasse, notando sua surpresa diante da objetividade dele. Max estava cansado de ficar dando voltas com relação àquele assunto. Se ela queria sua ajuda, estava na hora de provar.

– Você confia em mim? – perguntou ele baixinho.

Seu olhar passeou pelo corpo do amigo. Por seus olhos, sua boca, desceu para as mãos e tornou a subir. Max gostava da sensação dos olhos dela cravados nele, inocentes e honestos. Ela ficou em silêncio por uma eternidade, fazendo com que o suor se acumulasse na testa dele.

– Confia?

Ela confirmou com a cabeça, sem vacilar.

– Sim – respondeu. – Confio em você.

Max expirou.

– Ótimo. Acho que sei como podemos deixar isso mais fácil. Vire-se – disse ele. – Fique de costas para mim.

Ela hesitou por um momento, mas respirou fundo e fez o que ele pedira. Ela se mexeu devagarinho para trás, entre as pernas de Max, escorregando pelo tronco até sua cabeça estar sob o nariz dele, exalando todo tipo de cheiro bom: roupa limpa, mel, hidratante... Eram tantos perfumes divinos. Nada se comparava ao cheiro de uma mulher. Caramba, como ele tinha sentido falta daquilo.

– Coloque seus pés na árvore – instruiu ele. – Ótimo. Agora vou colocar minhas mãos nas suas pernas, está bem? Assim você pode segurar a câmera e tirar a foto.

Ela pigarreou, mas não respondeu. Max se inclinou para a frente, colocando o queixo no ombro dela, sem mexer as mãos.

– Se você não quiser, não tem problema – sussurrou ele. – Não vou fazer nada que não queira que eu faça. Prometo.

Ela assentiu com a cabeça.

– Fale comigo – pediu ele. – Me diga quanto você consegue aguentar.

Ela estava respirando mais rápido.

– Estou... Está tudo bem – disse ela apertando os lábios.

Max reconheceu a técnica relaxante que Elliot tinha ensinado a ele logo que chegara à clínica.

– Só... vá devagar. Por favor.

– Como você preferir.

Max engoliu em seco, ajustando sua posição atrás dela para que Grace não sentisse o tesão dele cutucando sua lombar. Deus, o pau dele estava mais duro que uma barra de ferro. Ele ficou repentinamente consciente de tudo com relação à mulher sentada entre suas pernas – sua respiração, seu cheiro, o leve tremor em sua espinha –, e quando suas mãos entraram, enfim, em contato com a pele das pernas dela, ele teve que engolir o grunhido que ameaçou escapar do fundo de sua garganta. Ela era quente e macia pra caralho sob seus dedos.

Ele manteve as mãos imóveis, pressionando as coxas de Grace, seus dedos no começo do joelho dela.

– Tire a foto – murmurou ele, a boca encostada em seu cabelo, tentando desesperadamente ignorar a visão épica que tinha do sutiã dela. – Tire.

– Não consigo me mexer – arfou ela.

– Consegue, sim – sussurrou Max. – Não estou segurando você. Você está no controle. Pode se mexer, pode me afast...

– Não, não faça isso – interrompeu ela, sacudindo a cabeça. – Não se afaste.

Max sorriu.

– Não vou.

Ele não iria a lugar algum. Deus!, o que ele não daria para abrir as pernas dela e sentir os encantos que jaziam ali. Ele se perguntou se ela estava molhada, se estava depilada ou como a natureza a fizera. Ele a viraria para si, a sentaria em seu pau e a penetraria com força suficiente para ela esquecer tudo e todos de que tinha medo – ou, melhor ainda, ele a deitaria de bruços sobre aquele tronco e a faria berrar o nome dele de tanto prazer.

Mas ele sabia que não era o momento para aquilo. Agora precisavam dar pequenos passos. Passos delicados e lentos.

O sexo viria depois.

Ele fechou os olhos e respirou, acalmando o próprio corpo. Não era uma tarefa fácil. Após um instante de silêncio, Grace ergueu a câmera e começou a clicar, tirando foto atrás de foto das mãos de ambos.

– Você pode... colocar as mãos mais perto... aqui, na parte de dentro das minhas coxas?

A voz dela era tímida e incrivelmente sensual.

Max atendeu ao seu pedido, mordendo o lábio por causa do desejo quase irresistível de pegar nos seios dela.

– Sua pele é tão macia – disse ele, acariciando o pescoço de Grace com o nariz, sentindo-se encorajado e aliviado por ela não estar surtando.

Ela deixou a cabeça cair para trás, repousando no ombro dele.

– E tem um cheiro muito bom também – continuou Max, inspirando fundo. – Nossa, o que é isso?

Ela riu, e seu corpo roçou no de Max de um jeito fantástico.

– É manteiga de cacau – murmurou ela.

– É bom pra caralho. – Max conteve um grunhido. – Seu cheiro é tão bom que eu podia, literalmente, comer você.

O suspiro de Grace foi faminto e promíscuo, fazendo Max apertá-la com um pouquinho mais de força.

– Você é *tão* gostosa – disse ele, ofegante.

A língua de Max lambeu o pescoço dela antes que ele se desse conta de seu desejo de fazer isso.

– Céus! – arfou ela, inclinando a cabeça para o lado para dar mais acesso a ele.

Mantendo a boca na linha do maxilar de Grace, Max arriscou e mexeu as mãos de novo, subindo mais um pouco pelas coxas dela, seus polegares desaparecendo debaixo de sua saia.

– Mal posso esperar para sentir você – gemeu no ouvido dela. – Aqui. – As mãos dele se moveram de novo, provocando, a poucos

centímetros de onde estava desesperado para tocar. – Vou fazer tão gostoso, Grace. Você não faz a menor ideia.

Os dedos dela se enfiaram entre os dedos dele.

– Eu sei que vai.

Quando Max pensou em tocar seus seios, Grace começou a se agitar. Max conteve um resmungo quando ela, lentamente, afastou as mãos dele. Ele não iria reclamar. Ela já tinha permitido muito mais do que ele imaginara avançar naquela tarde. Considerando tudo por que ela passara, era necessário admitir que eles haviam feito um progresso imenso para a primeira investida. Ela se sentou mais para a frente e se virou para ele, os pés voltando a encostar no chão.

O olhar dela se desviou para o volume dentro de seu short. Ela escondeu um sorriso encabulado com o dorso da mão.

Max riu de leve.

– Não vou pedir desculpas por você me deixar excitado – afirmou ele enquanto se levantava e se espreguiçava com um grunhido, notando que precisava dar uma corrida para queimar todo aquele tesão.

– Eu não iria querer que você fizesse isso. Eu gosto.

Max arqueou uma sobrancelha. O tom safado dela não o ajudou em nada a se livrar da ereção.

– Ah, é?

Ela deu de ombros.

– É claro. Me sinto bem em saber que você me acha atraente.

Max bufou.

Grace não riu, como Max esperava. Em vez disso, ela baixou os olhos e abraçou o próprio corpo, ficando menor.

Max franziu a testa, sentindo um certo pânico.

– Eu não quis te assustar. Você devia ter falado para eu parar. Fui longe demais?

– Não! – Ela praticamente gritou. – Não, Max, foi... Eu... Eu gostei. Gostei muito. Você não fez nada de errado.

Ele se aproximou devagar, sentando-se ao lado dela.

– Então qual é o problema?

Ela mordeu o lábio e suspirou. Max tirou o cabelo de seu ombro e passou-o para suas costas.

– Grace, me conte.

– Quero retribuir – sussurrou ela, olhando para o colo dele. – Quero tocar em você também.

– Você pode – insistiu ele. Ela era louca? – Olha, como eu disse, sou homem; então, quer me tocar? Toque. Quer se esfregar em mim em público? Se esfregue em mim em público. Quer enfiar as mãos nas minhas calças? Enfie essas mãos nas minhas calças!

Ela riu da declaração, fazendo Max sorrir também.

– Não tenho certeza se a gente já está no estágio de se esfregar em público.

– Ah! – Max apontou um dedo para ela. – Isso não foi um “não”! Quer dizer que você faria?

Ela o empurrou de brincadeira.

– Cale a boca! Perverso.

A brisa quente chicoteou ao redor deles, fazendo as folhas das árvores sussurrarem.

– Não tenha medo de me usar – acrescentou Max, sério. E continuou antes que ela pudesse protestar contra a palavra que ele tinha escolhido: – Me use para descobrir o que você quer, quais são os seus limites, o que faz você se sentir bem. É isso que estamos fazendo aqui, certo?

Ela o observou por um instante, o olhar intenso.

– Certo – concordou ela, dando um beijo rápido no rosto dele. – Obrigada.

17

Grace fotografava Max quase todos os dias.

Quando eles iam correr, quando estavam de bobeira e quando ele estava trabalhando na casa. É bem verdade que boa parte das fotos era feita em segredo, para sua coleção particular e não para a exposição.

Max tinha o rosto mais maravilhoso e fotogênico do mundo: contornos marcantes, cicatrizes – uma na sobrancelha direita e outra no queixo – e traços muito masculinos. O cabelo era muito escuro, quase preto. Mas, se o sol atingia sua barba, os fios brilhavam dourados e castanhos, ao passo que seus olhos cintilavam em cor de mel e chocolate. Ele era mesmo lindo!

E, ao que tudo indicava, tinha a paciência de um santo.

Eles não tocavam um no outro desde aquele dia no chalé – um dia no qual Grace pensava constantemente. Houve mãos e ombros se roçando depois, mas nada se igualava à excitação provocada pelas mãos dele em suas coxas. Nada se comparava àquele momento em que Grace se sentiu literalmente em chamas. Foi a primeira vez em muito tempo que ela não se esquivou do toque de um homem.

E que toque!

A pele áspera e os dedos longos e firmes das mãos dele já seriam capazes de provocar um orgasmo. A dominação delicada que

ele exerceu sobre o corpo de Grace havia sido tão grande que, passada uma semana, ela ainda conseguia senti-la.

Mas o que mais surpreendeu Grace, quando Max tomou a iniciativa, foi a sua própria reação. Após o pânico inicial, que fez seu coração palpitar assustado, ela se acalmou. E, quando a língua de Max passou pelo seu pescoço e ele sussurrou palavras safadas ao seu ouvido, o coração de Grace saltou por um motivo muito diferente.

Ela estava excitada.

Verdadeira e dolorosamente excitada, como não experimentava havia anos. O toque de Max, seu corpo pressionando o dela, os murmúrios sensuais, tudo aquilo despertou a libido de Grace. Se ela não tivesse afastado as mãos dele, eles teriam ido bem mais longe.

Mas teria sido rápido demais. Ela precisava dar um passo de cada vez. Por mais orgulhosa que estivesse de si mesma, ainda havia elementos da intimidade que a deixavam aterrorizada. Ela vinha trabalhando isso com sua terapeuta, Nina, mas pensar em tocar um homem abaixo da cintura lhe causava calafrios. Assim que Grace mencionou seu acordo com Max, Nina disse “deixe rolar” e “não tenha medo do prazer”.

E Grace não queria ter. Ver Max tão excitado por causa dela era algo enlouquecedor. Ela queria tocá-lo. Quase desesperadamente, só para senti-lo, para ver se ela conseguiria fazê-lo gozar; mas, toda vez que Grace pensava em fazer isso, era assolada pelo medo.

– Ei, Grace!

Ela parou de ajeitar as almofadas em seu novo sofá de couro, virou-se e viu Buck e outro funcionário de Vince entrarem cambaleando pela porta da frente, segurando uma caixa enorme. Pela cara dos dois, estava bem pesada.

– A penteadeira vai para o quarto? – perguntou Buck, ofegante.

Tadinho. Ele não parava de lhe pedir desculpas desde o que ocorrera em seu aniversário. Tinha até comprado flores para ela.

Margaridas. Tentava agradá-la de todas as formas. Aquela preocupação fez Grace se afeiçoar a ele.

– Por favor – respondeu ela. – Obrigada!

Os dois homens se contorceram e grunhiram ao iniciar sua jornada escada acima.

A casa estava pronta. Grace deu uma olhada em volta, um sorriso rasgado no rosto. Ela conseguira. Enfim possuía uma coisa que era dela, intocada pelo seu passado, algo que tinha feito por conta própria. Era linda e aconchegante, exatamente como ela sonhara. Grace ficou passeando pela casa, contendo os gritinhos de felicidade ao apreciar o piso de madeira, o pé-direito alto e as janelas amplas. Ela mal podia esperar para mostrá-la a Kai. Tinha até uma porta azul! Perfeita.

A maioria dos móveis chegou no período de dois dias, com exceção da cama. Mas o colchão de ar emprestado por Ruby iria servir muito bem por enquanto. Vince ofereceu seus funcionários, e todo mundo que estava no bar na noite em que eles celebraram a finalização da obra, para fazer a mudança. Até mesmo Ruby ofereceu os músculos do marido e sua própria habilidade de preparar sanduíches e limonada – o que foi bastante útil quando os homens começaram a derreter ao sol. Grace achou reconfortante ter pessoas tão incríveis por perto.

Max perdeu a comemoração porque precisou sair da cidade para uma de suas sessões, mas ajudou ao retornar, carregando armários, sofás e a geladeira. Grace notou como ele a olhava. Ela sorria e ele sorria de volta, sutil e tranquilamente, mas só aquilo já fazia seu coração querer saltar pela boca.

Quando os últimos ajudantes foram embora, cada um com uma caixa de cerveja que Grace comprara como agradecimento, ela foi até a pensão para ver Max. Com as mãos ocupadas, bateu à sua porta do melhor jeito que conseguiu. Ela o chamou e fez o possível para controlar a ansiedade. Ao ouvir os passos dele se aproximando,

sorriu antes de ele abrir a porta, mas o sorriso desapareceu de imediato.

Merda!

Se Grace achava Max atraente vestido, vê-lo sem roupa era uma outra história. Ele estava sem camisa, descalço, usando apenas uma calça de moletom preta frouxa, que repousava baixo em seus quadris e estava toda respingada de tinta. Seu abdômen era tão definido que qualquer mulher, a quilômetros de distância, notaria e suspiraria. A barriga tanquinho evidenciava os músculos e um punhadinho de pelos escuros que trilhavam um caminho a partir do seu peito largo. Seus ombros eram másculos e fortes.

E, meu Deus, aquilo era uma *tatuagem*...

– É feio ficar secando.

Os olhos de Grace se voltaram rápido para o rosto de Max. Aquele filho da mãe arrogante sorria de modo malicioso, apoiando um braço no batente da porta e girando um pincel nos dedos.

– Eu não estava secando – mentiu ela, pigarreando e balançando a cabeça numa tentativa de dissipar o tesão que a sufocava. – Eu não faria isso. Só... Só estava olhando para... Olha, eu trouxe pizza.
– Ela ergueu a caixa grande que segurava em uma das mãos. – Pepperoni com cebola.

Ela ergueu a outra mão.

– E refrigerante.

– Bem, então é melhor você entrar – respondeu ele, dando uma risada e abrindo a porta para ela.

Grace entrou, passando por debaixo do braço dele, as bochechas queimando sob o olhar de Max.

A configuração do quarto era igual à do antigo quarto dela, havia apenas uma coleção de halteres no canto e uma tela bem grande apoiada em um cavalete, rodeada por uma variedade imensa de tintas e pincéis. Um lençol enorme encobria a pintura e os dedos de Grace ansiaram por erguê-lo e dar uma espiada no trabalho. Várias

outras telas, voltadas para a parede, estavam apoiadas na parte dos fundos do cômodo.

– Tem pintado? – perguntou ela, colocando a pizza e o refrigerante na mesinha de cabeceira. – É por isso que não tenho visto você?

Max passou a mão pela barriga, observando todos os movimentos dela.

– Um pouquinho. Nada de interessante – disse ele, largando o pincel e erguendo a tampa da caixa de pizza. – Estou morrendo de fome.

A mordida que ele deu na fatia que pegou foi colossal.

Grace se esforçou *ao máximo* para não ficar assistindo ao maxilar dele trabalhar e seu pescoço se mexer enquanto ele engolia. Virou-se na direção das telas, os dedos passeando por cima delas.

– Você costuma deixar as pessoas verem o seu trabalho? – questionou ela como quem não quer nada.

Max deu de ombros, pegando uma segunda fatia de pizza.

– Às vezes. – Ele a observou por um instante. – Você pode olhar, se quiser. Não é nenhum segredo de Estado, nem nada assim.

Grace começou a virar as telas. Elas eram bem diferentes entre si, mas todas reafirmavam o que Grace já sabia: Max era incrivelmente talentoso. Ele utilizava cores e sombras ousadas e agressivas em algumas telas, enquanto em outras elas eram mais sutis, mais calmas. As formas assimétricas e os padrões empregados atraíam o olhar para cada pedacinho da pintura, sussurrando em verde-claros, marrons suaves e pretos silenciosos, e berrando em vermelho. A voz dele era descarada em todas; raivosa em algumas; inteligente e sensível em outras. Observando-as de modo atento, Grace notou como a ira fora se aplacando nas imagens; as formas foram ficando menos oblíquas e angulares e mais esvoaçantes, curvilíneas e suaves. Ela sorriu.

– São incríveis, Max – elogiou ela. – Mesmo. Você é muito bom –

completou, enquanto permitia que seu dedo contornasse os respingos sutis de cor-de-rosa da tela mais próxima a ela, sua preferida. – Elas deviam estar expostas em algum lugar.

Max bufou e balançou a cabeça.

– Ninguém vai querer comprar. Eu nem sequer conseguiria doá-las.

– Eu aceitaria – respondeu Grace. – Esta aqui, pelo menos. Adorei.

Os tons suaves de caramelo e as pitadas de dourado faziam Grace lembrar-se dos olhos da mãe.

Max fez um aceno com a mão, sem prestar muita atenção.

– Então é sua. – Ele pegou outra fatia de pizza. – Isto aqui é sensacional. O que eu fiz para merecer?

Grace não falou nada sobre a mudança brusca de assunto. Ela sabia que ele já tinha permitido que ela dissesse e fizesse muito mais do que ele deixaria normalmente, e apreciava isso. Max era uma pessoa reservada e, como artista, Grace compreendia quão pessoal era seu trabalho.

– É só um pequeno agradecimento pela sua ajuda lá em casa – informou ela. – Dei cerveja para o resto dos meninos, mas achei que você iria gostar mais disso.

Ela foi até o banheiro e pegou um pouco de papel higiênico para usar como guardanapo.

– Você estava certa. – Max se esparramou na cama depois de pegar uma lata de refrigerante. – Eu adoro pizza.

Grace bufou e se juntou a ele com sua própria fatia de pizza e uma latinha, plenamente ciente de que ele não tinha colocado uma camiseta e que eles estavam sentados na cama desarrumada. Sob o aroma delicioso de orégano que os rodeava, o cheiro subjacente daquele homem a envolveu. A pulsação de Grace acelerou, mas, estranhamente, ela não entrou em pânico.

– Como foi hoje de manhã?

Max teve uma consulta com seu terapeuta, o que o impediu de ir à corrida matinal dos dois. Ela não se importava, é claro, mas a ausência dele fez, sim, o dia passar mais lentamente, mesmo com todo o caos na casa.

– Bem – respondeu Max depois de engolir um pedaço de pizza. – Ele diminuiu minha dose dos remédios. Disse que está orgulhoso do meu progresso.

– Isso é ótimo – alegrou-se Grace. – Estou orgulhosa de você.

Max a fitou com olhos duvidosos, limpando a boca.

– Está?

– Claro. É ótimo ver que você está indo tão bem.

– Assim como você. – Ele cutucou o braço dela com o cotovelo. – Deve estar superanimada porque a casa está pronta.

– Sim. Embora vá sentir falta de não ter você do outro lado do corredor.

Ele deu uma risadinha.

– Bem, você sabe para quem ligar se der merda com os seus canos.

Grace engoliu o último pedaço de pizza juntamente com a ansiedade que envenenava sua garganta.

– Você é mais que bem-vindo para me visitar – murmurou ela, brincando com a lata de refrigerante. – Sempre e quando quiser. Posso cozinhar para você.

Ela arriscou olhar para Max. Ele parecia impressionado, os lábios se contraindo como se tentasse conter um sorriso.

– É claro que vou te visitar. Especialmente se você cozinhar. Um homem precisa comer, certo?

Max enfiou outro pedaço de pizza na boca.

Quando ele ergueu o braço, Grace reparou em uma cicatriz grande que ia do lado esquerdo do peito até as suas costas. Antes que Grace conseguisse se conter, os dedos dela se ergueram para

tocá-la. Max não pareceu se importar. Ele olhou para o local onde os dedos dela contornavam o sulco profundo da pele cicatrizada.

– Ah. Isso – resmungou ele.

– O que foi isso? – perguntou ela baixinho.

– Um tiro.

A resposta de Max foi tão indiferente que Grace levou um instante para compreender o que ele tinha dito. Quando seu cérebro assimilou as palavras, ela ficou pasma, afastando a mão de imediato.

– Um ti... É sério?

Ele confirmou com a cabeça, ainda mastigando.

– O que aconteceu?

– Eu e meu melhor amigo fomos pegos fazendo umas besteiras.

– Carter?

Max falava bastante do amigo. Era óbvio que o considerava mais como um irmão do que como um amigo.

– Sim. – Ele colocou a mão na cicatriz. – Foi o resultado de um arrombamento de carro que deu errado.

Grace afastou o corpo, perplexa.

– Você fala sobre essa situação com tanta arrogância.

– Não é minha intenção. Faz muito tempo que isso aconteceu. É passado.

– Causou algum estrago?

– Só esse que dá para ver. Eu tive sorte. O médico disse que, por causa do jeito como eu empurrei o Carter para fora do caminho, a bala não atingiu seu alvo verdadeiro. – Ele passou a mão pelo peito.

– Meu coração.

Grace franziu a testa.

– Espere. Você empurrou o Carter para fora do caminho?

– Sim. O babaca do outro lado da rua estava com o dedo no gatilho apontado para o meu amigo.

– Deus! – Grace cruzou os braços, sentindo frio apesar da

umidade do quarto. – Você podia ter morrido.

Max deu de ombros.

– Ele é meu melhor amigo. Ninguém tem permissão para atirar nele, só eu.

Ele sorriu para o chão.

A trama que envolve Max O'Hare se intensifica. Tiros, arrombamento de carro e drogas. *Caramba*. Para qualquer pessoa normal e *sã*, todas aquelas palavras seriam a deixa para sair correndo porta afora e nunca mais retornar. Mas a modéstia com a qual ele falava sobre ter salvado a vida do amigo manteve Grace ali. Havia tantas coisas relacionadas a ele além da presunção e da reabilitação, e Grace ansiava por saber de tudo. As pinturas eram um mero detalhe do que tornava aquele homem complexo.

Max colocou a lata no chão e se virou na direção dela, repousando a mão na cama.

– Não me orgulho do meu passado, como você bem sabe, mas não posso mudá-lo. Esta cicatriz é só uma das coisas que me lembram de quem não quero voltar a ser.

– E a sua tatuagem? – perguntou ela, apontando para a curva de tinta preta que se espalhava pelo ombro e pelo bíceps do braço direito dele. Grace queria que ele se virasse para ela poder ver o resto.

Ele deu um sorriso torto.

– Acho que essa é uma história para outro dia.

Decepcionada, ela concordou com a cabeça.

No entanto, Grace compreendia muito bem o que ele tinha dito sobre tentar se afastar do passado. As cicatrizes nas costelas e no quadril dela eram um lembrete do que ela jamais permitiria que lhe acontecesse de novo. Querendo compartilhar, ela se mexeu na beirada da cama, virou-se e ergueu a camiseta lentamente.

Por um instante, Max pareceu confuso, antes de seu olhar repousar nas cicatrizes pálidas que formavam zigue-zagues da parte

de baixo do seio direito de Grace até seu quadril. Max inspirou profundamente, seu maxilar se contraindo.

– O que foi isso? – indagou ele, repetindo a pergunta dela, mesmo que seu tom de voz sugerisse que ele já sabia.

– Um pé tamanho 42 e uma faca de cozinha.

Max soltou um grunhido.

– Desgraçado! – Ele bufou e estendeu a mão. – Posso?

Grace piscou em resposta. Os dedos grandes dele roçaram de leve suas cicatrizes, como se ela fosse feita de vidro.

– São feias, né?

Ela tentou sorrir ao dizer aquelas palavras, fechando os olhos com a sensação do toque dele, da sensibilidade que ele provocava em sua pele com as pontas dos dedos.

– Não – respondeu Max com firmeza. – Não são.

– Não precisa mentir. Está tudo bem.

Max suspirou, tirando a mão do corpo dela.

– Logo que meu pai descobriu que tinha câncer, ele fez um monte de cirurgias. Ele tinha cicatrizes por todo o corpo, da cabeça até a barriga. Uma vez perguntei a ele se elas o deixavam envergonhado, se ele as odiava. Ele riu e disse: “Como posso odiá-las? Elas mostram a todo mundo que sobrevivi.”

Ele pressionou a mão na cintura dela, seu calor penetrou fundo nos ossos de Grace. O olhar escuro dele a encarou com severidade.

– Estas cicatrizes mostram a todo mundo que você sobreviveu, Grace. Não tenha vergonha delas.

Lágrimas inundaram os olhos de Grace e ela estremeceu, as palavras dele destruindo, em meros segundos, anos de ansiedade, constrangimento e indignidade. Ele moveu a mão, segurando a cintura dela e descendo na direção do quadril. A mão dele parecia imensa em sua cintura fina. Ele lambeu os lábios, sua língua de um rosa maravilhoso.

– Você é tão macia.

Ele se aproximou, os joelhos dos dois se tocaram e os dedos dele passearam pela parte de baixo do sutiã dela, deixando o coração de Grace em um frenesi.

– Adoro suas mãos em mim – sussurrou ela, porque era verdade, porque ela precisava que ele soubesse, porque ela morreria se ele as tirasse dali.

– Me mostre mais – murmurou ele, olhando para ela por detrás dos longos cílios pretos. – Somos só nós dois. Seja corajosa comigo. Me deixe ver você.

Sem hesitar nem um segundo, Grace retirou a camiseta, ficando só de sutiã rosa-shocking e legging. Max emitiu um som apreciativo que fez os dedos dos pés de Grace se enrolarem e colocou as mãos em seu corpo. Ela nem se mexeu.

– Olhe só para você – disse ele, suspirando.

O toque dele era fogo e segurança, despertando uma parte adormecida de Grace; isso a fez colocar as mãos para trás para abrir o sutiã.

Max notou o movimento e soltou um suspiro.

– Só se você se sentir confortável.

– Quero deixar para lá. Quero você. Quero ser corajosa – sussurrou ela, abrindo o sutiã, tirando os bojos dos seios e as alças dos ombros, de modo que ambos ficaram nus da cintura para cima.

– Deus! – exclamou Max. – Você é... – Os dedos dele deslizaram por sua cintura. O olhar dele se voltou para o dela à medida que, cautelosamente, seus dedos chegavam mais perto dos seus seios. – Você está bem?

– Sim.

E ela estava. Céus, como estava. Ela se sentia viva. E, quando ele finalmente tocou nos mamilos dela e segurou seus seios nas mãos, ela gemeu de um jeito que não sabia que era capaz. Era alívio, gratidão e desejo por mais. Ele gemeu também, enquanto a

apertava delicadamente, puxando seus mamilos com os polegares e os indicadores, chegando mais perto.

A língua dele apareceu entre os lábios abertos.

– Você tem peitos lindos. – O polegar dele os circundou. – Perfeitos. Veja como se encaixam em minhas mãos. – Seu olhar desejoso e extasiado observou os seios dela se moverem e balançarem sob os movimentos dele. – Ah, Grace, eu quero... Você me deixa... Posso chupar?

As palavras dele eram tão sem maldade que Grace só conseguiu assentir com a cabeça.

Ele se aproximou.

– Estou aqui com você. Você está segura – murmurou ele. – E é sexy pra caralho.

E, então, a boca dele estava nela.

A língua ardente dele envolveu o mamilo dela, lambendo, provocando e enviando eletricidade pelas veias de Grace. Era molhada, lânguida, e fez Grace gritar e se curvar na direção dele. Ele emitiu um ruído apreciativo, chupando mais forte, apertando-a com mais intensidade, respirando mais pesado. O corpo de Grace se contorceu e ficou molhado, desesperado por sentir o corpo dele sobre o dela, mas ao mesmo tempo temendo aquilo. Ela enfiou as mãos nos cabelos dele, inspirando fundo para sentir o seu cheiro. Grace o segurou perto de si.

Ela estava protegida, lembrou a si mesma. Ele não iria machucá-la.

– É tão bom – murmurou ela, ciente, pela ânsia entre suas pernas, de que ela poderia facilmente gozar só com a boca dele em seus seios.

A resposta de Max foi abafada, porém ruidosa, e, quando Grace se deu conta, ele estava esfregando a si mesmo furiosamente por cima da calça com a palma da mão.

– Deus – arfou ela, o desejo se espalhando por seu corpo. – Por

favor, me deixe ver.

A boca de Max não se moveu, mas seus olhos ficaram ainda mais escuros quando se ergueram para ela.

– Você consegue gozar? – perguntou ela. Ele confirmou com a cabeça, seus lábios deslizando pelo corpo dela. – Me mostre.

Ele abaixou a calça e a cueca antes mesmo que Grace pudesse respirar de novo. A cabeça do pau de Max, dura e brilhante, bateu em sua barriga. Grace nunca tinha visto um pênis tão bonito. Na verdade, ele era magnífico. Era grosso e longo, e, quando Max girou a mão sobre a ponta bulbosa, ele gemeu alto, chupando Grace com mais força ainda. Era bom saber que o toque naquele ponto lhe dava tanto prazer.

Quando tivesse coragem, ela *certamente* o tocaria ali.

O desejo começou a tomar conta de Grace, cada vez mais intenso, até que ela também enfiou a mão dentro da calcinha. Ela estava encharcada e queimando. Ao roçar o polegar em seu clitóris, Grace arqueou as costas. Sua cabeça bateu na cabeceira e ela gritou.

Max soltou o mamilo dela de seus lábios, arregalando os olhos ao ver o que ela estava fazendo.

– Você está se masturbando?

Mesmo de olhos fechados, Grace sabia que a mão de Max tinha acelerado. A cama sacudiu e os grunhidos dele ficaram mais altos, sua respiração quente e selvagem no pescoço dela.

– Você está imaginando? – perguntou ele, sua voz safada, sombria e faminta. – Está imaginando como seria a sensação dos meus dedos em você, dentro de você? Como seria ter o meu pau dentro de você?

Tomara!

– Sim, está, sim. Sei que está. Você sabe que seria gostoso demais. – Ele lambeu o maxilar dela. – Logo depois de devorar você lá embaixo, eu iria meter direitinho e fazer você gritar meu nome. –

A respiração dele acelerou. – Eu faria qualquer coisa que você quisesse. Qualquer coisa. *Ahh!* Puta merda! Grace, posso gozar em você?

E aquelas foram as únicas palavras de que ela precisava para explodir em mil pedaços.

Enquanto suas costas se curvavam e o êxtase quente praticamente a rachava ao meio, Grace estava ciente do calor que a atingiu no meio do peito, ao passo que os grunhidos guturais foram suficientes para fazer o orgasmo se irradiar por todo o seu corpo. Ela queria ter visto Max gozar, mas, em meio ao prazer que experimentava, luzes ofuscantes preencheram sua visão. Ela arfou, e a voz de Max se tornou rouca em seu ouvido.

– Estou aqui com você – sussurrou ele. – Você está bem. Estou aqui com você.

À medida que Grace e seu corpo se acalmavam, Max afastou as mãos e o rosto gradualmente.

– Caralho! – soltou ele depois de um instante em que só a respiração pesada dos dois podia ser ouvida. – Deus, eu estava precisando disso.

Grace recuperou a razão assim que Max desabou na cama, fazendo-a balançar. Ele tinha vestido a calça. Com os braços totalmente abertos e um sorrisinho estampado no rosto, ele fechou os olhos. O brilho de um fio de suor em seu peito a atraiu, e ela imaginou que gosto teria. Olhando para baixo, Grace viu os resquícios do orgasmo de Max em seu ventre. Grace não se lembrava de ter visto algo tão sensual na vida...

Na verdade, era a coisa mais linda que ela já vira. Era liberdade e esperança. Significava que ela tinha superado. Representava o que ela fazia Max sentir, o que ela podia fazer por ele, o que ela era capaz de viver com aquele homem. E, pela primeira vez em anos, Grace se sentiu confiante. Ela nem sequer sentia a necessidade de cobrir o peito nu.

– Você está bem?

A sobrancelha dele se enrugou de leve quando ele reparou em que ela estava prestando atenção.

– Tudo bem eu ter feito isso? – perguntou ele, sentando-se e pegando um pouco de papel higiênico que tinha sobrado ali.

– Foi... – Grace pegou o papel que ele entregou a ela, mas não fez nenhuma menção de limpar Max de sua pele. Ela o fitou e disse:

– Foi excitante pra caralho.

Max deu uma gargalhada.

– Um orgasmo e ela já está falando que nem um pedreiro.

Ele meneou a cabeça e passou a mão pelos cabelos, fazendo-os se arrepiarem em mil e uma direções diferentes.

– Bem, talvez a gente tenha que fazer isso aí de novo um dia desses.

Grace sorriu.

Pode apostar que sim.

18

– E aí, já tem planos para o feriado de Quatro de Julho?

Grace olhou para Ruby, que corria ao seu lado. Ela estava com as bochechas vermelhas e a respiração pesada, mas acompanhava o ritmo de Grace, passada a passada, apesar de as duas serem parceiras de corrida há apenas quatro dias.

Max estava trabalhando com seu tio Vince fora da cidade todos os dias, do amanhecer até tarde da noite, e, como consequência, não tinha muito ânimo para fazer qualquer coisa, especialmente correr. Isso não era muito bom para a libido de Grace, mas ela estava tentando ser compreensiva. Ruby assumiu o posto de parceira de corrida, usando como desculpa o fato de ter que se livrar dos pneuzinhos e se preparar para usar biquínis novos. Grace não conseguia ver um pneuzinho sequer no corpo mignon de Ruby, mas não disse nada. Ruby era legal e muito divertida.

– Não que eu me lembre.

– Ótimo! Quer ir para a cabana do meu pai por alguns dias? Vamos em grupo. Fazemos isso todo ano. É perto do lago, então dá para nadar, andar de barco, fazer churrasco, assar marshmallows, encher a cara, ficar de bobeira... Além do quê, os fogos de artifício são incríveis. É bem divertido.

Certamente parecia divertido; mesmo assim, Grace não sabia se devia aceitar. Ela não ia trabalhar e não tinha planejado nada com

Kai, sabendo que ele iria passar o feriado em algum lugar com seu novo par de peitos ou com os amigos.

– Hum, não sei.

– Ah, vamos lá! – encorajou Ruby. – Vai ser fantástico. Você conhece a maioria das pessoas que vão. – Ela começou a erguer os dedos ao dizer cada nome. – Eu, Josh, meu pai, minha mãe, Caleb, Buck e umas amigas dele, e Max.

Aquilo aguçou o interesse de Grace. Ela reduziu a velocidade, colocando as mãos nos quadris.

– O Max vai?

Ela tentou esconder a curiosidade óbvia em sua voz, mas, pelo brilho nos olhos de Ruby, tinha fracassado terrivelmente.

– Aham – respondeu Ruby com um sorriso torto, ainda correndo sem sair do lugar. As fivelas cor-de-rosa fofas, em formato de lacinhos, que ela usava nos cabelos para prender a franja balançavam. – O que está rolando entre vocês, afinal?

Grace meneou a cabeça, a imagem do orgasmo dele sobre ela ainda fresca em sua memória e ainda extremamente sexy.

– Não está rolando nada. Somos amigos.

O sorriso de Ruby ficou mais largo.

– Você gosta dele, não gosta?

Grace limpou a garganta e evitou os olhos sorridentes de Ruby, fingindo estar se alongando.

– De quem estamos falando?

Ruby bufou.

– Do meu primo. Max. Você sabe, aquele cara com quem você sempre está, o cara para quem você não consegue parar de olhar, o cara que fica todo animado sempre que você chega.

A cabeça de Grace se ergueu de imediato.

– Ele não fica todo animado.

– Ah! – retrucou Ruby com um sorriso, apontando o dedo para ela. – Mas você gostaria que ele ficasse.

Grace expirou, sem saber ao certo se deveria ficar aliviada ou magoada por Ruby tê-la sacaneado. Ela desceu a mão pelo rosto e chutou uma pedrinha no chão, a confusão deixando sua garganta seca. Com o passar das semanas, foi ficando bem claro que o investimento de Grace no acordo que tinha com Max estava pendendo menos para “apenas bons amigos” e mais para algo perigoso, novo e assustador.

– Sim – murmurou ela, fitando o chão. – Eu gosto dele.

A confissão deveria ser libertadora – era a verdade, afinal –, mas, mesmo assim, aquelas palavras fizeram Grace murchar. Ela ergueu os olhos.

Ruby estava mais perto dela, sem se mexer agora. Ela deu um sorriso gentil.

– Max é um cara decente. Ele fez umas besteiras, o que não é de admirar, considerando tudo pelo que ele passou, mas tem um bom coração.

Grace concordou com a cabeça.

– Tem mesmo.

Ruby cruzou os braços.

– Você poderia ser uma boa companhia para ele.

– Não sei.

Grace suspirou.

Ele tinha dito, sem meias palavras, que não poderia dar nada a ela além de seu corpo. Algumas semanas antes, Grace concordara tranquilamente com aquilo – e ainda concordava. Às vezes. Outras, quando ele colocava as mãos nela... Grace sacudiu a cabeça e suspirou. Ela sabia que estava sendo ridícula. Na verdade, ela só estava animada; animada por causa do progresso que estava fazendo em relação à sua intimidade, a se permitir ficar com um homem. Além disso, ela sabia, no fundo, que também não estava pronta para algo sério. Era só que... Max a fazia se *sentir* pronta.

– Olha, venha para a cabana – propôs Ruby baixinho. – Veja o

que acontece. Max sempre fica relaxado quando está no lago. Talvez vocês dois possam se *divertir* um pouco. – Ela arqueou a sobrancelha. – Se é que você me entende.

Grace riu, escondendo as bochechas quentes com as mãos. Sim, ela entendia o que Ruby queria dizer. E tinha que admitir que, se ir para a cabana significava ficar com Max e se “divertirem” um pouco mais, ela estava totalmente disposta a se juntar ao grupo. Ela podia deixar, por ora, a confusão e as emoções ameaçadoras de lado.

Esconder os sentimentos, bons ou ruins, não era novidade para Grace ou seu coração.

■ ■ ■

A viagem até a cabana foi longa e quente como sempre. Max estava feliz por não estar dirigindo dessa vez. Sentado no banco de trás da caminhonete do tio, ao lado de Ruby e Josh, ele admirava a paisagem, ansioso por alguns dias de descanso e relaxamento. Ele mal podia esperar para entrar no lago. Era incrível nessa época do ano e as trilhas nas montanhas eram ótimas para caminhar ou correr. Ele tinha que mostrar a Grace. Ela iria gostar por conta do potencial fotográfico.

Max ficou supercontente quando soube que Grace iria com eles para a cabana. Estava feliz por ela ter feito amizade com Ruby e pelo fato de todo mundo tê-la acolhido tão bem. Sua família era mesmo muito especial. Ele ficava satisfeito por deixarem Grace tão à vontade, o que a tornava cada vez menos tímida, mais corajosa e mais disposta a aceitar novos desafios. Ele ficava orgulhoso ao vê-la tão descontraída.

Ele só não gostava quando ela era assim na frente do delegado bundão. Max não olhara para a caminhonete que seguia a deles. Já tinha conseguido ignorar a vontade por pelo menos meia hora e não

ia ceder agora. Não. Ele não dava a mínima para o fato de Grace estar de carona com o delegado imbecil, junto com Buck e outras duas mulheres. Nem um pouquinho.

Max se agitou, checando o celular. Sem sinal. Malditas montanhas. Ele deu uma olhada para trás.

Buck acenou animadamente, com a cabeça entre os bancos da frente, cutucando Grace, que riu e também acenou.

Desgraçado!

Max notou a expressão dissimulada do delegado e fechou as mãos em punhos. Ele compreendia que tio Vince o conhecia há muito tempo, mas o idiota tinha mesmo que ir com eles para o lago? A resposta, ao que parece, era "sim", já que, como Ruby explicara, ele tinha ido nos últimos quatro verões. Dane-se. Max conseguiu se conter para não mostrar o dedo do meio para ele. Sua vontade era escrever uma mensagem para o delegado detalhando qual era o gosto dos peitos de Grace e como tinha sido a sensação deles em sua língua, ou como era a visão do orgasmo dele na pele dela, ou como era o cheiro do corpo dela depois de gozar. Mas talvez isso fosse um pouquinho exagerado.

De qualquer forma, aquelas imagens em particular vinham entretendo Max e seu pau havia dias. Caramba, ele mal podia esperar para ficar sozinho com Grace de novo para poder ver o que mais ela escondia sob aquele silêncio inocente. A tigresa que ele vislumbrara era gostosa e Max sabia que, assim que conseguisse uma chance de despi-la do resto da apreensão, ela seria incontrolável.

O homem que a conquistasse certamente teria um mulherão nas mãos. Ele só esperava que não fosse o delegado panaca. Por algum motivo, Max não ia com a cara dele; e o jeito como ele olhava para Grace, como se ela fosse um pedaço de carne ou algo assim, fazia os dentes de Max rangerem. Ele não era bom o suficiente para ela, e

Max estava pronto para deixar isso bem claro na hora que o idiota quisesse.

Meia hora depois, com uma série de gritos e urras dos ocupantes da caminhonete, o tio de Max estacionou do lado de fora da cabana. O lugar não tinha mudado nadinha desde a última visita de Max, doze anos antes. Quase toda de madeira, com uns poucos adornos de metal e vidro que tio Vince adicionara com o passar dos anos, a cabana de seis quartos ficava a trinta metros da água, um lago maravilhoso de quase cinco quilômetros de extensão e pouco mais de um quilômetro e meio de largura. Max havia passado muitos verões nadando, pescando e andando de barco naquele lago com o tio e o pai e, ao sair da caminhonete e assimilar a beleza do lugar, a nostalgia o fez tremer. As lembranças na cabana eram felizes, livres de problemas, memórias que toda criança deveria ter.

– Eu pagaria para saber o que você está pensando.

Max se assustou com a voz de Grace. Ela estava parada ao lado dele usando shorts jeans, uma blusinha cor-de-rosa e chinelos de dedo que combinavam. Como sempre, as unhas de seus pés estavam pintadas da mesma cor de sua roupa.

– Fez boa viagem?

Ele arqueou uma sobrancelha por cima dos óculos escuros.

Grace deu de ombros.

– Buck se encarregou de nos entreter. Caleb não nos deixou colocar música nenhuma. Música boa, ao menos. O gosto dele deixa muito a desejar.

– Nossa, estou chocado – murmurou ele sarcasticamente, fazendo Grace bufar.

Ela ergueu a mão para proteger os olhos do brilho da água.

– Caramba, a paisagem aqui é linda. Agora entendo por que vocês gostam tanto desse lugar.

Max a fitou. Os olhos dela se fecharam ao erguer a cabeça na direção do sol. Seu cabelo estava preso em um coque bagunçado,

que não conseguia conter um punhado de cachos que pendiam dele. Os olhos de Max passearam pelos ombros e pelo pescoço dela.

– É – murmurou Max. – Linda.

– Venham! – gritou Ruby atrás deles, fazendo os dois se virarem.

– Peguem suas malas e se troquem. Meu pai vai acender a churrasqueira enquanto damos um mergulho.

– Melhor fazer o que ela manda – disse Grace com o canto da boca. – Ela pode ser assustadora.

Max riu e a assistiu caminhar até a caminhonete do delegado. De volta ao carro de seu tio, Max pegou sua mala.

– Em que quarto estou?

Ruby parou e mordeu o lábio inferior. Max inclinou a cabeça. Ele conhecia aquela maldita expressão de quando eles eram crianças.

– O que foi que você fez?

– Bem – respondeu ela, alongando a vogal. – As amigas de Buck não querem dividir o quarto, então temos um quarto a menos. Você não se importa em dividir o seu, né?

Ele abaixou os óculos para vê-la melhor.

– Com quem?

Ruby sorriu.

– Sua amiguinha.

Max ficou confuso.

– Minha o quê?

– Ei, Grace! – gritou Ruby, o volume de sua voz contradizendo sua baixa estatura. – Você não se importa em dividir o quarto com Max, certo?

Max se virou e viu Grace balançar a cabeça e fitar o chão. Ele se voltou para a prima, abrindo a boca para soltar um “que merda é essa?”.

Ruby ergueu a mão.

– Ah, pare – disse ela, revirando os olhos. – Parece mocinha de novela mexicana!

– Novela mexicana? – soltou Max, incrédulo. – Está chapada, Ruby?

Ela riu.

– Olha, é simples. Grace pode ficar com você ou com Caleb.

– Nem fodendo – sibilou ele.

– Como pensei – respondeu ela com um sorriso perspicaz. – Então relaxe, primo. É apenas uma mulher gostosa no seu quarto. Só isso.

Ruby deu um tapa na barriga dele e correu em direção à casa.

Max expirou e alongou o pescoço, fazendo-o estalar.

É, isso com certeza iria tornar as coisas interessantes.

■ ■ ■

Max abriu a porta do quarto e jogou a mala no chão ao lado da cama. Da cama enorme. A única na merda daquele quarto. Ele colocou as mãos nos quadris enquanto observava Grace colocar a mala ao lado da dele. Ela pressionou os lábios e arqueou os ombros, parecendo pequena e loucamente nervosa.

– Grace – falou Max, apontando para o quarto.

O quarto ficava na parte da frente da casa. Pela porta que dava acesso a uma sacada privativa, viam-se paisagens da água e das montanhas que dariam belas fotografias.

– Não se preocupe. Vou pegar uns cobertores e dormir no chão – anunciou Max.

– Nada disso! – respondeu Grace com firmeza. – Essa é sua folga também. – Ela olhou para a cama e depois para Max. – Eu confio em você. Vai ficar tudo bem. Meio que como quando as amigas vêm passar a noite.

Max fitou-a por um instante antes de soltar uma gargalhada.

– Claro, uma noite do pijama com as amigas; mas não pense,

nem por um minuto, que vou fazer guerra de travesseiro com você usando só roupa de baixo.

Ela não perdeu tempo.

– Ah, eu e minhas amigas nem nos damos ao trabalho de usar roupa de baixo nas *nossas* guerras de travesseiro.

A braguilha de Max ficou apertada na mesma hora em que o ar saiu de seus pulmões. Puta merda. Ela piscou, toda inocente, esperando por uma resposta.

– Não provoque – grunhiu ele, dando um sorrisinho torto. – Não é legal.

Ela riu e pegou uma bolsinha pequena das profundezas da mala.

– Quem está provocando? – perguntou ela enquanto entrava no banheiro.

Max esfregou o rosto. Aquela mulher ainda iria matá-lo. Ele a seguiu até o banheiro e se apoiou no batente da porta. Ficou observando-a colocar tudo quanto é tipo de hidratante e creme nas prateleiras e ao redor da pia. Não era de admirar que sua pele tivesse um cheiro tão incrível. Os olhos dele se demoraram na parte de trás das coxas dela e em sua bunda. Ele realmente gostava da bunda de Grace. Max se perguntou se seria tão macia quanto o resto.

– Você está bem?

Max piscou, a voz dela resgatando-o de sua avaliação visual. Ela o fitou de modo provocante pelo espelho.

– Sim – respondeu ele, sua voz rouca.

– Sabe – informou ela, virando-se lentamente e se apoiando na pia –, gosto quando você me olha assim.

Max engoliu em seco.

– Assim como?

– Assim. – Ela acenou com a cabeça na direção dele. – Como se você me quisesse.

Ele deu um passo à frente, impulsionado pelos olhos grandes

dela e pelo subir e descer de seu peito. O banheiro logo se encheu com uma expectativa pesada.

– Eu quero você – confessou ele.

Por que ele mentiria sobre isso, afinal? Ele estava ávido por tocá-la, por sentir os mamilos dela em sua língua de novo.

– Ótimo – respondeu ela, erguendo o queixo para vê-lo melhor. – Eu também quero você.

O pau de Max ficou ainda mais duro. Ele estendeu um dedo e tocou na maçã do rosto dela. Os olhos de Grace se fecharam na mesma hora em que sua língua molhou seus lábios. Ela tinha uma boca linda. Max havia imaginado muitas vezes como ela ficaria em torno dele, chupando e beijando onde ele mais a queria.

– Tudo acontecerá nos seus termos – sussurrou ele. – Você está no controle. É só dizer, que eu faço o que você quiser, qualquer coisa. – O dedo dele escorregou pelo pescoço e pelo meio dos seios dela. – Quero fazer você se sentir bem.

– Você faz – suspirou ela, engatando os dedos na calça dele e puxando-o para perto de si. Ela ergueu os olhos. – Quero fazer o mesmo.

Ele segurou o pulso dela com delicadeza e colocou a mão dela em seu pau, grunhindo de leve com a pressão.

– Eu já disse. É seu para você fazer o que quiser.

A respiração dele fez os cabelos da testa dela se moverem.

Por um instante surpreendente, Max achou que ela iria assumir o controle e tocá-lo de verdade. Mas o desejo nas pupilas dela foi morrendo gradualmente e sumiu, deixando apenas incerteza. Tentando ao máximo não levar a rejeição para o lado pessoal, Max pigarreou, soltou a mão dela e se afastou, dando-lhe espaço.

– Me desculpe – sussurrou ela, fitando os azulejos do piso sob os pés deles.

– Ei – disse ele bruscamente. – Não faça isso. Você não tem por que se desculpar. Entendeu?

Ela mordiscou o lábio inferior e suspirou.

– Grace? – pressionou Max.

Ele não queria que ela pensasse que tinha a obrigação de dar prazer a ele. Ele não era como aquele outro cara. É claro que sentiu uma pontada de frustração quando ela tirou a mão, mas isso era só o pau dele falando.

– Nenhuma pressão, está bem? É sério – afirmou ele, erguendo o queixo de Grace com o indicador, sorrindo feliz por ela não ter se encolhido. – Olhe, esqueça. E tente de novo quando você se sentir pronta.

Ela concordou com a cabeça, o olhar marejado.

– Está bem.

Max acariciou os braços dela.

– Que tal irmos dar um mergulho com aqueles malucos, hein?

Ela cruzou os braços em cima do peito.

– Vá você. Vou ficar aqui mais um tempinho.

Max mordeu a parte de dentro da boca, odiando o desânimo que a envolvia. Há semanas ele não a via reagir assim.

– De jeito nenhum, mocinha; estamos aqui para nos divertir, não para choramingar. Então trate de se recompor.

Ele pegou o braço dela e a puxou de volta para o quarto.

Um sorriso cutucou os cantos dos lábios dela.

– Ok, tudo bem, mas não estou a fim de nadar. E meu biquíni novo não cobre direito...

Ela apontou para a cintura, onde Max sabia que a pele dela tinha cicatrizes. O peito dele ficou apertado.

– Grace, você sabe que aqueles caras não vão dar a mínima para isso, não sabe?

– Eu sei – respondeu ela, começando a brincar com os cabelos.

– Eu também não dou a mínima – acrescentou ele delicadamente, porque, na verdade, as cicatrizes adicionavam “coragem” à lista cada vez mais longa de qualidades dela.

Ela sorriu.

– Eu sei, eu sei. Eu só... Quem sabe amanhã. O que mais podemos fazer?

Max pensou por um momento antes de uma ideia iluminar seu rosto.

– Você trouxe a câmera?

– É claro.

– Então vamos.

■ ■ ■

Por quase duas horas, Max mostrou a Grace as trilhas dos arredores da casa, guiando-a pela mata, apontando as paisagens de tirar o fôlego do lago e das montanhas. Grace o seguiu sem questionar, confiante, tirando fotos das árvores, das flores, da luz maravilhosa que penetrava pelo dossel das árvores e algumas de Max quando ele não estava olhando, compenetrado demais enquanto contava suas aventuras de infância na floresta.

Ruby tinha razão: Max era uma pessoa diferente na cabana. Ele ainda era o homem lindo e gentil que ela aprendera a conhecer, mas, ali, Grace viu que a tensão em seus ombros sumia, ao passo que o sorriso em seu rosto era constante. Ele estava mais jovem, mais livre e mais disposto a se abrir. Suas histórias sobre o pai e as pescarias dos dois eram deliciosas e, às vezes, hilárias e cativaram Grace, especialmente quando, à noite, sentados ao redor de uma grande fogueira, comendo bifés e hambúrgueres, Vince se juntou a eles. Max riu de um jeito que Grace nunca vira antes, alto e descontrolado, à medida que lembranças e histórias eram contadas pelas pessoas do grupo. Grace tomava sua taça de vinho, ouvindo o papo e se sentindo, pela primeira vez em anos, em paz de verdade. E isso se devia, em grande parte, ao homem sentado ao seu lado.

– Max, você se lembra da noite em que pegamos sorvete do freezer da garagem sem permissão e seu pai estava convencido de que havia um urso à solta?

Ruby riu por trás da borda de sua taça de vinho.

Vince meneou a cabeça.

– Vocês, crianças, eram um tremendo pesadelo.

Os dois “pesadelos” bateram um no punho do outro.

– Bom trabalho, parceiro – disse Ruby sorrindo.

– Pode crer – respondeu Max, concordando com a cabeça.

– Por que vocês não podiam comer sorvete? – perguntou Grace.

As gargalhadas de Vince, Fern e Ruby e o rubor das bochechas de Max eram intrigantes demais para deixar passar.

Buck gaguejou com o hambúrguer na boca.

– Ei, eu já ouvi essa história! Esse foi o incidente da polícia sem roupa?

Gritos de euforia preencheram a noite quente de verão e flutuaram sobre a superfície da água como folhas ao vento.

– Polícia sem roupa? – perguntou Caleb, incrédulo, ao lado de Vince.

– Cara, nunca vou conseguir deletar aquelas imagens da minha cabeça enquanto eu viver! – comentou Ruby.

Max riu.

– Sim, claro, como se você quisesse.

Ele piscou e tomou um gole de refrigerante.

– Ah, vamos lá! – disse, impaciente, a amiga loura de Buck, Carla. – O que aconteceu?

Grace a achava bonita, ao seu estilo cabelo e seios falsos e dentes superbrancos, mas o modo como ela olhou para Max a noite toda certamente não lhe agradou.

Max suspirou, divertindo-se.

– Ruby me desafiou a tirar a roupa para a família que estava do outro lado do lago. – Ruby começou a protestar por cima dos

“ooohs” e “aaahs” ruidosos. – Você fez isso – continuou ele, apontando o dedo para ela. – Não negue. Foi tudo culpa sua.

Grace sorriu.

– E você tirou?

– É claro que tirei! Nunca neguei um desafio. Eu não podia deixar Ruby vencer!

– O único problema foi que – continuou Ruby, às gargalhadas –, assim que ele ficou em pé na boia no meio do lago e abaixou o short para cumprimentar os pobres coitados, a guarda municipal estava fazendo sua ronda matinal e viu!

Max jogou a cabeça para trás.

– Merda, eu fiquei apavorado.

– Eles o arrastaram de volta para a cabana – acrescentou Vince.

– E Max ficou parado na varanda só com um quepe da polícia cobrindo suas partes íntimas!

O grupo explodiu em risadas de novo.

– Onde estava o seu short? – perguntou Grace.

– Comigo! – gritou Ruby. – Ele o largou; aí eu peguei e nadei de volta para a beira.

– Então me mandaram para a cama aquela noite, depois de uma bronca do meu pai, sem jantar e sem sorvete.

Max deu de ombros, dando um sorriso largo, seus olhos escuros dançando na luz da lareira.

– Quantos anos você tinha?

– Catorze.

– O primeiro dos seus muitos desvios da lei, hein? – comentou Caleb.

O tom dele não era condescendente, mas havia uma pitada de alguma coisa que Grace não conseguiu identificar bem.

O delegado tinha ficado quieto durante boa parte do tempo desde que eles chegaram e só sorriu rapidamente na direção de Grace ao lhe entregar um prato para o bife. Ele se mantivera ao lado

das amigas de Buck o dia todo, e havia ajudado Vince com o churrasco. Na verdade, Grace estava aliviada. Não porque tinha medo dele. Longe disso. Ele sempre fora muito gentil e educado com ela, oferecendo-se para levá-la para casa quando seu turno acabava tarde da noite e Holly ou Max não estavam por perto, o que era raro. O problema é que Max não ia com a cara do policial e ela não queria ser responsável por nenhum desentendimento entre os dois. Conhecendo a si mesma, Grace tinha certeza de que diria *alguma coisa* errada.

Max deu um sorriso torto para Caleb, mas o olhar que atravessava as chamas da fogueira não era nada agradável. Grace se mexeu ao lado dele, querendo tocá-lo, mas sem saber como.

– O que você tem a ver com isso?

Caleb deu de ombros e tomou um gole de cerveja.

– Só estou perguntando.

Max abriu a boca para dizer alguma coisa que Grace tinha certeza que seria repleta de palavrões, mas foi interrompido pelo som do Journey explodindo no rádio que Buck tinha trazido. Buck se acomodou e começou a tocar sua guitarra imaginária, juntamente com Josh, que se uniu a ele e começou a cantar o mais alto que podia a música sobre garotas de cidades pequenas e trens da meia-noite. Em pouco tempo, todos estavam cantando, até mesmo Max, que ria e encorajava Buck a pular de sua cadeira como um verdadeiro astro do rock.

Eles gritaram e tiraram sarro dos meninos enquanto eles continuavam dançando e fazendo palhaçadas. Grace lamentou ter deixado a câmera no quarto. Aquelas eram lembranças que ela queria documentar, guardar pertinho do coração, olhar sempre que estivesse se sentindo acuada pela vida. Ela fechou os olhos e permitiu que os sons e os cheiros do momento a invadissem, focando-se na risada barulhenta de Max. Parecido com quando

Grace ouvia sua música preferida, o som daquela risada arrepiou seu corpo inteirinho como uma ola em um estádio de beisebol.

Max se aproximou do ouvido dela quando a música terminou em meio a gritos e aplausos pela performance de Buck e "Back in Black", do AC/DC, começou a tocar.

– Você está bem?

Ela sorriu quando os acordes legendários da guitarra ecoaram pela montanha e Max começou a sacudir a cabeça.

– Muito bem.

19

Grace foi acordada pelo sol que penetrava no quarto e por uma cantoria que parecia vir do banheiro. Ela esfregou os olhos e se espreguiçou. Seu cotovelo bateu em um dos travesseiros que Max tinha feito questão de colocar no meio da cama, afirmando que eles a fariam se sentir mais segura. Mas algo lhe dizia que ele também precisava daqueles travesseiros ali – só que por outros motivos. Motivos que faziam o coração dela bater mais rápido.

Enquanto ela se sentava e prendia o cabelo no alto da cabeça, a porta do banheiro se abriu e Max saiu de lá, seguido por uma nuvem de vapor de cheiro delicioso. Era um perfume de especiarias, diferente de tudo o que Grace já tinha sentido antes.

– Ei – disse ele com um sorriso, enquanto amarrava o cordão do short azul e puxava a barra da regata branca para baixo, escondendo o pedacinho de pele bronzeada abaixo do umbigo. – Que bom que acordou.

Ele se movia pelo quarto com rapidez, a tatuagem em seu ombro agora mais visível do que a primeira vez que Grace a vira. O coração dela ficou apertado com a lembrança. A tatuagem era preta e trazia algum outro detalhe, algo como chamas. Ou seriam penas?

– Dormiu bem? – perguntou ele, colocando o relógio e um par de chinelos de dedo pretos antes de passar as mãos pelos cabelos úmidos.

Grace adorava ver que ele nunca usava escova; gostava

especialmente quando o cabelo dele ficava espetado daquele jeito.

– Sim – respondeu ela, levantando-se e arrumando as cobertas.

– E você?

– É claro. – Ele deu de ombros. – Durmo bem em qualquer lugar com uma superfície horizontal, sabe?

Grace sorriu, tremendo com a maneira como os olhos dele passeavam pelo pijaminha curto dela.

– Posso usar o chuveiro? – perguntou ela, pegando a toalha dobrada em cima de sua mala.

– Sim, claro. Buck, Josh e eu vamos até o lago encher as boias e tudo mais, talvez pegar o barco. Vai ser legal passar o dia na água. Está quente. Venha se juntar a nós quando estiver pronta. Tio Vince está cuidando do café da manhã.

Ela concordou com a cabeça, segurando a toalha perto do corpo.

– Vamos nadar hoje?

Max a fitou e deslizou os olhos por seu corpo, fazendo sua pele queimar.

– Claro que vamos. E você – ele deu um passo grande na direção dela – precisa colocar aquele biquíni e exibir esse seu corpão. – Os dentes dele pressionaram o lábio inferior. – Seria um desperdício se não fizesse isso.

– Ah, bem, eu... – Ela ficou com as bochechas vermelhas. – Eu... Tá, digo, tudo bem, pode ser que eu vá.

Max pegou os óculos Ray-Ban em cima da cômoda e os colocou.

– Essa é a minha garota.

Então ele saiu do quarto, fechando a porta com delicadeza. As últimas cinco palavras envolveram Grace como um abraço caloroso e deixou seu coração em um frenesi.

■ ■ ■

– Ei, Grace! – Ruby acenou como uma louca à beira da água. – Venha cá, querida!

Max tinha razão: estava quente pra caramba. A pele de Grace formigava sob os raios solares à medida que ela se encaminhava para onde as mulheres da casa tinham montado seu próprio oásis de adoração ao sol. Toalhas, espreguiçadeiras, guarda-sóis e *coolers* estavam à disposição, enquanto diversos gritos e barulhos indicavam que todos os homens estavam na água fazendo... alguma coisa.

– Eles estão discutindo sobre as boias e as porcarias das amarras – disse Ruby, revirando os olhos. – Pode ser que a gente nunca mais os veja de novo.

O vermelho do biquíni de Ruby fazia seus olhos cinza se destacarem, e não havia qualquer pneuzinho à vista.

Grace olhou para si mesma, repentinamente com vergonha dos corpos esbeltos à sua volta. Ela usava um maiô amarelo, uma cor que sempre lhe caiu bem. O amarelo destacava os tons escuros e quentes de sua pele, era o que sua mãe dizia. Ela tinha comprado o novo maiô, sem experimentá-lo, dois dias antes da viagem à cabana e aí já era tarde demais para devolver.

Ele era bem cavado, exibindo algumas cicatrizes de seu quadril, e as costas tinham um decote baixo, mostrando pedacinhos das cicatrizes da cintura. Por isso ela resolveu colocar uma camiseta branca fina e amarrotada que encontrou em cima da mala de Max. Grace esperava que ele não se importasse por ela pegar emprestada uma de suas roupas. É que andar por ali só de maiô deixava sua garganta seca.

A gola da camiseta deixava um ombro à mostra e ela tinha amarrado um nó frouxo no quadril, deixando um pedacinho da parte de baixo do maiô aparecendo. Ela nunca tinha vestido tão pouca coisa perto de outras pessoas, ainda mais ao ar livre. Meses atrás, Grace jamais teria sonhado em ser tão ousada. Ela se lembrava de uma vez em que usara um biquíni no quintal em um dia escaldante

de verão. Rick chegou em casa chapado e furioso e bateu nela com o sapato quando a encontrou. Ele a chamou de vadia porque “ficou exibindo aquela bundinha safada por todos os cantos”.

O quintal deles era privativo. Ninguém a tinha visto. Mas a paranoia de Rick era uma coisa devastadora.

– Talvez eu deva me trocar? – murmurou dela de repente, colocando a mão nos óculos escuros em sua cabeça.

A mão de Ruby na dela foi quase tão surpreendente quanto um alívio.

– Não. Não faça isso. Você está maravilhosa.

– Está mesmo – acrescentou Carla. – Menina, se eu tivesse pernas como as suas, eu iria me vestir assim o tempo todo.

Certo, então talvez aquela menina não fosse *tão* ruim assim, mesmo que ela estivesse com a cara cheia de maquiagem sob um calor de quarenta graus. Desde que não ficasse de olho em Max, Grace se daria perfeitamente bem com ela. A possessividade de Grace com relação a Max não era nem surpreendente nem preocupante. Aquilo era da natureza dela. Ela sempre tivera ciúme da família, dos amigos, dos namorados...

Grace olhou para a água ao ouvir a voz de Vince no meio do lago. Ela avistou Max imediatamente, ainda usando óculos escuros, sem camisa e todo molhado, sorrindo para Buck enquanto ele tentava fazer a boia ficar no lugar. Deus, o cara era perigoso. Era um verdadeiro colírio. Barba por fazer, short de banho de cintura baixa, seu corpo esguio de corredor banhado pelo sol. Grace queria beijá-lo. Inteirinho. Ele devia ter um gosto divino, a julgar pelo cheiro que deixara no banheiro ao sair do chuveiro.

– Cerveja? – ofereceu Ruby, segurando uma garrafa de Heineken bem debaixo do nariz de Grace.

Grace deu uma olhada para o relógio. Eram onze e meia.

– Claro. Por que não? São seis da tarde em algum lugar, certo?

– É disso que gostamos – disse tia Fern.

Ela se aproximava de biquíni e canga, carregando o que parecia ser uma bandeja cheia de picolés caseiros e copinhos de gelatina. Aqueles pequenos certamente continham uma boa dose de álcool. As coisas iam sair dos eixos – e logo.

– Aquela boia é praticamente uma casa! – observou Grace, bebericando sua cerveja e colocando a bolsa em uma das espreguiçadeiras.

A boia era enorme e podia comportar pelo menos dez pessoas. Parecia um deck flutuante.

– É incrível, né? – respondeu tia Fern. – Vince e eu a compramos alguns anos atrás. É o sonho de consumo de todo o lago, sabe?

Ruby bufou e balançou a cabeça ao mesmo tempo que um barulho ecoou pelo lugar. Cinco homens mergulharam, apostando corrida em direção à beira da água. Ruby gritou o nome do marido enquanto Carla, cujo cabelo brilhava ao sol, gritou o nome de Buck. A amiga de Carla – Anna? Ada? – sorriu.

– Ei, Adele – falou Carla para a mulher morena.

Isso mesmo. Adele.

– Parece que o seu homem está na liderança.

– Cale a boca – respondeu Adele, fechando os grandes olhos cor de mel e se recostando na espreguiçadeira, sua barriga lisa e perfeita num biquíni azul. – Foi só um beijinho de nada. Não estou dormindo com o cara.

Grace franziu a testa de modo questionador para Ruby, que fez “Caleb” com a boca. Ah. Sem dúvida rolaram algumas brincadeirinhas depois que ela e Max foram dormir. Interessante.

Max emergiu do lago, tirando sarro de Buck por ter dado uma sova nele na água de novo e retirando os cabelos pretos da testa. Todo o seu corpo se movia de um jeito que Grace só havia visto em predadores da selva, nos programas de TV. Como um felino selvagem ou algo assim, ele era todo articulado e sensual. Deus! Ela pressionou a garrafa de cerveja na bochecha; o sol já estava

aquecendo seu corpo e sua libido. O que acontecia no verão que fazia o *tesômetro* de todo mundo ficar em alerta vermelho?

Max deu um sorriso torto enquanto se aproximava.

– Você veio. Comeu alguma coisa? – Ele arqueou a sobrancelha por causa da roupa que ela usava e ergueu a barra da camiseta até suas costelas. – Isto aqui é familiar.

– Sim – respondeu Grace, puxando a camiseta de volta para baixo. Eu vi em cima da sua mala; cobre todas as partes que eu não quero... Você sabe, minha pele onde... Vou lavar e...

As divagações dela foram interrompidas pelos dedos de Max em seus lábios. Ele riu.

– Está tudo bem. Qualquer coisa que deixe você confortável. – Ele ergueu os dedos e a olhou de cima a baixo. – Lembre-se, elas provam que você sobreviveu.

E, assim, Grace quase perdeu o ar.

– Ei, Max, pode me dar uma mão aqui, cara?

Max se virou e foi andando para onde Josh estava, rodeado por várias cadeiras e brinquedos aquáticos, fazendo Grace arfar. A tatuagem que ela tinha visto no ombro de Max era um pedacinho de um desenho que se estendia de um ombro a outro, como asas de um anjo. Penas negras, tão detalhadas que pareciam quase reais, se estendiam por sua pele, onde o nome "Christopher" se curvava em um arco, sob o qual havia uma data e os dizeres "*ad infinitum*".

Fora a parte preta, que Grace já vira antes, nenhum outro pedaço da tatuagem de Max se estendia até a frente de seu corpo. Como um segredo que poucos conheciam, a tatuagem de Max era linda e despertava alguns questionamentos.

Grace apertou os lábios e se sentou, chutando os chinelos para longe e se acomodando para observar os meninos acabarem de montar tudo. Ela sabia que as perguntas teriam que esperar. Hoje era dia de diversão e sol em todas as suas formas.

■ ■ ■

– Vai entrar na água em algum momento?

Max estava parado aos pés da espreguiçadeira de Grace com uma garrafa de refrigerante na mão, admirando suas pernas longas e desesperado porque, após três horas ali, ela ainda não tinha retirado aquela maldita camiseta nem se juntado a eles na boia. Além disso, o fato de ela ter escolhido usar uma peça de roupa dele fez o coração de Max acelerar e seu pau se agitar. É, aquilo era excitante. Os outros caras tinham comentado a mesma coisa. Menos o delegado babaca, que tinha revirado os olhos com um ciúme descarado. Bem, ele podia se danar.

Max derrubou o suor gelado da garrafa de refrigerante no pé de Grace, fazendo-a pular e tirar os olhos do celular.

Ela riu.

– Ei! – Ela secou o pé. – Está tudo bem aqui – disse ela delicadamente. – Estou feliz jogando Angry Birds. Mesmo. Vá lá se divertir. Eu adoro o sol. Estou bem.

É, os efeitos do sol começaram a aparecer no corpo dela. Sua pele escura já mudava de cor. Seu cabelo brilhava nas cores dourado e caramelo. Ela também parecia um pouquinho bêbada, o que era fofo pra caramba. Max sabia que Fern e Ruby estavam garantindo que ela tivesse sempre uma bebida gelada por perto.

– Mas todo mundo está na boia agora – ponderou ele. – Você está sozinha.

– Max, estou bem. Juro.

Ele bufou.

– Bem, você pode ao menos vir aqui para eu mostrar uma coisa?
– perguntou ele, chutando um dos pés da espreguiçadeira.

Ela arqueou uma sobrancelha desconfiada.

– Uma coisa?

Ele deu um sorriso malicioso.

– Não *essa* coisa. – Ele ergueu e abaixou as sobrancelhas. – Não agora, pelo menos.

Ela riu e ergueu o tronco.

– Está bem. O que você quer me mostrar?

– Venha cá.

Colocando o celular na espreguiçadeira, ela se aproximou, ficando em pé com cautela, mas incapaz de andar sem cambalear um pouquinho. Ela riu.

– Aquelas gelatinas são safadas.

– São mesmo – respondeu Max, dando risada. – Ei – disse ele, franzindo a testa. – O que é isso? – completou, apontando para os pés dela.

Quando Grace olhou para baixo, Max deu o bote. Como se ela não pesasse nada, ele a agarrou pelas coxas e a jogou por cima do ombro como um bombeiro carrega um socorrido, sorrindo ao ouvir os gritos de encorajamento dos filhos da mãe na boia que o tinham desafiado a fazer aquilo. Ele correu na direção da água, ignorando os protestos de Grace, o tom da voz dela repleto de humor. Até que ele a ouvisse em pânico, ele não ia largar.

– Max! Por Deus! Me solte.

Ela deu um tapa na bunda dele. Com força.

– Ah, pode fazer isso de novo – disse ele, entrando na água.

Ela gritou quando seus pés tocaram a água. Certamente era um choque contra sua pele quente.

– Estou aqui com você – cantarolou ele. – Não se preocupe.

– Meu pai do céu, está congelante, Max! Pare!

Max riu. Mesmo com o álcool, ela ainda tomava cuidado para não xingar.

– Parar? – perguntou ele, ficando imediatamente imóvel, a água batendo em sua cintura.

– Obrigada – ofegou ela. – Agora me solte.

Ele sorriu na direção da boia.

– Tudo bem. Vou soltar você. Aqui é um bom lugar.

Com facilidade, Max a ergueu e a jogou na água. Ela submergiu inteira. Ele se curvou e acenou na direção da boia, onde todo mundo estava em pé, rindo, assobiando e aplaudindo.

– Seu filho da mãe! – ralhou Grace quando voltou à superfície e se levantou, os cabelos pingando, a camiseta branca deliciosamente agarrada a seu corpo.

Ela agitou as mãos, como se aquele movimento fosse ajudá-la em sua tentativa de se secar.

Max foi até ela, sorrindo.

– Ah, por favor! Não fique brava. – Ele estendeu a mão. – Minhas roupas nunca ficaram tão lindas em alguém.

Ela deu um sorriso torto.

– Ah, é?

Os olhos dele passaram pelo corpo dela, prestando uma atenção especial nos mamilos enrijecidos.

– Pode ter certeza – sussurrou ele, grato pelo fato de a água estar gelada o suficiente para manter seu pau na linha.

– Bem – ronronou ela. – Chegue mais perto e me conte mais.

Max devia ter ouvido sua intuição. Devia ter ouvido a parte sensata de seu cérebro e não a parte que habitava em sua bermuda, pois, assim que ele se aproximou, ela partiu para cima dele, dando-lhe um belo de um caldo, enfiando a cabeça dele no lago repetidas vezes, enrolando seu corpo pequeno no dele até ele implorar por misericórdia. Ela era escorregadia como uma enguia. Max não conseguia agarrá-la, mas, Deus, ter o corpo dela tão próximo, tão perto da sua nudez era delicioso! As coxas de Grace o apertaram com força enquanto a bochecha dele estava pressionada contra o peito dela.

Sensacional.

Ela finalmente o soltou, empurrando-o com uma risada linda.

– Tenho um irmão, meu caro Max – provocou ela enquanto

nadava de costas. – Não se esqueça. Aprendi com os melhores. Afogo meninos como você no café da manhã.

E, com isso, ela seguiu na direção da boia, onde Josh e Buck a ajudaram a subir, deixando Max sem palavras, explodindo de orgulho.

20

Era fim de tarde quando todo mundo trocou a boia pela sombra da casa. Com o sol ainda quente pra caramba e drinques sendo servidos a rodo, um cochilo era providencial. Com um braço atrás da cabeça e um pé no chão para manter a rede, presa em duas árvores, balançando devagar, Max observou Grace se aproximar com um sorriso delicado e levemente bêbado em seu rosto bronzeado. Ela ainda estava usando aquela maldita camiseta, mas não tinha problema. Ela havia sido maravilhosa com todo mundo o dia todo, se abrindo com ele e com os outros, afastando sua timidez e seu silêncio naturais.

Max sorriu quando ela parou ao lado dele.

– Oi.

– Oi – respondeu ela. – Tudo bem?

Ele assentiu com a cabeça.

– E você?

Ela ergueu uma garrafa de água pela metade.

– Tentando diluir. Talvez eu esteja um pouquinho bêbada.

– Acho que você está mesmo. – Ele passou a mão pela rede. –

Quer me fazer companhia?

Ela franziu a testa.

– Tem espaço?

Max se mexeu, deixando um espacinho para ela.

– Agora tem.

Grace colocou a água no chão e, com elegância zero, se sentou pesadamente na beirada da rede, empurrando-a para o lado e caindo em cima de Max.

– Merda! – exclamou ele.

Uma risada alta e safada explodiu dela enquanto Max, com braços e pernas agitados, tentava estabilizar a rede e manter os dois em cima dela. Ele conseguiu, mesmo Grace não tendo ajudado em nada.

Com os dois deitados, Grace ainda chiando de tanto rir, Max balançou a cabeça.

– Você é maluca – comentou ele com um sorriso torto.

– Me sinto maluca – respondeu ela, colocando a mão no peito para tentar se acalmar. – Me sinto ótima. – Ela olhou para ele, seus narizes estavam a poucos centímetros um do outro. – Adorei ter vindo. Estou me divertindo tanto.

– Fico feliz. – Max observou o rosto dela. – Você se queimou.

– Você também. – Ela pressionou o indicador no nariz dele. – Está com sardas.

– Não estou, não!

Grace riu de novo.

– Não se preocupe, são superfofas.

Max esfregou as mãos no rosto para se livrar da suposta fofura.

– Sei...

Ela sorriu e voltou a olhar para o céu, a mão roçando na dele.

– É bom ver você tão feliz.

Ele olhou para ela, surpreso.

Ela fechou os olhos.

– Seu sorriso é bonito demais para não ser exibido.

Sem pensar, Max enfiou o braço por debaixo da cabeça dela e a puxou para perto. O aroma da pele aquecida pelo sol, do protetor solar e do vinho preencheu os sentidos dele.

– Você fica atiradinha quando bebe, hein?

Parecendo inabalada pelo toque dele, ela concordou com a cabeça.

– Parece que sim. Isso te incomoda?

Max balançou a cabeça.

– É superfofo.

Ela riu e moveu a mão até repousá-la na barriga nua dele. Os músculos de Max se contraíram de imediato. Ele limpou a garganta.

– Você ficou com a minha camiseta.

Grace emitiu um ruído apreciativo como resposta.

– Você tem uma tatuagem.

Ele suspirou.

– Tenho.

Grace abriu os olhos lentamente e perguntou com delicadeza:

– Quer falar sobre isso?

Ele queria falar sobre aquilo? Não muito. Mas Max sabia que chegaria o momento em que teria que se abrir, contar aos outros sobre seu passado. Quem melhor para ser a primeira pessoa a ouvir do que Grace, com suas perguntas inocentes e seu rosto sincero? Além disso, ela já tinha compartilhado uma parte extremamente sombria e dolorosa de seu passado quando lhe contou sobre Rick.

– Christopher era meu filho – disse ele baixinho, as palavras arranhando sua garganta como pedaços estilhaçados de seu coração subindo pelo peito.

Grace ficou imóvel. O único movimento era o balanço suave da rede.

– Era.

Max virou a cabeça, olhando diretamente para ela.

– Ele morreu.

Um ofego breve escapou dos lábios de Grace. Ela tirou a mão da barriga dele, mas Max segurou o pulso dela na mesma hora.

– Não – pediu ele.

Max recolocou a mão dela ali, precisando do contato enquanto

contava sua história, a história de Christopher, a história de Lizzie, a história de por que ele tinha seguido aquele caminho e por que era do jeito que era.

Grace ficou em silêncio absoluto, seus dedos acariciando levemente a pele de Max, à medida que ele descrevia a perda de Christopher e, depois, de Lizzie. As drogas, a bebida, as mulheres, tudo veio à tona enquanto eles estavam deitados na rede de seu pai sob a sombra das árvores.

Ele terminou seu relato e Grace demorou um tempo até conseguir falar.

– Eu sinto muito mesmo, Max.

Ele deu de ombros.

– Não sinta.

– Como ela pôde deixar você desse jeito? – questionou ela; e, levando a mão ao coração de Max, completou: – Ele já foi tão machucado.

– É por isso que não funciona mais.

Ele umedeceu os lábios e seus olhos se fecharam quando os dedos dela roçaram em seu mamilo.

– É claro que funciona – respondeu ela. – Você só não percebe. – A mão dela desceu pelo meio do peito dele, parando brevemente no umbigo. – Você é muito especial, Max.

Ele abraçou a cintura dela de forma delicada, torcendo por tudo o que era mais sagrado que ela descesse a mão ainda mais. Apesar da seriedade da conversa que eles haviam acabado de ter, a necessidade que tinha do toque dela era avassaladora.

O olhar dela permaneceu grudado no cós da bermuda de Max e no contorno inegável de seu pau, à medida que ele ficava cada vez mais duro com a atenção que ela lhe dava.

– Grace, toque em mim.

Aos poucos, a mão dela se moveu sobre o tecido da bermuda, sobre a ereção dele, provocando um sibilo em seus lábios. O toque

dela era hesitante, cauteloso, fazendo Max mover os quadris em busca de uma pegada mais firme, um movimento mais brusco.

– Isso, assim – encorajou ele, deslizando a mão pelas costas dela. – Assim.

As palavras de Max pareceram despertar a confiança dela, e ela pressionou o corpo contra o dele com mais força, segurando-o. Apesar de a sensação do toque dela ser incrível, o corpo de Max se movia com ondas de frustração, querendo que ela arrancasse as roupas dele e o tocasse de verdade. Mas ele não forçou a barra. Em vez disso, abaixou a gola da camiseta que ela usava, bem como a parte de cima do maiô, e chupou o mamilo dela com delicadeza, provocando um gemido profundo. Os mamilos dela eram escuros como chocolate e, assim como da outra vez, enrijeceram perfeitamente na língua dele. E, como ele esperava, a mão de Grace o segurou com mais força, esfregando-o com mais firmeza até que os quadris dos dois estavam se retorcendo, buscando mais fricção, fazendo a rede balançar.

– Me deixe tocar você – arfou Max no pescoço dela, o sal em sua pele doce o deixando louco. – Ah!, me deixe colocar os dedos em você.

– Deus!

A cabeça dela caiu para trás com as palavras dele, deixando-o livre para lambê-la e chupá-la.

Entendendo a reação dela como permissão, Max colocou a mão na coxa de Grace, reparando em como ela era macia, puxando-a na direção dele e abrindo-a.

– Vou ser delicado – prometeu ele com um grunhido enquanto ela continuava masturbando-o, desenhando um orgasmo nas profundezas de sua barriga.

Os dedos dele roçaram o tecido úmido entre as pernas dela, fazendo Grace pular.

– Estou aqui com você. Vou fazer com que seja bom pra caralho,

bom...

– Max? – O grito de Josh veio da água, além das árvores, onde ninguém podia vê-los, mas fez os dois congelarem mesmo assim. – Você está por aí?

Max xingou e tirou as mãos do meio das pernas de Grace, ao passo que ela se debateu e se afastou tão rápido dele que a rede sacudiu perigosamente mais uma vez, fazendo os dois lutarem para continuar em cima dela.

Josh apareceu assim que aquela porcaria estava sob controle.

– Ah – disse ele, o constrangimento corando suas bochechas. – Foi mal, cara, não percebi...

– Está tudo bem – respondeu Max, erguendo a mão, apesar de aquela ser a maior mentira que ele já tinha contado. A virilha dele pulsava com os resquícios de sua ereção, que ele torcia para que Josh não reparasse, enquanto seu coração batia como um martelo no peito. – Qual a boa?

Josh apontou com o polegar por cima do ombro.

– Vamos para a cidade, tomar mais alguma coisa; talvez passar em uma boate. Estão todos se arrumando agora. Vamos sair em meia hora. Está dentro?

Estava perto.

Max olhou para Grace, assimilando suas bochechas coradas e os olhos arregalados.

– Está a fim?

– Claro – disse ela um tanto rápido demais, com uma voz rouca e cheia de desejo. – Me parece ótimo.

– Estaremos lá – disse Max acenando para Josh, que se virou rapidamente e voltou correndo pelo caminho que tinha vindo.

Max esfregou a mão na testa.

– Bem, isso vai render assunto para a Ruby comentar pelo próximo milhão de anos.

Grace grunhiu e soltou a cabeça no ombro dele.

– Ela nunca vai me dar trégua.

Max fez um carinho nos cabelos dela antes de se afastar. Ela era uma tentação, com seu calor, seu cheiro e sua disposição. Se eles começassem de novo, não conseguiriam sair com os outros. Ele se levantou com cuidado da rede e esticou os braços acima da cabeça. Quando se virou, os olhos de Grace estavam grudados nele e pediam sexo.

– Deus – murmurou ele, escondendo o sorriso com a mão. – Pare ou não vamos sair nunca.

– O quê? – perguntou ela, piscando de modo inocente.

– Você sabe o quê. – Ele riu, oferecendo a mão, que ela aceitou sem hesitar. – Venha, vamos nos arrumar. Preciso de um banho frio.

■ ■ ■

Max tomou um banho gelado. Mesmo assim, ele considerou seriamente bater uma. Saber que Grace estava no cômodo ao lado toda inocente e alheia à sua sensualidade o deixava contente e irrequieto ao mesmo tempo. Ele se esforçou para pensar em coisas pouco sensuais – reabilitação, Tate, terapia –; o que funcionou muito bem até que, depois de se vestir, ele saiu do banheiro e deu de cara com Grace debruçada sobre a mala usando apenas lingerie.

Meu Deus!

Sua bunda estava espetacular, adornada por uma renda vermelha que acentuava o tom caramelo de sua pele. Ele se apoiou no batente da porta, atordoado pelas imagens lascivas que desfilavam por seu cérebro.

Ele deve ter emitido algum ruído apreciativo, pois Grace se virou de repente, surpresa, usando os braços e as mãos para tentar esconder o sutiã e a calcinha de renda vermelha. Mas não adiantou

porcaria nenhuma. Max tinha visto tudo de que precisava para fazer seu corpo querer partir para o ataque.

Ele tentou ser cavalheiro, realmente tentou, mas seus olhos o traíram em todos os sentidos, vagueando pelas coxas e pela cintura dela, antes de buscarem aquele mistério delicioso entre suas pernas. Ele limpou a garganta, resmungou um pedido de desculpas e atravessou o quarto, encontrando um lugar bem longe dela. Quando se virou, ela segurava uma toalha junto ao corpo, parecendo tão excitada quanto ele.

Após um momento de silêncio e tensão, ele deu uma risada um tanto nervosa.

– Mulher, você está me matando.

– Desculpe, eu estava no meu próprio mundinho e achei que você fosse demorar mais lá dentro e... – Grace se calou por um instante antes de rir de forma contagiante. – Meu Deus, a sua cara!

Max não pôde evitar rir com ela, e a sensação era boa pra caramba.

– A minha? E a sua?

Max balançou a cabeça. Ele se sentia completamente desequilibrado e sem controle perto dela. A sensatez lhe escapava. Mas, mesmo assim, em vez de ficar ansioso, ele se via aceitando aquilo tudo. A alegria que ela demonstrava ao reconhecer o desejo incessante de Max por ela era renovadora, deixando uma sensação de felicidade na alma dele.

Ela bufou e respirou fundo, tentando recuperar a calma enquanto abanava as mãos na frente do rosto.

– Droga, acabei de passar rímel!

– Bem, vou descer e ficar com os meninos enquanto você termina – ele apontou para ela –, você sabe, de se vestir.

Grace tossiu, sem graça.

– Está bem.

Passando as mãos pelos cabelos em uma tentativa inútil de

deletar as imagens que invadiam sua mente, Max encontrou seu tio Vince e Josh sentados perto do bar na sala de estar. Os dois estavam sussurrando, certamente falando besteira, mas se endireitaram e calaram a boca rapidinho quando Max se aproximou. Filhos da mãe. Tio Vince arqueou uma sobrancelha desconfiada e abriu a boca para falar.

Max ergueu a mão.

– Não pense que só porque você é velho eu não vou quebrar a sua cara – disse ele sem rodeios, fazendo os dois homens caírem na gargalhada.

Max se sentou ao lado deles, sorrindo.

– Pelo menos a rede é uma ideia criativa – murmurou tio Vince com a garrafa de cerveja na boca. – Nem mesmo sua tia e eu tentamos isso ainda.

Tanto Josh quando Max grunhiram de nojo. Max apoiou a cabeça no antebraço e tio Vince deu um tapa em suas costas.

– Ora, vamos lá, sobrinho, relaxe! Quando foi a última vez que eu pude encher o seu saco por estar dando uns amassos em uma menina, hein? – Ele voltou os olhos para Josh. – Me lembro de quando eu e o pai de Max o pegamos com uma menina nos fundos da oficina dele.

Max riu.

– É sério? Ainda estamos nessa?

– Pode ter certeza que sim, rapaz – declarou Vince. – Ficaremos nessa até eu não conseguir falar mais!

Josh riu.

– O que aconteceu?

Tio Vince parecia animado demais para o gosto de Max.

– Bem, eu e o pai dele estávamos...

– É sério? – reclamou Max com um sorriso.

– ... trabalhando num Corvette maravilhoso quando Connor reparou que Max tinha desaparecido. Isso não costumava perturbar

Connor, que dava bastante liberdade ao filho; mas Max deveria estar trabalhando na oficina como castigo por alguma coisa que ele tinha feito. O garoto estava sempre metido em encrenca.

Suas palavras eram verdadeiras, mas ele olhou com carinho para Max.

Josh ficou curioso.

– Onde ele estava?

– “Ele” seria eu? – perguntou Max, erguendo a mão. – *Estou* sentado aqui.

Sem se virar, tio Vince o dispensou com um aceno de mão.

– Estava com uma lourinha no capô do Mustang do pai, lutando para abrir o maldito sutiã dela!

– O fecho era frontal! – argumentou Max, os braços abertos ao lado do corpo. – Como é que eu ia saber?

Tio Vince bufou.

– Connor e eu devemos ter ficado um bom minuto ouvindo-o xingar aquela porcaria, até a menina perceber nossa presença. Ela se levantou e saiu correndo, vermelha como um pimentão, chamando Max de nomes que eu nunca tinha ouvido antes.

– Quantos anos você tinha para ainda não ter sido apresentado a sutiãs com fecho frontal? – perguntou Josh em meio à gozação.

– Vinte e cinco – brincou tio Vince antes de Max poder responder a idade verdadeira, que era dezesseis.

Max se pegou rindo ao lembrar a cena enquanto alcançava um refrigerante. O pai dele tinha ficado mais preocupado por ter uma marca de bunda no capô do seu amado Mustang do que com o fato de o filho estar transando com a menina. Aquela menina, Sarah Miller, nunca mais olhou na cara dele. Não que Max a culpasse. Na verdade, ele tinha quase certeza de que Carter tinha comido a garota em uma festa não muito tempo depois.

– Ah, quem dera ser jovem de novo... – brincou tio Vince.

Ele empurrou o ombro de Max e piscou.

– Deixe o menino em paz, Vincent.

– Eles estão fazendo bullying comigo *de novo*, tia Fern – resmungou Max. – Brigue com eles.

– Bullying – zombou o tio Vince, bufando. Ele apontou para Max com a garrafa de cerveja. – Não use minha rede para os seus planos obscenos!

– Obscenos? – repetiu Max, rindo. – Tia Fern, acho que seu marido anda assistindo à TV de madrugada de novo.

A tia apontou um dedo severo para o marido e o genro.

– Comportem-se, vocês dois – ralhou ela. – Deixem Max em paz.

– É – concordou Max. – Me deixem em paz.

Tia Fern deu um sorriso largo.

– Ele está apaixonado; é fofo.

Max cuspiu o refrigerante longe, acertando quem estava ao redor.

– O quê? – questionou ele, incrédulo, secando a boca com o dorso da mão. – Tia Fern! Grace e eu, não estamos... Não é o que você pensa, somos...

Os gaguejos dele foram interrompidos pela mão de tia Fern acariciando seu rosto.

– Tão fofo.

Josh riu alto.

– Cara, isso é incrível!

Max olhou para ele como quem diz que *nada* daquilo era incrível, pois não era real.

– Que zona é essa?

Ruby entrou na sala, segurando uma taça de vinho, seguida por Buck, suas amigas e o delegado palerma.

– Seu pai e seu marido estão falando idiotices – murmurou Max, ainda secando o rosto.

Ruby soltou uma gargalhada.

– Isso não é novidade.

– O que não é novidade?

Max ergueu os olhos quando ouviu a voz suave de Grace à porta e, por uma fração de segundo, esqueceu que queria esganar Josh por ter fofocado e o tio por contar histórias constrangedoras. Ela ficou parada ali, inquieta, mas linda. O cabelo estava solto, com alguns cachinhos emoldurando suas têmporas com perfeição. O vestido vermelho e branco florido escorregava pelos seus seios num decote sexy, mas não exagerado, e adornava suas coxas. Ela se aproximou dele lentamente, o brilho em seus olhos sugerindo que, assim como ele, a sessão de carícias que haviam trocado mais cedo era tudo em que ela conseguia pensar.

Um tremor de orgulho se espalhou por ele. É, pensou Max consigo mesmo, *e/le* era o homem com quem ela estava dando uns amassos. Ele era o homem em que ela confiava para fazê-la gozar e se sentir bem. Ele era o homem que ela queria que a tocasse e lhe ensinasse intimidade de novo.

– Você está linda – elogiou ele.

Ela passou a mão pelo vestido e ergueu os ombros modestamente.

– Obrigada. – Ela se virou para ele, seu rosto um tanto apreensivo. – Ei, eu queria te perguntar uma coisa. – Ela olhou em volta e só falou quando teve certeza de que ninguém além de Max ouviria. – Você fica mesmo à vontade para ir a uma boate?

Max franziu a testa.

– Claro. – Ele ergueu os ombros. – Por que não ficaria?

Ela pigarreou.

– É que eu estava pensando... Sei que você passa bastante tempo no Whiskey, mas é diferente. Quero dizer, numa boate pode ser mais complicado. – Os grandes olhos verdes dela pareceram preocupados. – Você sabe, vai ter mais... tentações. Não seria melhor evitar? Eu adoraria ficar aqui com você, se for o caso. Poderíamos assistir a um filme ou algo assim.

Ninguém, com exceção de Tate e Elliot, tinha perguntado a Max sobre o seu vício e sobre como suportava as tentações ao seu redor. Max sabia que não era por não se importarem. Sua família e seus amigos simplesmente acreditavam e confiavam nele o suficiente para deixá-lo se virar sozinho. Seu verdadeiro vício era a cocaína, não o álcool. Mas ele sabia quão rápido um vício podia tomar o lugar de outro. Além disso, ele não podia beber enquanto estava tomando os remédios. Os passos do NA ajudavam, é claro, mas Max compreendia como as pessoas eram cautelosas ao perguntar demais ou mimá-lo, o que ele odiava. Mas a preocupação de Grace era diferente; trazia calor e conforto ao coração de Max.

Ele deu um sorriso gentil.

– Grace, vou ficar bem. As boates por aqui não são como as que eu frequentava em Nova York. Duvido que vá haver muito com o que se preocupar. Além do mais, sou o motorista do grupo.

Ela assentiu com a cabeça, fitando o chão, parecendo constrangida.

– Ah. Certo. Só pensei que seria bom perguntar. Não queria que você ficasse mal.

Max se aproximou dela, deslizando sutilmente a ponta do indicador por seu braço.

– Obrigado – murmurou ele. – Por se importar o suficiente para perguntar.

Ela ergueu o rosto para o dele.

– De nada.

■ ■ ■

A boate não tinha nada a ver com os lugares que Max frequentava em Nova York. Pelo amor de Deus, aquele lugar tocava música pop e tinha globos espelhados no teto!

Max deu uma olhada irritada para Josh.

– Que merda é essa?

Josh respondeu dando de ombros, bêbado; Ruby, ao seu lado, deu um gritinho assim que uma música horrenda de alguma *boy band* começou a explodir nas caixas de som do DJ. Ela pegou o braço de Josh e arrastou o pobre coitado para a pista de dança. Max tinha vontade de sair correndo dali.

As paredes eram decoradas com espelhos e imagens de músicos de todas as eras, dos anos 1960 até os dias de hoje, incluindo Britney Spears e outra loura com a bunda à mostra, ao lado de uma imagem de Elvis com um traje de couro. O cara devia estar se revirando no túmulo. Max pensou que se Carter soubesse que ele tinha ido parar num lugar como aquele, teria posto fim à amizade deles imediatamente. E Max não o culparia por isso. Até mesmo Buck parecia deslocado, com sua camiseta do Van Halen. Enquanto as meninas, incluindo sua tia, dançavam e pulavam como doidas em torno de Josh, Max se acomodou no bar ao lado do tio e do delegado e observou.

O lugar estava bombando, lotado de pessoas que foram curtir o feriado da Independência, algumas vestindo fantasias do Mickey Mouse ou do Darth Vader, tornando o ambiente leve. Todas sorriam, se abraçavam e pareciam estar se divertindo muito, o que ajudava Max a parar de pensar que estava tomando refrigerante em vez de uma dose de algo mais forte. Na verdade, tinha passado a noite toda focado em uma mulher em particular, que estava espetacular na pista de dança, cantando ABBA a plenos pulmões. Ele sorriu. Max estava vendo outro lado de Grace. A cada drinque que ela consumia, ficava mais falante, mais tátil e muito mais atirada. Ela definitivamente estava pondo a resolução de Max à prova.

– Ela é uma moça bonita.

Max fitou o tio, mas logo tornou a olhar para a pista.

– Não comece.

O tio riu e se aproximou.

– Quem está começando?

Max bufou.

– Não tem nada disso entre nós. Somos amigos.

– Ela não olha para você como se você fosse apenas um amigo, Max.

Max se virou para o homem ao seu lado, seu sorriso se desfazendo ao ver o semblante sério de Vince. Ele não sabia ao certo como as palavras do tio o faziam se sentir, mas com certeza havia uma pitada de preocupação ali.

– Olhe – continuou tio Vince, se apoiando no bar e dando as costas para a pista de dança. – Não quero saber o que está rolando. Não é da minha conta. Vocês parecem felizes juntos, como amigos ou mais que isso. Só quero me certificar de que ela trata você bem. Isso, sim, é da minha conta.

Max piscou.

– *Me trata bem?* – Ele soltou uma risada. – Não deveria ser o inverso?

O tio lhe lançou um olhar severo.

– Você está frágil, Max. Esconde bem, mas eu consigo ver porque o conheço desde que seu pai o colocou nos meus braços aos dois dias de vida. – Max se mexeu desconfortavelmente enquanto o tio voltava a olhar para a pista de dança. – Ela gosta de você; mas a Lizzie também gostava. – Max engoliu em seco. – Só estou falando para tomar cuidado, filho. Não se perca em uma coisa para a qual não está preparado. Não seria justo com nenhum de vocês.

Max concordou com a cabeça.

– Está tudo bem – garantiu ele. – Mesmo. Nós dois sabemos em que pé estamos. Vou ser cuidadoso.

Tio Vince colocou a mão enorme no ombro de Max e apertou.

– Era tudo o que eu queria ouvir.

Uma série de gritinhos fez os dois homens voltarem a cabeça

para a pista de dança de novo, quando os acordes iniciais de "Ain't No Mountain High Enough" tomaram conta da boate. Bem, pensou Max enquanto as meninas pulavam ainda mais, essa música vale a pena. Na verdade, ele tinha aquela música em particular em vinil. Era de sua mãe. O pai de Max lhe contara que, quando estava grávida de Max, sua mãe a escutava pelo menos uma vez ao dia, cantando e acariciando a barriga. Ele tinha certeza de que, em algum lugar de seu apartamento em Nova York, existia uma fotografia retratando uma cena assim – presente do seu pai.

O sorriso que curvou seus lábios com aquela lembrança só fez aumentar quando ele viu Grace dançando, ou melhor, pulando na direção dele. Ela estava ridiculamente encantadora, com os olhos arregalados e o cabelo esvoaçante. E o vestido? Sim, o vestido era sensacional. Max reparou nos olhares masculinos que ela atraía, e tentou ao máximo ignorar a possessividade que tomava conta dele. A forma como os encarou foi suficiente para manter os babacas afastados.

– Venha dançar! – gritou ela, no momento em que Marvin Gaye começou a cantar "Remember The Day".

Antes que Max pudesse responder, Grace pegou a mão dele e se balançou de um lado para outro, de um modo adorável.

Incapaz de resistir ao seu rosto feliz e à sua dancinha ainda mais feliz, Max ergueu o braço para que ela pudesse passar por baixo. Ela sorriu. E cantou bem alto enquanto rebojava.

Max levou um instante para perceber que também estava dançando. Mais uma vez, a alegria contagiante de Grace o tinha arrancado de suas preocupações, tentações e lembranças melancólicas. Jogando a cautela para o alto e se esbaldando no refrão da música preferida de sua mãe, ele envolveu a cintura de Grace com o braço, segurou sua mão e dançou com ela. Ele a inclinou para trás, jogou-a para os lados e a girou um pouco mais.

Sua alegria preencheu o salão e penetrou lenta e profundamente no coração de Max.

■ ■ ■

Um pouquinho depois da uma da manhã, depois de eles terem comprado e devorado pizzas, hambúrgueres e batatas fritas no carro na volta para casa, Max segurou uma Grace bastante alterada enquanto ela cambaleava escada acima até o quarto dos dois. Ela ria e cantarolava para si mesma enquanto se aconchegava no braço dele, repetindo como a noite tinha sido fantástica, incrível *mesmo*. Max não podia evitar rir dela. A verdade era que ela ficava muito fofa quando estava bêbada.

– E os fogos de artifício? – perguntou ela, enrolando a língua. – Meu Deus, tão bonitinhos. Você viu?

– Eu vi.

Ela cambaleou ao mostrar a Max como os fogos eram bonitos.

Max a segurou enquanto abria a porta, feliz por ela não pesar quase nada quando ela soltou todo o peso do corpo em cima dele.

– Bonitinhos como você – murmurou ela ao entrarem no quarto.

Max bufou.

– Você não vai vomitar, vai? – perguntou ele ao vê-la se arrastar até a cama e se atirar nela de cara, como uma estrela-do-mar, os cabelos a rodeando como uma auréola negra. Ela ergueu o polegar em resposta.

Max analisou como o vestido dela tinha subido pelas coxas e passou a mão pelo rosto.

– Vou me lavar, tá?

O edredom abafou a reposta dela.

– Tá.

No banheiro, parado com as mãos na pia, Max pensou no que o

tio tinha dito na boate. Ele não devia ter ficado surpreso com as preocupações dele. O próprio Max já havia passado por todo aquele “devo ou não devo?”, se perguntando se o que rolava entre ele e Grace era uma boa ideia.

E ele ainda estava convencido de que era.

Eles eram dois adultos – fodidos, é verdade – que sentiam atração um pelo outro. Eram parceiros sexuais e nada mais. Mesmo assim, tanto Tate quanto seu tio o alertaram para o fato de que talvez Grace *quisesse* mais, que gostasse de Max mais do que deveria.

Max olhou para si mesmo no espelho.

– Merda.

Se ele fosse honesto consigo mesmo, reconheceria que gostava de Grace. Mas o músculo calejado, maltratado e sofrido que batia em seu peito simplesmente não estava aberto para amar ninguém outra vez na vida.

A última coisa que ele queria era machucá-la. Ela merecia mais. E Max não acreditava que Grace o amava. Não. Talvez ela olhasse para ele com afeição, mas isso era só porque ela mostrava seus sentimentos sem nenhum filtro. Era como um livro aberto e, ironicamente, essa era uma das coisas de que ele mais apreciava nela. Ela era verdadeira.

E também havia o fato de que ele a desejava. Ah, e como a desejava! Mal podia esperar para estar dentro dela e ver como ela reagiria.

Ele deixara as suas condições muito claras quando eles concordaram em ajudar um ao outro; e Grace aceitou e concordou com todas elas. Ele só precisava confiar que ela conseguiria se manter dentro dos limites que eles haviam traçado. Max não sabia ao certo o que faria se ela não cumprisse o combinado. Talvez eles tivessem que conversar sobre o assunto.

Decidido, ele se afastou da pia e abriu a porta do quarto,

perdendo toda a habilidade de pensar ou falar quando viu Grace deitada na cama, de barriga para cima, a cabeça nos travesseiros, usando apenas aquela maldita lingerie vermelha. Nossa, como ela era gostosa! Ele reparou no vestido amontoado no chão ao lado dos sapatos.

Ela sorriu, embriagada, sua mão direita deslizando pela barriga.

– Oi.

Max pigarreou, seu olhar devorando-a dos pés aos seios.

– Oi.

– Já terminou a sua sessão solitária de pensamentos profundos?

Ele apertou os lábios, tentando não sorrir. Ah, sim. Ela ficava mais safada quando bebia. Ele cruzou os braços em cima do peito porque, merda, o que mais ele podia fazer a não ser olhar?

– Talvez.

– Ótimo. – Ela apontou com a cabeça na direção da sua braguilha, onde ele sabia que estava exibindo uma ereção monumental. – Vai vir até aqui com ele?

– Comporte-se. Não vou comer você enquanto estiver bêbada.

– Eu sei. Além do mais, eu não estava pensando nisso – murmurou ela, seus olhos se fechando enquanto as pontas de seus dedos se esparramavam pelo peito.

Deus!

– No *que* você estava pensando?

Max deu dois passos na direção da cama, tirando a camiseta e jogando-a do outro lado do quarto.

Grace emitiu um ruído apreciativo quando viu o peito dele e pressionou os dentes no lábio inferior.

– Você é tão lindo.

– Acho que “lindo” é melhor que “bonitinho”. Quanto você bebeu, exatamente?

Ela deu uma risadinha.

– O suficiente.

É, Max sabia disso. Ele observou atentamente cada bebida que ela comprou ou que compraram para ela a noite toda, certificando-se de que ela estava bem. Ela umedeceu os lábios.

– O suficiente para saber que quero suas mãos em mim.

– Ah, é?

– Sim. Quero minhas mãos em você também.

Max estendeu a mão e a deslizou pela canela de Grace. Era tão macia e lisinha quanto ele imaginava. Ela suspirou, trêmula.

– Onde você me tocaria? – perguntou ele.

O olhar dela passeou do rosto para a calça de Max e, com Deus como testemunha, o seu pau saltitou.

– Eu disse a você – grunhiu ele, alisando os pés dela. – Me toque quando e onde você quiser.

Ele abriu o botão e o zíper da calça jeans, exibindo um pedacinho da cueca cinza. Ele se inclinou para a frente e deu um beijo na parte interna do joelho de Grace. Ela choramingou. Ele repetiu e ela gemeu ao mesmo tempo em que as pernas dela se abriram.

Caralho, ele queria enterrar o rosto nela, se perder por dias a fio na umidade e no calor dela. Em vez disso, Max beijou a parte interna de sua coxa, reparando em como a respiração dela se acelerava. Ela não se afastou. Ele repetiu e ela arqueou as costas.

– Céus!

Max sentiu a sua pele, cheirando e saboreando aquela manteiga de cacau de que ele tanto gostava. Sua língua passeou pela coxa dela.

– Céus! – repetiu ela, suas mãos se agitando na cama.

– Você está bem? – sussurrou Max, passando a mão delicadamente pela barriga de Grace.

– Não, eu...

– Estou aqui com você, está tudo bem.

– Não, Max.

Ele acarinhou a curva de seu quadril.

- Me diga o que você quer que eu faça.
- Saia. Preciso que você saia.
- Quer que eu saia?
- Vou vomitar.

Max se sentou como se sua calça estivesse pegando fogo, escapando por pouco dos braços e das pernas de Grace enquanto ela descia desajeitadamente da cama e corria até o banheiro, batendo no batente da porta antes de conseguir passar por ela e emitindo o pior ruído sufocado que Max já tinha ouvido.

Após um instante de incredulidade, ele colocou a mão na testa. Isso, sim, era de cortar qualquer tesão. Ele olhou para o seu pau e grunhiu.

– Jesus – resmungou ele enquanto descia da cama e fechava o zíper da calça de novo.

Ele espiou pela porta do banheiro e viu Grace ajoelhada no chão, a cabeça na privada.

– Você está bem?

Ela gemeu.

– Não.

Ela fungou e vomitou mais um pouco.

Aproximando-se com cautela, Max segurou seu cabelo, que se espalhava por todos os lados, e se sentou na beirada da banheira, mantendo os fios em segurança.

– Droga, me desculpe – balbuciou ela antes de regurgitar de novo.

Max riu baixinho ao vê-la, com aquela lingerie sexy, colocar as festividades da noite para fora.

– Não se preocupe.

É claro que Max não imaginou que a noite acabaria assim; mas ele não se importava nem um pouco.

Segurando o cabelo dela com uma das mãos, ele acariciou suas costas delicadamente com a outra.

21

Rinocerontes.

Rinocerontes, elefantes e outros mamíferos enormes tinham obviamente invadido o quarto de Grace na noite anterior e pisoteado sua cabeça. De que outro jeito ela poderia explicar a dor terrível que envolvia todo o seu crânio e a palpitação grotesca de suas pálpebras? Deus. O coração dela estava pulsando nos olhos.

Ela abriu um deles, imediatamente odiando a luz gloriosa do sol que invadiu suas pupilas. Deus do céu, fazia tempo que ela não bebia tanto. Na verdade, fazia tempo que ela não relaxava o suficiente para se esbaldar tanto. E como se esbaldou! Grace se moveu de modo letárgico, erguendo a cabeça do travesseiro devagar, logo percebendo que usava apenas lingerie e que estava sozinha na cama. E, é claro, o cheiro de álcool e vômito impregnava o quarto.

Que papelão ela tinha feito na noite anterior! Flashes do peito magnífico de Max e da sensação da boca deliciosa dele em seu corpo dispararam na mente de Grace, provocando mais tontura. Ela se sentia tão confiante, graças a todos aqueles coquetéis que bebera, que seduzir Max pareceu, na hora, a melhor ideia do mundo. Vomitar no meio das preliminares, no entanto, não fazia parte de seu plano audacioso.

– Belo trabalho, Grace – murmurou para si mesma, erguendo as cobertas e jogando as pernas para fora da cama.

Droga, ele tinha segurado o cabelo dela enquanto ela vomitava. O rosto de Grace ficou quente de vergonha. Expirando desanimadamente, ela reparou em um copo de água na mesa de cabeceira e, ao lado dele, dois comprimidos que pareciam Tylenol. Max era tão atencioso; seus gestos sempre a faziam sentir-se reconfortada.

Ela tomou os comprimidos antes de cambalear até o banheiro e entrar no chuveiro, rezando para que a água quente a ajudasse a lavar a vergonha da noite anterior.

■ ■ ■

Vestindo short e uma camiseta regata, Grace foi ao encontro do pessoal, que já estava à beira do lago, tomando banho de sol, nadando ou, como Ruby e Josh, jogando tênis. Ruby nem parecia ter bebido, muito menos tomado a mesma quantidade de coquetéis que Grace. Maldita. Max não estava por ali. Ela soltou um suspiro de alívio – ainda não estava pronta de verdade para encará-lo.

Tia Fern, Carla e Adele olharam para ela de suas espreguiçadeiras, sorrindo alegremente.

– Você está de pé! – disse Adele.

– Ei, ei! Nossa dançarina está aqui! – gritou Buck da água.

Ao lado dele, Caleb abriu um sorriso largo para ela. Grace acenou, constrangida.

– Vamos começar a festa! – acrescentou Buck.

Carla olhou para o relógio. Já tinha passado do meio-dia.

– Eu sabia que você ia ficar cansada de tanto dançar.

– É – respondeu Grace.

Grace se lembrava de ela e Carla terem se tornado melhores amigas durante a noite, cada uma expressando quanto a outra era

incrível à medida que os drinques eram consumidos. Aparentemente, ela não era aquela vaca que Grace havia pensado a princípio.

– Acho que o álcool também ajudou – completou Grace.

As três mulheres riram antes de Adele oferecer uma espreguiçadeira, que Grace aceitou agradecida.

– Nós já comemos. Posso preparar alguma coisa para você, querida? – perguntou tia Fern.

O estômago de Grace revirou só de pensar em comida.

– Não, obrigada. – Ela ergueu a garrafa de água. – Estou bem.

Deitar ajudou. Grace se recostou na espreguiçadeira e fechou os olhos por trás dos óculos de sol, curtindo o calor e os barulhos da água e das risadas. Apesar da ressaca horrenda, ela se permitiu assimilar a calma e a alegria que a rodeavam. Aquilo era o mais próximo da paz que Grace sentia em muito tempo, cercada por pessoas boas – amigos – que a aceitavam sem questionamentos.

Um assobio grave e apreciativo fez os olhos de Grace se abrirem.

– Caramba, menina, eu daria os meus incisivos por esse homem – disse Adele, se dirigindo a Grace. – Por favor, me diga que você está usando e abusando desse pedaço de mau caminho.

Grace seguiu o olhar contemplador de Adele e viu Max e seu tio correndo pela orla na direção delas. Max estava sem camisa e claramente suado. O suor brilhava e acentuava os entalhes da barriga e do peito dele. Todo o seu corpo se contraía e se distendia à medida que ele se movia, seus músculos trabalhando duro, as bochechas se estufando e esvaziando, enquanto ele se concentrava em cada passada. Ele era, sem dúvida, um colírio para os olhos.

Um calor intenso surgiu entre as pernas de Grace. Caramba, a quem ela estava querendo enganar? Adele tinha razão; ela deveria usar e abusar daquilo tudo. Grace conseguiu controlar sua expressão a tempo. Ele reduziu a velocidade e se aproximou dela, um sorriso safado no rosto, delicioso demais com aquele peito arfando e os cabelos escuros grudados na testa. Ele passou a mão por eles,

fazendo os fios se espetarem em todas as direções possíveis, e pegou uma garrafa de água no *cooler*.

– Ora, ora, boa tarde, flor do dia – disse ele antes de tomar um gole. Ele engoliu e encostou a garrafa no rosto. – Como está a cabeça?

Ela fez uma careta.

– Zonza.

Ele deu uma risadinha e ergueu as sobrancelhas.

– Não tenho dúvidas. Alguns litros de bebida alcoólica provocam isso mesmo. – Ele deu uma olhada severa para Carla antes de fitar Grace com olhos intensos. – Do que exatamente você se lembra da noite passada?

Grace limpou a garganta e ficou cutucando a barra da blusa.

– Uma ou outra coisa... Me lembro de ter vomitado, dançado, sido uma idiota.

Grace estava ciente dos três pares de olhos e ouvidos curiosos observando e ouvindo a conversa deles. Ela se sentou como que para levantar da espreguiçadeira e tirou os óculos.

– Podemos conversar?

O rosto de Max perdeu um pouco de seu ar brincalhão.

– Claro. Preciso de um banho mesmo. – Ele olhou para a tia. – Não vou demorar muito.

Ele se virou e começou a caminhar na direção da casa, com Grace logo atrás. Eles estavam na metade da escada quando ele voltou a falar.

– Você está bem, fora a ressaca?

Ela confirmou com a cabeça.

– Estou, só queria pedir desculpas.

Max parou abruptamente na porta do quarto deles.

– Pelo quê?

Grace passou por ele, entrando no quarto com um suspiro alto. Ele a seguiu e fechou a porta.

– Me desculpe pelo que fiz – disse ela, virando-se para ele, unindo as mãos e fechando-as em punhos, tentando encontrar as palavras certas. – Foi estúpido e inapropriado.

Max ficou olhando para ela por um instante e ergueu os ombros.

– Sem problema.

– E me desculpe por ter ficado tão bêbada. Não foi justo com você ter que lidar comigo daquele jeito, especialmente considerando o que você *já* tem que contornar. Fui insensível e sinto muito.

Aquela era a maior preocupação que tinha dilacerado Grace durante o banho. Ela sabia a batalha que Max enfrentava todos os dias por causa do vício, e a última coisa de que ele precisava era que ela esfregasse na sua cara o fato de que ele não podia beber.

Por um breve instante, pareceu que ele ia discutir, mas resolveu pensar melhor. Ele coçou o queixo e concordou com a cabeça.

– Fico grato por isso, mas está tudo bem.

– Não, não está. Não fui uma boa amiga ontem à noite. Você merece coisa melhor e eu prometo que não vou fazer aquilo de novo. – Ele abriu a boca para falar, mas ela continuou. – Sei que você vai dizer que estou errada, mas não é verdade. Você sabe que eu tenho razão. Por favor, só deixe eu me humilhar um pouco?

Ele deu uma risadinha, o rosto relaxado e lindo. E acenou com a mão.

– Está bem. Pode se humilhar.

Ela enfiou as mãos nos bolsos do short. Max a observou por um momento silencioso e reconfortante antes de dar dois passos em sua direção. O coração de Grace palpitou. Isso estava acontecendo cada vez com mais frequência quando Max estava por perto, e ela não conseguia decidir se era incrível ou assustador.

– Preciso confessar – disse ele, a voz baixa e grave.

Aquela era sua voz estamos-tocando-um-no-outro, que imediatamente provocou coisas loucas no corpo de Grace. O sangue

dela pareceu esquentar ao mesmo tempo que seus órgãos se contraíram de forma deliciosa.

– Ver você esparramada na cama só usando renda é uma imagem que vai ficar comigo por um bom tempo.

Os olhos dele se demoraram no corpo de Grace enquanto ele pressionava a língua nos dentes de cima. Ela queria saber qual era o gosto daquela língua.

– Você estava gostosa pra caralho, garota.

Ela deu um suspiro lento.

– Fico feliz que você tenha gostado.

– Eu gostei.

– Talvez eu possa fazer de novo para você um dia desses.

Ele deu um sorriso malicioso.

– Promete?

– Prometo.

– Que tal quando voltarmos para casa?

A maneira como a palavra “casa” atingiu o peito de Grace foi totalmente maravilhosa.

– Tenho certeza de que posso providenciar alguma coisa.

Ele deu um sorriso maroto.

– Excelente. Agora me dê licença, por favor. Preciso tomar *outro* banho gelado.

Ela o observou se afastar, resmungando para si mesmo sobre hipotermia, suas costas musculosas, a tatuagem maravilhosa e molhada de suor, deixando a garganta dela ainda mais seca. A porta do banheiro se fechou e ela ouviu o barulho do chuveiro. Grace caiu de costas na cama e fechou os olhos, imaginando como seria se juntar a ele. A ansiedade que cresceu dentro dela com aquela ideia era minúscula em comparação a antigamente, mas Grace não se mexeu. Ela sabia que estava pronta para fazer mais coisas com Max, sabia que a eletricidade existente entre eles daria para iluminar uma cidade inteira.

Mas Grace também sabia que suas intenções amigáveis iniciais com relação a ele estavam, aos poucos, se transformando em alguma coisa completamente diferente. Algo maior, mais assustador, algo que ela tinha prometido a si mesma, e prometido a *e/e*, que não aconteceria. Estava acomodado em silêncio, mas aumentando em uma pequena cavidade em seu peito, ao lado da esperança de que, um dia, Max talvez sentisse a mesma coisa.

Ela colocou as mãos no rosto e respirou, sabendo, lá no fundo, que isso nunca iria acontecer. Merda, ela estava ferrada.

■ ■ ■

– Cara, não consigo mais viver assim. Posso ir morar com você? Por favor?

Max bufou ao telefone em resposta, deitando-se na cama da pensão enquanto surfava pelos canais da TV fixada na parede do quarto. Carter estava reclamando havia dez minutos de Kat e do maldito casamento deles. Aparentemente, o planejamento e a organização intermináveis de Kat estavam deixando Carter louco.

– Eu a amo – continuou Carter. – Amo mesmo, de verdade, mas não aguento mais esse papinho de tirar medidas para o terno. O que você, aliás, ainda precisa fazer; não pense que vai se livrar dessa só porque está longe daqui. Ah, e tem as flores e as lembrancinhas. Lembrancinhas, Max! Eu nem sabia que existia uma merda de uma lembrancinha de casamento! Você sabe? Eu conto: é um presente que você dá para os convidados. Um presente! Quer dizer, por que é que *eu* tenho que dar presente para as pessoas que vão ao *meu* casamento? Que sentido tem isso? É tipo “oba, você veio, aqui está um presente de vinte dólares pela inconveniência”. – Carter suspirou ruidosamente. – Quero que seja perfeito e que ela fique feliz, mas eu não sabia que as mulheres podiam ser... Digo, ela é...

– Um pesadelo?

– Sim! – explodiu Carter. – Merda!

Max limpou a tinta fresca da calça de moletom.

– Devia ter ficado solteiro, cara.

– Não é? Que diabos eu estava pensando? – Ele ficou quieto. – É que, quando ela fica toda animada com relação a isso... Cara, a expressão dela... Simplesmente... Faz tudo valer a pena, sabe?

– Tenho certeza de que vai ser ótimo.

– Vai. – Carter limpou a garganta. – Enfim, chega de falar disso, quais as suas novidades? Passou bem o feriado?

– Sim, foi ótimo lá na cabana.

– Aposto que foi mesmo. Faz um tempão que não vamos para lá. Está todo mundo bem? Seu tio está legal?

– Está. Continua contando historinhas sobre mim.

– Me deixe adivinhar, o sutiã sacana com fecho frontal?

– Filho da mãe.

A risada de Carter ficou mais alta.

Max sorriu.

– Eu me diverti.

– É, você parece tranquilo.

Max expirou. Ele não tinha certeza se concordava com o amigo quanto a isso. A viagem para o lago *foi* ótima, é claro, sempre era; mas seus níveis de estresse não estavam tão baixos quanto deveriam depois de quatro dias fazendo praticamente nada.

– Ih... – murmurou Carter. – Isso não me parece nada bom. – Houve um instante de quietude entre os dois, a linha zunindo com o ruído do silêncio. – Você quer conversar sobre isso?

Max emitiu um grunhido como resposta e jogou o controle remoto para o lado, sem prestar atenção nas pessoas na tela.

– Já conversou com o Tate? – perguntou Carter. – Ou com o Elliot? Max, se você precisar de alguma coisa...

– Carter, estou bem. Mesmo – interrompeu Max, a voz suavizada

pela preocupação do amigo. – Na verdade, não tem nada a ver com o meu problema.

– Ah. Certo. Então, o que é?

Max franziu a testa, tentando buscar uma resposta para aquela pergunta complicada, mas a única que ele conseguiu encontrar foi “Grace”. Max não tinha certeza se queria conversar com Carter sobre ela porque, na verdade, ele não sabia direito o que havia para contar. Além do mais, não queria que Carter tivesse uma impressão errada a respeito dos últimos acontecimentos.

As interações de Max com Grace no feriado haviam sido ótimas, mas também tinham feito a cabeça dele rodopiar. E, apesar de eles terem voltado da cabana há três dias e retomado a rotina normal de trabalho e corridas, eles ainda precisavam conversar sobre algo importante: eles ainda não tinham transado.

Ele não conseguia se lembrar de ter sofrido de um caso tão agudo de dor nos ovos e odiava o fato de sua paciência estar se esgotando. Deus, aquela menina passara por uma montanha de problemas afetivos e Max compreendia a timidez dela, mas a inconsciência de Grace quanto à própria sensualidade fazia Max querer deitá-la na superfície horizontal mais próxima e fazê-la esquecer o motivo pelo qual ela tinha medo de fazer sexo.

Desde que ela tentara seduzi-lo com aquela lingerie vermelha, fracassando devido à enorme quantidade de vômito que se seguiu, ela pareceu ter se afastado dele. Ainda era aquela Grace tranquila e brincalhona, mas a cautela que ele vira nos olhos dela quando eles se encontraram pela primeira vez tinha retornado. E, na realidade, esse ressurgimento machucava Max. Ele perguntou se havia feito alguma coisa que a chateara ou assustara, mas ela riu e dispensou as preocupações dele com um aceno de mão, garantindo-lhe que estava ótima.

É. Essa parte era verdade. Ela estava ótima. Ela *era* ótima.

Ele passou a mão pelo rosto, reparando em outra pincelada de

tinta azul em sua palma. Pois é, numa tentativa de controlar os pensamentos pervertidos e combater o desejo que sentia por Grace, ele voltou a pintar; mas não estava funcionando. Suas pinturas eram, como sempre, uma criação frenética e apressada, sua frustração preenchendo as telas com a mesma rapidez com que ele as colocava no cavalete.

Talvez fizesse mesmo sentido aconselhar os viciados a não se envolverem em qualquer tipo de relacionamento no início do processo de recuperação. O desejo de Max de se perder no corpo de Grace era tão forte quanto a necessidade por cocaína costumava ser logo que ele foi para a clínica.

– Merda. – Ele se sentou, segurando o celular na orelha. – Olha, cara, preciso ir. Tem umas coisas que preciso resolver.

Carter bufou.

– Está bem. Você sabe onde estou se mudar de ideia. Cuide-se, ok?

Max não conseguiu conter o sorriso.

– Vou me cuidar. Até mais, irmão.

Ele desligou e jogou o celular ao lado do controle remoto antes de vestir um short limpo e enfiar os tênis nos pés. Ele colocou a carteira e as chaves no bolso, e pegou a tela que estava apoiada na parede do quarto há algumas semanas, torcendo para que aquilo fosse quebrar o gelo entre ele e Grace.

Como sempre, Grace abriu a porta da casa com um grande sorriso. O som de “Got to Give It Up”, do Marvin Gaye, que dizia para relaxar e deixar rolar, estava tocando ao fundo. Que irônico.

Max retribuiu o sorriso, inesperadamente nervoso.

– Oi.

Os olhos dele passearam do seu vestidinho tomara que caia azul-claro até os pés descalços. E notou o esmalte azul nas unhas dela.

– Nós ficamos de nos encontrar para correr hoje? – Ela franziu a testa. – Achei que você fosse trabalhar com Vince.

– Não. Quero dizer, sim, já fui trabalhar – respondeu ele, alvoroçado. – Terminamos mais cedo, então eu... Bem, eu quis trazer isto para você.

Ele lhe entregou a tela que ela havia admirado no dia em que levara pizza para ele; o dia em que ela deixou que ele visse os seios dela, chupasse seus mamilos e...

– Mesmo? – exclamou ela, seus olhos arregalados e animados. – Posso ficar com ela?

Max confirmou com a cabeça.

– Claro. Eu disse que podia, não disse?

Grace sorriu.

– Obrigada. É maravilhosa.

Ela passou um instante olhando para a tela cheia de dourados, marrons e caramelos e a expressão em seu rosto fez o estômago de Max se contrair de alegria.

– Sei exatamente onde colocar; vai ficar incrível. – Ela ergueu os olhos e inclinou a cabeça na direção do interior da casa. – Tenho que estar no bar em algumas horas; mas quer entrar? Acabei de fazer limonada.

Max respirou fundo e concordou com a cabeça.

– Me parece ótimo.

A casa estava fantástica agora que Grace a mobiliara. Seu olhar de fotógrafa garantia uma decoração de bom gosto, e o aproveitamento de espaço era perfeito. Max ficou apreciando por um momento os tons suaves de verde e creme com os quais ela tinha pintado a sala de estar, o sofá de couro marrom-escuro e a mesinha de centro de madeira clara. Um tapete verde cobria o chão ao lado de uma estante de madeira do mesmo tom claro, ao passo que as paredes eram decoradas com fotos sépia, que Max acreditava serem de autoria de Grace, que acompanhavam a escadaria de madeira até o piso superior. O sol de julho tomava conta do espaço, entrando

pelas enormes janelas que Grace havia escancarado, trazendo também as cores naturais da floresta para dentro da casa.

Ele reparou em uma fotografia que mostrava duas crianças em uma praia, um menino e uma menina – Grace adolescente –, os dois com, no máximo, 16 anos. Os braços nos ombros um do outro, o aparelho nos dentes do menino bem visível, assim como suas pernas longas e desengonçadas.

– Meu irmão. Está totalmente diferente hoje. Ele levou um bom tempo para ganhar corpo.

– Ele é mais novo que você? – perguntou Max.

– Sim, um ano; mas é ele quem cuida de mim. – Ela deu uma olhada para as outras fotos. – Preciso de imagens mais recentes de Kai; só que ele gosta tanto de tirar fotos quanto você.

O olhar de Max se moveu para outra fotografia, exibida em uma moldura de madeira. Em preto e branco, a imagem estava desbotada em algumas partes. Um homem negro alto, com um belo cabelo afro, vestindo uma camisa justa e calça jeans, estava em pé com um braço em torno de uma mulher branca deslumbrante de cabelos escuros, cujo sorriso era tão grande quanto aquele que Max via no rosto de Grace quando ela ria.

– Meu pai e minha mãe – disse ela baixinho, olhando-os com carinho – Minha mãe era daqui, do condado de Preston. Ela conheceu meu pai em Washington. Eles ficaram juntos por vinte anos antes de ele falecer. Minha mãe aguentou dez anos sem ele. – Ela olhou para Max. – Problemas no coração. – Ela voltou a olhar para a foto. – Kai e eu sempre pensamos que ela morreu de tristeza.

– Ela era linda – murmurou Max.

– Era mesmo.

Max seguiu Grace até a cozinha, onde ela lhe entregou um copo gelado de limonada.

– Receita da minha mãe. Caseira – disse ela, piscando.

– Assim espero – respondeu Max, tomando um gole longo.

O silêncio entre eles se estendeu, faiscando como sempre acontecia quando ficavam sozinhos. Max se perguntou se era por isso que Grace tinha se afastado dele. Certamente era uma sensação esquisita. Ele apoiou o quadril no balcão da cozinha, observando-a enquanto ela fingia limpar o suor do copo.

– Então... – começou ele, largando o copo. – Eu acho que a gente precisa conversar.

Os olhos dela se voltaram para ele, preocupados.

– Conversar?

Max pigarreou.

– Eu queria me certificar de que tudo ainda está bem. Você sabe, entre a gente.

Ele apontou com um dedo para os dois.

Grace piscou.

– A gente?

– É. – Ele expirou e arqueou os ombros. – Quero dizer, você parece... diferente e... Estamos bem, certo?

Grace balançou a cabeça lentamente de um lado para outro.

– Por que você pensaria que não estamos? – Ela não deu a ele a chance de responder. – Você tem sido incrível, Max. Tem sido um bom amigo. – Ela passou a língua nos lábios. – Um ótimo amigo.

Um sorriso cutucou os cantos da boca de Max. Grace colocou o copo ao lado do dele e se aproximou, seus olhos fixos nos próprios dedos, que dançavam pela beirada do balcão.

– Sei que tenho estado um pouco distante desde a cabana. Desculpe. Fiquei tão mortificada pelo que aconteceu naquela noite que não sabia se você ainda iria querer que algo mais rolasse. E não sabia como tocar no assunto.

Max tocou no pé dela com o próprio pé.

– Ei, eu já te disse. Você pode conversar comigo sobre qualquer coisa. – Ele viu os ombros dela relaxarem. – E, na verdade, eu ainda quero que “algo mais” aconteça.

– Quer?

Max revirou os olhos.

– Ah, mas é claro.

A expressão pesada no rosto de Grace se dissolveu.

– Mesmo depois de eu ter vomitado e feito um papelão?

– Mesmo depois disso. E, só para registrar, se você usar uma lingerie como aquela toda vez que vomitar, eu vou adorar. Me dê algo legal para olhar enquanto eu seguro o seu cabelo, certo?

Os dois riram.

– Está bem – disse Grace com um suspiro longo.

Max sentiu a ansiedade que pesava sobre seus ombros com relação à conversa deles se dissipar com a brisa que sussurrava pela casa.

– Olha, a casa está linda. – Ele apontou para uma parte da parede da cozinha que ele tinha refeito. – Especialmente aquela parte. É a minha preferida.

Grace tomou um gole de limonada antes de quase engasgar de animação.

– Ah, sim! Preciso mostrar uma coisa a você – anunciou ela, colocando o copo vazio na pia e puxando Max escada acima. – Esqueci de te contar!

Max deu uma risadinha enquanto a seguia. Ela o soltou e fechou rapidamente uma porta que estava entreaberta, parecendo envergonhada. Max olhou para ela de modo inquisitivo.

– Cadáveres?

– Não exatamente. Minha câmara escura. Estou trabalhando nas fotos para a exposição.

– Ah, é? Aquelas que você tirou de mim? Posso ver?

Grace balançou a cabeça com veemência.

– Ainda não. A coleção ainda não está finalizada. Tenho uma coisa melhor para mostrar.

Ela o guiou pelo corredor que Max sabia que dava no quarto

dela.

Melhor, de fato.

Ela abriu a porta, entrou no quarto e abriu os braços.

– Ta-dá!

A última vez que Max esteve ali, quando ficou arrastando de cá para lá todos os móveis superpesados para ela, o quarto de Grace tinha um colchão inflável no chão. Agora, no lugar dele, havia uma cama de ferro, decorada com uma colcha branca e pilhas de travesseiros. Aquela coisa era gigantesca.

– Uau – murmurou ele, aproximando-se.

– Não é incrível?

Grace deu a volta na cama até o outro lado e subiu nela. Ela se deitou e passou a mão no lugar ao seu lado.

– Venha testar.

Vê-la deitada com os braços e as pernas à mostra era um verdadeiro teste para a determinação de Max. Ele inclinou a cabeça para o lado e ergueu uma sobrancelha curiosa.

– Ah, pare – disse ela, dando um sorriso torto. – Só quero que você sinta como é gostoso.

Max deu uma gargalhada.

– Caramba, faz muito tempo que não ouço uma mulher me falar isso.

Ele tirou os tênis com os pés e a fitou desconfiado. Max apontou para a cama.

– Falando sério agora, você está me fazendo uma proposta? Porque, vou ser sincero, não tenho problema nenhum com isso.

– Cale a boca e deite-se.

Relaxando. Max se sentou na cama antes de colocar as pernas em cima dela. Ele jogou alguns travesseiros para o pé da cama antes que eles o sufocassem e se acomodou em uma posição confortável: de barriga para cima, as mãos cruzadas sobre ela.

– Caramba – murmurou ele, mexendo-se de leve. – Esta merda é

confortável.

– Eu falei – respondeu Grace, as palavras permeadas de satisfação. Max virou a cabeça para observá-la. – Eu amei – acrescentou ela, fechando os olhos. – Nunca tive uma cama enorme desse jeito só para mim.

– Sério?

– Sério. Posso bancar a estrela-do-mar e ninguém vai me impedir.

Ela abriu os braços, mostrando a Max como podia fingir que era uma estrela-do-mar, toda esparramada, deliciando-se com aquilo. E, de fato, mesmo com Max deitado ao seu lado na cama gigantesca, ela tinha espaço para se espalhar. Max a imitou quando ela começou a mexer os braços e as pernas, como se eles estivessem fazendo anjos na neve, e a mão dela tocou na dele. Os dois pararam. Grace olhou para Max e acariciou o dedinho dele com o próprio mindinho.

O contato fez o músculo do maxilar de Max se contrair, fazendo-o cerrar os dentes. Ele expirou pesadamente e se mexeu um pouco mais na cama confortável, tentando ignorar como a atmosfera em torno deles tinha mudado e como aquilo fazia com que a pulsação dele trovejasse por todo o seu corpo.

– Então, tenho uma pergunta – sussurrou Grace.

– Manda.

Ela se aproximou, deitando-se de lado, sua respiração quente na bochecha dele.

– E se eu estivesse?

Os olhos dele se voltaram para os dela, apesar de o foco dela estar no peito de Max. Ela observava, aparentemente fascinada, enquanto ele subia e descia com a respiração pesada de Max.

– E se você estivesse o quê?

Os olhos deles se encontraram e os pulmões de Max quase explodiram.

– E se eu estivesse... – Ela ergueu um ombro. – Fazendo uma

proposta?

Ele ficou olhando para ela por um instante, puxando o ar com dificuldade para dentro dos pulmões que agora pareciam achar aquilo uma tarefa incrivelmente difícil.

– Está me provocando de novo?

Aquelas palavras pareceram um pouco amargas, o que não era a intenção de Max; mas, caralho, ele não conseguiria suportar mais um joguinho de “olhe, mas não toque”. Ele queria tocá-la; queria tocá-la em todos os lugares.

Grace se apoiou no braço, ficando acima dele.

– Não – sussurrou ela, mexendo levemente a cabeça. – Não estou provocando.

22

Foi como se um aspirador tivesse sugado todo o ar do quarto quando ela disse aquilo. Max forçou a cabeça para baixo, pressionando os travesseiros, para poder ver todo o seu rosto, tentando detectar qualquer sinal de insinceridade. Não encontrou nada, como sempre acontecia em relação a Grace. O olhar dele passou por ela, começando por seus olhos cintilantes e verdadeiros, passando pela boca, volumosa e faminta, e descendo até o peito maravilhoso.

– Tem certeza?

– Com você me olhando desse jeito? – disse ela, suspirando. – Sim, tenho certeza.

– Como estou olhando para você?

– Como se você me quisesse.

– Eu quero.

Ela se moveu devagar, sentando-se.

– Eu sei.

Max fez menção de se sentar ao lado dela, mas a mão pequenina de Grace no peito dele o empurrou de volta.

– Fique aí.

Tudo o que Max pôde fazer foi concordar com a cabeça. Ele observou a mão dela descer de seu peito para a barriga, lenta e cautelosa, até chegar à barra de sua camiseta. Ela a ergueu, expondo a pele dele, que tocou com reverência. Isso era tranquilo,

pensou Max, respirando fundo. Ele estava preparado. Ela já tinha feito isso antes.

O que ela não tinha feito antes, no entanto, era colocar aqueles lábios absolutamente estupendos na barriga dele e beijá-lo. Deus, que boca macia... Ele soltou um grunhido baixo quando ela repetiu aquilo e sua boca se moveu pelos músculos tensionados dele, rodeando o umbigo e subindo na direção do peito, puxando a camiseta à medida que subia.

Max se ergueu um pouquinho da cama, tirando aquela porcaria e largando-a no chão. Com cuidado, usando os dedos, ele puxou o cabelo dela para trás, sem segurá-la – ciente da aversão dela em se sentir imobilizada de qualquer jeito –, mas mantendo os fios longe de seu rosto. Ele queria vê-la explorar seu corpo. Queria capturar cada movimento porque, puta merda, ele nunca tinha visto nada tão erótico quanto Grace assumindo o controle. Ele agarrou os lençóis com a mão livre, apertando e soltando, em vez de sucumbir ao desejo esmagador de agarrá-la, jogá-la na cama e meter nela.

Como se estivesse lendo a mente dele, ela emitiu um ruído apreciativo e, quando a língua dela surgiu para sentir o gosto de seu mamilo, Max quase deu um pulo.

– Você tem um gosto bom – disse ela junto ao peito dele, seus dedos se movendo entre os pelinhos que se espalhavam pela região. Ela suspirou. – Quero saborear você inteirinho.

– Hummm – murmurou Max, fazendo uma careta por causa da ereção desconfortável. Seus quadris se moveram com a necessidade de qualquer tipo de fricção. – Faça o que quiser – suplicou ele. – Por favor. Qualquer coisa.

Ela deu uma olhada para o “problema” dele.

– Posso... Tudo bem se eu tirar a sua roupa?

Max bufou e rapidamente abriu o botão da bermuda, ávido para que ela começasse logo.

– Grace. Não peça. – Ele escancarou os braços, oferecendo-se

para o olhar cheio de tesão dela. – Apenas toque.

Ela se ajoelhou e abriu o zíper, puxando a bermuda para baixo devagar demais. Max ergueu os quadris e enfiou os dedos no cócs da parte de trás, ajudando-a a tirar aquela porcaria. Ele a chutou para longe, ficando apenas de cueca, armada com o seu desejo. Max mordeu o lábio quando o dedo dela o contornou por cima do tecido.

– Você está de pau duro – murmurou ela.

– Você não imagina quanto – respondeu ele, contendo uma risada incrédula. – Tire.

Por uma fração de segundo, Max a viu hesitar, percebeu ansiedade e dúvida e seu estômago revirou. Ele abriu a boca para reconfortá-la, para dizer a ela que, apesar de ele e seu pau não quererem nada mais do que tê-la montada em cima dele, estava tudo bem, que eles não precisavam fazer nada, que eles iriam devagar, mas, graças a Deus, ele não teve a chance.

Sem preâmbulos, Grace enfiou os dedos pequenos no elástico da cueca dele e a puxou. Max não hesitou. Ele se ergueu, permitindo que ela se livrasse da peça e a chutou para longe da cama.

Pelado e duro pra caramba, Max ficou deitado, permitindo que Grace o olhasse.

O olhar verde dela passeou dos dedos dos pés de Max até seus cabelos e desceu novamente, demorando-se no pau dele de um jeito que o deixou bastante excitado e certo de que poderia gozar só com a intensidade daquela olhada.

– Você é... maravilhoso – sussurrou ela, estendendo a mão para acariciar a ereção dele.

Ele grunhiu com a sensação de ter outra pessoa tocando nele – já fazia tanto tempo –, os movimentos suaves, a palpitação que ansiava por mais, mais forte, mais firme.

Ele engoliu um gemido quando ela o envolveu e moveu a mão para cima e para baixo, cuidadosa, porém determinada.

– O que há de errado com esta cena?

Com os olhos ainda no pau dele e em sua mão, Grace respondeu:

– Absolutamente nada.

Ele riu de leve.

– Grace. – Ele ergueu a mão e acariciou sua coxa. – Eu estou pelado e você, não. – Ela olhou para si mesma, como se estivesse surpresa por aquele fato. – Me deixe ver você – pediu ele. – Você está no controle, Grace. Vou fazer o que você quiser, mas quero ver você.

Ele apertou a perna dela. Ainda de joelhos, ela o soltou, parecendo analisá-lo com atenção.

– Estou aqui com você – murmurou ele. – Confie em mim.

Ela respirou fundo e puxou o vestido por cima da cabeça, ficando só de calcinha preta e nada mais. Os cabelos dela escorriam pelos ombros e pelas costas, e sua pele escura estava maravilhosa sob a luz suave que penetrava pela renda branca pendurada na janela do quarto. As cicatrizes dela – suas listras de tigresa, como Max tinha passado a chamá-las – se moveram como ondas em uma lagoa quando ela jogou o vestido no chão.

– Perfeita – disse ele baixinho ao vê-la se mover sob o olhar apreciativo dele.

Max não pôde evitar tocá-la. Ele se esticou e segurou os seios dela, adorando o peso deles em suas mãos e o endurecimento dos mamilos em suas palmas.

– É isso aí.

– O que você quer? – arfou Grace, curvando as costas e se projetando na direção do toque dele.

– Qualquer coisa que *você* quiser – respondeu ele, antes de lambar a barriga dela.

– Max, me diga. – O tom leve de súplica na voz dela fez Max erguer a cabeça. – Quero saber. Por favor.

Max se afastou, apoiando o peso no cotovelo. Ele passou a mão

pelos cabelos enquanto uma enxurrada de imagens pervertidas, devassas e suadas assolaram sua mente. Ele deu uma risada nervosa.

– Grace, você está no comando. Não acho...

– Max – interrompeu ela, colocando a mão de volta em seu pau. Ele engoliu em seco e fechou os olhos enquanto falava.

– Quero que você sente na minha cara. Quero que você goze na minha boca porque estou desesperado para sentir o seu gosto. Aí quero que você faça o mesmo com o meu pau, porque não acho que possa aguentar mais um segundo sem estar dentro de você.

Max abriu os olhos quando um gemido baixo ecoou ao redor dele.

– Caramba, O’Hare – arfou Grace.

– Quer dizer que... você gostou da ideia?

Ela mordeu o lábio, se deitou ao lado dele e tirou a calcinha. Max manteve os olhos nos dela, apesar de estar quase plantando bananeira de vontade de vê-la totalmente nua. Eles respiraram juntos, observando um ao outro com afeição antes de Max falar.

– Pode subir em mim quando estiver pronta – disse ele.

Uma risada nervosa explodiu dela, deixando Max ainda mais relaxado. Ele sabia que precisava reconfortá-la, deixá-la à vontade, mas continuava se atrapalhando. Merda, parecia que ele era virgem, todo assustado e pronto para gozar só de ver um par de pernas abertas.

– Pare – disse Grace com delicadeza, colocando a mão sobre o coração disparado dele. – Pare de pensar demais. Estou bem. – Ela se aproximou, dando um beijo suave e rápido no rosto dele. – Eu é que devia ser a problemática com intimidade aqui, não você.

Max relaxou.

– Nesse caso, manda ver.

Ela se ergueu lentamente, cada movimento firme, cada meneio de seu corpo calculado. Olhar para ela era de tirar o fôlego. Ela

agarrou a cabeceira de ferro e deu uma olhada para Max, sua sobrancelha se enrugou. Ela abriu a boca para falar.

– Não – disse Max baixinho. – Por favor. Está tudo bem. Você está incrível.

Ela ergueu a perna e se abaixou, de modo que estava montada no peito dele e Max teve uma visão épica de cada parte dela, nua e perfeita. Ele subiu as mãos por suas coxas, até a cintura, e desceu de volta, mantendo o toque leve para não assustá-la.

– Venha cá. Me deixe sentir o seu gosto.

Grace foi se movendo em cima dele e, quando os lábios dele finalmente encontraram os lábios do meio de suas pernas, Max tinha certeza de que estava vendo estrelas, e, ah, puta merda, ela estava molhada. Encharcada. Ele gemeu. Incapaz de ser paciente, a língua dele deslizou pelo clitóris dela, fazendo-a dar um gritinho atordoado e pular de surpresa.

– Max! Eu... Oh...

Os quadris de Grace giraram e se ergueram, como se a sensação fosse avassaladora demais, mas Max segurou as pernas dela com delicadeza, persuadindo o corpo dela a relaxar em cima dele.

– Está tudo bem. Estou aqui com você.

O gosto dela era absolutamente maravilhoso, cremoso e ácido de todos os jeitos certos. Max emitiu um ruído apreciativo no clitóris inchado dela e envolveu cada centímetro dela com a boca. Grace se retorceu e gemeu alto. A língua rápida e voraz de Max finalmente desapareceu dentro dela, se tornando parte dela, pulsando dentro das paredes apertadas com cada movimento de seus quadris.

Caramba, ela também tinha um cheiro fantástico; o toque sutil de manteiga de cacau, misturado ao cheiro dela quando eles corriam deixaram Max em polvorosa. Um som profundo escapou da garganta de Grace quando ele beijou sua pele novamente, deixando que sua língua e seus lábios ávidos deslizassem sobre ela. Ele atijou o clitóris dela com a boca, roçando os dentes levemente, fazendo-a gritar.

Enquanto a boca dele se deliciava, suas mãos desceram lentamente pela barriga dela até os quadris, que se moviam formando figuras de oito, deixando-o completamente maluco. Ele a segurou com delicadeza e pressionou a boca com firmeza contra ela. Um gemido delicioso escapou de Grace, forçando Max a fazer aquilo de novo. Ele abriu os olhos e viu que a cabeça dela tinha caído para trás, seus cabelos pretos escorrendo pelas costas, fazendo cócegas na barriga dele quando ele inspirava. Max ergueu o braço e acariciou o pescoço dela, sentindo sua pulsação nas pontas dos dedos. Ela ofegou, se mexendo e tremendo em cima dele.

A mão de Grace surgiu subitamente, agarrando o cabelo de Max e puxando o rosto dele com mais força em sua direção. O fato de que ela o queria daquele jeito, de que ela estava curtindo e queria mais fez o pau de Max se retesar ainda mais.

Deus!

– Vou... Céus!

Putá merda, Max já tinha quase se esquecido de como era ouvir uma mulher implorar, suplicar, gozar nele, por causa dele. Ele chupou e lambeu, enterrando a língua nela novamente, com delicadeza no começo, medindo a reação dela, antes de enfiar com mais força, sentindo o corpo dela se render a ele, abrindo-se para ele, acolhendo-o de braços abertos. O corpo de Max pulsava e esperneava, a pulsação trovejava em seus ouvidos e, quando Grace começou a gritar, ele desejou poder ver o rosto dela com clareza quando ela gozasse.

– Não consigo... É... Isso. Ah. Isso! – cantarolou ela, sacudindo e gritando enquanto explodia nos lábios dele.

Ele pressionou o rosto ainda mais contra ela, ansiando por mais da umidade que encharcava sua boca e seu queixo. Grace entrelaçou os dedos atrás da cabeça dele e o segurou junto ao seu corpo.

– Caralho – murmurou ele na pele dela enquanto seus olhos

reviravam para dentro da cabeça.

À medida que a pulsação do orgasmo dela ressoava pela boca de Max, ele engolia tudo o que ela soltava. Aquilo era simplesmente glorioso. O aroma e a sensação da pele encharcada dela eram quase suficientes para fazer Max perder a cabeça. Grace arfava e soltava palavrões baixinho até que, incapaz de aguentar mais, ela se afastou do rosto dele, agora molhado do orgasmo dela, e escorregou, um tanto desajeitadamente, para seu lado da cama.

Max soltou um suspiro longo, lambeu os lábios e secou o rosto com o dorso da mão. O cheiro dela estava nele todo e ele se permitiu alguns instantes para se esbaldar nele. O pau dele latejava, ávido pelo êxtase, mas Max resistiu à vontade de tocar, esperando que Grace dissesse ou fizesse alguma coisa. Ele olhou para ela e viu seu rosto encoberto pelo cabelo. Mas notou um sorriso sereno, que fez a boca de Max se curvar em um sorriso também.

– Você está bem? – perguntou ele baixinho.

Ela assentiu com a cabeça, ainda sorrindo.

– Está conseguindo pensar direito? – Ela meneou a cabeça, fazendo Max rir. – Então meu trabalho está feito.

Como ela não se mexeu nem falou nada, ele se sentou na cama e se esticou para pegar as roupas que estavam jogadas no meio dos travesseiros. Novamente, Max foi interrompido pela mão de Grace em seu braço.

– Aonde você vai? – perguntou ela, a voz sensualmente rouca dos gritos, apesar da expressão em seu rosto poder ser descrita como confusa e talvez um pouco magoada.

– Ei, não estou abandonando você. – Ele olhou para si mesmo. – Eu ia, bem, me limpar... aí ia para casa para dar um jeito nisto. – Ele apontou para seu pau latejante e sorriu. – Eu só achei que você iria querer...

– Quero fazer você gozar, Max. Quero tentar o que você disse, você sabe... Posso?

Ah, como não dar pulos de alegria com aquelas benditas palavras?

– Mas... – Max pigarreou, deitando-se. – Não que eu não esteja completamente extasiado com a ideia de você ser minha *cowgirl* particular, mas tem certeza?

Grace arqueou uma sobrancelha, não parecendo nem um pouco impressionada, e apertou os lábios.

– Max, você acabou de me dar o primeiro orgasmo que eu tive na vida. Você me ajudou a superar as barreiras de anos de insegurança e medo fazendo aquela coisa *incrível* com a língua. Quero dizer, como é que você fez aquilo com a... Você sabe, o jeito como você...

O orgulho tomou conta de Max ao saber que ele a tinha feito se sentir maravilhosamente bem.

Ela se recompôs, respirando fundo.

– Por favor, Max. Quero retribuir. Você me deixa?

Max ergueu as mãos.

– Está bem, está bem – brincou ele. – Acho que posso tolerar isso. – Ele riu quando ela o empurrou de brincadeira, antes de baixar a voz e olhar para aquele ponto entre as pernas dela. – Acho que vou simplesmente ter que deixar você cavalgar no meu pau.

Ela lambeu os lábios.

– Você tem... alguma coisa?

– Na minha carteira.

Max apontou para sua bermuda e observou Grace se debruçar em cima dele para pegá-la. Incapaz de se conter, Max se sentou e, segurando-a pelas coxas mordiscou a bunda dela.

Grace se assustou.

– Mas que...?

– Deus!, sua bunda é uma loucura – murmurou ele, lambendo e dando mordidinhas de leve.

– *Você* é louco – provocou ela, afastando-o e voltando a se

sentar.

Ela entregou o pacotinho laminado para Max e ficou observando enquanto ele o rasgava. Ela reparou no olhar receoso dele enquanto segurava a camisinha em cima do pênis.

– Estou bem – murmurou ela, o rosto suave e maravilhoso, a determinação vacilando só um pouquinho. – Quero pelo menos tentar.

Max expirou.

– Paramos de imediato se você não se sentir bem fazendo isso, entendeu? – O olhar dela estava fixo nas mãos dele, que desenrolavam a camisinha em seu pau. – Você está no comando. Vamos tão rápido ou tão devagar quanto quiser.

Ela concordou com a cabeça e se moveu em sua direção, montando nas coxas dele e tocando em suas bolas como se nunca tivesse visto aquilo antes. Não que Max se importasse. Cristo, se ela continuasse, eles não precisariam ir além daquilo. Ele iria gozar daquele jeito mesmo.

– Grace – sussurrou ele.

– Você pode... Você pode me ajudar...

– O que você precisar – prontificou-se ele, estendendo a mão, que ela segurou.

Ele apertou os dedos dela entre os dele enquanto ela se erguia e envolvia o pau dele com a outra mão, guiando-o para ela. O peito de Max queimava enquanto ele prendia a respiração, observando. A cabeça dele roçou de leve nela, provocando um gemido rouco dos dois. Seus olhos se encontraram e a respiração de Max ficou trêmula.

– Estou aqui com você, está tudo bem – murmurou ele, erguendo os quadris bem pouquinho, pressionando o local onde ele queria tão desesperadamente estar.

– Eu sei.

Grace ergueu o rosto para o teto, olhos fechados, o lábio inferior

entre os dentes enquanto ela largava o pau dele e permitia que o peso de seu corpo a soltasse em cima dele. Max gemeu, observando-se desaparecer dentro dela, o corpo de Grace envolvendo cada centímetro dele, apertando-o com tanta firmeza que ele mal conseguia suportar. Cara, já fazia quanto tempo? Ela montou nele, calada, se acomodando com movimentos minúsculos de seus quadris, que enviavam um calor ardente a cada centímetro do corpo de Max.

– Deus – ele conseguiu dizer por entre os dentes. – Você está bem?

– Aham – sibilou ela em resposta. – Max, é... Ter você dentro de mim é incrível.

Max apertou os olhos, segurando-a com uma das mãos e agarrando os lençóis com a outra.

– Se mexa – suplicou ele. – Pelo amor de Deus, se mexa.

Max sentiu o corpo de Grace tremer em cima do dele antes de ela começar a mover lentamente os quadris, de um jeito que a fazia afastar o corpo do dele. Ele grunhiu quando viu a luz que entrava pela janela brilhar na umidade que o corpo de Grace deixara na camisinha. Ela não se ergueu muito antes de abaixar de novo, paciente e, Max tinha que admitir, insanamente gostosa. O corpo dela envolvia o dele, apertando-o como se estivesse maravilhado por tê-lo ali. Ela arfou quando ele ergueu os quadris na mesma hora em que ela abaixou, penetrando ainda mais fundo.

– É isso aí – murmurou ele, sua sobrancelha escorrendo de suor do esforço que ele fazia para não acelerar os movimentos. – Isso é tão bom.

– Sim – arfou ela. – Céus. Eu tinha esquecido. Eu... Oh, você me preenche.

– Caralho, Grace – respondeu Max, cerrando os dentes na mesma hora em que metia com delicadeza. – Continue.

Max respirou fundo pelo nariz enquanto ela encontrava seu

ritmo, girando os quadris, subindo e descendo. Ela o fodia devagar, mas Max não estava nem aí. Vê-la sentir prazer com ele era mais do que suficiente. Ela soltou a mão dele e a colocou em seu peito, empurrando-o para baixo à medida que acelerava. As mãos de Max imediatamente foram parar nos quadris dela. Os olhos deles se encontraram por uma fração de segundo, os dele buscando permissão para segurá-la daquele jeito. Ela sorriu em consentimento – ela estava bem, era o que seu olhar sussurrava – e gemeu quando o ruído de seus corpos se encontrando ecoou pelo quarto.

Ele pressionou a cabeça no travesseiro, esticando o pescoço, fechando os olhos, e permitiu que seu corpo aceitasse o prazer que Grace estava extraíndo dele.

– Me diga que você pensou nisso – grunhiu ele.

– Sim – respondeu ela. – Tanto.

– Me conte – repetiu ele, arqueando as costas enquanto se enterrava nela de novo. – Como?

– No tronco da árvore caída do chalé, no bar, onde as pessoas podem nos ouvir, nos ver.

– É isso aí, caralho – respondeu Max, o calor se espalhando por ele só de pensar nas pessoas a ouvindo gritar o nome dele.

– No chuveiro – continuou ela, movendo-se mais rápido. – Na minha cozinha, no balcão. No meu sofá. Na janela, onde todo mundo pode ver o que você faz comigo. Na sua caminhonete, enquanto você dirige.

– Caramba – arfou Max, maravilhado com as palavras que saíam da boca ofegante e molhada de Grace.

Os dedos dela beliscaram a barriga dele, arrancando um gemido de seu peito e fazendo-o erguer os quadris rapidamente.

– Mais – implorou Grace. – Por favor, mais.

Max obedeceu, metendo com mais força, enterrando os calcanhares na colcha e penetrando mais fundo, mais rápido, seus joelhos pressionando a bunda perfeita dela, até que a cama

começou a ranger e o quarto ficou quente, abafado pela transa deles e pelos ruídos que faziam. Max se perdeu no calor de Grace, em sua carne molhada, em suas mãos que o tocavam sem parar e em seus gritos pedindo mais. Ele a observou desabrochar à sua frente, seu exterior tímido e quieto se despedaçando ao redor deles na cama, revelando uma tigresa, uma criatura sexual incapaz de ser qualquer outra coisa senão selvagem e safada. Ela era uma visão do caralho. Cavalgava nele e provocava todo tipo de sensação deliciosa que ele achava ser capaz de sentir.

As mãos dele se moveram até a cintura dela enquanto ele metia mais fundo, suscitando um grito das profundezas da garganta de Grace.

– Assim? – grunhiu ele. – Estou acertando direitinho? Bem aí?

– Aaaah! – exclamou ela, a cabeça sacudindo, o pescoço incapaz de segurá-la enquanto Max a fodia.

Com os olhos fixos nos dela, Max a penetrou. De novo e de novo. Mete. Pausa. Mete. Pausa.

Cristo, estar dentro dela era bom pra caralho! Ela o envolvia como uma segunda pele, agradável, perfeita, escorregadia e quente. Ele penetrou mais fundo dentro dela, fazendo-a prender a respiração.

De novo. De novo.

Sentindo seu corpo começar a tomar conta da situação, Max agarrou os quadris de Grace com mais força. Ele segurou, sentindo os músculos de seus antebraços e ombros repuxarem e distenderem a cada investida. Ela gemeu de novo enquanto seus joelhos apertavam a cintura dele. Com um gemido intenso e uma série de batidas fortes das coxas dele na bunda dela, Max observou Grace em cima dele, sacudindo maravilhosamente.

– Não pare – ordenou ele antes de sua garganta começar a latir ruídos e palavras incompreensíveis.

Ele a segurou. Ele a segurou com uma firmeza tremenda

enquanto ela se movia. Mas ela não entrou em pânico, não disse para ele não fazer aquilo em nenhum momento. Grace aceitou cada investida, cada empurrão do corpo dele dentro do dela. Ela estava sensacional com a cabeça jogada para trás, o pescoço estendido e os seios implorando pelos lábios dele. Incapaz de resistir por mais tempo, Max se sentou com um gemido e chupou o mamilo dela, adorando sentir que ela estremeceu.

Grace gritou.

– Mais!

Ele lhe deu mais. Ela envolveu o pescoço dele com os braços enquanto girava a pelve em um círculo delicioso que quase fez Max perder a cabeça.

– Perto – gemeu ele enquanto seus quadris começavam a se projetar para cima, erguendo os joelhos dela do colchão.

O orgasmo dele estava crescendo em suas bolas, estendendo-se até a barriga.

Sentindo toda a sua energia se concentrar em seu pau, Max desabou nos travesseiros, observando, maravilhado e sem fôlego, enquanto Grace continuava a sugá-lo. Ela subia e descia, demandava e suplicava, rebolava e se contraía, metia e agarrava até que, com um rugido furioso, Max explodiu dentro dela.

As costas dele se arquearam.

– Aaaah!

Luzes brancas ofuscantes o cegaram enquanto seu corpo latejava e tremia.

Grace continuou a cavalgá-lo, gemendo enquanto o pau dele latejava dentro dela, o êxtase tomando conta de Max dos pés à cabeça, à medida que ondas de euforia estouravam em cima dele até ele não conseguir aguentar mais. Ele a segurou com firmeza, imobilizando seus movimentos, gemendo para que ela, por favor, por Deus, parasse. A pequena parte do cérebro que ainda estava dentro

de sua cabeça, e não esparramada no teto, fez uma careta quando ele percebeu que Grace não tinha gozado.

O corpo pequeno de Grace finalmente desabou sobre o peito dele, que sentiu a pulsação acelerada sob a pele delicada e macia das costas dela. Os braços de Max a envolveram. Ele estava exausto, mental e fisicamente, e seus olhos se fecharam por vontade própria, por um instante, apesar do esforço de Max em mantê-los abertos.

Ainda ofegante e com o coração aos pulos, ele acariciou suas costas com gentileza.

– Você pode... Preciso me livrar disso aqui.

Suada e maravilhosa, Grace colocou as mãos no peito dele e ergueu o corpo lentamente. Max segurou a base da camisinha, sibilando com o atrito, e se sentou quando ela desabou ao lado dele.

– Volto em um minuto.

Limpo, pelado e se sentindo bem pra caramba, Max voltou para o quarto e encontrou Grace sentada de pernas cruzadas no meio da cama usando uma camiseta preta enorme que cobria cada pedacinho fantástico do corpo dela.

– Desmancha-prazeres – provocou ele, sorrindo.

Ele se ajoelhou ao lado dela e colocou a mão entre suas pernas, buscando o clitóris dela. Grace o fez parar.

– Está tudo bem – sussurrou ela, seu sorriso bobo e glorioso. – Mesmo.

Max largou a mão na cama com um ruído. Ele suspirou e foi pegar a cueca.

– Se você tem certeza... – resmungou ele, colocando a cueca e dando uma olhada sorrateira para ela em busca de qualquer sinal de surto ou de arrependimento. Para seu alívio, não viu nada.

Ela o observou enquanto ele se vestia.

– Você é supercuidadoso, hein?

Max a fitou, sem entender. Ela deu uma olhada na direção do banheiro. A camisinha.

– É, sou – respondeu ele, vestindo a bermuda. – Não queremos nenhum acidente. Acredite em mim, eles acontecem.

– Christopher foi um acidente?

Max engoliu em seco ao ouvir o nome do filho.

– Ele não foi planejado.

– Mas você e Lizzie, vocês dois o queriam, certo?

Max parou, os olhos fixos no chão.

– Sim. Nós dois o queríamos muito.

– Mas você não consideraria ter filhos de novo? – A voz de Grace era suave. – Nunca mais?

Max deixou a bermuda aberta e se acomodou na cama, com as costas apoiadas na cabeceira.

– Não sei – respondeu ele com sinceridade, seus dedos traçando um caminho pelos cabelos. – Eu... Eu não conseguiria passar por aquilo de novo. – O coração dele ficou apertado dentro do peito. – Ver a pessoa que você ama se despedaçar daquele jeito.

Grace se aproximou, o cheiro do sexo flutuando ao redor deles quando as cobertas se moveram, despertando o pau de Max, apesar do assunto em questão.

– O que aconteceu com Christopher foi trágico, Max, mas também é raro. – Ela apertou a mão dele. – Você não deveria se fechar para a possibilidade...

– Olha – ralhou Max, sua excitação pós-coito se transformando em algo mais sombrio, algo que ficava dormente só porque os remédios e a terapia o mantinham assim. – Entendo o que você está dizendo, mas essas coisas que as mulheres querem, ou seja, amor, filhos, um futuro, não tenho a capacidade de proporcionar isso. – A voz dele era ríspida, fazendo Grace se encolher. Ele suspirou e disse: – Eu tive. Um dia. Mas ela se perdeu há muito tempo e nunca mais vai voltar.

Ele manteve os olhos nas cobertas, rezando para que, agora que eles tinham transado, Grace não começasse a querer mais. Pelo

vazio em seu peito, que ecoava com a pergunta dela sobre filhos, Max sabia que ele não podia, de jeito nenhum, dar a ela ou a qualquer outra mulher mais do que seu corpo. Ele ergueu os olhos, a expressão no rosto de Grace triste, porém compreensiva.

– Bem, vai saber? – falou Grace suavemente. – Talvez volte quando você menos esperar.

Max não acreditava naquilo nem por um segundo, mas sorriu para ela mesmo assim.

– Melhor eu ir.

Grace piscou.

– Você pode ficar. Me desculpe. Eu não quis trazer à tona...

– Ei, está tudo bem – interrompeu Max, levantando-se da cama.

– Mesmo. – Ele se abaixou e deu um beijinho no rosto dela. – Você está bem mesmo? Eu fui... Foi bom?

Ele não desejava ter o ego massageado. Só queria se certificar de que ela tinha curtido e que os demônios que ele sabia que ela carregava não a estavam assombrando por trás daquele sorriso deslumbrante.

O sorriso dela se alargou e seus olhos se iluminaram, acalmando a ansiedade dele.

– Sim. Estou... ótima. Você... Isso foi... Perfeito.

– Ótimo.

Ele colocou a camiseta.

– Obrigada, Max. Mesmo. Obrigada.

– O prazer foi todo meu. Você foi maravilhosa. – Ele pegou os tênis do chão e limpou a garganta. – A gente se vê mais tarde.

Engolindo a culpa que cutucava sua garganta e escondendo-a em suas partes mais sombrias, Max deixou Grace sentada na cama. Ele não conseguiu realmente respirar até sair pela porta da frente da casa, cambaleando sob a luz do sol ardente.

23

– Puta merda! Olhe só para você!

Grace sorriu com a voz barulhenta e animada que ecoou pela boate de seu irmão.

– Você é um colírio para os olhos, garotinha.

Grace observou Sienna Kelly, gerente da boate de Kai, atravessar a pista de dança muito rápido, com seu cabelo afro balançando. O batom vermelho que cobria seus lábios carnudos era indescritivelmente sexy, contrastando com sua pele cor de ébano, ao passo que sua roupa, como sempre justíssima, não deixava nada para a imaginação. O corpo dela era maravilhoso. Grace aceitou o abraço entusiasmado de Sienna, rindo enquanto ela lhe dava um beijo no rosto.

– Você está linda! – exclamou Sienna, ainda segurando Grace. – Por que faz tanto tempo que não nos vemos?

– Porque uma de nós duas estava explorando o mundo – respondeu Grace. – Como foi a viagem à Europa?

– Menina do céu – respondeu Sienna. – Foi inacreditável. – Ela se virou e apoiou o quadril na geladeira debaixo do bar. – Paris, Roma, Londres, foi tudo fabuloso. Eu não queria voltar.

– Não te culpo! Paris certamente dá de mil em Washington.

Sienna pegou uma garrafa de cerveja e a entregou a Grace.

– Vou ser sincera, se não fosse pelo babaca do teu irmão, eu ainda estaria lá.

Grace sorriu com o tom carinhoso da voz de Sienna, apesar do que ela tinha dito. Grace estava certa de que ela e Kai tinham se envolvido em algum momento e que Sienna, ao contrário do que as aparências indicavam, se apaixonara. Vivaz e de língua afiada, ela era a pessoa mais leal e confiável que Grace conhecia, além de Kai. Por baixo daquele palavreado e da malícia, aqueles dois eram perfeitos um para o outro.

– Então, me fale sobre você – continuou Sienna, tomando um gole de cerveja. – Como está a Virgínia Ocidental? Kai me disse que você comprou uma casa.

Grace confirmou com a cabeça e tomou um gole de cerveja.

– Está tudo ótimo. A casa é incrível. Estou trabalhando e fiz bons amigos. Me sinto segura lá.

– Que maravilha – disse Sienna. – Estou tão orgulhosa de você. – Ela abraçou Grace de novo. – Então, o que a traz aqui?

– Tenho uma sessão de terapia amanhã e Kai disse que estava com pouco pessoal. – Grace chutou a caixa de cervejas que acabara de esvaziar, tendo colocado todas as garrafas na geladeira. – Pensei em dar uma mão.

Aquilo era meia verdade. Grace tinha, de fato, uma sessão com a terapeuta e Kai *estava* com pouco pessoal, mas ela não precisaria realmente ficar em Washington até o dia seguinte. Se mais alguém tivesse perguntado, Grace teria dito que estava ali porque Holly só precisaria dela no Whiskey no fim de semana e porque ela queria passar um tempo com o irmão; mas, na realidade, ela viera para Washington porque necessitava de espaço.

Desde aquela tarde na cama, quando o cheiro e a sensação do corpo de Max forçaram o pânico a desaparecer, quando ela assumiu o controle de si mesma e ignorou suas inibições, fazendo o melhor sexo da sua vida, ela e Max tinham se pegado mais duas vezes. Ver Max nu, sem fôlego e molhado de suor era agora a coisa preferida de Grace. Ele era maravilhosamente primitivo em sua paixão,

tratando-a com tanto cuidado e, mesmo assim, lhe dando tudo o que ela pedia quando implorava que ele fizesse mais forte, mais rápido.

A segunda vez que transaram, no sofá de sua casa, ela o cavalgou, sentindo a respiração quente dele em seu pescoço e as mãos firmes em sua bunda. Era lindo vê-lo tão forte e sólido, seu rosto se contorcendo de gozo, e ouvi-lo gritar seu nome enquanto ele latejava dentro dela.

Saber que ela podia fazer por ele o que ele fazia por ela a preenchia com uma felicidade profunda. Vê-lo saciado e zozinho, com os olhos escuros brincalhões focados nela quando eles se moviam juntos, lhe dava a sensação de plenitude. Mas lhe oferecia, também, esperança.

Como Max diria, ela estava total e completamente fodida. E passar alguns dias longe dele e do desejo que a assolava toda vez que os dois estavam no mesmo recinto pareceu uma boa ideia. Ela não podia deixar que Max percebesse como começava a se sentir em relação a ele. Deus, só de ouvir a palavra "filho" o cara ficou pálido e correu para longe dela. Imagine o que faria se percebesse que ela estava se apaixonando por ele. Grace queria Max em sua vida – precisava tomar cuidado para não prejudicar o que eles já tinham juntos. A amizade dele se tornara essencial para ela.

Os momentos tranquilos que passavam lado a lado eram tão preciosos quanto os devassos. No dia anterior mesmo, depois de ele gozar em sua barriga enquanto estavam sobre o tapete verde-claro da sala de estar, eles permaneceram deitados, falando sobre arte, música e sobre a família dela.

Max, em contrapartida, falou sobre os pais. Enquanto ouvia, Grace se perdeu na voz dele e na maneira como seu braço roçava no dela. Pediram pizza e ficaram ali, comendo seminus, tão confortáveis um com o outro que Grace nem se deu ao trabalho de cobrir as cicatrizes. Não tinha por quê. Além do mais, a maneira como Max

olhava para seu corpo nu fazia Grace esquecer todo o resto. Ela nunca se sentira tão desejada e linda como quando o olhar de Max estava em seu corpo.

Isso tinha sido há apenas 24 horas e ela já estava começando a sentir saudades dele.

– O fato de você se sentir tão à vontade com Max é fantástico – disse Nina, a terapeuta de Grace, na manhã seguinte. – Você abraçou a intimidade novamente, e é ótimo vê-la seguir em frente, retomando o controle. Mas esse sentimento que está sugerindo... pode ser prejudicial para vocês dois.

Disso Grace sabia. Max era uma criatura fragilizada, um viciado, era vulnerável e arisco. Mas ela não ia, de jeito nenhum, parar de dormir com ele porque não conseguia controlar as próprias emoções. Ela iria conseguir. Por ele, ela *poderia* conseguir.

– Grace, você está dando grandes passos; são ótimas notícias.

– Mas?

– Mas você precisa ter certeza quanto ao que está sentindo. – Nina se mexeu na cadeira. – Me diga, quando ele foi embora e deixou você lá na primeira vez em que vocês transaram, como você se sentiu?

Grace deu de ombros, contornando a borda da caneca de café com o dedo. Ela relembrou aquela tarde maravilhosa. As palavras de Max e o desejo dele por ela, tão evidente naqueles grandes olhos de Diamante Negro. O corpo rijo dele, sua língua na pele dela, seu cuidado de deixá-la ficar por cima para que ela não surtasse. Os sons que ele emitia e a necessidade esmagadora que ela sentia de espremer os lábios contra os dele e saborear e se apossar de cada gemido e ofego seu.

– Eu sabia que ele precisava ir – respondeu ela, seu rosto ficando quente com as lembranças. – Ele foi muito claro sobre como nosso relacionamento funcionaria. Não posso esperar abraços e beijos depois.

– Era isso que você queria?

Não exatamente. Fazia muito tempo que ela não sabia o que era um carinho depois do sexo, então não estava esperando aquilo agora. Grace teria gostado se Max tivesse ficado um pouquinho mais, é claro, porque vê-lo sair correndo, apesar de esperado, tinha sido difícil. Mas ela jamais diria isso a ele. Pelo contrário. No dia seguinte, ela acordou Max na pensão com um café e um muffin e o arrastou para a corrida matinal de ambos. Uma rotina normal era importante para eles. Era evidente que Grace não era a única ali que tinha potencial para surtar.

– Grace – disse Nina com delicadeza. – Se aproximar de Max, ser amigo dele, é uma coisa. Ter um relacionamento sexual e se permitir sentir algo mais é completamente diferente. Minha pergunta é: você está mesmo pronta? E, tão importante quanto isso, será que o Max está?

Grace suspirou, sem ter uma resposta.

– Está dizendo que eu não deveria me permitir sentir algo por ele?

– Não, Grace – explicou Nina, os olhos azuis cautelosos por trás dos óculos de armação vermelha. – Estou dizendo que quero que você se lembre de que vocês dois são criaturas frágeis que passaram por um trauma e tanto. Que não é *seu* papel consertar alguém e que não é todo mundo que quer ser consertado. Estou dizendo que quero que você se prepare para o que pode acontecer.

Ela não tinha dito com estas palavras, mas sua opinião era: ele vai partir seu coração, Grace. Mas, sinceramente, Grace não estava nem aí.

■ ■ ■

– Meu Deus – reclamou Max, sacudindo a cabeça enquanto se

encaminhava para o lado de fora do café. – Você tinha que trazer esse cara também?

Tate riu enquanto atravessava a rua na direção de Max e deu uma olhada para Riley, ao seu lado.

– Venha cá, seu filho da puta! – gritou Riley antes de, com um berro, sair correndo na direção de Max.

Max se preparou para o impacto, ciente de como Riley era pesado e maciço. Ele ficou sem ar quando Riley o alcançou, envolvendo-o em um abraço de urso. Max mal conseguiu se manter em pé enquanto xingava o filho da mãe a torto e a direito.

– Também senti sua falta, seu feioso – disse Riley com uma risada, bagunçando o cabelo de Max.

Max o empurrou com uma risadinha e apertou a mão de Tate.

– Bom ver você.

– Digo o mesmo – respondeu Tate, erguendo uma sobrancelha desconfiada. – Você parece bem e... – Ele inclinou a cabeça. – Decididamente satisfeito consigo mesmo.

Riley arfou, sem deixar passar nada.

– Você fez sexo?

Max riu dos dois irmãos parados diante dele, que pareciam ter poderes telepáticos. Eram farinha do mesmo saco, grandalhões e com rostos largos e sorridentes. Se Riley não tivesse barba e o cabelo de Tate fosse mais comprido, eles poderiam facilmente passar por gêmeos.

– Meu Deus – resmungou Max, empurrando-os para fora do caminho. – Podemos comer antes de começar esse papinho? Estou morrendo de fome.

– Ah! – exclamou Riley, seguindo Max para entrar no café. – Veja só, Tate, esse aí é o tradicional jeito O’Hare de dar um perdido. Ele está escondendo alguma coisa.

– Ou alguém – acrescentou Tate ao lado dele.

Max se virou e viu que ele estava observando os clientes à sua

volta.

– Onde está a menina das corridas?

– Quem é a menina das corridas? – perguntou Riley com um sorriso.

– O nome dela é Grace, pelo que me lembro.

– Legal. Gostosa?

– Gostosa pra caramba – respondeu Tate, mordendo o lábio. Ele apontou para Max. – Eles dois são “parceiros de corrida”, aparentemente.

Riley bufou.

– Claro. Já tive várias dessas.

– Eu a conheci quando ela estava usando um traje de corrida – continuou Tate.

Riley emitiu um ruído obsceno.

– Calça apertada?

– Apertadíssima.

– Boa bunda?

– Épica. Escultural, sabe, cinturinha fina, quadris largos e uma boca que...

– Certo! – gritou Max, tão alto quanto julgou apropriado gritar dentro de um café num sábado à tarde.

Ele fez um sinal de “T” para os dois com a mão.

– Tempo!

Os irmãos sorriram para ele, satisfeitos, os braços cruzados em cima do peito. Max largou os braços ao lado do corpo, já exausto.

– Caralho! Vocês são sempre assim quando estão juntos?

– Você deveria ver quando estamos os quatro – respondeu Riley, bufando antes de acrescentar: – É lindo.

– Quatro irmãos Moore – repetiu Max, tirando os óculos de sol. – Deus, coitada da sua mãe. Fico impressionado por ela não ter sido internada em um hospício.

– Ainda dá tempo – respondeu Tate, passando a mão pelo ombro

de Max despreocupadamente. – Então, o que está rolando?

Max balançou a cabeça. Ele pediu um café e um sanduíche e, depois de pagar, sentou-se com a bandeja na mesa de costume, permitindo-se um momento de silêncio para pensar em Grace e no que ela estaria fazendo em Washington. Ela estava lá há dois dias e, mesmo com as mensagens que trocavam e a pintura para ocupá-lo, a ausência dela ainda era notável. Ele não tinha certeza se gostava disso.

Tate e Riley se sentaram de frente para ele com suas comidas, bebidas e expressões questionadoras, parecendo malditos agentes da Gestapo.

– Desembuche, cara, vamos lá – disse Riley, enfiando o canudo na caixinha de suco de laranja. – Desde quando guardamos segredos?

Max franziu a testa.

– Desde sempre. Nunca compartilhamos nada porque você não conseguiria guardar um segredo nem que isso lhe garantisse boquetes de hora em hora.

Tate deu uma gargalhada, fazendo com que Riley lhe lançasse um olhar magoado.

– Isso não é verdade – resmungou ele para o prato de waffles e panquecas.

– É verdade, *sim* – respondeu Max.

– Tudo bem, Riley – disse Tate um tanto indiferente. – É óbvio que Max e Grace são mais que somente parceiros de corrida agora. – Ele tomou um gole de café. – Está na cara.

Max se recostou na cadeira, a boca cheia de sanduíche.

– Tá. Tudo bem. Eu transei com ela. E daí?

– Quantas vezes? – perguntou Riley rapidamente, inclinando-se para a frente.

Max franziu a testa.

– O quê?

– O’Hare...

– Duas, por quê?

– Ah! – gritou Riley, empurrando o ombro de Tate. – Pode ir pagando.

Resmungando baixinho, Tate pegou a carteira, tirou uma nota de vinte dólares e a entregou a Riley. Max ficou olhando para os dois, incrédulo.

– Como... O que foi isso? Vocês fizeram uma merda de uma aposta?

Os olhos dele se voltaram para o balcão do café, onde ele tinha deixado os dois sozinhos por poucos instantes.

Riley riu desavergonhadamente.

– É claro, cara, você não me conhece?

A atenção de Max se voltou para Tate.

– E você deixou?

Tate deu de ombros e voltou para seu sanduíche.

– Ele prometeu me comprar um muffin, e eu faço qualquer coisa por um doce.

Max passou a mão pelo rosto.

– Você me surpreende.

– Não é a primeira vez que me dizem isso – comentou antes de chupar o suco com tanta força que a caixinha murchou. – Então vocês dois são um casal agora?

Max balançou a cabeça.

– Não. Nada disso.

– Amigos coloridos, então? – perguntou Tate, os olhos ainda na comida.

Max confirmou com a cabeça, olhando para a camiseta de Tate, onde se lia “Gênio, Bilionário, Playboy, Filantropo” em grandes letras amarelas.

– Não – disse Riley, seguindo o olhar de Max. – Eu também não entendo.

– Ufa – respondeu Max.

– Pois é – continuou Riley. – Quero dizer, por que alguém vai gostar da Marvel quando a DC chegou ao patamar que chegou?

Ele ergueu a camiseta cinza para exibir outra de manga longa preta debaixo dela, estampada com o símbolo do Batman.

– Não comece – disse Tate secamente. – Já tivemos essa conversa no caminho para cá.

– Sim, tivemos – respondeu Riley com um sorriso presunçoso, ajeitando a roupa. – Uma conversa que *você* perdeu.

– Bem – disse Tate, limpando a boca com o guardanapo. – Isso depende da sua definição, não é mesmo?

Os olhos de Max ficaram se dividindo entre os dois, como se ele estivesse no meio da quadra em Wimbledon.

– Devo perguntar?

– Tate acha que, em uma briga, o Capitão América venceria o Super-Homem, o que, qualquer fã de quadrinhos vai confirmar, jamais aconteceria.

– O Capitão tem o escudo – disse Tate com indiferença.

– O Super-Homem é à prova de balas. Que estrago uma droga de um escudo faria?

– Quem é que se importa? – interrompeu Max.

Após um instante de silêncio, os dois homens o olharam como se ele tivesse acabado de cair do céu pelado.

– Por que nós falamos com ele? – perguntou Riley, virando-se para o irmão.

Tate suspirou, como se estivesse verdadeiramente desconcertado.

– Me pergunto isso toda vez que venho aqui.

Max não conseguiu conter o riso.

– Vocês dois são retardados.

Riley apontou para ele.

– Não acabou aqui – afirmou ele antes de se levantar e

atravessar o café na direção do banheiro.

Tate esperou até a porta do banheiro se fechar.

– Então, vamos lá. – Ele apoiou os braços na mesa. – Antes que o Menino Maravilha volte. O que está realmente acontecendo? Você está bem?

Max deu de ombros.

– Sim, estou. Ótimo, para falar a verdade. – Ele deu um sorriso malicioso. – Quero dizer, quem não estaria, com uma mulher gostosa para dar uns pegadas, né?

Tate não o acompanhou na risada.

– E ela pensa assim também? Ela parecia gostar bastante de você quando eu vi vocês dois juntos.

– Ela entende – retrucou Max, engolindo alguma coisa que parecia ser uma mentira.

– É uma boa ideia? – perguntou Tate, parecendo sentir o desconforto de Max. – Vocês dois?

– Você mudou o seu discurso. – Max balançou a cabeça. – Além do mais, não existe “nós dois”. É só sexo.

Tate assentiu com a cabeça, mordendo a parte interna da boca.

– Sei que os médicos dizem que ter um relacionamento no primeiro ano de recuperação é má ideia, mas...

– Deus. – Max soltou um suspiro incrédulo. – Não tem relacionamento nenhum. Só estamos transando. Fala sério, cara, não vou me envolver com ela, nem com mais ninguém. Não quero isso. – Ele umedeceu os lábios e olhou para o sanduíche comido pela metade, seu apetite se dissolvendo lentamente. – Nunca vou querer isso. Não posso.

Tate pigarreou e se recostou na cadeira. Ele apertou os lábios em uma linha fina.

– Está bem.

Max estreitou os olhos.

– Está?

– Sim – respondeu Tate, erguendo um ombro. – Se você diz que é assim, então é assim.

Max inclinou a cabeça para o lado.

– Por que tenho a sensação de que você está de palhaçada comigo?

– Não estou, Max. Eu não faria isso. – Tate cruzou os braços em cima do peito. – Como seu padrinho e seu amigo, preciso me certificar de que você está bem e que as escolhas que faz são benéficas para a sua recuperação. – Ele deu de ombros. – Se você me diz que está bem assim, que é isso que você quer, então ótimo. Vou apoiar.

Max abaixou a cabeça, enquanto se permitia assimilar as palavras de apoio de Tate. Elas o fizeram se sentir melhor, mais relaxado, como se a bênção de Tate fosse, de alguma forma, importante para o que estava rolando entre ele e Grace.

Grace.

Max tomou um gole de café, pensando em como a dinâmica entre eles havia mudado nas últimas duas semanas. Caramba, ela era especial: intensa, exigente e gostosa pra caralho. Essa última parte não era novidade, mas tudo aquilo combinado fazia dela uma verdadeira deusa. Grace era incrível. Ela gostava de tudo o que ele fazia com ela; apesar de seu sorriso tímido e das mãos agitadas, não tinha medo de pedir o que queria. Como no outro dia, quando implorara que ele gozasse em cima dela, exatamente como já tinha feito antes.

A princípio, Max ficara preocupado de que Grace pensasse que deixá-lo gozar sobre ela fosse degradante, humilhante ou até – Max tremeu com esse pensamento – ofensivo. Mas ao ver o fogo nos olhos dela e ouvir o pedido rouco sair de seus lábios, ele soube que ela tinha gostado. E gostara ainda mais da segunda vez. Eles haviam acabado de voltar de uma corrida quando Grace, toda suada e sem

fôlego, começou a se alongar no tapete da sala. Max se aproximou dela, a ereção se tornando óbvia enquanto a observava.

Nenhum dos dois disse nada. Ela percebeu o que ele estava fazendo e pareceu mais contente do que perplexa. Não demorou muito para que a mão de Grace passasse até o meio das próprias pernas e Max assistisse enquanto ela se masturbava até gozar, implorando que ele fizesse o mesmo em cima dela.

Max tinha adorado obedecê-la, grunhindo quando o orgasmo projetou seus quadris para a frente, espalhando seu prazer pelo corpo de Grace. Uma estranha sensação de possessividade se instalou em seu peito, pensando naquela intimidade, nos dois se masturbando um diante do outro.

– Como está indo a pintura? – perguntou Tate, a voz sarcástica trazendo Max de volta para sua cadeira no café.

Max limpou a garganta e se mexeu.

– Bem. Pinto quase todos os dias. Quando dá tempo.

As pinturas dele tinham se transformado, recentemente, em uma cacofonia de cores vibrantes e padrões indiscerníveis. Ele havia começado a usar mais as cores quentes; os pretos e cinzas de suas composições iniciais iam aos poucos dando lugar aos dourados, vermelhos e verdes. Aquelas coisas pareciam criar a si mesmas, com pouca ajuda do homem que segurava o pincel. Na verdade, fazer sexo com Grace era toda a motivação criativa de que Max precisava. Ele sorriu para si mesmo. Caramba! A curva do pescoço dela, a pele macia da parte interna de suas coxas e o gosto entre elas eram totalmente inspiradores. Ele olhou para o relógio, se perguntando a que horas ela retornaria, no dia seguinte, de sua viagem a Washington e se ela estaria disposta a um terceiro round.

– Isso é bom, Max – comentou Tate. E, notando certa angústia de Max ao verificar o relógio, perguntou: – Está atrasado para alguma coisa?

Ele deu um sorriso torto quando Max lhe mostrou o dedo do

meio.

– Certo – disse Riley, voltando à mesa. – Quais detalhes pervertidos eu perdi?

Ele enfiou uma garfada de waffle na boca.

– Nenhum – respondeu Max, inclinando-se para a frente. – Bem, esqueça isso, preciso conversar com você sobre a despedida de solteiro do Carter. Alguma ideia?

Riley abriu um sorriso largo.

– Cara – murmurou ele, a boca cheia de comida. – Você precisa perguntar? Tenho contatos no meu celular. – Ele começou a remexer no bolso da calça.

Max conteve o riso, não se sentindo nem um pouco culpado por mudar o rumo da conversa. Ele sabia que havia conseguido se livrar de uma enxurrada de perguntas que não tinha nem paciência nem vontade de responder. Só precisou evitar o olhar perspicaz de Tate fuzilando-o do outro lado da mesa.

■ ■ ■

– Grace?

Grace abriu os olhos devagar, morrendo de medo de que o quarto fosse sacudir violentamente se ela os abrisse muito rápido. Ela fez uma careta. Sentia dor de cabeça e náuseas lancinantes. Puxou o edredom, encolhendo-se debaixo dele. Aquela era a segunda vez que ela acordava achando ter ouvido a voz de Max. Alucinações, sem dúvida, causadas pela temperatura acima de quarenta graus que experimentara nas primeiras horas da manhã. Ela não conseguia entender; estava tão frio que os dentes dela batiam.

– Grace?

A voz parecia mais alta agora, mais próxima. Ela desabou sobre o

travesseiro, tremendo e resmungando, desejando que Max realmente *estivesse* ali para ela poder se aconchegar nele, se aquecer, talvez tocá-lo um pouquinho.

– Grace, você está aí? Era para a gente estar na nossa corrida... Cacete! O que está acontecendo?

É, parecia ele mesmo, cheio de palavrões e exclamações. Espere. Corrida? Uma parte de Grace compreendia o que ouvia, sabia o que aquelas palavras significavam, mas sua mente estava tão cansada... Ela não conseguia encontrar forças para responder. Em vez disso, sorriu para si mesma, a imagem de Max passando diante de seus olhos.

Houve o som de uma janela sendo aberta; e uma rajada de ar fresco atingiu seu rosto, fazendo Grace se encolher e enfiar a cabeça debaixo das cobertas.

– Isto aqui está parecendo uma sauna, cara! E, merda, isso é cheiro de vômito?

É provável que sim. Grace conseguia se lembrar vagamente de ter vomitado algumas vezes sobre si mesma antes de conseguir juntar forças para trocar os lençóis, mas não o suficiente para se arrastar até o chuveiro. Suas pernas estavam fracas. Ela não conseguia se lembrar de quanto tempo tinha se passado. Podiam ser dias. Ela ficou preocupada que Max não fosse uma alucinação, pois testemunharia aquela cena horrível e ela não teria energia suficiente para mandá-lo embora.

– Você está acordada?

O edredom foi puxado delicadamente da mão dela, fazendo outro tremor violento tomar seu corpo. Ela arfou quando algo grande e congelante tocou em sua testa.

– Grace, você está pelando.

Talvez ele fosse real.

– Max?

A coberta desapareceu por completo. Grace tentou protestar,

tentou segurá-la, mas seu corpo simplesmente não se movia.

– Não – resmungou ela, abrindo os olhos em fresta, vendo um borrão de cabelos escuros e olhos ainda mais escuros. – Frio.

– Você está ardendo em febre. Venha.

Ela gritou quando mãos a seguraram e braços fortes a carregaram.

– Eu sei. Me desculpe – disse ele, acalmando-a.

Ela sentia dor em todos os lugares em que ele tocava. Céus, ela queria a mãe.

– Shhh – sussurrou ele em seu ouvido. – Estou aqui com você. – A mão gelada dele tocou o rosto dela. – Não chore.

– Dói – gemeu Grace, engolindo a náusea e se derretendo nos braços dele.

– Eu sei – murmurou ele. – Vou tentar esfriar o seu corpo, tá?

– Max?

– Sim?

– Acho que eu vomitei.

Ele deu uma risadinha.

– É, acho que sim.

– Não me cheire.

– Tarde demais.

– Oh, Deus!

– Não se preocupe. Vamos tomar um banho, está bem?

Um banho seria gelado. Ela balançou a cabeça.

– Não, por favor.

– Vai parecer mais frio do que realmente é porque você está quente demais. Deus, Grace, você está tremendo, por que não me ligou?

Ela não sabia. A última coisa de que se lembrava era de chegar em casa de Washington na noite anterior se sentindo mais cansada que o normal, com uma dor de cabeça terrível, e cair na cama. Aí, passou mal e tudo ficou caótico.

– Vou sentar você. Segure-se em mim.

As costas de Grace bateram em algo frio e ela tombou para o lado, amparada pela mão de Max em seu ombro. Ela não tinha forças para se segurar nele. Os dedos dela simplesmente não funcionavam.

– Oi.

– Oi – murmurou ela em resposta. – Dói, Max. Você pode...

– Pode me fazer um favor?

Um favor? Ele estava maluco? Ela mal conseguia ficar sentada. Ela abriu os olhos e viu Max agachado à sua frente, seu lindo rosto muito sério. Eles estavam no banheiro. Ela na privada; ele com o celular na orelha. O que estava acontecendo?

– Estou na casa da Grace. Eu a encontrei na cama, com uma febre altíssima... Não, ela não está bem. – A mão dele tocou em seu rosto novamente. – Ela não consegue ficar em pé... Não, não está. Sim, vomitou. Eu ia dar um banho nela, tentar esfriá-la... Certo. Não tenho o número. Você pode ligar para ele? Obrigado.

– Me desculpe – sussurrou ela enquanto ele colocava o celular de volta no bolso da bermuda, a vontade de chorar comprimindo sua garganta.

– Por estar doente? – perguntou ele, levantando-se à frente dela.

– Não seja boba. Erga os braços para mim.

Ela fez o que ele pediu e sibilou quando o ar gelado do banheiro tocou sua pele.

– Por favor, Max. – Ela tremia. – Preciso do meu moletom.

– Depois que você tomar banho comigo. Fique em pé para que eu possa tirar a sua calça. – Ela vacilou ao se levantar, e ele a segurou. – Você deveria estar extasiada – acrescentou ele, agachado aos pés dela. – Disse que queria que eu fizesse sexo com você no chuveiro.

Ela fechou os olhos e grunhiu quando seu estômago revirou e o banheiro girou.

– Max, você é muito bonito, mas não acho que a gente possa fazer sexo agora.

A risada dele era linda, mas seus ouvidos doíam e sua cabeça latejava. Ela fechou os olhos.

– Não se preocupe, Gracinha, só quero ajudar você a se sentir melhor.

O apelido que ele lhe deu a fez sorrir. Max ergueu o corpo de Grace de novo e entrou com ela no boxe. Ela choramingou e se agarrou a ele quando a água do chuveiro atingiu seu pé como se fosse uma onda do oceano Ártico. Ela gritou, a sensação como um tapa forte em sua pele.

– Max, por favor – implorou ela, se esforçando ao máximo para escalar o corpo dele para fugir da água.

– Calma. É só um minutinho. Vai ser rápido. Seu corpo precisa esfriar, querida. Está quente demais. – Os lábios dele pressionaram a têmpora dela. – Me abrace.

Grace gritou mais uma vez quando ele ergueu a ducha e a passou rapidamente por seu corpo, mantendo-a por um tempinho na nuca e na cabeça dela. Doía. Mas ela sabia, em algum lugar no fundo de sua mente aturdida pelo calor, que aquilo era para o seu bem. Ela fungou e choramingou no pescoço de Max, ouvindo-o desligar a água e sair do boxe. Ela estava imóvel em seus braços e, quando abriu os olhos, viu o ombro dele todo arrepiado.

– Vo-você está c-com f-frio? – gaguejou ela, toda trêmula.

– Estou bem. Não se preocupe comigo.

Mas ela não conseguia evitar. Ela gostava dele para valer; se preocupar fazia parte do pacote.

– Ah, é assim, é?

Ela se aconchegou no pescoço dele, fingindo não ter acabado de dizer aquilo em voz alta. Merda. Ele a enrolou numa toalha e a colocou com cuidado no sofazinho próximo à enorme janela do quarto que Max abrira. Ela tremeu.

- Fique aqui enquanto troco sua roupa de cama, tá?
- Lençóis n-no armá-ário.
- Eu sei – sussurrou ele, os lábios perto da bochecha dela.

Ela queria que ele a beijasse. Queria que ele simplesmente ficasse ali e a abraçasse. Queria conseguir apreciar vê-lo molhado daquele banho que fora obrigado a tomar junto com ela. Espere. Ele estava pelado? Ela tentou abrir os olhos, mas eles não cooperavam. Em vez disso, ela se acomodou nas almofadas e puxou a toalha, tentando se manter aquecida.

■ ■ ■

Max se virou e foi cumprimentado por um pulso que o atingiu com força no meio da cara.

– Ai! Caramba! – Ele resmungou e xingou, fazendo uma careta enquanto passava a mão no rosto. – Que merda, Grace.

De seu lado da cama, Grace piscou para ele surpresa, seus olhos cansados e seus cabelos um desastre total.

– Eu só dormi aqui para garantir que você ficasse bem – explicou ele. – Não precisa me espancar.

Ela piscou novamente para ele, parecendo perdida e tentando encaixar as peças das últimas 36 horas. Max a observou enquanto se recostava na cabeceira de ferro da cama. Ao menos ela já não estava tão pálida quanto no dia anterior. Se não fosse pelo tremor, pelos arrepios e resmungos sem sentido, Max teria achado que ela estava morta quando a encontrou. Aquela mulher quase o fizera enfartar.

Grace passou a mão pelo rosto e se moveu pesadamente para se sentar também.

- Oh! Oh, Deus! Me sinto péssima.
- Você está péssima – comentou Max com sinceridade.

Grace bufou.

– Obrigada.

Ele deu de ombros.

– Só estou falando a verdade. Mas, se serve de consolo, você parece bem melhor do que antes.

Grace suspirou, fazendo careta a cada movimento.

– Fui atropelada por um caminhão? – Ela passou as mãos pelos cabelos, mas parou de repente. – Meu Deus, eu vomitei. Vomitei à beça – relembrou ela, mortificada. – Max, foi a segunda vez que você teve que limpar meu vômito.

– Nem me fale – respondeu Max, sério. – Ainda bem que um de nós tem o estômago forte.

Parecia que ela ia chorar. Max não conseguiria suportar aquilo de novo. Uma vez tinha sido ruim o suficiente. Foi de partir o coração ouvi-la chamar pela mãe no auge do seu delírio febril.

– Me desculpe. Mesmo.

– Ah, pare – disse Max com um suspiro de perplexidade. – Está tudo bem. – Ele respirou fundo. – Mas preciso confessar que fiquei seriamente decepcionado ao ver que você não estava usando aquela lingerie vermelha quando tirei a sua roupa.

Os olhos de Grace se arregalaram.

– Tirou a minha roupa?

– Aham – murmurou Max, se espreguiçando; ele pegou-a olhando seu peito nu. – Para o banho.

– Banho?

Max deu uma risadinha e confirmou com a cabeça.

– Juntos. – Ele piscou. – Pena que você estava doente demais para se lembrar.

– Ainda bem – disse Grace, suspirando, mas parecendo um tanto decepcionada.

– Bem, sempre haverá uma próxima vez. – Max sorriu. – Você ainda se sente enjoada?

Com as palavras dele, o estômago de Grace roncou. Max arqueou uma sobrancelha.

– Com fome?

Grace deu uma olhada em volta.

– Água?

Max apontou para a mesa de cabeceira, onde tinha deixado um copo grande de água, uma garrafa de Gatorade e dois comprimidos brancos.

– É Tylenol. O médico queria dar uma injeção de alguma coisa, mas eu não sabia se você era alérgica ou se isso ia foder com os seus remédios, então achamos melhor usar só o analgésico e antitérmico.

Grace terminou de beber a água, franzindo a testa.

– Médico?

Max sorriu. É, ela estava totalmente fora de si.

– Liguei para tia Fern, que chamou o médico. Só uma coisinha de dois dias. Ele disse que você vai ficar bem. Graças a Deus. – Ele bocejou. – Não acho que eu conseguiria suportar dormir aqui de novo com você se mexendo e resmungando o tempo todo.

Foi como dormir dentro de uma lavadora de roupas. Max ficou surpreso por não ter hematomas. No começo, ele pegou umas cobertas e se acomodou no pequeno sofá, dando a Grace espaço para se debater e remexer na cama. Mas, depois de um tempo, ela começou a gritar enquanto dormia, murmurando coisas sem sentido que o mantiveram acordado por mais de uma hora. Cansado, ele deitou na cama ao lado dela pouco depois da meia-noite e a acalmou até a febre baixar. Como tinha acontecido após a crise de pânico no bar, ela só se acalmou quando ele ficou ao lado dela, tocando-a. Um fato que provocava uma sensação quente no estômago de Max.

Grace o fitou, horrorizada.

– E o que eu di... Você está brincando?

Ele balançou a cabeça.

– Umas coisas aleatórias. Depois era sobre como você me acha incrível, como não pode viver sem mim...

Ele riu quando Grace lhe deu um tapinha. Aquilo era meio verdade, mas ele nunca diria isso a ela. Ela tinha resmungado algumas vezes, enquanto se aconchegava nele, dizendo quanto ele significava para ela e como ele era lindo. A primeira coisa fez Max sentir um certo desconforto, mas a segunda o fez rir, instigando-a a ficar quieta até ela começar a roncar de leve. Aí a nova rodada de agitação e inquietação se iniciava.

Grace sorriu, calma, a preocupação se dissipando dos seus olhos, até que de repente franziu a testa.

– Espere aí. Que dia é hoje? Preciso trabalhar.

– Segunda. Estou aqui desde domingo de manhã, quando você não apareceu para a nossa corrida. E, não se preocupe, eu liguei para Holly.

Ela expirou, aliviada.

– Obrigada. Você não deveria estar trabalhando?

Max negou com a cabeça.

– Tio Vince disse que eu podia matar o trabalho para garantir que você continuasse respirando e tal. Além do mais, ele me deve.

– Deve?

Max inspirou fundo e passou a língua nos lábios.

– Josh, eu e mais alguns caras vamos ajudar meu tio com um serviço na Filadélfia. Um amigo dele está com tudo atrasado em uma obra e... vamos ficar lá para acelerar as coisas. Deve levar uma semana, quem sabe uns dez dias.

Grace piscou, seus dentes mordendo o lábio inferior de leve.

– Ah.

Max não sabia ao certo por que tinha se sentido culpado quando o tio pediu sua ajuda e ele concordou. Assim como não entendia por que, agora, ao contar a Grace, se sentia assim de novo.

– É, vamos na quinta de manhã bem cedinho. – Ele tentou sorrir.
– Ei, pense em toda a tranquilidade que você vai ter enquanto eu estiver longe.

Grace soltou uma risadinha, mas ela pairou constrangedoramente entre eles, envolvendo-os em um silêncio pesado. Max se mexeu ao lado dela, a necessidade de dizer alguma coisa lutando contra a vontade de abraçá-la. A pergunta seguinte dela o deixou aliviado por não precisar fazer nem uma coisa nem outra.

– Como você entrou aqui?

Merda. Max esperava que, de alguma forma, aquilo fosse passar batido por ela.

– A chave extra escondida.

Grace franziu a testa.

– Mas só meu irmão e Ruby sabem disso.

Max se mexeu, meio nervoso.

– Então, quanto a isso, olhe, não fique brava com ela, tá?

– Com quem? Ruby?

Ele confirmou com a cabeça.

– Eu não quero apavorar você, mas fiquei preocupado quando não apareceu e não atendeu o telefone. Eu não sabia se você tinha voltado de Washington, porque não tinha me ligado, então vim até aqui. Fiquei inquieto, achando que alguma coisa tinha acontecido, porque você parecia estar em casa, mas não vinha até a porta. Então liguei para Ruby e ela me disse onde a chave estava para eu poder entrar e dar uma olhadinha. – Ele fez uma pausa e engoliu em seco. – Desculpe.

Grace deu um sorriso torto.

– Você fica fofo quando se enrola todo para falar.

– Fico nada.

– Fica, sim. – Ela fez um aceno com a mão, impedindo-o de continuar argumentando. – Por que eu ficaria apavorada?

Max deu de ombros.

– Um homem estranho na sua casa sem permissão. Quero dizer, eu não deveria presumir que você não veria problemas em eu fazer aquilo, mas fiquei...

– Preocupado?

Ele estreitou os olhos com o sorriso dela e bufou.

– Sim. Mas agora queria não ter me dado ao trabalho. Acho que nunca vou conseguir eliminar o fedor de vômito de mim.

Grace riu, incrédula, dizendo:

– Homem estranho.

Max balançou a cabeça. Ela estava, definitivamente, se sentindo melhor.

– Que seja. Vou fazer café.

Ele jogou as pernas para fora da cama e se levantou.

– Max?

Ele parou na porta e se virou.

– Obrigada por me ajudar. Mesmo.

Max abaixou a cabeça, a sinceridade e os olhos grandes e inocentes dela arrancando o seu mau humor e o substituindo por algo mais quente, algo que permitiria que Grace se safasse de qualquer coisa. Era tão bom vê-la.

– De nada. – Ele expirou e apontou com o polegar por cima do ombro. – Quer alguma coisa?

– Penicilina – murmurou Grace.

– O quê?

– Sou alérgica a penicilina. Sabe? Só para o caso de acontecer de novo.

Max bufou.

– Cristo. Espero que não. Mas obrigado. É bom saber.

– Não tem de quê, Enrolão.

– Cale a boca. – Max se virou e saiu do quarto. – Cara de Vômito.

24

Na quarta-feira, Grace estava se sentindo ótima. Max tinha sido um anjo, se desdobrando em mil para garantir que ela tivesse tudo o que queria ou de que precisava. Ele ficara ao seu lado na segunda-feira até que pegasse no sono, depois de fazer torradas e chá para o almoço, deixando-a tirar uma soneca enquanto ele assistia à TV e até mesmo preparando um banho de banheira quando ela reclamou que não aguentava mais o próprio cheiro nojento e suado. O único ponto negativo foi Max ignorar seus pedidos sutis para que ele se juntasse a ela nas bolhas de lavanda. Ele tinha resmungado algo sobre ela ainda matá-lo e a deixou lá.

Ao acordar na terça de manhã, viu um bilhete escrito à mão no travesseiro ao seu lado:

Espero que você tenha conseguido dormir. Deixei um muffin e um café no balcão da cozinha. Estou ajudando meu tio, mas ligo mais tarde para ver como você está. Max

Ela tentou conter a excitação enquanto lia o bilhete repetidas vezes, tentando ao máximo não enxergar aquelas palavras atenciosas como algo mais do que um amigo ajudando uma amiga, mas foi inútil. Ela estava se apaixonando mais rápido e de forma mais intensa do que pretendia, e não tinha como impedir.

– Eu pagaria para saber em que você está pensando – disse Holly, batendo o quadril em Grace enquanto ela limpava o bar.

Grace se assustou, quase derrubando um copo de Heineken e fazendo Earl dar um sorriso torto, Caleb bufar e Holly dar uma risadinha perspicaz. Grace não fazia ideia de há quanto tempo estava parada ali, flutuando pelo espaço apenas com seus pensamentos sobre Max para lhe fazer companhia. Ela sentiu as bochechas esquentarem e saiu rapidinho para atender os clientes.

– Ei, Grace!

A voz de Ruby ecoou pelo lugar quando ela entrou quase saltitante. Ela ainda estava de macacão, coberta de graxa, vindo, era óbvio, direto do trabalho, um lacinho rosa balançando em seus cabelos. Grace sorriu. Ela ainda não fazia ideia de como uma mulher tão feminina como Ruby podia amar trabalhar com carros e ficar toda desalinhada daquele jeito. Mas Grace adorava aquilo.

– Olha, o Josh estará longe, então você sabe o que isso significa, né? – gritou Ruby de onde estava. – Noite das meninas!

Caleb se virou para as duas de seu banco de costume no bar.

– Longe?

– É – respondeu Ruby. – Ele vai ajudar um amigo do meu pai na Filadélfia. Meu pai está levando a equipe inteira. – Ela se voltou novamente para Grace. – E então?

Grace riu, abrindo a garrafa de Pepsi Diet e colocando na frente dela.

– Parece... interessante.

Ruby revirou os olhos.

– Ah, vamos lá. Você não pode ficar choramingando pelos cantos durante toda a semana em que Max estiver longe.

Grace endireitou os ombros no momento em que Holly e Ruby olhavam uma para a outra. Caleb pigarreou e fitou a borda do copo enquanto bebia.

– Eu não iria... Por que eu faria isso? Não seja boba.

Ela ignorou o burburinho dos que estavam sentados ao redor do bar, que pareciam saber que ela iria, de fato, ficar se lamentando e sentindo uma falta absurda de Max enquanto ele estivesse fora. Deus, ela era tão transparente e esta cidade era tão terrivelmente pequena.

– Ok – respondeu ela. – Estou dentro.

Ruby sorriu.

– Ótimo. Vou ligar para as meninas e organizar alguma coisa para este fim de semana. Tem previsão de temporal para a semana que vem, então precisamos planejar agora.

– Temporal?

Ruby fez um aceno indiferente.

– Só uns trovões e raios. Costumamos ter alguns bons dias assim. Limpa bem o ar. – Ela bebeu o resto do refrigerante, colocou uma nota no bar e começou a voltar na direção de onde tinha vindo. – Agora me deem licença que vou lá abusar do meu marido de todas as formas que ele adora antes de ele viajar amanhã.

Grace riu, balançando a cabeça e se perguntando se ela teria uma chance de abusar de Max de todas as formas que *ele* adorava antes de ele viajar também. Esse pensamento, no entanto, em vez de excitação, levou Grace a ter uma enorme sensação de melancolia. Essa viagem de trabalho com Vince trouxera a perspectiva bem real de que Max não iria ficar no condado de Preston para sempre.

Grace sabia que ele tinha uma vida em Nova York, amigos que eram próximos o suficiente para terem status de família. Seu melhor amigo se casaria em breve e ele iria ser padrinho. Ele possuía uma vida esperando por ele e Grace se perguntou se ela seria um fator que ele levaria em consideração quando decidisse voltar. É claro que não havia a menor possibilidade de romance; Max tinha deixado isso bem claro. Mas será que eles poderiam continuar amigos ou ele simplesmente iria embora sem olhar para trás?

– Grace, querida.

Engolindo sua inquietação por mais um dia, Grace olhou para Holly, que estava segurando a bomba de chope em um ângulo de noventa graus, de onde só saía espuma borbulhante.

– Você pode descer e trocar o barril?

Grace sorriu fracamente.

– Claro.

Ela largou o pano no bar e seguiu em direção à escadaria de pedras, localizada na parte de trás do imóvel. Ela foi até o porão, acendendo as luzes enquanto descia. Aquele lugar sempre lhe causara arrepios – só Deus sabia quais criaturas nojentas e rastejantes se escondiam nos cantos e nas fendas daquele local –, mas ela estava, aos poucos, se acostumando com ele. Enquanto conseguisse ouvir as pessoas lá em cima no bar, ela não entraria em pânico.

Depois de lutar com uma caixa de xarope de Coca-Cola, ela enfim encontrou o barril vazio e rolou outro até o lugar dele, prendendo a mangueira e gritando “Ok” para Holly começar a bombear.

– Coisinha barulhenta, você, hein?

Grace deu um gritinho de surpresa e se virou, a mão apertando o peito, e encontrou Max sorrindo daquele seu jeito devastadoramente lindo, apoiado de modo casual em uma das colunas do porão. Ele estava sujo. Os braços estavam cobertos de terra e ela podia ver manchas no rosto dele nos lugares onde ele tinha limpado o suor que certamente escorrera. O dia tinha sido escaldante. Sua calça jeans azul estava escurecida, bem como a camiseta cinza, esticada sobre o peito maravilhoso dele. Ela imaginava que ele deveria estar com um cheiro incrível, todo almiscarado e masculino. Ele estava tão sexy!

– O que você está fazendo aqui embaixo? – perguntou ela, a voz tremendo com a adrenalina que ainda pulsava em seu corpo.

Ela não sentia medo, é claro, mas a maneira como Max a fitou fez seu corpo tremer de forma deliciosa.

O olhar dele passeou pelos degraus até a porta do porão, que só tinha uma frestinha aberta. Ele deu um sorriso maroto e abaixou a cabeça, cravando-lhe olhos predadores.

– Imagine minha alegria quando Holly disse que você estava aqui embaixo. – Ele deu um passo na direção dela. – Só você. – Outro passo. – Mais. – E outro. – Ninguém.

As costas de Grace bateram na pedra fria. Seu peito se agitou.

– E por que isso alegraria você?

Ele parou, seu olhar subindo da saia jeans dela até seu rosto.

– Porque eu me lembro perfeitamente de você dizendo, enquanto estava me cavalgando, que tinha imaginado nós dois fazendo sexo aqui.

Grace também se lembrava. Céus, ela se lembrava de tudo daquele dia. A primeira vez que ele a tinha penetrado e sussurrado seu nome como se fosse uma prece. A sensação das mãos dele, tão firmes em seus quadris, o som da pele dele batendo na dela e a pulsação do orgasmo dele dentro dela.

A pausa que ela fez para relembrar aquele dia perfeito deve ter soado como hesitação, pois o fogo e o desejo nos olhos escuros de Max arrefeceram um pouco.

– Desculpe – exclamou ele. – Sou um idiota. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Eu só pensei que poderíamos, porque você disse... Mas se você não...

– Max? – interrompeu Grace, colocando as mãos na barra da saia jeans, o calor se espalhando por sua pele.

Ele observou os movimentos dela como um gavião, engolindo em seco quando ela ergueu a saia, exibindo a calcinha para ele.

– Caralho. Sim?

– Cale a boca e me foda.

Ele imediatamente abaixou sua calcinha, se ajoelhou e enterrou o

rosto entre as pernas dela. Grace gritou antes de cobrir a boca com o antebraço. A língua dele era perfeita, perfeita demais, e quando ele... Céus, fez aquela coisa no clitóris dela, ela quase derreteu nas mãos dele. Ele era voraz e, mais uma vez, Grace fantasiou sobre como seria ter a boca dele na dela. Ela queria tanto sentir o gosto daquela língua. Qual seria a sensação dos lábios dele nos dela quando ele gozasse? Será que ele – ela gritou – a beijaria. Daquele. Jeito?

– Quero você – conseguiu ela dizer, ofegante, pouco ciente das vozes no bar que chegavam até eles pela porta entreaberta.

Os olhos de Max ficaram ainda mais iluminados. Ele tirou a boca dela.

– Sim. Como? Me diga como.

A voz profunda de Max e a maneira como ele a envolveu de tesão e desejo acendeu algo em Grace que ela achava ter perdido há muito tempo. Ela endireitou as costas e ergueu a cabeça à medida que a confiança e a sensualidade começaram a preenchê-la tão rápido que ela achou que fosse explodir.

Aquele homem. Aquele homem lindo ajoelhado à sua frente a *queria*. Queria *mesmo*. Ele queria satisfazê-la, fazê-la se sentir bem. E, naquele momento, não importava para Grace por quanto tempo seria assim. Não, ele não ficaria naquela cidade para sempre e isso doía e a assustava mais do que ela poderia permitir; mas, naquele instante, pela expressão no rosto dele, molhado do desejo dela por ele, sabia que ele faria qualquer coisa que ela pedisse.

Grace se virou, colocando as mãos na parede, e se curvou, projetando a bunda na direção dele.

– Assim.

– Meu pai do céu – murmurou ele, mexendo apenas as mãos, que passearam com muita cautela pela pele dela, segurando seus quadris e deslizando os polegares pelas nádegas. Ele inspirou fundo

e grunhiu quando seus dentes roçaram na bunda dela. – Você não está jogando limpo.

– Não estou de joguinho – respondeu Grace. – Só quero sentir você.

Ela sentiu os lábios dele em sua bunda antes de ele se levantar abruptamente. O som do cinto pesado dele tilintando quando ele o abriu fez os braços de Grace se arrepiarem. Ele pressionou o corpo contra o dela, seu pau duro em sua coxa.

– Você consegue ficar quieta? – grunhiu ele antes de abrir a camisinha com os dentes.

– Não – arfou ela com sinceridade.

Ele deu uma risada sombria.

– Ótimo, porque quero que todos eles ouçam o que eu faço com você.

Todo o corpo de Grace estremeceu.

– Shhh, está tudo bem – sussurrou ele perto do ouvido dela, o nariz subindo até o lóbulo de sua orelha enquanto a língua se projetava para lambe seu pescoço. – Estou aqui com você. – Ele pressionou as mãos grandes na lombar dela e, por um breve instante, a voz dele perdeu a rouquidão, se tornando cautelosa, preocupada. – Você está bem?

Os olhos de Grace reviraram com isso.

– Sim. Por favor – implorou ela, projetando o corpo para trás. – Preciso de você.

A ponta do pau dele roçou nela.

– Como você precisa de mim?

– Com tudo.

A palavra saiu da boca de Grace antes que ela sentisse vontade de dizê-la, mas era a mais pura verdade. Ela queria que ele a fodesse, e com força. Queria senti-lo dentro de si por dias para não ficar tão vazia quando ele viajasse pela manhã.

– Essa é a minha garota.

Ele estava dentro dela em um único movimento ágil, fazendo os dois gemerem, erguendo Grace até quase a ponta dos pés. Ele era perfeito, preenchendo-a até quase beirar o desconforto antes de recuar os quadris e meter nela de novo. Ela miou a cada investida e ofegou o nome de Max enquanto ele arfava no ouvido dela. Ele tomou o cuidado de não sufocá-la, de não prensá-la contra a parede, para evitar que ela entrasse em pânico. E ela o adorava ainda mais por isso.

– Você vai pensar nisso? – perguntou ele, entrando nela de novo, suas mãos devassas e firmes nos quadris dela. – Enquanto eu estiver longe? Vai pensar no meu pau dentro de você?

Grace adorava as lindas perversões que saíam de sua boca. Ela soltou a cabeça no ombro dele.

– Vou.

– Vai sentir falta disso?

Vou sentir falta de você.

– Demais.

Ele gemeu e subiu as mãos dos quadris dela para seus seios, lutando contra a blusa para conseguir enfiá-las por debaixo do sutiã. Ele apertou, os dedos dele beliscando a pele dela.

– Você é tão gostosa. – A testa dele repousou no ombro dela, como se ele se observasse penetrá-la. – Olhe só para você me recebendo. Você é tão linda, Gracinha. É tão bom estar dentro de você.

Ele resmungou e murmurou palavras tão libertinas que os olhos de Grace começaram a arder com a ameaça de lágrimas.

– Oh.

– Ah, é? – perguntou Max, entendendo o murmúrio desesperado dela como uma razão para inclinar os quadris e encontrar aquele pontinho dentro dela que ele sabia que a faria gozar em instantes.

– Mais – implorou Grace, vagamente ciente de que sua voz estava ficando mais alta. – Por favor, Max, mais.

Com um grunhido alto, Max meteu nela repetidamente, xingando e grunhindo e suando no corpo dela. Os dedos dele encontraram o clitóris de Grace para massagear e fazê-la chegar lá ainda mais rápido até que, com um grito, ele gozou, segurando-a com tanta força contra o peito que, quando o orgasmo de Grace a arrebatou, dois segundos depois, e as pernas dela ficaram bambas, ela por pouco não caiu no chão. Ele a segurou contra ele, a respiração pesada no ouvido dela, enquanto ela o sugava para dentro de si, sabendo que ele iria sair dali logo, mas querendo, não, *precisando* que ele ficasse dentro dela por mais tempo.

Ele se certificou de que ela era capaz de permanecer em pé quando, lentamente, saiu de dentro dela. Grace levou um segundo repousando a testa na parede e riu, observando-o por cima do ombro. Ela nunca tinha se sentido tão energizada, apesar da fadiga dos seus músculos. Max retribuiu o sorriso, descartando a camisinha com um lenço que pegou do bolso em uma lixeira próxima, e fechou o zíper. Ele se aproximou de Grace, sua mão acariciando a bunda dela ao mesmo tempo que um grunhido satisfeito e sensual ressoava no peito dele.

– Olhe só para você – murmurou ele. – Tão sexy. Adoro o fato de que sou o único que pode ver você assim.

Grace não tinha certeza se o tom de cobiça na voz dele era real ou fruto de sua imaginação. O olhar escuro de Max se fixou no dela antes de ele se aproximar e dar um beijo carinhoso no canto de sua boca. Era o mais perto que ele já tinha chegado de beijá-la de verdade, e Grace prendeu a respiração.

– Você está bem? – perguntou ele, afastando-se e ajudando-a a se virar enquanto ajeitava a saia.

Ela sorriu e confirmou com a cabeça, observando-o se abaixar e pegar a calcinha dela no chão. Ele ficou segurando, olhando para ela com um leve ar brincalhão sombrio.

– O que foi?

– Estou um pouco indeciso – confessou ele. – Tudo o que eu queria era colocar isso aqui no bolso e levar comigo, para eu poder tocar nela enquanto estiver longe de você. – O queixo de Grace caiu. – Mas pensar em deixar você aqui sem calcinha enquanto o delegado paspalho está sentado no bar me faz querer arrancar os olhos dele.

Ele entregou a calcinha a Grace com um sorrisinho constrangido. Se era por causa do que ele tinha acabado de confessar, não dava para saber, mas Grace não estava nem aí. As palavras dele a fizeram sentir-se abençoada e desavergonhada. Levar a calcinha dela *com ele*? Deus, aquele homem sabia exatamente o que dizer para deixá-la excitada.

Era um paradoxo tão estranho. Rick, durante o casamento deles, era um babaca controlador e possessivo que vivia dizendo para Grace que ela *pertencia* a ele, que ela era dele e ele podia tratá-la do jeito que quisesse. Aquilo era terrível, degradante e fazia Grace se sentir sem valor nenhum. Mas quando Max permitia que sua possessividade aparecesse, como fazia sempre que eles se pegavam, aquilo criava uma combustão dentro de Grace, um calor intenso que tomava conta de seus ossos e a fazia querer levá-lo para a cama e ajudá-lo a ver que ele poderia amar de novo caso se abrisse para ela.

Grace nunca se sentia sem valor quando Max olhava para ela.

Ela colocou a calcinha e ajeitou as roupas do melhor jeito que pôde. Max escondeu o riso com a mão.

– Pare – reclamou ela com um sorriso torto, ciente de que ainda pareceria desalinhada, não importava o que fizesse.

Não que ela se importasse. Se os clientes do bar não os tivessem ouvido, ela e Max haviam se ausentado por tempo suficiente para que eles concluíssem o que eles haviam feito lá embaixo. Ela suspirou e cruzou os braços em cima do peito, sentindo frio longe do abraço de Max.

– Que horas você sai amanhã?

– Às seis da manhã. – Max enfiou as mãos nos bolsos e ficou se mexendo sem sair do lugar. – Vou voltar para a pensão, comer alguma coisa e ir para a cama.

Grace assentiu com a cabeça.

– Certo.

Ela o observou enquanto ele abria e fechava a boca.

– Tudo bem você ir para casa sozinha esta noite?

Ele em geral a levava para casa quando ela trabalhava até tarde. Ela sorriu e confirmou com a cabeça.

– Posso... Enquanto você estiver fora... Posso te mandar mensagem?

O canto da boca de Max se ergueu.

– Claro. Ligue, se quiser.

– Certo.

– Certo – repetiu ele. – Eu... – Ele fez uma pausa, agitado. Ele passou a mão pela testa e riu meio sem graça. – Merda, enfim, vou nessa. – Ele começou a se virar. – Você tem certeza de que não tem problema eu ter... Nós termos... Você está bem?

Sua tagarelice fazia Grace se afeiçoar ainda mais a ele.

– Foi muito bom.

Max lambeu os lábios.

– É isso aí, garota. – Ele se virou e deu as costas para ela. – Nos falamos mais para a frente – gritou ele enquanto subia os degraus da escada, dois de cada vez.

Quando abriu a porta e saiu no bar, Max foi recepcionado com aplausos extasiados, vivas e assobios.

■ ■ ■

Toc-toc-toc.

Quem é?

A Divina.

Que Divina?

Adivina quem é que eu te dou um prêmio!

Grace. Fala sério.

Toc-toc-toc.

Mesmo?

Vamos lá. Toc-toc-toc.

Quem é!?

Peggy.

Que Peggy?

Peggy sua toalha e vamos para a praia!

Chega. Vou bloquear você.

Você jamais faria isso.

Você provavelmente tem razão.

Grace sorriu para o celular antes de colocá-lo no bolso da frente do avental. Ela estava enchendo o saco de Max com as velhas piadas de toc-toc-toc de seu pai havia dois dias e ele ainda a aturava; bendito seja. Era sábado e, depois de sua corrida, Grace se trancou na câmara escura para trabalhar na coleção para a exposição, cujo prazo estava se esgotando.

Ela cantarolava e sacudia a cabeça ao som de *Trouble Man*, do Marvin Gaye, seu álbum preferido nos momentos em que revela fotos. Ela escolheu uma em particular, pegou-a com a pinça e deixou que a solução reveladora escorresse. Era uma de suas favoritas. De Max, tirada quando ele não estava olhando. Era Quatro de Julho e eles estavam de bobeira no lago. Seus olhos se enrugando daquele jeito adorável, sua risada quase audível pela fotografia. Não havia nenhum traço da batalha que Max tinha enfrentado. Ele parecia verdadeiramente em paz, verdadeiramente perfeito.

Grace a prendeu à linha pendurada de um canto ao outro de sua câmara escura com um pequeno grampo e se afastou, observando

tanto as imagens que ia usar na exposição como as que decidira guardar para si mesma. Essas últimas eram, em sua maioria, de Max. Aquele homem tinha o rosto ideal para o filme.

O celular vibrou em seu bolso. Max.

Toc-toc-toc!

Quem é?

Jaque.

Que Jaque?

Jaque você apareceu, vamos fazer alguma coisa juntos!

Grace bufou.

Eu até queria. Mas você não está aqui. Por ora, vou ter que satisfazer a mim mesma, eu acho.

Os pontinhos na tela do celular dela piscaram e desapareceram, como se ele estivesse digitando e deletando tudo repetidamente, antes de a resposta dele finalmente chegar:

Caramba. Você vai mesmo?

Ela riu enquanto digitava:

Não. Não dá tempo; talvez faça isso mais tarde. Tenho que me arrumar para a noite das meninas. Aposto que agora você se arrepende de não ter levado a minha calcinha, né?

■ ■ ■

– Caramba, Max, parece que você viu um fantasma. Está tudo bem?

Max ergueu a vista do celular para olhar para Josh, sentado do outro lado da mesa da hamburgueria onde a equipe tinha ido comer. Eram doze caras em uma mesa longa no meio do restaurante, todos famintos após o dia de trabalho. Max sentia dores por todo o corpo. E não era de admirar que estivesse dolorido, considerando tudo o que ele tinha erguido e arrastado nos últimos dias.

– O que foi? – perguntou Josh, olhando para o celular na mão de

Max.

Max enfiou o celular no bolso da calça, que estava um pouco apertada por causa da mensagem de Grace. Nossa! Ele tinha criado um monstro.

– Só uma mensagem da Grace.

Josh ergueu uma sobrancelha.

– É, sei bem que tipo de mensagem. Ruby é um pesadelo quando fico longe e não posso fazer nada.

Max fez uma careta.

– Cara, é minha prima.

– E minha filha – gritou Vince, três lugares de distância deles, por cima do barulho.

Josh se inclinou para a frente, ignorando o sogro.

– Então, você e Grace, hein?

– O que tem eu e Grace?

Josh deu de ombros, indiferente, evitando o olhar severo de Max, sorrindo para seu potinho de molho.

– Só ouvi dizer que vocês se divertiram no Whiskey uns dias atrás.

– Todo mundo ouviu – acrescentou Rob, ao lado de Max, cutucando-o de brincadeira.

Os caras mais próximos deram sorrisos maliciosos. Esses obviamente também tinham ouvido sobre as atividades de Max e Grace no porão.

Max não conseguiu conter o riso. Ele sabia que a fofoca iria rolar e, na verdade, não se importava. Não estava com vergonha. *Nem a pau.*

Ver os olhos do delegado quase saltarem quando ele saiu do porão com o cheiro de Grace em sua pele? Aquilo não tinha preço.

Ele desfilara diante do idiota com um sorriso malicioso de orelha a orelha. Além disso, ele sabia que Grace não tinha ficado constrangida com a situação. Ela sabia que a possibilidade de eles

serem ouvidos era grande e, Cristo!, tinha praticamente implorado a ele que fizessem. Ele suspirou e pegou o garfo, lembrando aquela olhada sexy que ela lhe dera por cima do ombro. Era cheia de ousadia, desejo e todas as coisas que faziam Max querer fazer coisas vis com ela onde quer que estivessem e sempre que pudessem. Aquela mulher era um perigo sem nem precisar se esforçar.

Ele fez uma pausa e brincou com a comida no prato. Estava ciente de que deveria se sentir incomodado com a alegria que tomara conta dele desde que conhecera Grace – mas não se importava. Era divertido transar com ela. Ela era maravilhosa, espirituosa e ele gostava de ficar com ela. Apreciava o que eles estavam fazendo e, pela primeira vez em muito tempo, adorava a sensação que isso provocava. O acordo deles funcionava bem. Além disso, ele estava sóbrio e limpo há oito meses. Sem preocupações, sem comprometimentos e com o fardo pesado de seu vício gradualmente se tornando mais leve e mais fácil de suportar a cada dia que passava, a vida estava boa pra caramba.

– Você é um filho da puta sortudo – murmurou Rob. – Ela é gostosa de verdade.

– Você não é casado? – perguntou um cara de trancinhas e dentes superbrancos, sentado ao lado de Rob, cujo nome Max não lembrava.

– Por favor – respondeu Rob, dando de ombros. – Só porque estou comendo não significa que não posso olhar o cardápio.

Max pegou seu super-hambúrguer e deu uma mordida monstruosa, não se sentindo nem um pouco culpado por curtir o orgulho que tomou conta de seu peito.

– Então vocês são exclusivos? – perguntou Josh, tomando um gole de cerveja.

Max balançou a cabeça.

– Não somos um casal, nem nada assim. É casual, mas não estamos dormindo com mais ninguém.

– Droga. Aí se vai minha chance – disse Aiden, amigo de Josh, estalando os dedos.

Ele fitou Max com seus olhos cinza atentos, suas sobrancelhas louras se arqueando de modo divertido.

– Espere aí. Quanto tempo você vai ficar no condado de Preston? Quando volta para Nova York?

A mesa toda riu de novo com a insinuação de Aiden, mas, por algum motivo, Max teve dificuldades em acompanhá-los. Ele sorriu sem graça para Josh enquanto meneava a cabeça de forma gentil para o amigo dele, sentindo um desconforto repentino dentro do peito. Ele olhou desconfiado para o hambúrguer.

Maldita indigestão.

■ ■ ■

Algumas horas após deixar a maioria dos caras em um bar da cidade, Max voltou para o hotel pequeno e confortável no qual eles tinham sido alojados. Não que ver outras pessoas encherem a cara enquanto ele permanecia sóbrio não fosse superdivertido, mas ele considerava mais adequado se manter afastado do aroma do uísque.

Ele havia ligado para Tate enquanto caminhava as quatro quadras, explicando onde estava e o que fazia. Uma conversa casual em que falaram amenidades. Max se esquivou das perguntas sobre Grace e eles botaram o papo em dia. Mas Max pôde sentir a preocupação na voz de Tate; aquela que sempre surgia quando Max ligava para ele de repente. Meses atrás, perceber isso deixaria Max extremamente incomodado; agora, não.

Desabando na cama do hotel e ligando a TV, Max deu uma espiada no relógio. Faltava pouco para a meia-noite. Ele tocou na tela do celular, imaginando se Grace ainda estaria acordada. Ela tinha mencionado algo sobre uma noite das meninas, então era bem

possível que estivesse. Dando de ombros, ele começou a digitar uma mensagem.

De volta ao hotel. Como foi a sua noite?

Ele enviou, jogou o celular na cama e foi até o banheiro se lavar antes de ir dormir. Ouviu o telefone vibrar quando acabava de escovar os dentes. Voltou para o quarto, colocou a camiseta de dormir e chutou os coturnos para o canto do cômodo. Ele pegou o celular e franziu a testa para a mensagem.

Tic-tux.

“O que é isso?”, pensou Max, dando um sorriso torto.

Parece que alguém andou bebendo de novo.

Simn.

Cuide-se. Divirta-se.

Querua q vc estovesse aqui. E syou com ssudadw.

Max riu, tentando ignorar a sensação de calor que sussurrava em seu pescoço.

Largue o copo e vá para casa. Ligo para você amanhã.

Indo p casa agors. Vc tb estz com saydadeeeeeeeee!!!!

Max conteve o riso com os inúmeros emoticons com olhinhos de coração no fim da mensagem e balançou a cabeça. Ele pôs o celular para carregar, resistindo à vontade de responder.

Não importava; eles dois sabiam que ela tinha razão.

25

Conforme a previsão, o temporal deu as caras às sete da noite do dia seguinte, sexta-feira.

Chegou com um rugido feroz, raios e muita chuva, um fenômeno que Grace nunca tinha visto. A umidade acumulada nos últimos dias era tão brutal que Grace desistira de sair para correr. Então, para passar o tempo, quando não estava no bar, ela ligava o ar-condicionado e trabalhava em suas fotografias.

Um relâmpago iluminou o Whiskey, fazendo as luzes piscarem. Grace pulou de seu lugar ao lado da geladeira e olhou na direção da janela. Fazia uma hora que chovia sem parar, e não havia perspectiva de parar. Ia ser superdivertido voltar para casa esta noite...

Para uma sexta-feira, o Whiskey estava vazio. Só se encontravam ali Earl, Caleb, que acabara de encerrar seu turno, e mais dois clientes regulares que passavam tanto tempo no Whiskey que Grace não tinha certeza se eles ainda se lembravam de onde moravam. As notícias sobre o temporal iminente se espalharam tão rápido que nem mesmo asinhas de frango quentinhas e drinques deliciosos atraíram as pessoas. Elas estavam certas. Grace só fora trabalhar porque Holly havia sido vítima de uma intoxicação alimentar que a afastara do trabalho na última semana.

Os trovões sacudiram o bar. Os olhos de Grace se arregalaram e Caleb riu.

– Ah, não se preocupe, não. Isso é fichinha perto dos nossos costumeiros temporais de verão – disse ele. – Você vai ficar bem.

Grace não tinha tanta certeza assim. Ela só estava aliviada pelo fato de Max e os outros rapazes só voltarem ao condado no domingo, quando, segundo a previsão, o temporal teria enfraquecido. As estradas estariam perigosas e ela não faria outra coisa a não ser se preocupar com a segurança dele. Ela serviu refrigerante para si mesma.

Deus. Ela mal podia esperar para vê-lo. Aqueles pareceram os oito dias mais longos de sua vida. Eles tinham trocado mensagens e até mesmo se falado ao telefone algumas vezes – e Grace pôde sentir o constrangimento de Max quando eles fizeram isso –, mas não era a mesma coisa.

Uma trovoadas pavorosa, que parecia ter atingido o bar, fez as luzes se apagarem por um breve momento. Um alarme de carro disparou em algum lugar lá fora, como se estivesse berrando de medo. Apesar de ser quase fim de julho, o céu ficou preto enquanto a chuva despencava.

– Talvez fosse melhor eu fechar o bar – murmurou Grace, olhando as luzes oscilantes e os rostos à sua volta. Surpreendentemente, todos pareceram ter a mesma opinião, apesar de não serem nem nove horas. – Estaríamos todos mais seguros em casa, certo?

Caleb bateu as mãos no bar, tirando sua garrafa de Coca-Cola do caminho.

– Você tem razão. Vou lá em cima dizer à Holly o que vamos fazer, e deixo cada um de vocês em casa com o camburão. Aquela viatura pode aguentar praticamente qualquer coisa.

Earl sibilou.

– Camburão, é? Não ando na parte de trás de um desses desde que eu era mais novo que você.

Grace se virou para Caleb.

– Se você tem certeza...

Ele confirmou com a cabeça e desapareceu escada acima. Enquanto ele estava lá, Grace limpou tudo, grata pelo fato de o bar estar tão vazio. Desligou todos os eletrônicos, com exceção das geladeiras, lembrando-se de que sua mãe sempre falava que tomadas elétricas e temporais não se davam muito bem, e se juntou aos outros clientes na porta, esperando por Caleb.

Depois de trancar a porta e enfiar as chaves na caixa de correio, Grace deu um gritinho e correu até o camburão, se sentando no banco da frente antes que a chuva pudesse encharcá-la inteira. Ela afastou os cabelos que escorriam por seu nariz, impressionada pelo fato de que, em poucos instantes, o temporal fizera parecer que ela tinha acabado de sair do banho.

– Usar sapatilhas não foi uma boa ideia – disse ela, rindo, mexendo os dedos encharcados.

Os cantos dos lábios de Caleb se curvaram para cima.

– Tudo certo? – perguntou ele antes de olhar para trás, para sua coleção de ratos molhados. Apesar do tempo, ele foi respondido com uma série de urros e vivas.

Caleb dirigiu com cuidado, deixando cada um diante de casa, certificando-se de que chegavam à porta em segurança antes de arrancar de novo. Ele era um bom motorista, mas, pela tensão em seu maxilar, era óbvio que a chuva e a água que agora corria pelas ruas o estavam deixando apreensivo.

Ele finalmente estacionou do lado de fora da casa de Grace e desligou o carro. A chuva trovejava no teto, no capô e no para-brisa. Ele olhou para ela fazendo uma cara de *eca*.

– No três?

– Um. Dois. Três!

Os dois saíram correndo do carro, se abaixando e ziguezagueando pelas torrentes, gritando quando chegaram à varanda. Grace enfiou a chave na porta e abriu, escorregando no

piso laminado. Caleb a segurou, suas mãos na cintura dela por um breve momento, antes de procurar o interruptor. Fez um clique, mas nenhuma luz se acendeu.

– Oh, não – resmungou Grace, tentando, ela mesma, mais duas vezes.

Caleb fechou a porta.

– Merda. Talvez isso tenha afetado a cidade toda. – Ele franziu a testa para as lâmpadas inertes como se, de alguma forma, elas fossem culpadas. – Onde fica o quadro de luz?

Grace riu um tanto nervosa. Fora Max e Kai, ambas pessoas em quem ela confiava plenamente, ela não tinha ficado sozinha com um homem na casa. Ela se moveu para trás devagar, na direção do sofá.

– Hum, não faço ideia.

Os olhos de Caleb se estreitaram de leve, observando-a se afastar. Ele ergueu uma das mãos, como se estivesse acalmando um animal assustado.

– Ei, só quero me certificar de que você tem eletricidade antes de ir embora, está bem? – Ele pegou o rádio, entregando-o a ela. – Quer ligar para alguém e pedir para vir para cá enquanto eu estiver aqui?

O rosto dele era inocente, sem qualquer traço de mentira ou dissimulação.

Grace uniu as mãos e as fechou em punhos em cima da barriga enquanto o temporal rugia acima deles.

– Não – disse ela enfim. – Desculpe. – Ela o dispensou com um aceno. – Só estou sendo... Me perdoe; o temporal está me deixando assustada.

Caleb deu um leve sorriso.

– Sem problema. Eu entendo. – Ele acoplou o rádio novamente e ligou a lanterna enquanto limpava a garganta. – Vamos encontrar esse quadro de luz, então?

■ ■ ■

Depois de uma hora de busca, Caleb conseguiu encontrar o quadro e fez a luz voltar antes de ir embora. Aparentemente, apesar de todo o trabalho feito na casa, a parte elétrica ainda era sensível a raios e trovões. Caleb saiu logo depois e se mostrou, como sempre, gentil e educado. Grace não podia negar que se sentia um tanto estúpida por ter reagido daquele jeito com ele, mas, como Nina tinha explicado, mesmo que ela estivesse dando passos positivos com os homens em alguns sentidos, em outros, ainda ia levar tempo.

Ao meio-dia do dia seguinte, a chuva abrandara e as trovoadas tinham se reduzido a barulhos esporádicos ribombando acima das montanhas. O temporal atenuou boa parte daquela umidade horrorosa que vinha deixando a cidade tão abafada. Grace não hesitou em colocar a roupa de corrida e partir na direção do chalé, seguindo a trilha bem conhecida que ela e Max pegavam todos os dias e voltando ao centro da cidade para comprar um café e um muffin. A previsão para aquela noite era bem parecida, então Grace não queria perder tempo.

– Oi, Grace! – Ruby estava parada na porta de sua oficina acenando e sorrindo. – Bom ver que você sobreviveu à noite passada.

Grace correu até ela, evitando as poças enormes que tinham se acumulado.

– Por pouco. E você?

– Sim, só estou checando se meu negócio ainda está aqui ou foi levado pela enxurrada.

Ambas riram.

– Ei, a sua energia também caiu?

Ruby negou com a cabeça.

– A minha caiu. Caleb teve que consertar.

– Meu Deus. Que bom que ele estava lá para ajudar. Max não estava por perto?

Grace franziu a testa.

– Ele está na Filadélfia.

Ruby a fitou, sem graça.

– Não, eles... eles voltaram ontem à noite. Umás oito horas. Ele não ligou para você? Josh disse que eles decidiram arriscar e voltaram. Fico feliz que eles tenham voltado. Foi tão bom tê-lo na cama na noite passada. Odeio temporais.

Grace expirou, uma sensação ruim no estômago.

– Eu não sabia. Ele devia estar exausto. Ligo para ele mais tarde.

– Ela olhou para o céu. – Antes que caia o mundo outra vez.

Ela se despediu, foi até o café, comprou as coisas que ela e Max costumavam pedir e seguiu na direção da pensão. A animação cresceu dentro dela enquanto subia as escadas e atravessava o corredor até a porta dele. Ela bateu duas vezes, ouvindo-o falar antes de seus passos pesados se aproximarem. Ela abriu um sorriso quando a porta se abriu e ele apareceu. Estava sem camisa, usando uma calça jeans surrada e nada nos pés. O cabelo estava bagunçado e dava para notar que ele não fazia a barba há alguns dias. Lindo!

– Oi! – Grace tentou ao máximo conter a felicidade por vê-lo, mas o tom agudo de sua voz a entregou. – Bem-vindo de volta.

Ela ergueu as coisas para ele e foi então que reparou em sua expressão.

Os olhos dele estavam extremamente sombrios, fitando-a com indiferença. O Diamante Negro caloroso que ela tanto adorava não passava de uma lembrança perto do olhar raivoso que a cumprimentava. Um músculo em seu maxilar se contraiu e seus lábios se apertaram em uma linha fina, de um jeito que ela só tinha visto uma vez antes: na noite em que ele ficou bêbado no Whiskey.

Ela abaixou as mãos lentamente, seu sorriso desaparecendo junto.

– Você está bem?

O pomo de adão de Max subiu e desceu quando ele engoliu em seco.

– Estou.

A palavra foi curta, fria e fez Grace se encolher. Ela analisou o rosto dele, tentando enxergar além da raiva. Ele *emanava* raiva.

– Você não parece bem.

Ele soltou uma risada que transbordava sarcasmo e coçou o queixo. A outra mão segurava a maçaneta com tanta força que as articulações dele estavam brancas.

– O que você quer?

Grace prendeu a respiração. Ele nunca tinha falado com ela daquele jeito antes.

– Como assim?

– Eu quero saber o que você quer, ora. Por que está aqui?

As narinas dele se inflaram e o olhar dele brilhava, ardente.

Grace estava perplexa.

– Estou aqui porque... queria ver você e... entregar isto aqui. Eu teria vindo mais cedo, mas não sabia que você tinha voltado.

– É, eu sei.

A irritação e a confusão forçaram-na a perguntar:

– Qual o seu problema? O que aconteceu?

Ele suspirou pesadamente e fixou o olhar em um ponto acima da cabeça dela.

– Nada. Olha, tenho umas coisas para fazer. Vejo você por aí, está bem?

– Max, espere.

Sua súplica foi respondida com a porta sendo fechada na sua cara. Ela bateu de novo, com força, e o chamou pelo nome duas vezes, mas não obteve resposta.

– Meu Deus, o que aconteceu?

Ela permaneceu parada no corredor, sem saber o que fazer pelo

que pareceram horas antes de deixar o café e o muffin na porta dele e voltar para casa, onde se enfiou na cama e tentou ao máximo não chorar.

26

Grace se virou na cama enquanto os raios iluminavam o quarto. Ainda chovia a cântaros, um som que parecia de granizo na janela, enquanto o céu continuava a reclamar e rosar de poucos em poucos minutos, como se estivesse tão furioso quanto ela. Estava quente de novo; aquele calor horrível, que faz a roupa grudar na pele, e Grace suspeitava de que o pior ainda estava por vir. Ela estava acordada há algum tempo, se mexendo a cada trovoadas, com o rosto irado de Max lampejando diante de suas pálpebras.

Ela não fazia ideia de por que ele tinha sido tão indiferente e dito coisas tão dolorosas, nem a razão de tê-la olhado com tanto desdém, quando tudo o que ela queria era se jogar nos braços dele e implorar que nunca a largasse. Ela precisava descobrir o que ocorrera.

Ela enviou duas mensagens pedindo para conversarem, mas ele ainda não respondera. E ela sabia que já tinham sido lidas. Ele a ignorava de propósito e isso a feria. Ela havia depositado tanta confiança no que existia entre eles que ter isso arrancado dela sem motivo algum deixava Grace sem ar. Ela nunca imaginou que ele fosse tratá-la daquele jeito depois de saber pelo que *ela* tinha passado. Aquilo foi cruel e fez Grace se sentir muito mal.

– Idiota – sussurrou ela para o quarto vazio.

O céu rosou, concordando.

Erguendo a cabeça do travesseiro, Grace olhou na direção da

porta, inclinando a cabeça. Ela tinha quase certeza de ter ouvido um barulho, um tipo de batida, talvez um ruído de chave. Após um breve instante, ela esticou o braço e acendeu o abajur, quase morrendo de alívio quando ele acendeu, mandando a escuridão embora.

O assoalho rangeu.

– Meu Deus!

Paralisada, Grace arregalou os olhos quando a maçaneta da porta girou. Ela sabia que tinha um taco de beisebol debaixo da cama – havia até uma arma que Kai havia lhe dado no cofre –, mas não conseguia se mexer.

– Não – conseguiu dizer, sua voz surpreendentemente firme. – Estou armada. Estou ar...

– Sou eu.

O coração de Grace quase parou dentro do peito quando a porta se abriu e Max apareceu, todo encharcado, a chave extra da casa na palma da mão.

– Não atire.

– Jesus Cristo! – gritou Grace, ajoelhando-se rapidamente e atirando uma, duas, três almofadas na cara dele. – Você quase me matou do coração! Que diabos estava pensando?

Ele ergueu os braços para bloquear quaisquer outros mísseis.

– Estava pensando que preciso conversar com você.

– Às duas da manhã?

– Sim, às duas da manhã. Eu não conseguia dormir.

Seu tom de voz era ríspido; resquícios de algo que o deixara fora de si ainda permeando cada palavra. Ele se endireitou, quando a última almofada caiu no chão, encarando Grace com severidade. Normalmente, ela teria se encolhido toda com essa tentativa de intimidá-la, mas a adrenalina tinha se espalhado por seu corpo e ela não ia recuar.

Ela o olhou de cima a baixo, reparando que os tênis de corrida e

a calça de moletom dele estavam encharcados e sujos de lama.

– Você veio correndo? – exclamou ela, dando uma olhada pela janela.

– Vim, e daí? – respondeu ele na defensiva. – Penso melhor quando corro.

É, Grace sabia disso. Ele já tinha dito a ela.

– Então. – Ela gesticulou na direção dele. – Está aqui para me dizer qual é o problema e por que você agiu como um babaca hoje?

Max inspirou pelo nariz, seus ombros largos se elevando. Grace reparou que ele fazia isso quando estava tentando manter a calma. Ele massageou o dorso do nariz e sacudiu a cabeça.

– Você é inacreditável – murmurou ele fitando os próprios pés.

– *Eu?* – retrucou Grace alto. – Foi você quem bateu a porta na minha cara.

A cabeça de Max se ergueu de supetão, a surpresa tremulando em seus traços antes de ele controlá-los.

– Olha, eu vim aqui para dizer o que preciso dizer e daí vou embora, está bem?

Grace cruzou os braços em cima do peito, ainda ajoelhada no meio da cama.

– Ok.

Ele apontou para o chão entre eles, a água da chuva caindo no carpete.

– Sei que sou um babaca, tudo bem, e sei que o fato de nós dormirmos juntos não torna as coisas mais simples. Entendo isso. Mas, que seja. Eu decidi que seria exclusivo seu porque é isso que você merece. – A voz dele ficou mais baixa. – Sei que nunca pedi que você fizesse o mesmo porque, primeiro, eu não esperava que você fosse pegar qualquer outra pessoa e, segundo, isso não é da minha conta. – A raiva crescente fez com que o seu sotaque do Brooklyn ficasse mais evidente. – Mas eu não esperava que você fosse me fazer de palhaço. Não sou palhaço e *não* mereço isso.

– Max. – Grace respirou fundo numa tentativa de se acalmar. – Não faço ideia sobre o que você está falando.

Ele deu um passo para trás, olhando para os próprios pés.

– Eu vi você, Grace. – Ele ergueu a cabeça e, pela primeira vez, Grace detectou mágoa. – Vi você com ele. – Ele umedeceu os lábios e olhou para o teto. – Vi vocês dois rindo... Ele tocou em você e vocês estavam aqui dentro... Olha, tanto faz, tudo bem. – Ele passou as mãos pelo cabelo molhado e resmungou alguma coisa para a parede. – Eu só preferia que você tivesse me contado antes de sair por aí dando para aquele paspalho.

Grace o fitou enquanto todas as peças começavam a se encaixar. Só havia uma pessoa que ela sabia que dava nos nervos de Max daquele jeito, uma pessoa a quem ele se referia com tanta agressividade.

– Você me viu com Caleb.

Ela percebeu um brilho magoado no olhar dele.

– Bingo!

Grace descruzou os braços, seu corpo pesado de fadiga e decepção.

– Você me viu com Caleb – repetiu ela. – E pensa o quê? Que dormi com ele?

Ele não respondeu, só arqueou a sobrancelha, o desafio claro. O coração dela ficou apertado. Ela abaixou a cabeça e tentou se recompor.

– Quer saber, Max? Você tem razão. – Ela o encarou. – Você é um babaca.

A cabeça de Max se moveu para trás como se ele tivesse levado um tapa.

– Como é que é?

Grace balançou a cabeça e ergueu o lençol para entrar debaixo dele.

– Por favor, tranque a porta quando sair.

– Está brincando comigo?

A voz dele ficou mais aguda no final, fazendo Grace se virar.

– Não. Não estou – respondeu ela, calma e monótona.

Max fez uma careta, os braços abertos.

– Então é isso. Nenhuma negação, nenhuma explicação, nada?

Grace meneou a cabeça devagar. A única negação que ela conseguia ver era a dele.

– Você viu o que queria ver, Max, nada mais. Eu poderia passar a próxima hora explicando o que estava realmente acontecendo e por que, mas não iria importar.

– Por que não iria importar? – ralhou ele.

O coração de Grace palpitou com o fogo nos olhos dele. Ele era teimoso demais para perceber o que estava sentindo, cego demais para ver o que estava bem à sua frente, mas agora não era hora de tentar mostrar a ele. Por mais que doesse em Grace, ela sabia que ele teria que chegar a essa conclusão por conta própria.

– Importaria para você, Max?

– Sim!

– Por quê?

Ela falou tão baixinho e ele ficou em silêncio por tanto tempo que Grace se perguntou se ele a tinha ouvido.

O momento foi interrompido quando um trovão estourou acima deles, enfraquecendo as luzes. A chuva bombardeava o telhado, ficando mais forte e mais violenta à medida que os segundos passavam. Max ficou olhando para Grace, ainda sem dizer nada, apesar de ela reparar que os tons castanhos dos olhos dele tinham começado a retornar e a leveza que ela tanto adorava do rosto dele apaziguou as rugas raivosas que o marcavam.

Aliviada, ela acenou para ele com a cabeça.

– Tire a roupa e deite aqui.

Ele piscou, assustado.

– Como é que é?

– Você está ensopado e o apocalipse se manifesta lá fora. Você não vai dirigir e com toda a certeza não vai embora a pé, então deite aqui até passar. – Ela não esperou ele responder e continuou a se esconder sob o lençol fino, de costas para ele. Ele não se mexeu. Grace fechou os olhos. – Max. Por favor.

– Eu não deveria

– Eu sei. – Ela respirou fundo. – Mas eu não quero que você vá.

Houve outro instante de silêncio antes do ruído inconfundível de roupas sendo tiradas. Ele caminhou pelo quarto, colocando as roupas no aquecedor e a carteira e as chaves na mesa de cabeceira, e, enfim, deitou-se na cama.

– Obrigada – sussurrou ela, seus ombros relaxando com a sensação de tê-lo tão perto, como se a mera presença dele a fizesse respirar com mais facilidade.

– Só até passar – resmungou ele, a voz rude, porém baixinha.

Ela se esticou para desligar o abajur.

– Tudo bem.

■ ■ ■

Ainda não amanhecera quando Grace acordou de novo. Ainda estava escuro. Os trovões tinham diminuído, mas a chuva ainda caía. Grace se aconchegou no travesseiro e suspirou. Enquanto eles dormiam, Max tinha se aproximado dela, seu corpo se moldando ao dela, a mão hesitante em seu quadril. Ele já tinha feito isso antes, apesar de afirmar que não era do tipo de abraçar ou dormir de conchinha. Mas no fundo ele adorava aquilo; o cara tinha nascido para dormir de conchinha.

Apesar das palavras acaloradas dos dois, Grace sorriu quando a respiração dele atingiu seu pescoço. A sensação dele atrás dela era tão boa que ela não conseguiu resistir à vontade de se mover para

trás. Fazia tanto tempo que ela não se sentia tão segura... Certamente ele estava sentindo o mesmo que ela. A agitação no peito toda vez que ela o via, a falta de ar quando ele sorria, o tesão insano quando gozavam juntos. Tinha que ser real.

– Pare de se mexer – resmungou ele sonolento, o nariz pressionado contra a pele de trás da orelha dela.

Ela estava prestes a perguntar por quê, mas a maneira como os quadris dele se projetaram contra a bunda dela revelou, em alto e bom som, por que as palavras dele pareciam tão aflitas. Caramba. A maneira como o corpo dele respondia ao dela aquecia Grace inteirinha. A vida seria tão mais fácil se ele conseguisse ser aberto assim com seu coração.

– Sinto muito.

– Sente nada – retrucou ele, desafiando-a ao mesmo tempo que a puxava para si. Ele fungou. – Não comece o que você não pode terminar.

Grace constatou, pasma, como aquelas palavras se encaixavam de forma perfeita no relacionamento dos dois. A discussão deles só tinha servido para mostrar como ambos ainda eram frágeis, enquanto a sensação esmagadora de que, inevitavelmente, eles estavam a caminho de uma conversa séria encheu Grace de um medo pavoroso. Ela não queria perdê-lo. Não podia.

– Max.

O nome dele escapou dos seus lábios antes que ela conseguisse impedir. Grace gostou de sentir a mão dele passear por sua cintura e coxa.

– O que você quer? – perguntou ele, tirando a língua para fora para saborear a pele dela.

Ela engoliu todas as coisas que queria falar e disse apenas:

– Você.

Os dedos dele mergulharam provocativamente na parte interna

da coxa dela ao mesmo tempo que ele pressionou a ereção contra seu corpo.

– Só eu?

Ela virou a cabeça rapidamente com a insinuação não verbalizada da pergunta dele. Mas encontrar seus olhos cansados, porém esperançosos, fez a resposta raivosa dela murchar. Ela estava tão exausta de esconder o que sentia por ele, o que queria com ele. Ela só podia ser sincera e esperar que, com o tempo, ele retribuísse.

– Sempre foi só você. Nada aconteceu entre mim e Caleb, Max. Ele fez a energia voltar a funcionar e foi embora. Juro.

Ele fechou os olhos, como se as palavras dela fossem exatamente o que ele precisava ouvir e enfiou a mão entre as pernas dela. O corpo de Grace se arqueou quando os dedos dele a encontraram. Eles a tocavam com perfeição; firmes, porém provocativos; primeiro rápido, depois devagar; se afundando e esfregando-a de jeitos que a fizeram gritar coisas sem sentido, agarrando o antebraço dele só para sentir os músculos enquanto ele a masturbava.

– Isso – sussurrou ela. – Por favor.

Ele enfiou dois dedos dentro dela, curvando-os para massageá-la em lugares que a fizeram gritar o nome dele.

– Quem? – grunhiu ele no ouvido dela, seus quadris girando contra o corpo dela enquanto ele começava a se mexer mais rápido, seus dedos penetrando-a com uma perfeição tremenda.

– Você, Max – gemeu ela. – Não pare.

– Carteira – grunhiu ele.

Contendo os gemidos enquanto seus dedos lhe arrancavam todo o prazer do mundo, Grace pegou a carteira de Max, retirou uma camisinha e entregou-a a ele.

– Goze – ordenou ele com os dentes cerrados. – Sei que você está perto.

Ele não estava errado. Conhecia o corpo dela tão bem quanto ela

própria. Ela grunhiu e concordou, relaxando dos pés à cabeça, permitindo que ele a levasse ao clímax. Ele a acalmou, sua mão acariciando entre as pernas dela até ela tremer em seus braços.

– Está tudo bem. Estou aqui com você – disse ele, se afastando de leve para tirar a cueca.

Grace se livrou do pijama e o observou por cima do ombro, enfeitiçada, enquanto ele colocava a camisinha. Ele era tão incrivelmente lindo de se ver. Max ergueu os olhos para ela, esperando, como sempre fazia, que ela lhe dissesse que estava bem e que ele podia começar. Ela deu um sorriso gentil, fazendo-o sorrir também. Ele ergueu a coxa dela e abaixou a cabeça, beijando seu ombro delicadamente enquanto a penetrava.

Aquela sensação. Aquela exata sensação de quando eles se uniam era algo que Grace nunca conseguiria explicar. Ele a preenchia, sim, mas era mais que isso. Era como se a alma dela expirasse aliviada, como se tivesse finalmente encontrado o que procurava há muito, muito tempo.

Ele afastou os quadris e voltou a penetrá-la, provocando um gemido na garganta de Grace. Ele a apertou contra si, suas mãos nos seios dela, a boca perto de sua orelha.

– É isso que ele quer – disse ele, a raiva permeando suas palavras. – Ele quer você desse jeito.

Sabendo que “ele” era Caleb, Grace colocou a mão na parte de trás da cabeça de Max, segurando seu cabelo.

– Ele *nunca* me terá desse jeito – afirmou ela.

– Por quê? Me diga por que, Grace.

Ela se virou para olhar para ele, tendo dificuldades por causa do ângulo.

– Porque só você pode me ter desse jeito.

O som que saiu da garganta de Max era de uma possessividade que fez Grace se arrepiar. Ele a penetrou com firmeza, grunhindo e segurando-a com tanta força que os dedos dele a beliscavam.

– Espere – arfou ela. – Max, espere.

Ele desacelerou, os quadris ainda girando, mas a voz em pânico.

– Fui bruto demais?

– Não.

– O que foi?

– Quero olhar para você.

Ele não hesitou. Saiu de dentro dela e se deitou de costas para ela montar nele.

– Não – disse ela, afastando a inquietação enquanto seu olhar admirava o corpo magnífico dele. – Quero você por cima dessa vez.

Houve um lampejo de surpresa e uma pitada de incerteza no rosto de Max antes de ele concordar com a cabeça.

– Se você tem certeza.

– Absoluta.

E ela tinha mesmo. Confiava mais naquele homem do que em qualquer outro com quem já dormira. E, admitisse ele ou não, sabia que ele gostava dela o suficiente para nunca machucá-la. Max colocou as mãos ao lado dos ombros dela, ainda tomando o cuidado de não soltar o peso do corpo em cima dela.

– Me coloque dentro de você.

O pedido dele, como sempre, fez os ossos de Grace derreterem e ela logo obedeceu.

Grace envolveu o pau dele com a mão e o guiou. Ele deslizou para dentro dela com perfeição, como de costume, só que dessa vez ela podia envolver a cintura de Max com as pernas. Ao fazer isso, ela trouxe o peso dele para cima de seu corpo. A respiração dela vacilou, o pânico se apresentou, fazendo Max parar.

– Estou bem – garantiu ela. – Mesmo.

Ele analisou o rosto dela até que, parecendo satisfeito com o que viu, começou a se mexer de novo, respirando pesado, os olhos se fechando, os lábios dele se contraindo. Era hipnotizante ver os músculos e o pescoço dele latejarem. Sublime. Seus olhos se

encontraram e ele gemeu, soltando o peso do corpo nos braços e o rosto no pescoço dela.

– Você é tão gostosa – disse ele, erguendo a coxa dela ainda mais e arremetendo com força.

Ele sibilou e ergueu o rosto. A barba por fazer roçou nela enquanto ele se movia repetidamente, quente e faminto. A sensação era divina. Ele girou os quadris, penetrando-a ainda mais fundo.

– Quero fazer você gozar de novo – gemeu ele. – Quero sentir no meu pau.

Os olhos de Grace reviraram com o tom dominante da voz dele.

– Céus!

Ela gemeu enquanto eles se moviam juntos, suados e quentes.

Eu te amo.

– Ah! – gritou ela quando ele atingiu um ponto particularmente sensível.

Ele repetiu o movimento e começou a se mexer mais rápido. Grace agarrou os ombros dele e grunhiu enquanto sua barriga se contraía. As coxas dela o seguravam com firmeza e suas costas se arquearam.

– Você é gostosa pra caralho – ofegou Max. Ele moveu os quadris tão rápido que ergueu Grace da cama. – Consegue sentir como você me deixa duro?

Ela emitiu um ruído de apreciação. Max olhou para baixo, para onde os corpos deles se retorciam juntos. A sobrancelha dele se enrugou e seus lábios se apertaram.

– Caralho, Grace!

Ela se moveu de novo, rebolando, fazendo Max agarrar sua cintura. Grace envolveu o pescoço dele com os braços e enterrou o nariz no cabelo dele, inspirando, assimilando o cheiro dele.

– Senti sua falta – disse ela. – Senti tanto a sua falta!

Max ergueu a cabeça, a poucos centímetros dela. Ele não disse

nada, mas seu rosto dizia que as palavras dela, apesar de surpreendentes, eram bem-vindas.

– Eu senti – reafirmou ela. – Pensei em você, como você pediu.

Ele arfou e projetou os quadris para a frente, fazendo Grace tremer a cada movimento. Ele estava tão perto, seu rosto e seus lábios tão próximos que, sem pensar, Grace ergueu a boca para encontrar a dele em um beijo desesperado.

A reação dele foi imediata.

Ele congelou, como se ela o tivesse queimado.

– Não!

– Desculpe – exclamou ela, perplexa com a própria atitude, apesar de aliviada por ele não ter saído de dentro dela. – Meu Deus, desculpe.

Max ergueu a mão e a bateu na cama ao lado do rosto de Grace.

– Que droga, Grace.

– Eu não queria... Eu nem... Eu só...

Ele engoliu em seco, observando-a atentamente, seu maxilar se contraindo.

– Só o quê?

Ela se forçou a olhar para ele também.

– Me desculpe. – A mão dela desceu da cintura dele até a bunda.

– Mesmo. Eu não estava pensando. Por favor. Não pare.

Ele parou por um instante e então, com um suspiro que deu a entender que ele não tinha muita escolha, fez o que ela pediu.

Grace sibilou quando ele ergueu os quadris e a atingiu em cheio.

– Isso, assim.

Ele gostou de ouvi-la, seu olhar intenso mostrando isso.

– Adoro você dentro de mim. Senti falta disso. Mais forte.

As unhas dela deslizaram pelas costas dele, apertando sua bunda à medida que ele acelerava, penetrando cada vez mais fundo, cada vez mais bruto. Ele gemeu.

– Deus!

– Quero você assim o tempo todo, Max – confessou Grace, o giro dos quadris dele entre suas pernas mais que perfeito.

– Me conte.

– O tempo todo. Eu *penso* nisso o tempo todo.

– Como?

– Eu imagino... Eu me masturbei, sabia? Como você pediu. É verdade. Não consegui evitar. Eu...

As palavras dela foram interrompidas abruptamente, engolidas pela boca esfomeada de Max quando ele a beijou.

Grace ficou confusa com a pressão inesperada dos lábios dele, sua barba por fazer deliciosamente áspera e o ar que saía de seu nariz contra a bochecha dela. Se recompondo, ela o beijou de volta com toda a paixão e todo o calor que tinha escondido desde que o conheceu. Ela agarrou os cabelos dele, tentando puxá-lo para mais perto. Ele grunhiu e enfiou a língua em sua boca, buscando a dela e chupando-a. Ao mesmo tempo, ele a penetrou mais forte, seus corpos batendo lindamente um no outro, a cama rangendo e os gritos abafados de Grace ficando cada vez mais altos. Os lábios dele perseguiram os dela, mordiscando e mordendo, negligentes e desesperados, como se ele estivesse tão faminto quanto ela, até que, com uma investida final, ele jogou a cabeça para trás e rugiu na direção do teto, gozando com tanta força que seus quadris ergueram Grace da cama.

Com os olhos fechados, ele gemeu a cada contração de seu pau dentro dela, finalmente desabando em cima de Grace, sua cabeça enterrada sob o queixo dela, ofegando em sua clavícula. Ela se enrolou nele, agarrando-se a ele com cada pedacinho do próprio corpo, beijando seus cabelos enquanto o corpo dele vibrava com os espasmos pós-orgasmo.

– Está tudo bem – sussurrou ela, seus lábios na testa dele. – Prometo. Está tudo bem.

Ele tremeu; e, ao falar, tinha a garganta apertada.

– O q-que você está fazendo comigo?

Grace fechou os olhos e acariciou o rosto dele.

– Como você se sente?

Ele estremeceu.

– Apavorado.

O coração de Grace parecia prestes a explodir. Max ergueu a cabeça. O castanho de seus olhos brilhava com emoções não reveladas. Ela segurou o rosto dele e se aproximou para beijá-lo de novo. Houve uma pontada de hesitação antes de ele retribuir carinhosamente, o corpo ainda trêmulo.

– Não tenha medo – disse ela, esfregando o nariz no dele. – Não de mim. Eu só quero amar você.

O rosto dele desabou como se aquela fosse a pior notícia que ele já ouvira.

– Não – implorou ele. – Gracinha, não faça isso. Por favor.

Ela deu um sorriso melancólico antes de roubar outro beijo.

– Tarde demais.

Ela ficou surpresa por ele não argumentar. Ele simplesmente saiu de dentro dela e repousou a cabeça em seu peito. Apesar de o seu silêncio ser melhor que a discussão que ela tinha certeza que aconteceria, ainda a deixava totalmente inquieta. Ela estava orgulhosa por ter sido tão corajosa, tão honesta; e o alívio que tomou conta dela era tão excitante quanto bem-vindo. Max se levantou da cama e se limpou, deixando-a completamente chocada quando, em vez de se vestir e ir embora como de costume, ele voltou para a cama, aconchegando-se e a abraçando.

Ela ficou ainda mais surpresa quando, algumas horas depois, ele a acordou para fazer amor de novo. Foi penosamente lento e carinhoso, bem como os beijos que eles trocaram; a voz dele rouca de emoção conversando com ela até ela gozar, segurando seu rosto com as mãos ao gozar logo depois. Foi lindo e perfeito, o que fez com que doesse ainda mais quando, ao acordar, pouco antes do

meio-dia, Grace encontrou a cama vazia, sem nenhum sinal de que ele tinha estado ali.

Max tinha total consciência das merdas que havia feito na vida. Ele sacaneou muita gente, foi tratado como lixo, tomou decisões impulsivas que se voltaram contra ele e pisou em pessoas sem nenhum remorso, sempre se certificando de que sairia ileso se a merda atingisse o ventilador. É, ele era um babaca de primeiro escalão, mas isso não era novidade. O que *era* novidade – e que, deitado na cama da pensão após uma noite de sexo incrível, fazia sua cabeça girar – era que ele tinha se superado.

Noite passada. *Nossa!*

Noite passada.

O que aconteceu entre ele e Grace foi...

Ele suspirou.

Incrível.

Pura e simplesmente. Não havia por que negar. Sexo com ela era sempre assim; a noite passada não tinha sido diferente.

Ah, como ele ficou furioso na sexta-feira ao deparar com Grace e o policial idiota entrando na casa dela, cheios de intimidade! Teve vontade de acabar com tudo. Escondido atrás das árvores debaixo daquela chuva torrencial, observando os dois, ele percebeu que não estava preparado para dividir Grace com ninguém, muito menos com aquele imbecil com distintivo. Decidiu voltar à casa dela às duas da manhã para dizer exatamente isso, deixando que o temporal aumentasse ainda mais sua raiva, resmungando sobre como tinha

sido estúpida a decisão de se envolver com alguém e prometendo a si mesmo que iria se afastar das mulheres de uma vez por todas, para evitar todo aquele estresse.

Mas a determinação de Max, em algum momento, se perdeu. Talvez tenha sido a forma excitante como Grace se manteve de cabeça erguida, sem se deixar intimidar por ele. Estranhamente, Max se sentiu um tanto responsável pela autoconfiança que ela demonstrava ao bater de frente com ele. A raiva a tornava ainda mais sexy, e, quando os olhos dela cintilaram, desafiando Max e sua acusação, ele sabia que estava ferrado.

É claro que ela não iria para a cama com aquele idiota. No fundo, Max sabia que Grace não faria aquilo. Mas o que o levava a pensar tal coisa? Ciúme? Será que ele estava tão envolvido com ela que agora o ciúme o abalava? Bem, ele não conseguiria responder àquela pergunta. Só tinha que reconhecer que havia considerado a possibilidade de cometer um homicídio ao ver aquele bosta com as mãos nela.

E aí aconteceu o beijo.

Ele esfregou as mãos no rosto, tentando ao máximo não pensar no gosto dos lábios dela, em sua boca faminta e em sua língua apaixonada, que o saboreou como se ele fosse algum tipo de elixir precioso. Ele tinha prometido a si mesmo que não deixaria ninguém chegar tão perto, mas ouvir as palavras dela, suas súplicas, seus clamores, seus murmúrios devassos, depois de ter sido provocado por aquele beijo impulsivo... Ele não resistiu. Foi mais forte que ele. Mas também foi uma burrice deixar aquilo acontecer. Beijar atrapalhava tudo, criava sentimentos e esse era um campo minado que Max não tinha intenção alguma de explorar novamente.

Ele não beijava uma mulher daquele jeito desde... Lizzie. E, mesmo naquela época, as coisas não tinham sido tão frenéticas. Ele concluíra que, de alguma forma, aquilo era diferente. Ele amava Lizzie, tinha passado anos com ela e, como acontece em qualquer

relacionamento, com o tempo a paixão e o desejo foram se transformando em algo mais silencioso, mais calmo, mas não menos feroso.

– Puta merda – murmurou ele para o teto.

Ele não fazia ideia de qual seria seu próximo passo. Havia escapulado da cama de Grace como um covarde, evitando olhar para ela tão quente e linda enquanto dormia. Não deixou nem ao menos um bilhete; mas também, que diabos ele teria escrito? Sua cabeça estava um caos e, até decidir o que fazer, precisava ficar longe dela.

Era muito para ele, um viciado, suportar. Os desejos dele, em sua maior parte, se mantinham relativamente quietos, mas tudo isso podia mudar se ele não endireitasse as coisas. A medalha de oito meses do NA rolava entre as articulações de seus dedos da mão direita. Max agradeceu com certo sarcasmo a Deus pelos remédios para ansiedade. Ele fechou os olhos, tentando respirar fundo, mas uma batida na porta o fez reabri-los rápido.

O pânico tomou conta dele. Grace.

O que iria dizer a ela? Ele já tinha sido um idiota por bater a porta na cara dela uma vez, não podia fazer isso de novo. Mas a verdade é que não possuía respostas para as perguntas que ela teria e merecia fazer. A batida voltou, mais forte; não parecia coisa de Grace. Max limpou a garganta e pulou da cama, aproximando-se da porta e apoiando a testa nela por um breve momento, tentando encontrar coragem para encarar o que o aguardava do lado de fora.

Prendendo a respiração, ele destrancou a porta e a abriu.

– Carter!

Ele ficou tão surpreso e aliviado por ver o amigo, e não Grace, parado ali fora que não conseguiu evitar puxá-lo para um abraço apertado.

Perdendo o equilíbrio nos braços de Max, Carter o abraçou de volta. Aquilo era reconfortante; ao menos ele não estava ali para dar notícias ruins.

– O que está fazendo aqui, cara? – perguntou Max.

Ele se afastou, segurando os ombros de Carter. Ele parecia bem; vestia uma camiseta cinza com botões, calça jeans escura e uma jaqueta de motoqueiro surrada marrom. Parecia ser mais estilosa do que funcional, mas passava uma imagem durona mesmo assim.

– Pensei em vir te ver – disse Carter sorrindo. – Saber como você está.

Max estreitou os olhos.

– Balela. Você está se escondendo da Kat, né?

Carter bufou, coçando a nuca.

– Talvez.

Max fez um gesto com a mão.

– Bem, tanto faz, entre.

Ele se afastou para Carter passar e fechou a porta. Era bom ver seu melhor amigo, especialmente se as coisas não andavam muito bem. Talvez um pouco de normalidade fosse o que Max precisava para pôr a cabeça no lugar.

Com as mãos nos bolsos da calça, Carter deu uma olhada em volta, seu olhar se demorando nas telas no canto do quarto. Ele se aproximou delas e se agachou para olhar mais de perto. O dedo dele deslizou pelas pinceladas verde-limão de uma tela em especial.

– Essas pinturas são lindas – comentou ele.

– Não são ruins – murmurou Max, pegando uma calça jeans azul surrada para vestir.

– A modéstia não combina com você – disse Carter por cima do ombro. – Esta aqui ficaria ótima no meu apartamento.

– Então pegue – ofereceu Max com indiferença. Ele não gostava muito do verde de qualquer forma.

Ainda agachado, Carter virou o tronco.

– Mesmo?

– Fica de presente de aniversário.

– Meu aniversário foi em março.

Carter deu um sorriso torto.

– Cacete. – Max fez uma pausa. – Então é um presente de aniversário atrasado. Surpresa!

Carter riu.

– Obrigado.

Após um instante de silêncio em que o olhar de Carter começou a deixar Max nervoso, Carter se levantou e se aproximou dele.

– Você está bem?

Max passou a mão pelo cabelo, debatendo consigo mesmo rapidamente se deveria desembuchar ou não. Ele optou por dar de ombros.

– Claro.

Carter inclinou a cabeça de um jeito que Max reconhecia. Ele estava sondando uma mentira.

– Você parece bem, cara. O ar da Virgínia Ocidental tem feito sua mágica, hein?

Max tossiu uma risada inquieta.

– É. Que tal irmos tomar um café?

– E comer alguma coisa também. Estou morrendo de fome. Não como desde o café da manhã.

– Você veio dirigindo?

– Do aeroporto. – Carter fez uma careta para a cara questionadora de Max, com a testa franzida. – Jatinho particular da empresa.

– Cara!

– Pois é – disse Carter, dando de ombros. – Mas ou era isso ou dirigir por quatro horas, e eu preciso voltar hoje à noite.

Max concordou com a cabeça enquanto pegava as chaves e a carteira.

– Visita bate-e-volta, então.

– Parece que sim. – Carter saiu na frente de Max e esperou enquanto ele trancava a porta. – Então, como vão as coisas?

Max colocou as chaves no bolso e caminhou lado a lado com Carter pelo corredor na direção das escadas.

– Estou... bem.

Carter não pareceu convencido, erguendo uma sobrancelha curiosa, que Max tentou ignorar.

– Não é nada demais. Só sou um tremendo idiota.

Carter bufou.

– Isso não é novidade, cara.

Max riu quando eles chegaram no pé da escada e abriu a porta da pensão para deixar Carter passar. Um corpo apressado que exclamou “me desculpe” trombou nele.

Max segurou braços macios, sentiu cheiro de manteiga de cacau e imediatamente soltou, dando um passo para trás.

– Grace! – exclamou ele.

Meu Deus, foi como se conheceram; ela trombando nele, toda nervosa e alvoroçada. Só que, dessa vez, ela não parecia alvoroçada. Parecia cansada e infeliz. Ela o fitou, seus olhos verdes cheios de expectativa, mas Max não tinha palavras para reconfortá-la. Ele não tinha palavra alguma. O silêncio no pequeno saguão se tornou sufocante até que ela olhou para Carter, que sorriu e estendeu a mão.

– Vou me apresentar, então, que tal? – declarou ele, batendo no ombro de Max. – Carter.

Eles deram um aperto de mão e Max observou um sorriso perfeito marcar o rosto de Grace.

– O melhor amigo de Max – reconheceu ela. – Ouvei falar muito de você.

– É tudo mentira – respondeu Carter. – Bem, algumas coisas são verdade. Está bem. Talvez tudo seja verdade.

Grace deu uma risadinha enquanto Max se mexia sem sair do lugar. Carter ficou olhando de um para o outro, percebendo a tensão. Max mal conseguia olhar para ela. Não que ele não

quisesse; ela era maravilhosa. Mas a vergonha que apertava seu peito, juntamente com algo que era tanto pesado quanto estranho, mantinha seus olhos fixos no chão. Tudo o que Max queria era ser engolido por ele.

– Estávamos saindo para um almoço tardio – acrescentou Carter.
– Quer vir com a gente?

Max fulminou Carter com os olhos.

– Não – disse ele antes que Grace pudesse responder. – Ela tem coisas para fazer. – Ele finalmente olhou para ela. – Não tem?

Culpa e frustração queimaram o peito de Max quando ele viu o lampejo de mágoa nos olhos dela.

– Claro. – Ela respirou fundo e olhou para Carter. – Divirtam-se vocês dois. Foi um prazer conhecê-lo. – Ela fitou Max de um jeito que não deixava margem para argumentação. – Falo com você mais tarde.

Max assentiu com a cabeça. Foi só quando a porta se fechou atrás dela que ele sentiu que podia respirar.

Carter deu um assobio grave.

– Cara, que merda foi essa?

Max massageou as têmporas com as pontas dos dedos.

– Não posso... Não é o que você está pensando. Não é o que parece.

Carter deu um sorriso torto, não caindo na lorota de Max.

– Mesmo? Pela sua cara, acho que é exatamente o que parece. – Ele deu uma olhada para a porta como se ainda pudesse ver Grace através dela. – Por que você não falou dela antes?

Aquela era a pergunta de um milhão de dólares. Max ergueu os ombros, abrindo a boca para falar, mas nada saiu. Ele grunhiu e abriu a porta.

– Te conto tudo enquanto tomo um café forte.

E foi o que ele fez. Sentado em seu lugar de costume no café silencioso, Max relatou os últimos quatro meses para o melhor

amigo, cada momento entre ele e Grace, o passado dela, o acordo que fizeram, o Quatro de Julho, o porão, até e inclusive a noite anterior. Carter permaneceu em silêncio, tomando, de vez em quando, um gole de expresso. Ele não fez perguntas e não pareceu julgar Max em momento algum. Max poderia tê-lo abraçado de novo por aquilo. Na verdade, era bom desabafar.

Recostando-se na cadeira, Max esperou que Carter lhe desse algum conselho divino. Em vez disso, ele suspirou e contornou a borda do copo com o dedo.

Ele pareceu refletir sobre o que ia dizer, até que Max não aguentou mais.

– Desembuche, por favor – reclamou ele.

Carter franziu a testa.

– Não tenho certeza se você quer ouvir o que eu penso.

Max apoiou os cotovelos na mesa e segurou o queixo entre as mãos.

– Cara, eu realmente quero. – Ele colocou os dedos sobre a boca, esperando. – Estou... Estou perdido aqui.

Carter se inclinou para a frente, imitando a pose de Max.

– Minha primeira pergunta é: por quê? Por que começar isso?

Max se fizera essa mesma pergunta e a única resposta que conseguia encontrar era: por que não? Foi o que ele disse a Carter, que pareceu desconfortável com a resposta.

– Que merda de motivo.

Max concordou com a cabeça, mas era assim que era.

– Preciso perguntar – disse Carter baixinho. – É só sexo? – Max abriu a boca para responder, mas Carter continuou: – O que quero dizer é: ela parece ser uma menina legal, bonita. E ela confiou bastante em você, né? Poderia ser algo mais? É por isso que você está surtando?

Max refletiu sobre aquilo por um momento.

– Eu gosto dela – admitiu ele. – Mas não. Não é nada além disso.

Os olhos de Carter se apertaram.

– Você quer que seja?

Max colocou as mãos de volta na mesa e balançou a cabeça.

– Não posso, cara. Você sabe disso.

– Lizzie – disse Carter, como se só pensar nela já o ofendesse. –

Aquela mulher...

– Não. Não vale a pena.

– Sim, mas *você* vale – ralhou Carter. – Eu gostaria que você enxergasse isso. – Ele passou a mão na testa, exausto. – Você vale a pena, Max. Você vale... Você vale mais que ela, mais que ela ter entrado na sua vida, virado tudo de cabeça para baixo e ido embora sem nenhuma palavra, nenhuma preocupação, para você ir se matando lentamente, porra.

Max se recostou na cadeira, franzindo a testa para seu melhor amigo.

– Caramba.

Carter já tinha verbalizado seu ódio por Lizzie antes, mas isso era diferente.

– De onde veio isso agora?

Carter expirou pesadamente e raspou os dentes de baixo no lábio superior. Ele ficou olhando para seu copo de café enquanto Max observava o amigo tentar se recompor.

– Eu odeio o que ela fez com você – rosnou Carter baixinho.

– Eu sei – respondeu Max, sua voz suavizada pela preocupação de Carter. – Eu também.

– Me diga uma coisa. – Carter o fitou. – O que você diria a ela se um dia a visse de novo?

Max já tinha pensado nisso um milhão de vezes e ainda não tinha uma resposta. Ele ergueu um ombro.

– Não sei.

– Você iria querer vê-la?

Algo na voz de Carter fez os pelos da nuca de Max se arrepiarem.

Ele inclinou a cabeça, tentando enxergar, nos olhos de Carter, o que ele estava escondendo.

– Por quê? – Ele franziu a testa. – Isso não é uma possibilidade agora, certo?

Carter não respondeu. Ficou olhando para Max, seus olhos azuis cautelosos.

– Carter? – Max se inclinou para a frente. – O que está acontecendo?

Após um breve momento em que Carter pareceu tomar algum tipo de decisão, ele umedeceu os lábios e olhou pela janela do café para a rua molhada lá fora. Ele enfiou a mão no bolso interno da jaqueta e tirou um envelope branco amassado. Ele olhou para o envelope por um instante, deu um suspiro aflito e o colocou na mesa antes de empurrá-lo na direção de Max.

– É por *isto* que estou aqui. Chegou anteontem.

Max encarou o envelope com seu nome e endereço na frente, reparando na letra. Ele reconheceria aquela caligrafia em qualquer lugar. *Lizzie*. O coração dele quase saltou do peito, forçando-o a se recostar na cadeira para se acalmar. Ele ergueu as mãos como se o mero pensamento de tocar no envelope o enchesse de horror.

– Eu queria entregar isso a você pessoalmente, em vez de mandar pelo correio, como faço com as suas contas.

Max engoliu em seco, sem saber ao certo se ia vomitar ou desmaiar. A cabeça dele girava horripelantemente.

– Vo-você leu?

Ele notou que a aba do envelope estava rasgada.

– Abro toda a sua correspondência, como você me pediu; mas eu não fazia ideia de quem era até ler as primeiras linhas e ver o nome assinado no final.

Carter passou as mãos pelo cabelo curto, parecendo arrasado por ter tido que entregar a carta.

Os dois ficaram em silêncio, ambos fitando aquela porcaria como

se pudesse explodir. Max enfiou o polegar na boca e começou a mastigar. Era um gesto de ansiedade que ele não tinha repetido desde que saíra da clínica.

– O que... Por que... – murmurou ele, olhando para Carter desesperado. – O que eu faço?

A sobrancelha de Carter se ergueu, com preocupação.

– Isso é você quem tem que decidir, irmão. – Ele apertou os lábios. – Vai ler?

O aperto no peito de Max sugeria que não, mas a curiosidade era demais para ignorar. Apavorado ou não, Max sabia que iria ler aquela porcaria de um jeito ou de outro.

Carter balançou a cabeça, compreendendo.

– Quer que eu fique aqui enquanto você lê?

Por mais que Max apreciasse a oferta, sabia que tinha que encarar o conteúdo da carta sozinho.

– Não – gemeu ele.

Carter assentiu com a cabeça.

– Vá dar uma volta, tá? Quem sabe ligar para o Tate. Ter um pouco de espaço.

A atmosfera no café mudou. Max mal conseguia respirar. Ele passou o dedo pelo próprio nome no envelope. A mão de Carter em seu ombro o fez pular. Max nem tinha visto que ele tinha levantado.

– Vou ficar um tempo naquele bar na descida da rua – avisou Carter. – Venha quando estiver pronto e aí conversamos, ok?

Max concordou com a cabeça e empurrou a cadeira para trás, sentindo dificuldade em fazer com que suas pernas suportassem o peso do corpo quando ele se levantou. Carter segurou-o para mantê-lo de pé, esperou um instante e o abraçou. Max não hesitou em retribuir. Ele não era tão idiota a ponto de não admitir quando precisava de um abraço. E, naquele momento, ele precisava do máximo que conseguisse.

O que Lizzie poderia querer depois de todos esses anos? O que

ela poderia ter para dizer a ele? Por que agora? Ele encostou a testa no ombro de Carter e respirou fundo, lutando contra as lágrimas que ameaçavam cair.

– Estou aqui – murmurou Carter, segurando a parte de trás da cabeça de Max. – Você não está sozinho nessa. O que quer que decida, eu vou apoiar.

Max assentiu com a cabeça e deu um tapinha nas costas de Carter.

– Obrigado.

Carter acenou com a cabeça antes de se afastar.

– Me mande uma mensagem – disse ele baixinho, saindo em seguida.

Max ficou no café, se perguntando o que deveria fazer.

■ ■ ■

Grace estava plantada no sofá há três horas, desde que voltara da pensão. Ela mal ouvia a TV, ligada baixinho no canto da sala. Só conseguia pensar na culpa e no arrependimento que vira com tanta clareza nos olhos escuros de Max.

Grace não fazia ideia do que esperar quando tomou a decisão de ir atrás dele para conversarem, mas jamais poderia imaginar que a receberia com tanta indiferença e frieza. Doeu demais ver a inquietação dele e sua necessidade urgente de se afastar dela. Ele não conseguira esconder isso de Grace; ela o conhecia tão bem.

Ela passou horas tentando entender quão apavorado ele devia estar depois do que ambos haviam compartilhado. Deus, ele admitira isso quando estavam na cama. Mas nada conseguia apaziguar a rejeição ou deletar da sua mente a forma como ele a dispensara com tanta prontidão. Ele não enxergava que *ela* também

estava apavorada? Grace se enrolou em uma echarpe. Apesar do ar quente de julho, ela sentia frio.

Ao olhar o relógio e ver que faltavam poucos minutos para as seis, ela decidiu mandar uma mensagem para Max. Pegou o celular pela centésima vez, dividida entre ligar para sua terapeuta para pedir conselhos e ligar para Max. Não. Espaço. Era disso que ele precisava. Ela não queria confundi-lo nem pressioná-lo. Como tinha dito a ele, tudo o que ela queria era amá-lo, sem rótulos, sem expectativas. Sim, Max já lhe dissera que não era capaz disso. Grace sabia muito bem que se arriscara. Se fosse lhe pedir qualquer coisa diferente do que ele estava disposto a dar, ele fugiria. Ela iria se abster de julgamentos e deixar que ele refletisse sobre toda aquela situação. Era disso que ele precisava.

Em meio àqueles pensamentos confusos, Grace ouviu uma batida delicada na porta da frente e considerou ignorá-la. Ela não queria ver ninguém. Bastaria uma perguntinha qualquer ou um olhar empático e ela desmontaria. Com um suspiro, ela se levantou do sofá e foi até a porta.

Max estava parado na varanda, a cabeça baixa, as mãos nos bolsos da calça, parecendo tão mal quanto Grace se sentia. Ele ergueu os olhos. Ao ver o cabelo bagunçado, a barba por fazer e se lembrar do corpo dele sobre o dela, as pernas de Grace ficaram trêmulas e ela se apoiou na porta para manter o equilíbrio.

– Oi – disse ela, baixinho. Ela deu uma olhada para o esconderijo da chave. – Obrigada por bater.

Ele engoliu em seco e assentiu bruscamente com a cabeça. Ele parecia cansado, confuso e assustado, e aquilo partiu o coração de Grace.

– Quer entrar?

Ele negou com a cabeça.

– Não – respondeu ele, apontando para um carrão no qual Carter o aguardava. – Não vou ficar.

Grace assimilou o significado das palavras dele. Ela mordeu o lábio para conter o pânico.

– Não vai ficar aqui – ela apontou para o chão – ou não vai ficar no condado de Preston?

Os olhos de Max desviaram para o lado antes de se fixarem nela de novo.

– Os dois.

O ar parou de entrar nos pulmões de Grace.

– Aonde você vai?

Ele umedeceu os lábios, parecendo, por um momento, que não planejara contar a ela.

– Voltar para Nova York.

– De vez?

– Não sei, Grace – ralhou ele, olhando para o céu como se estivesse pedindo a Deus que lhe desse força. – Eu só... Merda. Eu preciso ir, está bem?

A pulsação de Grace acelerou, o tom de voz e a atitude dele não mais a magoando, mas enfurecendo. Ela não merecia aquilo. Ela não tinha feito nada a não ser gostar dele.

– Sim, claro. Quero dizer, faz sentido que você vá.

Os olhos de Max se estreitaram, desconfiados.

– Por quê?

– Bem, você sempre foi bom em *fugir* – comentou ela de modo bruto, arqueando uma sobrancelha para ele quando seus ombros se ergueram de raiva. – O quê? – desafiou ela. – Você acha que eu não sei o que você está fazendo?

Max riu sarcasticamente, seus olhos com um brilho perigoso.

– Você não sabe de nada. Não faz a menor ideia.

– Então por que não me conta? – disse ela sem rodeios, endireitando o corpo. – Você me deve ao menos isso.

As narinas dele inflaram. Mas, sabendo que ela tinha razão, ele

respirou fundo e fitou os próprios coturnos, evitando seu olhar severo.

– Lizzie.

Os olhos de Grace se arregalaram.

– Lizzie?

Max confirmou com a cabeça.

– Carter trouxe uma carta que ela escreveu para mim... – Ele ergueu a cabeça. Parecia exausto. – Ela quer me encontrar. Quer conversar.

Grace estava perplexa. Aquela era a última coisa que ela esperava que ele dissesse. E mudava tudo. Completamente. A raiva dentro dela começou a se diluir.

Depois de tudo o que Max tinha contado a ela sobre Lizzie e o que acontecera entre eles, é claro que fazia sentido que ele fosse vê-la. Ele precisava de uma conclusão. Ele merecia isso. Mesmo assim, uma parte de Grace se perguntava se a carta de Lizzie não seria a desculpa de que ele precisava para se afastar, para fugir e não ter que conversar sobre a noite anterior.

Por debaixo da compreensão, uma percepção fria se alojou no peito de Grace.

– Então você vai se encontrar com ela?

Max passou as pontas dos dedos pela testa.

– Não, não, eu... Talvez, eu nem sei se *vou*, eu só...

Grace engoliu em seco e quando voltou a falar, sua voz era cautelosa e baixa.

– Você veio aqui porque quer que eu diga que tudo bem você ir.

O rosto de Max se enrugou, incrédulo.

– O quê?

Ela sorriu tristemente, a resignação tomando conta de todo o seu corpo.

Ele não a queria. Não do jeito que ela o queria. Ele estava ocupado demais se apegando ao passado para enxergar o que

estava bem à sua frente. E, na verdade, ela estava cansada demais para continuar tentando convencê-lo de que ela era a pessoa certa para ele.

– Eu entendo, Max, entendo mesmo – disse ela com sinceridade.
– É importante que vocês dois conversem. Ela tem muito o que explicar, muito pelo que se desculpar. Você merece isso.

Ele franziu a testa, os olhos desconfiados.

– Sim, mereço.

Grace concordou com a cabeça, apertando os lábios para conter as palavras desesperadas que ameaçavam escapar: *Eu te amo; volte para mim, pare de correr.*

Em vez disso, ela falou:

– Pode me dizer uma coisa antes de ir?

Max suspirou, olhando para o carro de Carter.

– Claro.

– Me diga que você não sentiu nada na noite passada. Me diga que não significou nada para você.

Ele a fitou por um instante, o maxilar se contraindo. Ela tinha consciência de que o colocara contra a parede, mas também precisava saber se ele sentia o que eles tinham compartilhado. É claro, não fazia diferença alguma; ele partiria de qualquer jeito. Mas ao menos saberia que a noite passada tinha sido especial para os dois.

– A gente transou – respondeu ele finalmente, a voz seca. Ele deu de ombros com indiferença. – Uma transa é uma transa, né?

As palavras dele a atingiram como se fossem tiros. Ela tinha consciência de que ele atacava porque estava com medo, mas doía mesmo assim.

– Você não está falando sério – disse ela, sua voz vacilando.

– Não estou? – Ele sacudiu a cabeça de um jeito que só podia ser descrito como condescendente. – Merda. Sabia que isso era um erro.

– Isso? – perguntou Grace, odiando o tremor em suas pernas. Ela se segurou na porta.

– Você! – ralhou Max. – Eu disse que só queria sexo – continuou ele, sua voz frustrada, como se estivesse explicando algo simples para uma criança. – Fui claro desde o começo, mas você optou por não me ouvir.

– Estou te ouvindo agora – disse ela com firmeza, pronta para fechar a porta na cara dele para que ele não a visse desmoronar. – Ouço perfeitamente.

– Até que enfim! – exclamou ele, batendo as mãos nas coxas.

Grace piscou, odiando a lágrima que escorreu quando ela fez isso. Ela não reconhecia o homem parado na varanda. A pessoa gentil, atenciosa e paciente pela qual ela tinha se apaixonado não tinha nada a ver com o estranho à sua frente.

Ela apertou os lábios.

– Me desculpe por gostar de você e tentar ajudá-lo a ver que você é muito mais do que drogas e lembranças ruins. – Ela engoliu em seco. – Mas eu entendo. Isso é só o que você conhece, e qualquer coisa nova faz você morrer de medo.

Max olhou para ela, seu olhar como agulhas em sua pele.

Ela ergueu o queixo na direção do carro de Carter.

– Então vá. Se eu realmente fui um erro e você não sente absolutamente nada por mim, vai ser fácil ir embora. Certo?

Max fungou, os olhos brilhando.

– Certo – retrucou ele.

Seus lábios tremeram como se ele tivesse mais coisas a dizer, mas ele simplesmente expirou e a dispensou com um aceno.

– Fala sério, não preciso dessa merda.

Ele se virou, desceu os degraus da varanda e marchou na direção do carro de Carter, quase arrancando a porta do lugar. Ele se jogou no banco do passageiro e bateu a porta. Grace observou o carro dar marcha a ré e desaparecer. Ela entrou em casa e fechou a porta

delicadamente. Depois apoiou as costas na porta e deslizou até o chão.

Foi só então que ela se dilacerou em um milhão de pedaços.

28

Max estava quieto. Quietos demais. E aquilo estava deixando Carter apavorado.

Desde que haviam deixado a casa de Grace ele não dera um pio. Os suspiros e as mãos trêmulas eram sinais óbvios da fúria que o consumia. Carter não perguntou o que ou por quê. Pela janela do Lexus ele tinha visto Max conversar com Grace, ouvira as vozes alteradas, a mágoa e o medo na voz dos dois.

Carter suspirou. O que se passava na cabeça de Max? Carter viu no rosto de Grace que ela estava caidinha por ele. E Carter sabia, quer o amigo admitisse ou não, que ele também gostava dela. Partia o coração de Carter ver Max negar a felicidade a si mesmo por causa do medo, por causa de seu passado, por causa da mulher que ele ainda idolatrava. Mas que escolha ele tinha? Precisava apoiar o amigo. Carter sempre o fizera e isso nunca iria mudar.

Ver Max tão cheio de vida fora reconfortante. Fazia tempo que não o via apaixonado por algo que não fosse o álcool ou a cocaína. Grace parecia ter despertado uma parte de Max que Carter temera estar perdida. Era apenas uma ironia cruel que Lizzie tivesse decidido escrever para Max bem agora, justo quando ele estava começando a considerar a ideia de seguir em frente.

Mas nada era fácil.

Carter virou a chave na fechadura do apartamento que ele dividia com Kat em Tribeca e abriu a porta, dando um passo para o lado

para deixar Max passar. Carter fechou a porta, seus olhos imediatamente encontrando Kat sentada ao balcão da ilha central da cozinha, cercada de convites de casamento, cartões RSVP de confirmação de presença, envelopes, fitas e canetas chiques de caligrafia que ela tinha insistido em comprar. Ela ergueu os olhos e deu um sorriso largo.

– Pêssegos – sussurrou ele antes de ir até ela.

Ele se debruçou no balcão, dando um beijinho em sua boca.

– Oi – respondeu Kat. Ela olhou para Max, que estava se mexendo no sofá. – Bom ver você, Max – disse gentilmente. – Você parece bem.

– Você também.

Carter havia ligado para Kat assim que Max decidiu voltar a Nova York. Ouvir a voz dela fora um bálsamo para atenuar a preocupação que o dominava. Deus, se Max retomasse aquela vida de drogas e álcool por causa de Lizzie e das cagadas dela, Carter com certeza iria até o fim do mundo para achá-la e a faria pagar caro. Por insistência de Carter, Max ligara para Tate ainda do avião. Saber que havia pessoas prontas para ajudar seu melhor amigo se desse qualquer merda deixava Carter mais calmo.

Carter sorriu com carinho para Max.

– Está com fome? Posso dar um jeito nisso.

Max franziu a testa.

– Você? Cozinhando?

Kat conteve o riso.

– Bem, não – respondeu Carter, coçando a bochecha. – Mas sei pedir pizza.

O sorriso de Max era só um esboço, mas estava lá.

– Não, cara. Vou... Acho que vou para a cama, se você não se importar.

Carter deu uma olhada no relógio. Eram nove e pouco da noite.

– Não, imagine.

– Coloquei lençóis novos na cama e tem uma toalha lá se você quiser tomar banho – avisou Kat.

Max abaixou a cabeça de leve.

– Obrigado.

Ele pegou a mala e vagou pelo apartamento na direção do quarto de hóspedes. Carter expirou quando ouviu a porta se fechar.

– Você está bem? – perguntou Kat, segurando a mão dele.

Carter balançou a cabeça.

– Estou preocupado com ele.

Kat se levantou e deu a volta no balcão. Ela colocou os braços ao redor do pescoço de Carter e o abraçou forte.

– Eu sei, querido. Eu sei.

■ ■ ■

Às três da manhã, Max ainda estava acordado.

Ele tomou comprimidos, brincou no celular, fez de tudo para pegar no sono, mas nada funcionou. Ele fez uma careta para o envelope amassado que tinha colocado na mesa de cabeceira. Max já tinha lido a carta pelo menos umas vinte vezes e cada uma delas fez seus pulmões se contraírem e seu coração palpitar. Partes do que estava escrito reabriram feridas que ele imaginou que já estivessem cicatrizadas há muito tempo.

Max, peguei a caneta tantas vezes nos últimos anos, pensando que estava pronta para escrever esta carta (...) Eu realmente gostaria de ver você (...) Se pudermos conversar (...) Sei que talvez você não queira (...) O que eu fiz não tem perdão (...) Há coisas a serem ditas. Vou estar em Nova York por uma semana (...)

A mente dele rodopiava, incansável, e não lhe permitia dormir.

A última boa noite de sono que ele teve... Puta merda... Foi ao lado de Grace.

Com esse pensamento, Max jogou as cobertas longe, frustrado, pegou uma calça de pijama na mala e saiu de fininho do quarto, seus pés descalços silenciosos no piso de madeira. Ao se aproximar da sala de estar, Max oscilou quando percebeu que Kat também estava acordada, no mesmo lugar onde ele e Carter a tinham encontrado ao chegar, a luzinha da coifa acima do fogão era a única iluminação. Ela ergueu os olhos, não parecendo surpresa por vê-lo ali.

– Oi. Tudo bem? – perguntou ela antes que ele pudesse se virar e sair de fininho.

Ele cruzou os braços sobre o peito desnudo.

– Hum... Não consigo dormir.

– Nem eu. – Ela voltou a olhar para o livro aberto em cima do balcão. Ela virou a página. – Planejar casamentos não colabora para uma boa noite de sono. – Ela deu um sorriso torto. – A não ser que você se chame Wesley Carter. – Ela olhou na direção do quarto deles. – O cara poderia dormir durante toda a Terceira Guerra Mundial.

Max sorriu.

– Ele sempre dormiu pesado.

Kat suspirou.

– Quer beber alguma coisa quente? Tenho chocolate em pó. Eu estava debatendo comigo mesma se deveria tomar um para me ajudar a dormir ou não.

Max se aproximou, reconfortado pela sinceridade dela.

– Claro.

Ele observou Kat se levantar e começar a andar pela cozinha, pegando leite, chocolate em pó e canecas. Ele se acomodou na

banqueta de frente para a dela e deu uma olhada no que ela estava lendo. Era um catálogo de casamento.

– Carter te contou que eu estou deixando ele maluco com tudo isso?

Ela apontou para a pilha de flores secas, fitas, amostras de tecido e outros horrores de casamento sobre o balcão da cozinha.

– Não – respondeu Max rapidamente.

Kat o fitou.

– Você mente tão mal quanto ele.

Max bufou baixinho.

– Talvez ele tenha mencionado alguma coisa. Mas ele só quer que você fique feliz.

Ele viu um sorriso surgir no canto da boca de Kat enquanto ela derramava água quente nas canecas.

– Eu estou feliz. – Ela levou as canecas até o balcão, colocando uma na frente dele. – Está vendo essa gaveta perto dos seus joelhos?

Max reparou em um buraco na madeira do balcão, grande o suficiente para colocar a ponta do dedo indicador.

– Sim.

– Pode abri-la?

Max fez o que ela pediu e sorriu quando viu o que havia dentro. Pacotes de biscoito Oreo, chocolate com pedaços de Oreo e tudo quanto é tipo de guloseima enchiam a gaveta.

– A gaveta secreta dele?

Kat deu de ombros, um brilho maroto no olhar.

– Ele *acha* que é secreta. Assim como a da “caverna” dele lá na casa de praia.

Max pegou um pacote de Oreo.

– O filho da mãe nunca revelou onde guardava os biscoitos. Era sempre um pesadelo quando fazíamos festas aqui e tínhamos casos sérios de larica.

Ele abriu o pacote, pegou um e em seguida ofereceu a Kat. Ela pegou um e mergulhou no chocolate quente.

– Como você arrancou isso dele?

Kat sorriu na caneca.

– Não arranquei. Sou ninja.

Max assentiu com a cabeça, impressionado.

– Legal.

– Vou me casar com ele; sei tudo o que há para saber.

É, exatamente como ele e Lizzie. O sorriso de Max se dissolveu. Ele tomou um gole de chocolate quente enquanto uma sensação de pânico e ansiedade, que ele não sentia desde antes da clínica, se instalou em seu pescoço.

– Tenho certeza de que vai dar tudo certo – disse Kat, o rosto franco e honesto, enxergando o estresse que ele tentava esconder. – O que quer que você decida.

Max engoliu e apoiou os cotovelos no balcão.

– O Carter te contou tudo, hein?

– Isso te incomoda? – perguntou Kat com cautela.

Max pensou por um instante, mas balançou a cabeça.

– Fico feliz por ele ter você.

Eles permaneceram sentados em um silêncio confortável, comendo biscoitos e tomando chocolate quente, até que Max perguntou:

– *Você* acha que eu sou um idiota?

Kat olhou para ele, surpresa.

– Um idiota? Eu... Não tenho certeza...

Max ergueu a mão, sorrindo.

– Está tudo bem. Mesmo. – Ele deu de ombros. – Sei que nunca conversamos, nem nada assim; mas eu gostaria de saber o que você pensa. Sei que Carter acha que sou maluco de ter voltado. – Ele envolveu sua caneca com os dedos, os ombros vergados com o peso do mundo. – *Sou* mesmo estúpido por considerar fazer isso?

Kat se recostou, como se avaliasse sua resposta com cuidado. Os olhos verdes dela eram intensos enquanto o fitavam e, por uma fração de segundo, o rosto de Grace surgiu na cabeça de Max. Ele piscou, ansioso.

– Eu acho... – começou Kat, se inclinando para a frente. – Acho que você precisa fazer o que *você* sente que é certo.

Max expirou, frustrado, e abriu a boca para dizer a Kat que aquela era uma resposta de merda. Ela ergueu a mão e arqueou a sobrancelha.

– Eu não terminei.

Max podia ver claramente por que Carter a amava tanto; ela era atrevida e Max tinha plena certeza de que ela botava Carter em seu devido lugar o tempo todo.

– Acho também que você é muito corajoso – acrescentou ela.

Aquilo deixou Max perplexo. Corajoso? Ele não achava. Ele nunca tinha se sentido tão apavorado. Ele balançou a cabeça delicadamente.

– Você está disposto a encarar o que quase o destruiu – murmurou Kat. – Isso é muito corajoso.

Max cerrou os dentes, reprimindo qualquer resposta raivosa que ameaçasse escapar; ele não tinha esse direito. Afinal, pedira a opinião dela. Uma opinião que coçava como a picada de um inseto. Mas como ele poderia refutar o que Kat dissera? Lizzie *quase* o destruiu mesmo. Ele desmoronou sem ela, por causa dela. Será que ele se despedaçaria novamente se a visse? Ele se acostumara com a sensação de ser completo nos últimos meses, e não tinha certeza se sobreviveria a um encontro.

– Carter já contou sobre a minha avó, Nana Boo? – perguntou Kat.

Max confirmou com a cabeça, sem erguer os olhos.

– Sim. É ela quem faz o cheesecake de Oreo matador, certo?

Kat riu.

– Faz mesmo. Toda vez que nos visita. Juro, ele deveria estar pesando uns 140 quilos. – Max deu uma gargalhada. – Ela é a melhor pessoa que eu conheço. Ainda recorro a ela para conversar sobre qualquer coisa. Quando eu estava no último ano do ensino médio, tive meu primeiro namorado. Eu tinha 18 anos e estava completamente apaixonada. Já ele parecia estar apaixonado por outras três meninas além de mim.

Os olhos de Max encontraram os dela.

– Ai.

Kat ergueu as sobrancelhas.

– É... Então nós terminamos. Três meses depois, ele me ligou, implorando para que eu voltasse com ele, dizendo que sentia muito, que não ia fazer aquilo de novo, blá-blá-blá. Fui até a Nana Boo para perguntar o que ela achava que eu devia fazer.

Max se inclinou para a frente.

– E o que ela disse?

Kat bebeu um gole de chocolate quente.

– Ela disse: “Katherine, meu anjo, nunca atenda a porta quando o passado vem bater.” – A voz de Kat ficou mais suave. – “Ele nunca tem nada de novo para oferecer.”

Max respirou fundo, o eco das palavras dela reverberando por seu corpo. Ele escorregou na banquetta e ficou olhando para o balcão, repentinamente se sentindo derrotado. Ele estava confuso, seu corpo dividido em dois. Sua mente querendo uma coisa – se afastar do que quase o matara – e seu coração, outra. Era exaustivo. Seu cérebro latejava com uma dor de cabeça horrenda e, pela primeira vez em meses, ele desejou cheirar uma fileira de pó.

Bravo consigo mesmo, ele pressionou os olhos com as mãos até ver estrelinhas brancas dançando atrás das pálpebras.

– Você me faria um favor, Max?

O pedido de Kat fez Max erguer rápido a cabeça.

– Claro.

– Tome cuidado. – Kat se aproximou, colocou a mão pequena no braço dele e apertou. – Você está cercado de muitas pessoas que gostam e se preocupam com você. Não se esqueça disso, tá? Você não está sozinho. – Ela sorriu de modo gentil. – Somos família.

A garganta de Max se fechou. Ele assentiu estupidamente com a cabeça em resposta.

Kat deu um último aperto no braço dele e olhou para o relógio.

– Droga. Preciso ir para a cama. Alguns de nós têm que trabalhar amanhã.

Ela sorriu e se levantou, pegando as canecas e colocando na pia enquanto Max colocava o pacote de Oreo de volta na gaveta nem tão secreta de Carter. Ele se levantou quando Kat passou por ele.

– Ei, Kat? – chamou ele. – Obrigado.

Ela sorriu.

– Imagine, Max. Conte comigo sempre que precisar.

■ ■ ■

Três dias se passaram, e Max observou que a oportunidade de encontrar Lizzie diminuía; ela só ficaria na cidade por mais quatro dias.

Ele se manteve ocupado – encontrou Tate, teve uma sessão com Elliot e foi a uma reunião no NA local, que Carter descobriu na internet. Max podia ver a preocupação nos olhos das pessoas ao seu redor, a expectativa sobre sua decisão final. E torcia para que sua atitude proativa em relação à sua recuperação aliviasse um pouco a aflição deles. Na verdade, eles tinham razão de estar preocupados; os dedos frios do vício tinham ressurgido, sussurrando coisas doces no ouvido de Max quando ele estava sozinho, como um maldito diabinho em seu ombro.

Ele passava o tempo na oficina, e até ajudou Riley a consertar

uma bela Ferrari 250 GT que ansiava pelo pé dele no acelerador. O cheiro de óleo e de metal e as batidas do rock eram um alívio bem-vindo a toda a merda que vinha ocupando a cabeça dele havia dias, ajudando-o a perceber quanto amava o que fazia. Max corria, analisava a papelada da oficina, e começou a organizar a despedida de solteiro de Carter.

Ele se exercitava bastante. Corria no Central Park, ao longo do rio Hudson e em todos os lugares em que podia para clarear a mente. Não era de surpreender que, nessas horas, ele pensasse em Grace. Afinal, ela havia sido sua parceira de corrida por meses. Ao menos era isso que ele dizia a si mesmo enquanto seus pés batiam no asfalto.

Max não tinha notícias dela desde que deixara o condado de Preston, e parte dele, uma parte bem pequena, estava aliviada. Ele resistiu à vontade de mandar mensagem ou ligar, pois não fazia ideia do que iria falar para ela. Na realidade, ainda ruminava o que ela lhe dissera. E tentou ao máximo não se prender àquilo, não pensar nela ou no que ela estava fazendo. Ele vivia dizendo a si mesmo que não tinha direito algum. Mas, mesmo assim, sua mente insistia em voltar para Grace.

Foi na tarde do quarto dia, enquanto estava correndo, que Max finalmente tomou uma decisão.

Depois de ligar para o escritório de Carter, ele foi até a empresa do amigo, a WCS Communications. Admirando a decoração requintada do saguão, pensou que talvez devesse ter trocado a roupa de corrida antes de ir até lá. Então, pegou o elevador até o 40º andar.

A assistente de Carter, Martha, sorriu quando ele se aproximou de sua mesa.

– Max?

Max confirmou com a cabeça e Martha apontou para uma porta.

– Ele está esperando por você.

Max empurrou a grande porta de madeira e encontrou Carter parado diante de uma janela com uma vista sensacional do centro financeiro da cidade. Era um dia maravilhoso de verão e Max estava, de certa forma, aliviado por não sofrer de vertigem. Era alto pra caramba ali. Carter se virou quando ouviu a porta se fechar, aparentando nervosismo. Ele tentou sorrir para disfarçar, mas, depois de vinte anos de amizade, Max podia enxergar a aflição dele com clareza.

– Você vai vê-la – disse Carter quando Max abriu a boca.

Aparentemente, Carter também o enxergava com clareza. Ele enfiou as mãos nos bolsos da bermuda de corrida.

– Acho que não tenho outra escolha, cara.

Carter esfregou o queixo com a mão.

– Você tem, Max. Mas tenho certeza de que você vai se martirizar se não for encontrá-la.

Max ergueu os ombros.

– Preciso saber – confessou ele baixinho. – Preciso saber... por quê.

– Eu sei.

Carter se aproximou.

Max sentiu a decepção do amigo, mas não podia deixar que isso o abalasse. Ele havia tomado uma decisão e ia se ater a ela, em prol da sua própria paz de espírito.

– Então, qual o plano? – perguntou Carter, guiando Max até um sofá de couro marrom. – Como você quer fazer isso?

Ele abriu o único botão de seu terno azul-marinho e se sentou.

Max também se sentou e pegou o celular.

– Vou mandar mensagem para ela. Pensei em ligar, mas... Não sei o que ouvir a voz dela vai provocar em mim.

Carter ficou em silêncio por tanto tempo que Max ergueu os olhos do celular em sua mão. Carter recostou-se no sofá,

pressionando os dedos nos lábios, parecendo tão assustado quanto Max.

– Tem certeza? – perguntou ele baixinho.

Max confirmou com a cabeça e pegou a carta com o número de Lizzie no bolso. Ele respirou fundo e começou a digitar. Sua mensagem foi curta e direta: *Posso encontrar você. Amanhã. Max.*

Depois de digitar, seu polegar ficou pairando indeciso sobre o botão “enviar”. Ele parou; sua cabeça ecoando as palavras de Grace – *Me diga que você não sentiu nada na noite passada. Me diga que não significou nada para você* – e a imagem do rosto dela desmontando diante da sua ira.

Max cerrou os dentes, detestando os sentimentos que aquela lembrança despertou nele, odiando como o questionamento dela o apavorara, sabendo que o que ele lhe dissera era imperdoável e totalmente falso. Max grunhiu e afugentou a culpa.

Ele tocou em “enviar”.

Dane-se.

Ele respirava com dificuldade e Carter permanecia calado ao seu lado. Os dois olhavam fixamente para o telefone, apreensivos.

A resposta de Lizzie chegou em menos de um minuto:

Estou no Hilton de Midtown. Uma da tarde no saguão?

Não. Para aquilo dar certo, um local familiar era importante.

Uma da tarde. Sam’s Diner, do outro lado da rua, em frente ao Hilton.

Ok. Obrigada, Max.

Max tocou na tela do celular para sumir com a gratidão de Lizzie e se jogou no sofá, os olhos fechados, a náusea tomando conta do seu corpo. Ele não conseguia entender. Ele deveria estar satisfeito por retomar o contato com ela depois de tanto tempo.

Mas não; ele só se sentia confuso. A pressão em seu peito o transportou de volta ao velho apartamento deles, para o dia em que

Lizzie o deixou. Max de joelhos, ligando para todo mundo que conhecia em uma tentativa desesperada de encontrá-la.

As lembranças foram surgindo devagar, e de repente algo parecia apertar sua garganta, puxando-o para baixo, fazendo-o rodopiar, sem pausa para ele recuperar o fôlego.

– Você está bem? – murmurou Carter ao lado dele. – Respire.

Estranhamente, com as palavras de Carter, uma imagem de Grace dançando à luz da lua, à beira do lago naquele feriado de Quatro de Julho, infiltrou-se no meio do caos. A risada dela, seu cheiro, a maciez de sua pele... Só a força dessas lembranças evitou que Max saísse correndo dali, à procura do traficante mais próximo.

29

Parado do lado de fora da lanchonete, no dia seguinte, Max sentia que as batidas frenéticas do seu coração poderiam quebrar suas costelas. Eram tão fortes que quase doíam. E pioravam a cada vez que ele tentava dar um passo à frente, para entrar no lugar. Completamente exausto depois de uma noite maldormida, Max preocupava-se com o que Lizzie teria para dizer e com o que *ele* iria dizer.

Arrastando os pés, ele abriu a porta. O cheiro de café e panquecas fez seu estômago revirar. Ele deu uma olhada em volta, o suor escorrendo pelo pescoço. Ela ainda não tinha chegado. Aliviado por ter mais tempo para se recompor, Max encontrou uma mesa vaga e se sentou. Uma garçonete se aproximou com um sorriso largo e uma plaquinha com o nome "Grace". Max suspirou, incrédulo. Aquela era a última coisa que ele precisava ver.

– Mas que merda! – resmungou.

Ele engoliu em seco e pediu um café, desejando que viesse batizado com algo alcoólico. Isso ajudaria a acalmar seus nervos e a extinguir a lembrança de Grace. Grace e a expressão de concentração em seu rosto quando tirava suas malditas fotos, aquele mesmo semblante que o perseguia desde que acordara hoje de manhã.

Ele se mexeu no banco. Precisava se recompor. Talvez devesse ter aceitado quando Carter se ofereceu para esperar com ele até

Lizzie chegar. Nesse ritmo, iria sofrer um ataque cardíaco. Simplesmente não conseguia ficar parado. Grace, a garçonete, colocou o café na frente dele na mesma hora em que o sininho da porta de entrada tilintou.

Sem sequer erguer os olhos, Max soube que era Lizzie. Sua garganta se fechou, deixando-o sem ar.

Lentamente, ele a fitou.

Deus.

Ela era a mulher de que ele se lembrava, mas, de alguma forma, diferente.

Lizzie começou a se aproximar, firme mas timidamente. O cabelo louro, que ela sempre usara comprido, agora tinha um formato arredondado sofisticado, cortado pouco abaixo do queixo. O rosto estava igual, pequeno e magro, mas tinha rugas de que Max não se recordava, enquanto seus adoráveis olhos azuis eram menos brilhantes e mais calmos, mais maduros. Ele ficou bastante reconfortado em notar que a expressão moribunda que eles exibiam naqueles últimos meses que passaram juntos desaparecera.

Ela manteve o olhar fixo nele até parar ao lado da mesa. Max nem conseguiu se levantar. Permaneceu sentado, fitando-a, sem saber o que fazer ou dizer.

– Oi – disse ela de modo suave, enfiando o cabelo atrás das orelhas.

Max supunha que esse era um bom começo.

Ele limpou a garganta.

– Oi.

Os lábios dela se abriram em um sorriso trêmulo.

– Posso sentar?

Max assentiu com a cabeça.

– Claro.

Ela largou a bolsa vermelha no banco diante dele e se acomodou. Max a observou sem pressa, tentando enxergar a mulher

que ele idolatrara por tanto tempo. Ele não tinha certeza se a reconhecia. Ela ainda era devastadoramente linda; sua camiseta regata branca exibia a pele imaculada e a clavícula delicada, enquanto a calça jeans clara, rasgada na altura dos joelhos, destacava como ela ainda era pequenina.

Era esquisito ser confrontado com essa parte do passado dele. Uma parte que havia sido, em determinada época, tudo o que ele conhecia, tudo com que se importava, o que queria e amava; e, agora, sentado ali com Lizzie à sua frente, a estranheza surreal daquilo o assolava como um fardo pesado.

Grace, a garçonete, reapareceu ao lado da mesa antes que um deles pudesse falar. Lizzie olhou para a caneca de Max.

– Café – explicou ele.

Lizzie abaixou a cabeça, então se dirigiu à atendente:

– O mesmo, por favor.

Eles permaneceram calados enquanto as outras pessoas na lanchonete zanzavam ao redor deles e ficaram se encarando de um jeito que não era nem afetuoso nem desconfortável. Lizzie brincou com um anel em seu dedo indicador. Max reparou que não havia aliança na mão esquerda. Ele se perguntou o que tinha acontecido com a aliança que ele comprara para ela.

– Obrigada por ter vindo – disse ela baixinho, olhando para o café à sua frente. – Eu não tinha certeza se você viria.

– Nem eu – admitiu Max, a voz rouca de nervosismo.

Ela inclinou a cabeça na direção do ombro e colocou leite em sua caneca.

– Eu não o teria culpado se você não tivesse vindo. – Ela largou o leite e voltou a examiná-lo, seu olhar passeando pelo rosto e pelo peito dele. – Você parece bem. Diferente, mas bem.

Max olhou para si mesmo, pensando em quais mudanças ela via.

– Você também – acabou dizendo, odiando como sua voz vacilava em cada palavra.

Ela corou de leve. Ele nunca tinha visto aquilo acontecer enquanto eles estavam juntos. Sempre fora tão confiante, forte e segura. Ele não sabia ao certo se gostava daquilo, mas precisava aceitar; considerando o que ela havia passado, o que ambos haviam passado, era de esperar que houvesse mudanças. Eles não eram as mesmas pessoas e isso deixava Max com uma sensação profunda de tristeza.

– Fico feliz que você tenha recebido minha carta. Eu não sabia se ainda morava na cidade. Ainda tem a oficina? – perguntou Lizzie.

Max confirmou com a cabeça.

– Mesma oficina, mesmo apartamento. – Ele tomou um gole de café, o constrangimento daquele papo furado quase intolerável. – E você?

Ela balançou a cabeça.

– Voltei para a Flórida por um tempo, para ficar com a minha família. Agora estou trabalhando e tenho uma casinha. – Ela sorriu.
– Eu gosto. Estou feliz.

Max engoliu em seco, sem sorrir de volta. Apesar da história dos dois, ele sempre desejou coisas boas para ela.

– Fico feliz que as coisas tenham dado certo para você.

Embora aquilo fosse totalmente verdade, uma certa irritação subia por sua espinha.

– Então é por isso que estou aqui, para você se gabar e me dizer como está feliz?

Apesar do esforço para se conter, a voz dele era bruta e amarga; mas, demonstrando um comportamento exemplar, Lizzie não reagiu, apenas negou com a cabeça.

– Não – respondeu ela com delicadeza. – Não foi por isso que escrevi. – Ela respirou fundo e fez uma pausa. – Eu... escrevi porque, depois de tudo o que aconteceu entre nós, depois da perda... dele, eu queria uma oportunidade para explicar.

– Então explique – respondeu Max, sem empatia alguma.

Lizzie umedeceu os lábios.

– Depois que ele morreu, eu não era mais a pessoa que você conhecia, que você amava. Eu não gostava de quem tinha me tornado. – Ela desviou o olhar para as mãos de Max. – Eu me sentia tão perdida. Estava... destruída.

Max inspirou pelo nariz, recostando-se no banco.

– E eu, não?

– Sei que você também estava – respondeu ela baixinho. – Por isso não podíamos ajudar um ao outro. E por isso tive que ir embora.

Por mais que quisesse entender e aceitar o que ela dizia, Max não conseguia evitar se sentir traído.

– Depois de tudo o que aconteceu entre nós, você me deixou sem dizer nada. Nenhuma carta, nenhum bilhete, nem uma porcaria de cartão-postal que fosse, de sei lá onde você estava. Nada.

Embora seu temperamento esquentado tivesse começado a aflorar, a voz de Max permaneceu calma e equilibrada.

– Eu sei.

Lizzie fechou os olhos devagar, fazendo os dentes de Max rangerem. Se ela começasse a chorar, ele não sabia o que seria capaz de fazer. Ir embora parecia a melhor resposta, mas ele não tinha certeza se conseguiria.

– Você não faz ideia de como foi difícil, para mim, ir embora, Max. Eu juro. Eu queria entrar em contato, mas... Estava muito assustada. E sempre parecia que era tarde demais.

– E agora?

Lizzie suspirou.

– Eu sabia que viria para Nova York. E acho que cheguei a um ponto em que precisava ver você de novo para me explicar. Parecia ser a chance perfeita. Pensei que, se o conheço minimamente, você precisaria disso. – Ela passou a mão pelo cabelo. – Eu queria a oportunidade de dizer a você quanto lamento.

E então ela o encarou, os olhos azuis lindos e flamejantes, como se tivesse ensaiado mil vezes o que estava prestes a dizer.

– Eu sinto muito mesmo, Max – sussurrou ela. – Sinto muito por tê-lo perdido. Sinto muito por não ter conseguido ajudar você, ajudar nós dois, a superar e por ter deixado você sozinho mesmo sabendo que isso o devastaria. Sinto muito por tudo e sei que não mereço, mas espero que você consiga, um dia, me perdoar.

Max abriu a boca para falar, mas as palavras não saíram, bloqueadas pelo choque súbito das emoções que congestionavam sua garganta. A imagem de Lizzie ficou desfocada quando as lágrimas encheram seus olhos. Ele olhou irritado pela janela da lanchonete, querendo sufocar aquela sensação, respirando por entre lábios apertados.

– Você quase me matou – disse ele, antes de voltar a fitá-la. – Você tem noção disso? Você quase me *matou*. – Ele sacudiu a cabeça. – Perder Christopher era uma coisa, mas perder você... Eu... Deus, Lizzie, foi como se eu tivesse morrido.

Lágrimas escorreram pelo rosto dela, mas Max não ligou. Era mais emoção do que ele lembrava ter visto nela depois da morte do filho dos dois e, estranhamente, aquilo era reconfortante. Significava que ela estava viva por dentro de novo, consciente e respirando.

– Você pronunciou o nome dele – murmurou ela, sorrindo em meio às lágrimas.

Max franziu a testa.

– É claro. Ele era meu filho.

– Você nunca conseguia dizer. É bom ouvir.

Max fungou.

– Acho que a terapia e a reabilitação têm sua utilidade.

Os olhos de Lizzie se arregalaram. Ela concordou lentamente com a cabeça.

– A terapia também me ajudou. – Ela riu sem graça. – Apesar de

eu ainda ter problemas com o nome dele, eu só estou sentada aqui graças à terapia.

Max foi se acalmando aos poucos, enquanto a observava enxugar as lágrimas com um guardanapo.

– Você chegou a pensar em mim?

As palavras escaparam da boca de Max antes que ele pudesse impedi-las.

Lizzie ergueu os olhos, parecendo surpresa com a pergunta.

– Todos os dias – respondeu ela baixinho. Max assentiu com a cabeça. – E você?

– Sim – disse ele, olhando fixo para a mesa. – Eu odiava você pelo que tinha feito.

– Eu entendo. – Ela se recostou no banco, sem parecer magoada. – Como está, Max? De verdade?

Ele deu de ombros, querendo ser honesto.

– Estou... bem. Sobrevivendo. Vivendo um dia após o outro.

– E você tem alguém? Alguém que te faça feliz?

Neste instante, o rosto sorridente de Grace veio à mente de Max, deixando-o sem ar.

– Eu... não estou... – Ele balançou a cabeça. – Não é...

Lizzie sorriu.

– Está tudo bem. – Ela esfregou as mãos nas coxas. – Estou saindo com uma pessoa há dois meses. Nada sério. Mas... é legal. Gosto da ideia de namorar de novo.

Max se preparou para o impacto devastador que aquelas palavras trariam, mas, estranhamente, a dor nunca chegou. Como isso era possível? Ele amava aquela mulher. Passara anos com ela, idolatrando seu corpo, sorvendo cada centímetro dela, e a indiferença com que recebeu a notícia de que ela estava saindo com outra pessoa o impressionou. E apaziguou a pressão que crescera em seu peito desde que recebera a carta dela.

Eles ficaram ali por mais uma hora conversando. Foi tenso e

desconfortável, como um casal em seu primeiro encontro. Eles compartilharam suas experiências com a terapia, falaram sobre a recuperação deles e como estavam os velhos amigos. Ela perguntou sobre Carter, ele, sobre a família dela; ela lhe contou sobre a mudança para a casa nova e ele relatou sua ida para o condado de Preston, deixando de fora certos detalhes, apesar de eles flutuarem pela mente dele como folhas ao vento. Ela pediu desculpas repetidas vezes e, apesar da sinceridade com que apresentava seu remorso, Max não se sentiu nem reconfortado nem satisfeito por ele, como se o arrependimento dela não fizesse diferença alguma no passado ou no presente que ele agora vivia.

– Ah, tenho uma coisa para você – disse Lizzie, pegando a bolsa e mergulhando a mão nela. Ela remexeu em tudo, franzindo a testa.
– Droga. Devo ter esquecido.

– O quê?

– Está no meu quarto no hotel – resmungou ela. – Eu estava tão estressada com relação a hoje que... Você se importaria se eu fosse buscar?

– O que é?

Ela pareceu encabulada.

– É só uma coisa que preciso deixar com você.

Max arqueou uma sobrancelha, um tanto intrigado.

– Certo.

Ela parou por um instante, analisando-o com cautela.

– Por que você não vem comigo? Não vai demorar muito.

No quarto dela? Max balançou a cabeça antes mesmo de falar.

– Não acho que seja...

A risada de Lizzie foi alta e inesperada.

– Mesmo? O que você acha que vai acontecer?

Na verdade, Max não tinha certeza, mas ficar sozinho com ela em um quarto de hotel não o fazia se sentir tão confortável quanto provavelmente deveria. Ele umedeceu os lábios.

– Está bem – disse ele, se achando meio ridículo. – Preciso ir embora daqui a pouco, de qualquer forma.

Ela se levantou. Max jogou o dinheiro na mesa e seguiu Lizzie. Saíram da lanchonete, atravessaram a rua e entraram no saguão do hotel Hilton.

■ ■ ■

A subida de elevador até o quarto foi silenciosa, com exceção do barulhinho que marcava cada andar do trajeto. Max observou o reflexo de Lizzie no aço liso da porta, reparando em como ela parecia mais calma agora do que ao entrar na lanchonete. As rugas em seu rosto tinham praticamente desaparecido e ela estava mais alta, mais ereta, como se a conversa dos dois houvesse tirado um peso das costas dela. Na realidade, Max sentia a mesma coisa. Sentia-se menos pressionado, menos sobrecarregado pelo passado.

O elevador chegou ao 20º andar e Max seguiu Lizzie pelo corredor até o seu quarto. Ela destrancou a porta e indicou que ele entrasse. Ele obedeceu, sentindo o aroma do perfume dela, doce e desconhecido. Parado com as mãos nos bolsos da calça, Max ficou olhando para Lizzie, que tinha fechado a porta, para a janela e para a cama, repetidamente. Sua pulsação acelerou à medida que o pânico começava a dominá-lo.

Que diabos ele estava fazendo ali?

– Aqui.

A voz de Lizzie surgiu do lado dele. Ele viu que ela segurava uma pilha de envelopes, amarrados com uma fita azul. Ele os pegou com cuidado, reparando em seu nome e seu endereço escritos no primeiro deles.

– O que é isto?

– Escrevi uma carta para você todos os dias da terapia. Fazia

parte do meu processo de recuperação – murmurou ela, fitando os envelopes. – Cada uma delas conta o que eu estava passando, como me sentia com relação a você, como me sentia quanto à perda do... Christopher.

A respiração de Max oscilou enquanto ele segurava as cartas com força, impressionado e triste.

– Não sei o que dizer – confessou ele, seus olhos encontrando os dela.

– Não precisa dizer nada – respondeu Lizzie. – Quero que fique com elas. Quero me explicar, e elas falam o que não consigo falar agora.

Ele concordou com a cabeça.

– Está bem.

Max fitou as cartas antes de olhar na direção da porta.

– Bem, é melhor eu ir.

Ela assentiu e deu um passo para o lado, deixando-o passar.

– Max?

Ele se virou e, por uma fração de segundo, viu a garota de que se lembrava, adorável e pronta para dominar o mundo.

– Sim?

– Podemos... Quero dizer, você tem meu número, posso... Eu gostaria de manter contato, talvez ver você de novo.

Max suspirou, um tanto confuso.

– Não sei, Liz. Bem... – Ele abriu os braços, apontando para ela e o quarto todo. – Isso é... Tudo isso é...

– Demais.

Ele largou os braços ao lado do corpo.

– Sim.

Ela abaixou a cabeça.

– Eu entendo.

Max olhou para ela, conhecendo-a bem o suficiente para saber que ela tinha mais a dizer. Ele esperou.

– Podemos... – Ela se mexeu sem sair do lugar. – Eu gostaria de dar um abraço em você para selar isso.

Ela parecia tão sincera e esperançosa que Max concordou com a cabeça antes de conseguir pensar com clareza sobre aquilo. Sem vacilar, ela se aproximou, ergueu os braços, passando-os em torno do pescoço dele, e o puxou para perto. As mãos de Max deslizaram pela cintura dela, retribuindo o abraço com cautela. Foi só quando Lizzie ergueu o nariz até o pescoço dele e o abraçou com mais força que ele se entregou, fechando aos olhos e repousando a bochecha na dela, compreendendo que era um abraço de desculpas para os dois, um abraço de perdão que, silenciosa e respeitosamente, reconhecia a jornada angustiante que eles tinham compartilhado.

– Obrigada – murmurou ela. – Obrigada por hoje.

Max concordou com a cabeça, sentindo os dedos dela brincarem com os cabelos de sua nuca, como costumava fazer.

Ela emitiu um ruído apreciativo.

– O seu cheiro é o mesmo.

As palavras dela acenderam algo parecido com arrependimento dentro de Max. Ela não tinha o mesmo cheiro; não tinha nada que ele reconhecia ou queria. Tudo era tão diferente. Respirando fundo, ele ergueu a cabeça, mas não a soltou.

– Lizzie? Eu preciso ir.

– Eu sei. – Ela mordeu o lábio, seu olhar ficando receoso. – Mas tenho medo de largar você de novo.

Surpreso com aquela confissão, Max a encarou e seus batimentos cardíacos se aceleraram. Ela o fitou, deu um suspiro profundo e trêmulo e o beijou.

O beijo se demorou no canto da boca de Max, carinhoso e suave. Sem pensar, ele virou a cabeça para intensificá-lo, capturando o ofego dela ao retribuir. Anos atrás, aquele som teria deixado Max desesperado para possuí-la. Mas, naquele momento, fez seu estômago revirar como se ele estivesse no topo de uma montanha-

russa, prestes a lançar-se em direção ao chão. O beijo o desestabilizou, deixou-o tonto, como se seu corpo não conseguisse aceitar direito o que estava acontecendo.

Ele não entendia. Os lábios de Lizzie *deveriam* ser familiares – ele já a beijara um milhão de vezes antes –, mas agora pareciam estranhos. Eles não tinham o gosto que ele queria sentir. E ela não tinha o cheiro de manteiga de cacau. Ah! Fala sério! Por que diabos ele pensava em Grace enquanto Lizzie o beijava?

Não fora isso que ele tanto desejara? Não fora por isso que ele esperara? A chance de ficar com Lizzie depois de tudo o que tinha sofrido?

– Não – murmurou ele contra a boca da ex-mulher, respondendo à própria pergunta não verbalizada.

Ele não queria. Não estava certo. Não agora. Eles eram pessoas diferentes, queriam coisas distintas. Não havia nem um pinguinho de nostalgia da época em que eles podiam se deleitar um com o outro por horas. O beijo dela o remetia a um período de sua vida que ele nunca esqueceria, mas que estava pronto para deixar para trás.

Max segurou a cintura de Lizzie.

– Não – repetiu ele.

Ele a empurrou com delicadeza, observando o calor em suas bochechas e a luxúria em seus olhos.

– Meu Deus, Max – exclamou ela, escondendo a boca com a mão e dando um passo para trás. – Me desculpe. Mesmo. Eu não devia ter... Não sei o que estava pensando.

Max fechou os olhos, os protestos dela fazendo-o lembrar a maneira como Grace tinha se desculpado por beijá-lo – seus murmúrios, seu choque, o gosto dela em sua língua quando ele retribuiu com uma paixão que jamais tinha sentido na vida.

Parado ali, olhando para Lizzie, com a sensação estranha de sua boca ainda formigando em seus lábios, Max teria dado qualquer coisa para que fosse Grace no lugar dela. Ele daria tudo para ter a

chance de beijá-la de novo; beijá-la do jeito que ela merecia, estar dentro dela e ouvi-la gritar seu nome, abraçá-la e escutar sua risada.

Ele tossiu, quase engasgando com as emoções que o inundavam, varrendo para longe o pânico e a ansiedade da última semana, deixando apenas esperança e determinação, além de algo que ele suspeitava ser o amor renascendo.

De repente, como se tivesse acabado de perceber onde estava, ele exclamou:

– Preciso ir!

Lizzie cruzou os braços sobre o peito.

– Está bem.

Max passou a mão pelo cabelo, o coração batendo furiosamente com a necessidade de sair dali, de retornar ao condado de Preston, de voltar para Grace. Ele olhou para os envelopes que ainda segurava, sabendo que, embora fosse provável que todas as respostas que sempre esperara ouvir estivessem ali, era tarde demais. Em silêncio, ele as colocou sobre uma mesa ao lado da porta do quarto.

– Vou deixá-las aqui – disse Max com gentileza.

– Tem certeza? – perguntou Lizzie, apesar de mostrar um semblante de compreensão.

– Sim – respondeu Max com um sorriso pequeno. – Acho que já dissemos tudo o que havia para ser dito.

O canto esquerdo da boca de Lizzie se ergueu em concordância.

– Ela é uma garota de sorte, Max.

Max se assustou.

– Quem quer que seja a pessoa para quem você está voltando. Fico feliz que tenha aprendido a amar de novo – confessou ela. – Você merece.

As palavras de Lizzie despertaram-no para quão intensamente precisava de Grace. E de repente a falta que sentiu dela era tamanha que seria difícil explicar.

Max deu um passo adiante e beijou o rosto de Lizzie.

– Cuide-se, hein? – sussurrou ele.

– Pode deixar. Você também.

Sem dizer mais nada, Max se virou e saiu do quarto. O som da porta se fechando atrás dele ecoou pelo longo corredor, como o encerramento de uma etapa. Ele sabia que, ao ir embora, podia finalmente deixar o passado para trás e começar a viver de novo. E, à medida que a distância entre ele e Lizzie aumentava, Max ficava cada vez mais determinado a ter Grace ao seu lado a cada passo do caminho.

30

Max bateu à porta do apartamento de Carter, o celular na mão, xingando aquela porcaria a torto e a direito. Ele estava tão envolvido na discussão com a droga do aparelho que não reparou em Carter e Riley, em pé ali, parecendo surpresos. Max parou abruptamente quando viu os dois e deu uma olhada em torno do apartamento, confuso.

– Achei que você tivesse ido trabalhar.

– Dei uma passada por lá – explicou Carter – e aí tirei o resto do dia de folga caso você precisasse de mim. E o Riley deu um pulo aqui...

– Porque ele estava surtando – interrompeu Riley. – E cacarejando como uma franga.

– Eu não estava surtando – retrucou Carter, encarando Riley. – Eu só estava preocupado.

Carter voltou a fitar Max, sua expressão sugerindo que ele esperava vê-lo coberto de sangue e com várias feridas de batalha.

– Então, o que aconteceu? Como foi?

Max piscou e respirou fundo, olhando para o celular.

– Preciso falar com a Grace.

O rosto de Carter se contorceu, confuso.

– Grace?

– Grace? – repetiu Riley. – Ah! A menina das corridas que você está pegando.

Carter deu uma cotovelada em Riley.

– Cara! – Ele voltou a olhar para Max. – Por que você precisa falar com a Grace? E a Lizzie? O que você...

– Grace! – gritou Max, sacudindo o celular como se aquilo fosse explicar tudo. – Já liguei, mas o celular dela está desligado, ou ela me bloqueou, o que é totalmente provável e eu não a culparia. Já liguei para o Whiskey, mas a Holly não quis me dizer nada. E tio Vince disse que ela saiu do condado de Preston um dia depois de mim, falando alguma coisa sobre suas fotografias. Não sei para onde mais ela poderia ter ido além de Washington D.C., mas como vou fazer para...

– Max!

A boca de Max se fechou de imediato quando o nome dele ressoou pelo apartamento. Esperando ver Carter irritado, ele ficou surpreso ao ver um sorriso enorme no rosto do amigo. Max deu um passo para trás, nervoso.

– O quê?

– Você quer falar com a Grace? – perguntou Carter, inclinando a cabeça para o lado. – Precisa vê-la?

– Sim. – Max passou a mão pelo cabelo. – Ver Lizzie me fez perceber que eu... Eu preciso falar com Grace... Só quero explicar que... Dizer a ela que... Você sabe, que...

O sorriso de Carter ficou mais suave.

– Que você a ama.

Max ficou olhando de Carter para Riley. De repente, ele apontou um dedo acusador para os dois.

– Vocês sabiam!

Riley conteve o riso e Carter soltou uma gargalhada.

– Mas é claro que a gente sabia! Eu soube no minuto em que vi vocês juntos naquela maldita pensão, com os olhinhos brilhando e essa merda toda.

– E ficou bastante óbvio no dia em que eu e Tate fomos visitar

você – acrescentou Riley, parecendo supersatisfeito.

– E por que não me contaram, droga? – perguntou Max, incrédulo.

Carter cruzou os braços sobre o peito.

– Teria feito alguma diferença?

– É claro!

Carter arqueou uma sobrancelha e Riley bufou. Todos sabiam que aquilo era mentira.

Max trocou o peso do corpo de uma perna para outra.

– Quero dizer... Talvez.

Carter se aproximou.

– Você mesmo disse. Precisava ver a Lizzie. Eu conheço você, meu irmão. Você nunca vai ser influenciado ou convencido de coisa nenhuma. Precisava ter essa percepção por conta própria.

Max esfregou os olhos com as pontas dos dedos, cambaleou até a cadeira mais próxima e se atirou nela.

– Percepção – resmungou ele, jogando a cabeça para trás e olhando para o teto. – Este é o nome disso?

Carter e Riley se sentaram no sofá de frente para ele.

– Você é quem tem que me dizer – ponderou Carter. – Você ama Grace?

Max engoliu em seco. Aquilo que se agitava dentro dele parecia amor.

– Acho que sim – disse ele baixinho.

Mas era estranho. Quando se apaixonou por Lizzie, sentiu-se como se tivesse sido atingido na cabeça por uma marreta; ele soube desde o primeiro minuto. O sentimento por Grace, no entanto, era mais sutil, menos violento; menos estrondoso e mais como um formigamento suave que envolvia todo o seu corpo, aquecendo-o. Parecia que, com o passar do tempo, ela havia penetrado silenciosamente em todas as partes sombrias e estéreis que Max escondia por medo de ser magoado outra vez. Era uma sensação de

completa satisfação que, até então, Max não tinha percebido que queria para si.

– Eu... Sinto falta dela – confessou ele. – Merda, não consigo parar de pensar nela. Quando Lizzie me beijou eu só conseguia pensar em Grace e em como eu queria que fosse ela ali.

– Mas que porra! – exclamou Riley.

Na mesma hora, Carter gritou:

– A Lizzie *beijou* você?

Max grunhiu, se agitando e erguendo os braços para o céu.

– Foco, pessoal!

Carter ergueu as mãos em uma tentativa de acalmar a si mesmo e Riley, que pareceu repentinamente um homicida.

– Está bem. Está bem – disse Carter, esfregando as mãos na cabeça.

Max se inclinou para a frente.

– Eu só... O que fica me voltando à cabeça é: o que eu posso realmente oferecer a ela? – Ele olhou para os amigos. – Quero dizer, como vou saber se posso dar a ela o que ela quer? Isso se eu *ainda* sou o que ela quer.

Ele relembrou todas as coisas horríveis que tinha dito a Grace no dia em que foi embora e colocou as mãos no rosto.

– Puta merda!

Carter se recostou no sofá e pigarreou.

– Me conte uma coisa. Quando vocês estavam juntos, ela algum dia disse como se sentia ou o que queria?

Max sorriu e confirmou com a cabeça.

– Ela disse que tudo o que queria era me amar.

Riley deu de ombros.

– Então permita. Isso aí é um presente, cara.

– Eu quero – concordou Max. – Quero mesmo.

Carter se mexeu de novo, aproximando-se da beirada do sofá.

– Sei que você acha que não tem nada a oferecer a ninguém,

Max; mas confie em mim, você tem. Se este ano provou alguma coisa, é que você é um sujeito forte que pode superar praticamente qualquer dificuldade.

Max sentiu o peito se aquecer.

– Mas um relacionamento?

Carter ergueu um ombro.

– Por que precisa ter esse nome? Nada de rótulos, que tal? Apenas converse com ela e veja como vocês dois se sentem. Um passo de cada vez.

O olhar de Max voltou para o celular.

– Preciso encontrá-la primeiro.

Ele se recostou na cadeira, deprimido, na mesma hora em que Riley se levantou.

– Então por que você ainda está sentado aí, cara? – perguntou ele antes de dar um tapa no braço de Max. – Vamos lá achar a sua menina das corridas!

Max, Riley e Carter passaram a tarde vasculhando a lista telefônica e a internet, tentando encontrar a boate do irmão de Grace. Era a única pista que Max possuía. Foram quase duas horas de busca, o nome “Kai” e a localização as únicas coisas que eles tinham para seguir em frente. Depois de definirem quatro possíveis endereços, os três se amontoaram no Jeep de Riley e saíram. Max precisava admitir que aquilo tudo era bem excitante. Ver Grace de novo era tão assustador quanto empolgante e Max passou boa parte do trajeto pensando no que, exatamente, pretendia dizer a ela.

A primeira boate à qual eles foram parecia, a julgar pelas pichações na fachada, estar fechada há algum tempo. Determinados, eles chegaram à segunda boate no início da noite. O nome de Kai na placa que indicava o proprietário era visível sobre a porta, fazendo brotar dentro de Max um nervoso tão grande que ele entrou no lugar praticamente tropeçando. Lá dentro, só encontraram uma mulher muito interessante, com um cabelo afro incrível e lábios

vermelhos maravilhosos atendendo no bar. Ela informou que Kai estava em Nova York e, após saber por quem eles procuravam, disse que era melhor irem embora antes que ela tivesse que pedir que os seguranças os arrancassem dali. Aquela foi a confirmação de que a mulher conhecia Grace. Mas o que mais Max podia fazer? Nem mesmo Riley parecia conseguir convencê-la de nada, apesar de seu sorriso largo e de seu charme.

Sem se dar por vencido, Max deixou o número do celular e um bilhete pedindo a Grace que ligasse para ele. Tinha a esperança silenciosa de que a mulher iria entregá-lo a ela, e tentou ao máximo não deixar Carter e Riley perceberem a decepção e a tristeza que se apossavam dele.

Isso acontecera havia mais de duas semanas e Max ainda não encontrara Grace. Seu celular permanecia calado. Mesmo tendo pedido à família e aos amigos no condado de Preston que o avisassem caso Grace retornasse, ele começava a se consolar com o fato de que talvez nunca mais a visse de novo; e uma desesperança profunda o dominava.

Para se distrair da dor que se alojara em seu peito, Max mergulhou de cabeça no trabalho, chegando à oficina todos os dias bem cedinho e indo embora tarde da noite. Também decidiu voltar para seu apartamento. Ele sabia que Carter ficava com receio de deixá-lo sozinho. Mas a verdade é que ele precisava de espaço para pensar e, com o casamento acontecendo em poucas semanas, tinha certeza de que Carter e Kat não precisavam dele enchendo o saco dos dois. Ele ia às reuniões do NA e continuava a correr, o tempo todo se perguntando o que Grace fazia, com quem ela estava e se por acaso pensava nele.

A única coisa boa em meio a tudo aquilo era que, desde que dera adeus a Lizzie, a vontade de ficar chapado e de encher a cara tinha diminuído de maneira drástica. Max sabia que tinha causado estragos demais e que não podia decepcionar todo mundo de novo

com uma maldita recaída. Então, quando não estava trabalhando, correndo ou nas reuniões, Max se lembrava da decepção no rosto de Grace ao vê-lo bêbado aquela noite no bar. Aquele pensamento fazia desaparecerem os seus anseios.

Foi depois de um dia longo e duro de trabalho na oficina, quando Max estava relaxando no sofá, comendo pizza e assistindo a um filme de terror péssimo, que alguém bateu à porta. Curioso e sem esperar visitas, Max jogou um pedaço de pizza na caixa e atravessou o apartamento.

Ele deu uma espiada pelo olho mágico e abriu a porta rapidamente.

– E aí, cara? Tudo bem?

Riley sorriu.

– Tudo.

– Entre.

Max deu um passo para o lado, deixando-o entrar. Por mais que uma visita de Riley fosse uma surpresa agradável, também era incomum. Em geral, ele avisava que estava chegando, dava uma ligada ou mandava mensagem. Max não tinha recebido nem um nem outro.

– Quer alguma coisa? Não tenho nada alcoólico, óbvio, mas posso oferecer suco, água, café...

Riley balançou a cabeça.

– Não, irmão, estou bem. Não vou ficar muito tempo.

Max franziu a testa.

– Fiquei com medo agora.

O sorriso de Riley, dessa vez, se desfez rapidamente. Ele enfiou as mãos nos bolsos enquanto seu olhar vagueava do chão para um ponto além do ombro de Max.

Max se aproximou dele.

– Como foi o seu dia de folga? Você está bem?

– Eu, hum... Trouxe algo para você, mas queria dizer umas coisas

primeiro.

Max assentiu lentamente com a cabeça.

– Certo. Manda.

Riley suspirou.

– Sei como é – murmurou ele, olhando para os próprios sapatos.

– Sabe como é o quê, cara?

O olhar cor de mel de Riley encontrou o de Max.

– Sei como é perder a mulher que se ama.

Achando que ele estava brincando, o princípio de uma risada e de um comentário inapropriado cutucou a boca de Max, mas morreu rapidamente em sua garganta. Pela expressão no rosto de Riley, ele estava falando sério mesmo.

– Como é? Ama? Como... Você... Você?

Max não pretendia ser rude; mas o fato é que Riley, em quase dez anos de amizade, nunca havia mencionado amar nada que não fossem carros e relações casuais.

Riley soltou uma risada desanimada.

– É, eu. – Ele passou a mão pela barba aparada e suspirou. – É uma longa história, que pouquíssimas pessoas sabem, mas... – Ele deu de ombros. – Acho que as pessoas pensam que sou só um mulherengo retardado que não liga para coisa alguma; e isso é parcialmente verdade. Mas houve um tempo em que eu não era assim, quando eu ligava para... alguém.

Max sacudiu a cabeça. Ver o amigo tão solene, tão incomumente sério era muito estranho.

– Por que... Como a gente não... Por que você nunca disse nada?

Riley deu um sorriso torto.

– E destruir a ilusão? – Ele pigarreou. – Além do mais, não posso culpar ninguém a não ser a mim mesmo. – Ele franziu a testa. – E é uma história bem antiga.

Max não tinha muita certeza se aquilo era verdade, mas assentiu com a cabeça para satisfazê-lo.

– Uma segunda chance não acontece para todos, Max.

– Eu sei.

– Um cara passou na oficina ontem enquanto você estava na sua sessão com Elliot – continuou Riley. – Deixou um belo de um Mustang 67 para trocar o óleo. Trocamos uma ideia. O cara é dono de uma galeria na cidade. É meio que um hobby dele, sabe, ajudar novos talentos da região a serem notados. – Ele enfiou a mão no bolso de trás e pegou um panfleto amassado. – Ele me convidou para uma exposição de fotografia e arte que vai rolar lá neste fim de semana e, bem, vamos combinar, o feioso do Carter não fica tão bem de terno quanto você. Então fiquei pensando se você não gostaria de ir comigo.

Ele entregou o panfleto a Max, que, apesar de confuso, estava rindo. Ele pegou o papel sem entender muito bem o que se passava. Olhou para ele e seu queixo caiu.

– Puta merda!

– Pois é. Achei que você fosse dizer isso.

Os olhos de Max fitaram o nome de Grace na parte de cima do panfleto, ao lado de uma fotografia que ele reconhecia da sala de estar dela na Virgínia Ocidental.

– A exposição – sussurrou ele. – Caramba, ela tirou todas aquelas fotos para essa... Eu esqueci... Eu nem sabia que seria em Nova York.

– Ela vai estar lá – disse Riley com cuidado. – Talvez esta seja a chance que você estava esperando.

Max tremeu.

– Eu... Não tenho certeza se... Será que eu devo?

Ele não tinha certeza se aparecer na grande noite de Grace era a coisa certa a fazer. Ele não fazia ideia de como ela iria reagir.

Riley esticou o braço e deu um aperto no ombro de Max.

– Vou deixar você decidir isso. – Ele deu um tapinha no ombro de Max e se dirigiu à porta. – Me avise quando resolver, tá?

Max concordou com a cabeça, ainda olhando para o panfleto em suas mãos.

– Aviso. – Ele ergueu os olhos. – Ei, Riley. Valeu, cara.

Riley assentiu com a cabeça.

– Imagine.

■ ■ ■

– Você vai? – perguntou Tate antes de tomar um gole do suco de manga que Max tinha servido para ele.

– Claro que vou – respondeu Max, sentando-se em sua cadeira de costume enquanto Tate praticamente se esparramava no sofá.

A camiseta dele era de um preto desbotado e dizia, em uma fonte familiar amarela: “Jedi na rua. Sith na cama.”

Max piscou, surpreso, antes de perguntar:

– Você acha que eu não devo ir?

Tate meneou a cabeça.

– Estou com Elliot, acho que você deve ir, sim, mas estou me perguntando o que você acha que vai acontecer.

Max soltou o ar pela boca e fez uma careta.

– Vai saber. Tudo o que posso fazer é torcer para que ela me dê uma chance e me ouça.

– E se ela não der?

– Eu não a culparia. Eu fui...

– Um babaca completo.

– Sim.

Max bufou.

– Mas você é um babaca completo que vai recorrer a alguma coisa forte para aliviar a dor se ela o rejeitar? – perguntou Tate.

A preocupação séria na voz dele foi reforçada pela maneira como ele fitava Max, que se mexeu de modo desconfortável na cadeira.

– Foi mal, mas preciso perguntar, parceiro – completou Tate.

Max umedeceu os lábios.

– Sinceramente? Não penso em álcool e em pó desde que vi a Lizzie. – Ele olhou, pela janela da sala de estar de seu apartamento, para o céu tão azul. – É como se, agora que nos despedimos, eu pudesse respirar. Como o fim de um ciclo ou algo assim.

A boca de Tate se curvou em um sorriso empático.

– Sim, cara. Sei como é.

Os dois ficaram sentados em silêncio por um instante antes de Max se inclinar para a frente, dizendo em um sussurro apesar de eles estarem sozinhos:

– Então, você pode me contar uma coisa sobre o Riley?

Tate piscou lentamente.

– Se for algo relacionado ao Seb e sobre eu ter colocado suco em pó vermelho no chuveiro antes de ele usar, então eu não sei de nada.

Max sabia que Seb era o mais novo dos irmãos Moore.

– Suco em pó vermelho?

Tate conteve o riso.

– O banheiro parecia aquela cena de *Carrie, a estranha*. Minha mãe quase arrancou os cabelos; e ele teve que se esfregar por quase uma semana para conseguir se limpar. Cara, foi incrível!

Max esfregou os olhos com as pontas dos dedos, rindo.

– Não, não era isso, mas obrigado pela imagem. Eu estava me perguntando se você saberia quem foi a pessoa que ele perdeu.

Tate pareceu perplexo.

– Uma mulher – esclareceu Max. – Quando ele veio aqui ontem à noite, disse que sabia como era perder a mulher que se ama.

Max não estava querendo fuxicar. Desde a visita de Riley, ele ficara genuinamente preocupado com o amigo e com o fato de não conhecer nada do passado dele e da dor que tinha sofrido.

Tate respirou fundo e se recostou no sofá devagar, todo traço de

brincadeira esquecido. Ele apoiou o tornozelo no joelho.

– Sim, eu sei quem ele perdeu. – Max esperou, mas Tate não continuou. Sua expressão era firme. – A história não é minha para eu contar, cara.

– Eu entendo – disse Max, sabendo que a lealdade de um irmão mais velho não era algo com que se devia brincar. – Mas ele está bem, né?

Tate confirmou com a cabeça.

– Acho que sim. – Ele deu um sorriso torto. – Riley é tipo uma bolinha de borracha, não importa com quanta força você jogue, ele sempre volta mais forte e mais rápido.

■ ■ ■

Às sete da noite de sábado, usando uma calça social preta, camisa branca e uma gravata fina preta que pegara emprestado com Carter, Max estava sentado no banco do carona do Jeep de Riley enquanto ele os levava para a exposição de arte, do outro lado da cidade.

– Você está bem? – perguntou Riley pela quarta vez desde que haviam saído do apartamento de Max.

– Fora o fato de estar mais bem-vestido do que eu estaria se fosse enfrentar um tribunal, estou bem – respondeu Max, dando um sorriso maroto.

– Idiota – murmurou Riley, balançando a cabeça e mexendo na própria gravata. – O panfleto dizia para ir bem-vestido. Então, cara: estamos elegantes. – Ele olhou para si mesmo no retrovisor. – Elegantes mesmo, amigo. Eu estou gostoso pra caramba.

Max riu, sua pulsação acelerando à medida que eles se aproximavam de Greenwich Village. Ele passou a mão pela gravata e respirou fundo.

– Você está razoável – murmurou Riley antes de sorrir. – E, sabe,

se isso não der certo, podemos dar uma passada em uns bares gays. Estamos em pleno reduto. Você iria se encaixar perfeitamente.

Revirando os olhos, Max deu de ombros.

– Vou entender isso como um elogio.

– Deveria – concordou Riley, sério. – Eu comeria você.

Max deu uma gargalhada, sabendo que as piadinhas incessantes de Riley eram uma tentativa de acalmar a ambos. Riley não parou de se mexer durante todo o trajeto. Max estava aliviado por Carter não ter ido junto. Ele não tinha certeza se conseguiria lidar com os dois ao mesmo tempo ao redor dele. Max sabia que ter amigos que se preocupavam com ele era um problema ótimo para se ter, especialmente quando considerava toda a merda pela qual os tinha feito passar. Mas...

Ele se virou para Riley.

– Obrigado por fazer isso.

Riley abaixou a cabeça.

– Pode contar comigo sempre que precisar, irmão. Você sabe disso.

Ele estacionou o Jeep e os dois permaneceram sentados no carro por um minuto, ouvindo o motor tiquetaquear enquanto esfriava. Max repassou seu discurso mentalmente, engoliu o medo e saiu para a rua quieta e úmida. Com Riley ao seu lado, Max se sentia um pouco mais seguro. Ele sabia que não conseguiria fazer aquilo sozinho.

O edifício no qual o evento acontecia era bastante insípido, com exceção da janela de mais de três metros e meio de altura que oferecia uma vista da parte de dentro do lugar. Um banner enorme se estendia pela fachada do prédio, declarando que a exibição estava aberta e dando os nomes dos quatro artistas, inclusive o de Grace, cujos trabalhos estavam sendo expostos. Um cara na porta, com uma prancheta e um bigode que botaria o de Salvador Dalí no chinelo, sorriu quando eles se aproximaram. Riley deu a ele seu

próprio nome e um outro que Max nunca tinha ouvido antes, provavelmente o do dono da galeria, que Riley tinha conhecido na oficina.

– Ah, convidados especiais! – exclamou Dalí, com um meneio extravagante de sua mão. – Claro, claro, meus queridos, entrem. Aproveitem!

Os dois sorriram nervosos e, com Max na dianteira, entraram no saguão gelado por causa do ar-condicionado.

– Que merda foi essa que você acabou de fazer? – perguntou Max, contendo o riso.

– Não faço ideia – respondeu Riley, dando uma olhada para a porta, parecendo pronto para bater em retirada. – Mas acho que ele acabou de dar um tapa na minha bunda.

Max riu e empurrou Riley na direção de uma coleção de pinturas intitulada *No deleito da morte*. Rindo como dois estudantes, eles pararam abruptamente, olhando as pinceladas sombrias de cor contra o branco das paredes da galeria, céticos.

– Que coisa mais desmancha-prazeres – murmurou Riley enquanto pegava copos de suco de laranja na bandeja de um garçom que passava por ali.

Max concordou com a cabeça. Não revelou sua opinião sobre as obras, mesmo gostando bastante delas, e deu uma olhada em volta discretamente. Ele não conseguiu avistar Grace em meio à multidão de mais ou menos cem pessoas e a expectativa ficou ainda maior. Ele supôs que seria melhor tentar relaxar enquanto ainda tinha a chance. Tomou um gole de suco e vagueou por entre as pinturas, parando diante de algumas delas e se perdendo nas cores, nos temas e nas mensagens de cada uma. Ele nunca fora do tipo de parar e apreciar a arte, apesar de sua afinidade com a pintura, mas logo se pegou adorando aquilo. Riley, por sua vez, inclinava a cabeça para um lado e para o outro, tentando entender as diversas telas que contemplavam, para divertimento de Max.

– Não entendo – resmungou Riley depois de olhar com atenção para uma tela que não tinha nada além de um único círculo alaranjado no meio.

Max arqueou uma sobrancelha, igualmente confuso.

– É, somos dois.

– Agora, dessas aqui eu gosto – disse Riley, desaparecendo atrás de uma parede.

Max o seguiu e o encontrou parado em frente a uma parede cheia de fotografias. Algumas eram pequenas, menores que um cartão-postal, enquanto outras tinham quase um metro de largura. Max reconheceu imediatamente as florestas, as montanhas e as pedras que habitavam o pequeno chalé lá no condado de Preston. Ele olhou para a placa com o título. *Mente, corpo e alma*, de Grace Brooks. Ele sorriu antes mesmo de sentir vontade de fazê-lo; e uma sensação de orgulho preencheu seu peito.

– Essas são dela – sussurrou ele.

As cores eram extraordinárias. O olhar de Grace para texturas e luz ficava óbvio em cada imagem. Os ângulos eram precisos e bem pensados, deixando o espectador desorientado em algumas fotos e calmo em outras. Aquilo era, sem dúvida, a parte mental do trabalho dela. Grace tinha provocado aquele mesmo efeito em Max desde o momento em que eles se conheceram, era tudo desconcertante e fora dos padrões.

– São ótimas – disse Riley após um instante de silêncio, entrando na parte seguinte da exibição, onde a luz, Max reparou, era mais opaca e menos como a iluminação branca e agressiva do resto do lugar.

Acima dessa coleção de fotografias, pintadas diretamente na parede da galeria em letra cursiva preta, estavam as palavras “Esperança para a alma”. O orgulho no peito de Max retrocedeu à medida que seu olhar passeava pelas imagens em preto e branco

que enchiam a parede, sendo substituído pelo peso esmagador da culpa.

– Meu Deus – murmurou ele, colocando um braço em cima da barriga enquanto escondia a boca com a outra mão.

– O que foi? – perguntou Riley, desviando os olhos de uma foto que Max se lembrava de Grace ter tirado tão claramente como se fosse ontem.

– Sou eu – gemeu ele.

Riley franziu a testa.

– Sério?

Max confirmou com a cabeça e se aproximou da parede. As fotos tinham sido tiradas no dia em que ele a encontrou no chalé; eles se sentaram no tronco caído e ele tocou nela pela primeira vez, as mãos em suas coxas. Havia fotos do rosto, dos braços e das mãos de Max, mas, para todas as pessoas, inclusive Riley, aquele era um homem qualquer. Grace estava certa. Com exceção dos dois, ninguém saberia de quem se tratava. Estupefato, Max observou cada imagem, reparando em algumas para as quais ele não se lembrava de ter posado. Notou que havia aquelas em que, pelas ruguinhas perto de seus olhos, ele devia estar rindo. Nas poucas fotos que mostravam seus olhos, Max notou, mesmo em preto e branco, como ele parecia feliz, jovem, relaxado e, ele ousava dizer, apaixonado.

– Sou idiota pra caralho – murmurou ele.

Riley sorriu de forma empática, antes de ser atraído por algo acima do ombro de Max.

– Cara.

Max congelou, sabendo, pela expressão de Riley, quem ele tinha avistado.

– É ela?

– Bem, eu nunca a vi – respondeu Riley, aproximando-se de Max.

– Mas me lembro bem da descrição de Tate.

– Puta merda – ofegou Max enquanto sua pulsação começava a acelerar.

Riley colocou a mão no ombro dele, encorajando-o em silêncio.

– Prepare-se, meu velho – disse ele com suavidade. – Ela está gata pra caralho.

Com esse comentário, Max virou a cabeça e olhou por cima do ombro. De fato, lá estava Grace e, Deus!, Riley tinha razão. O cabelo dela estava preso em um coque apertado no topo da cabeça, deixando cachos macios que pareciam feitos à mão soltos ao lado de seu rosto. O pescoço parecia impossivelmente longo, envolto em um colar deslumbrante que brilhava e cintilava sob os refletores fortes da galeria. O vestido... *inacreditável*. Era um tomara que caia longo amarelo-canário ajustado na cintura, acentuando todas as suas curvas maravilhosas e o tom quente e delicioso de sua pele.

Ela era um colírio e Max mal conseguia respirar.

– Quer ir até lá? – perguntou Riley.

– Sim, fique aqui – respondeu Max sem pensar, dando o primeiro dos quinze passos cambaleantes necessários para chegar até ela, deixando Riley para trás.

À medida que se aproximava, o olhar de Max se fixou nas costas de Grace, observando a maneira como se movia enquanto ela falava com as mãos, como sempre fazia, recordando-se da sensação de tê-la em seus braços.

Ele parou alguns passos atrás dela, aguardando o término da conversa. A mulher com quem ela falava olhou um tanto fascinada na direção de Max, alertando Grace da presença de alguém. Ela se virou com um sorriso largo, antes de perceber quem era. O sorriso desapareceu, levando toda a coragem e toda a esperança de Max com ele. Os olhos verdes dela brilharam primeiro de choque e, depois, de alguma coisa que Max não conseguiu identificar direito. De qualquer forma, fez com que ele se sentisse minúsculo.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela, sua voz um

sussurro trêmulo.

Max pigarreou.

– Vim ver você.

Ele encarou a mulher e o companheiro dela. Eles murmuraram suas despedidas e seguiram para outra parte da galeria.

Grace ficou observando os dois se afastarem antes de se voltar para Max, a surpresa estampada em seu rosto.

– Como você... O quê? Por quê?

Max tossiu, nervoso.

– Por quê? – repetiu ele, todo o seu discurso se desfazendo enquanto ele ficava parado ali olhando para ela. – Bem, eu queria ver se você está bem e... Eu, hum, eu pensei que podíamos conversar. Talvez. Se você quiser.

Grace fitou-o como se ele tivesse falado em uma língua desconhecida.

– Conversar – repetiu ela. – Sobre o quê? – Ela umedeceu os lábios, seus olhos verdes tristes ao erguer os ombros. – O que mais há para ser dito?

– Há muitas coisas a serem ditas – respondeu Max, engolindo em seco. – Coisas que eu preciso dizer, quero dizer. – Ele suspirou. – Tentei encontrar você.

Ela assentiu com a cabeça.

– Eu sei. A Sienna me disse que você esteve na boate. Recebi seu bilhete. Pensei em ligar, mas...

Ela olhou para ele, seu olhar sincero aquecendo o corpo dele.

Deus, ele tinha sentido falta dela.

– Mas não posso fazer isso agora, Max – sussurrou ela.

Max deu um passo à frente quando ela se virou para ir embora.

– Gracinha – implorou ele.

O rosto dela se contorceu.

– Por favor, não me chame assim.

A mágoa nas palavras dela e a angústia que tensionava seus

ombros foram como um soco no estômago.

– Me desculpe – pediu Max. – Me desculpe. Eu só queria te fazer uma pergunta... O que eu disse para você aquele dia...

– Me machucou mais do que...

– Eu sei.

– Eu nunca te pedi nada a não ser me dar uma chance.

– Eu sei. Eu já... Eu nunca vou...

– Está tudo bem aqui, Grace?

O homem que se aproximou era alto, forte e irritantemente bonito. As costas de Max se endireitaram enquanto ele o observava colocar um braço protetor em torno da cintura de Grace. Um ciúme louco se espalhou por Max com tanta rapidez que suas pernas tremeram. A pele do cara era da mesma cor da de Grace, contrastando com o branco de sua camisa social, e a maneira como ele olhava parecia bastante familiar. O homem o encarou; mas então o alívio e a compreensão começaram a acalmar os nervos de Max.

Kai. Só podia ser o irmão dela.

– Está tudo bem – disse Grace com suavidade.

– E você é...? – perguntou Kai, cerrando a mão em punho ao lado de Grace.

– Sou o Max – respondeu ele, cabeça erguida, nem um pouco intimidado. – E estou aqui para falar com a Grace.

– Mas ela não quer falar com você...

– Kai, por favor.

Ela suspirou, virando-se na direção do irmão.

Max cerrou os dentes e olhou para Grace, ignorando o olhar fulminante do irmão que Grace tentava dispensar.

– Está tudo bem – garantiu ela ao irmão. – Mesmo.

Kai bufou.

– Tem certeza?

– Tenho.

Kai encarou Max de forma ríspida antes de se afastar.

– Me desculpe – disse Grace quando ela e Max ficaram sozinhos.
– Ele é protetor.

– Está tudo bem – respondeu Max. – Fico feliz que ele seja assim. Só preciso de cinco minutos. Preciso perguntar...

– Max – interrompeu ela, cerrando as mãos em punhos em cima da barriga. – Sei que você tem coisas a dizer, mas não estou preparada para...

Ela fechou os olhos devagar.

Observar o rosto dela se contorcer enquanto se esforçava ao máximo para não perder o controle partiu o coração de Max.

Que diabos ele estava pensando?

Ele analisou o lugar à sua volta. Ele não devia estar ali. Aquilo era um erro tremendo. Tinha certeza de que não era bom o suficiente para ela. Ele era meramente humano, afinal de contas, e, se ficassem juntos, ele com certeza estragaria tudo e a magoaria de novo. E ninguém, muito menos Grace, merecia isso.

Respirando fundo, sentindo uma dor imensa, ele arriscou dar um passo adiante.

Ela olhou para ele, linda e assustada.

– Eu sinto muito – repetiu ele baixinho, memorizando o rosto de Grace. – Sinto muito mesmo. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Eu só precisava dizer isso a você. – Ele deu uma olhada em torno da galeria, na direção das fotos. – Isso aqui é maravilhoso, Grace.

Ele pegou em sua mão, extasiado por ela não ter recuado, e deu um beijo gentil em seus dedos.

– Você é incrível. Parabéns.

E, com isso, Max sorriu tristemente para ela uma última vez, soltou sua mão, se virou e foi embora.

31

Riley deixou Max na oficina.

Sentindo-se completamente arrasado, Max sabia que o cheiro de gasolina e óleo o distrairia do arrependimento que o sufocava. A volta no Jeep foi silenciosa, mas Max notava os olhos de Riley sobre ele a cada segundo.

– Tem certeza de que não quer que eu leve você para casa, ou mesmo para a do Carter? – perguntou Riley, preocupado. – Cara, você pode ir para casa comigo, se quiser.

Max deu um sorrisinho e balançou a cabeça.

– Estou bem – disse ele baixinho, tirando o cinto de segurança. – Só preciso ficar aqui por um tempo.

– Se você tem certeza... Ligue se precisar de qualquer coisa – reafirmou Riley. – Posso falar com o Tate...

– Não, estou bem. – Ele suspirou. – Não vou fazer nada estúpido. Sei que ela merece coisa melhor do que eu. – Ele colocou a mão no ombro do amigo. – Mas sou grato pelo que você fez, cara.

Riley assentiu com a cabeça.

Max saiu do carro, pegou as chaves no bolso e abriu a oficina, entrando em silêncio. Os cheiros familiares e o ar frio acalmaram uma parte de Max que ansiava por um tempo em que as coisas eram mais fáceis – quando ele era mais novo, mais descomplicado e seu pai era a única coisa com a qual ele tinha que se preocupar. Ele ia acendendo as luzes à medida que andava, perambulando entre os

carros nos quais os meninos estavam trabalhando. Foi até seu escritório. Pegou a poltrona de couro atrás da mesa e se jogou nela, apoiando a cabeça para fitar o teto. Fechou os olhos para esquecer a mágoa que tinha visto no rosto de Grace e respirou.

Ele falara sério quando disse a Riley que Grace merecia coisa melhor que ele. Ele agira como um babaca completo; magoara Grace, a si mesmo e, agora, a tinha perdido. Max não estava preparado para a sensação de perda que tomava conta dele, mas a aceitou mesmo assim. Sentir alguma coisa era melhor que não sentir nada e, como Tate sempre dizia, fazia Max se lembrar de que ele estava vivo. E, apesar de tudo o que acontecera, inclusive esta noite, Max *queria* estar vivo.

Foi com esse último pensamento que, emocionalmente exausto, Max pegou no sono.

■ ■ ■

Max acordou com um pulo. Ele grunhiu quando seu pescoço enrijecido e dolorido protestou contra o movimento rápido. Ele o massageou e bocejou, levemente desorientado, dando uma olhada no relógio na parede do escritório. Passava da uma da manhã.

– Merda!

Ele puxou a gravata, afrouxando-a e tirando-a do pescoço antes de abrir os dois botões de cima da camisa e dobrar as mangas até os cotovelos. Foi então que ele ouviu uma batida. Será que foi isso que o acordou?

Prestando atenção, ouviu a batida se repetir, dessa vez mais forte e por mais tempo. Levantando-se sobre as pernas sonolentas, Max passou a mão pelo cabelo e se aproximou da porta com cautela. Quem iria à oficina àquela hora? Ele parou ao lado de uma grande chave inglesa, considerando seriamente se deveria pegá-la para a

possibilidade de haver algo problemático do outro lado. Resolveu deixá-la num local de fácil acesso, próximo à entrada, no caso de dar alguma merda. Ele destrancou a fechadura, abriu a segunda trava e entreabriu a porta.

– Grace.

Ela estava parada na calçada, ainda usando o vestido amarelo. Max abriu mais a porta.

– O que está fazendo aqui?

Grace balançou a cabeça.

– Não sei.

– Entre.

Max se afastou enquanto ela olhava para trás na direção de um táxi que, ele demorou para perceber, estava esperando por ela. Ela ergueu a mão, os dedos abertos, indicando cinco minutos, e passou por Max, entrando na oficina.

Ele fechou a porta. Se cinco minutos eram tudo o que ele tinha com ela, Max sabia que não podia perder um segundo.

– Quer beber ou comer alguma coisa?

– Não – respondeu ela rápido. – O táxi não vai esperar.

Max abaixou a cabeça em sinal de compreensão, sua mente ainda atordoada pelo sono.

– Espere. Como você sabia que eu estava aqui? – perguntou ele, confuso.

– Seu amigo voltou à galeria. Me disse onde o encontraria caso eu mudasse de ideia com relação a falar com você.

Riley. Bem, aquilo era inesperado.

– É por isso que você está aqui? Quer conversar? – arriscou Max.

Grace umedeceu os lábios e respirou fundo.

– Eu queria saber por que você foi lá esta noite.

Max parou um momento para admirá-la, tão espetacular naquele vestido.

– Eu queria... ver o seu trabalho. Ver você.

– Por quê?

Max cerrou os dentes, o nervosismo correndo por suas veias.

– Porque eu... Fazia um tempo que não a via, que a gente não conversava, e eu queria perguntar...

– Não – gritou ela, interrompendo as palavras de Max abruptamente. – Você não entende. Preste atenção. Hoje à noite, eu *estava* bem. Eu *achava* que estava bem. E aí... eu vi *você*.

Ele não deveria ter ficado surpreso com aquelas palavras, mas a mágoa o dilacerou mesmo assim.

– Não era minha intenção estragar tudo, Grace. Eu só queria ter certeza de que você estava bem – disse ele baixinho. – Depois que eu fui embora... Depois do que eu disse. – Max enfiou as mãos nos bolsos e ficou chutando devagar um ponto invisível no chão da oficina. – Eu só...

– O quê? O que você quer? – perguntou ela, a voz suave e cheia de expectativa.

Max não conseguia encará-la.

– Eu quero... Não quero rótulos. Só quero que você seja feliz, Grace.

– Não foi o que você deu a entender no dia em que foi embora. Parecia que eu tinha sido partida ao meio. – Apesar da veemência em suas palavras, ela cruzou os braços, segurando os cotovelos como se estivesse se segurando para não desabar. – Eu estava pronta para esquecer você... Para tentar... respirar sem você.

As palavras dela deixaram Max sem ar.

– Sei que não adianta eu me desculpar, implorar, me humilhar. Nada disso vai apagar o que falei ou como me comentei, mas você precisa saber que nada do que eu disse era verdade. Eu não quis dizer nada daquilo.

– Então por que disse?

Max expirou pesadamente e ergueu os ombros.

– Porque... quando cheguei à Virgínia Ocidental, eu tinha um

plano perfeito. Estava bastante feliz vivendo a minha vida, acordando todo santo dia, lutando contra os meus demônios, meu vício, trabalhando com meu tio, seguindo em frente do melhor jeito que podia. – Ele a fitou, tão pura e adorável. – E aí você... Você simplesmente apareceu como um furacão e mudou tudo.

Ela o fitou com um ar culpado.

– Não era minha intenção. Eu nunca quis...

– Não – interrompeu ele em voz alta. – Você não entende; você mudou tudo para melhor. – Ele enfiou as mãos nos bolsos de novo e deu um passo na direção dela. – Eu só não sabia o que fazer. Prometi a mim mesmo que nunca mais tornaria a sentir alguma coisa por alguém na vida e, do nada, lá estava eu sentindo tudo ao mesmo tempo e sem conseguir entender exatamente o que era aquilo. – Os olhos dela encontraram os dele, hesitantes e esperançosos. – Você é diferente de qualquer pessoa que já conheci – acrescentou ele com delicadeza. – Você vê o lado bom de tudo e de todos, até mesmo de mim.

– Mas você fugiu, Max. Depois de tudo o que compartilhamos. – Ela balançou a cabeça. – Eu confiei em você e você me disse coisas horríveis quando perguntei como se sentia.

Max suspirou.

– Sei que precisava de uma conclusão, Max. E espero que tenha conseguido.

– Eu consegui.

Ela deu um pequeno sorriso.

– Fico feliz. Embora doa perceber que estava disposto a me dispensar para conseguir.

Max grunhiu, frustrado.

– Eu precisava de um tempo longe, para clarear minha mente com relação ao que tínhamos feito e a como eu me sentia. Voltar para cá era o que eu podia fazer. Era a única coisa familiar que eu tinha em meio a coisas que não eram *nada* familiares. – Ele agarrou

os próprios cabelos antes de soltar os braços ao lado do corpo, derrotado. Sua pulsação trovejava. – Grace, eu... Nunca havia sentido o que senti aquela noite com você. Com ninguém.

Ele arriscou olhar para ela, mas sua expressão era indecifrável.

– Mas escolheu me machucar mesmo assim – sussurrou ela.

A garganta de Max doeu enquanto ele concordava desanimadamente com a cabeça. Ele deu um passo cambaleante para a direita e se apoiou na lateral do Mustang vermelho. Ele não fazia ideia de para onde ele e Grace iriam dali. O que mais ele deveria dizer? Ele não fazia ideia de como consertar o estrago que causara nem se ela queria que ele o fizesse.

– Esta é a oficina do seu pai?

A pergunta dela fez Max erguer a cabeça, surpreso.

– Sim.

– Belo trabalho – disse ela, apontando para o grafite que cobria as paredes.

Max tinha começado aquilo na semana anterior, em uma tentativa de deixar o lugar mais arrumado.

– Obrigado – disse ele. – Pensei em fazer um bom uso do meu recém-descoberto amor pela pintura. É terapêutico, ao menos é o que o doutor vive me dizendo.

O sorriso dela alargou um pouquinho. Ela pareceu se recompor antes de falar de novo.

– Prometi a mim mesma que não ia perguntar isso, porque não tenho direito algum, mas, vendo você agora, preciso saber. – Ela fechou os olhos e perguntou: – Você dormiu com ela?

A resposta de Max foi imediata e clara.

– Não.

Ela abriu os olhos, analisando o rosto dele em busca de algum traço de mentira.

– Aconteceu alguma coisa?

O olhar de Max desviou para a porta e ele rezou para que ela não

fosse embora quando ele lhe contasse a verdade.

– O que aconteceu, Max?

– Quando eu já ia embora – começou ele –, ela perguntou... Nós nos abraçamos e ela me beijou.

– E você a beijou de volta.

Não era uma pergunta.

– Sim.

Grace expirou.

– Acho que eu já sabia. Ela é o seu primeiro amor. Eu jamais conseguiria competir com isso.

– Ninguém está pedindo isso – afirmou Max. – *Eu* não estou pedindo isso.

– Não – murmurou ela. – Mas a sensação é essa.

Max se aproximou mais um pouco, fazendo Grace erguer a cabeça para olhar para ele.

– Eu juro – insistiu ele. – Terminou tão rápido quanto começou. E me fez perceber que, sim, ela era a mulher por quem eu fui apaixonado por anos lá atrás, mas os lábios dela não são mais os que eu quero agora. Não aconteceu nada ali, apenas lembranças de um tempo ao qual nunca voltaremos. E eu percebi que o homem que a amou não existe mais.

Ele ergueu a mão e tocou de leve em seu pulso, vendo o braço dela se arrepiar instantaneamente.

– Somos pessoas diferentes, ela e eu. Queremos coisas distintas. Sei disso agora. Sei que preciso seguir em frente. Preciso olhar para o futuro, em vez de ficar olhando por cima do ombro, aguardando que as coisas aconteçam; coisas que estão no passado por um bom motivo.

Decidido, ele segurou a mão de Grace, apertando-a como se aquilo fosse ajudá-lo a continuar falando e tornasse possível fazê-la acreditar que ele dizia a verdade.

– Sei que machuquei você e vou lamentar isso a vida toda.

Sempre vou ser um viciado e também não posso mudar isso. Tudo o que posso fazer é prometer que vou lutar contra isso todos os dias. Por nós. Por você.

– Max, eu...

– Sabe o que aconteceu quando a vi hoje? – continuou ele. – Depois de tanto tempo... Deus, Gracinha, você dominava o salão inteiro. Eu não conseguia enxergar nada além de você. Não desejo nada além de você. – Ela olhou para ele. – Você me disse que tudo o que queria era me amar. Será que é tarde demais?

Grace afastou a mão de modo delicado.

– Não sei – respondeu ela, suas palavras firmes. – É muita coisa para assimilar, Max. Eu não fazia ideia. Nunca pensei que você... – Ela sacudiu a cabeça. – Não posso ser sua suplente e não vou ser a segunda melhor.

Max franziu a testa, odiando o fato de ela até mesmo cogitar isso.

– Você nunca foi a segunda melhor.

Ela coçou a testa e se moveu na direção da porta.

– Não posso ser uma muleta. Você precisa continuar lutando por *você mesmo*, Max. Mais ninguém.

– Eu luto – garantiu ele. – E vou continuar lutando. Você só torna a batalha muito mais fácil. – A expressão dela suavizou. – Me diga o que você quer.

Ela abriu a boca algumas vezes, mas nenhuma palavra saiu.

– Não sei.

Max concordou com a cabeça.

– Tempo – disse ela. – Quero tempo para pensar.

Ele teria lhe dado qualquer coisa que ela pedisse.

– É claro.

Ela abriu a porta antes de olhar para trás.

– Lá na galeria, e agora há pouco, você disse que tinha uma pergunta para me fazer. O que era?

Max deu um sorriso.
– Depois eu conto.

Uma semana se passou até Max ter notícias de Grace de novo, uma mensagem curta perguntando como ele estava.

Como um adolescente, seu coração deu saltos ao ver o nome dela se iluminar na tela do celular. Ele respondeu da mesma forma, com uma mensagem breve, porém esperançosa, entusiasmado por eles estarem finalmente se comunicando. Depois daquela noite na oficina, Max não fazia a mínima ideia do que significava a conversa que estavam tendo agora.

E eles continuaram a trocar mensagens. Eram papos casuais em que falavam sobre o que andavam fazendo. Ela contou que tinha voltado ao condado de Preston e deu detalhes acerca da nova exposição para a qual havia sido convidada na Filadélfia, após o sucesso em Nova York; ele falou sobre as reuniões que frequentava. Apesar de estar ansioso para perguntar se ela pensara no relacionamento dos dois, ele se conteve e não pressionou. Max sabia que Grace estava, de forma cautelosa, aprendendo a confiar nele de novo, abrindo-se e dando a ele a segunda chance que ele queria tão desesperadamente.

E ele estava *desesperado* para tê-la. Carter tinha razão: eles não precisavam de rótulos. Max só queria estar com Grace de qualquer jeito que ela permitisse. Apesar de sua impaciência, ele permaneceu em Nova York, resistindo à vontade de voltar à Virgínia Ocidental,

atendendo ao pedido dela por tempo. Era o mínimo que ele podia fazer.

Max passava os dias fazendo o que sempre tinha feito desde que deixara o condado de Preston: correr, trabalhar, ir às reuniões do NA, se manter limpo, sóbrio e enfrentar a batalha do cotidiano – enquanto ansiava pelas mensagens diárias de Grace.

Foi em uma noite quente, duas semanas depois de tê-la visto pela última vez, que Grace ligou. A conversa não foi estranha, como Max achou que seria. Ele se pegou sorrindo com o som de sua voz e com a animação que transbordava dela ao lhe contar sobre suas novas fotografias. E atualizou-o com notícias sobre o tio Vince e o resto da família, apesar de saber que Max falava com eles regularmente. No começo, ela ligava duas vezes por semana, por cerca de dez minutos. Depois passou a ligar três, e logo eles se falavam todos os dias, por uma hora. A nova rotina era tão fácil como fora quando eles começaram a correr juntos. Eles combinavam, não apenas física mas também emocionalmente.

Foi durante uma dessas conversas que Grace tocou no assunto delicado de seu irmão, Kai. Max não tinha ilusão alguma. Sabia que Kai, com razão, não gostara do comportamento de Max e expressava sua preocupação quanto a Grace ter qualquer tipo de relação com ele, mesmo que apenas por telefone.

Max estava sentado no sofá, o celular na orelha, os pés descalços apoiados na mesa de centro.

– Posso fazer alguma coisa para ajudar? – perguntou ele. – Posso, sei lá, falar com ele.

Grace deu uma risada nervosa.

– Não acho uma boa; mas fico agradecida pela oferta. Ele vai mudar de ideia. Se souber que estou feliz e segura, ele vai superar.

– Você está segura comigo.

– Eu sei.

Max engoliu em seco, sentindo que os dois andavam na corda

bamba que Grace desenhara entre eles havia duas semanas.

– Faço você feliz?

Ela fez uma pausa antes de responder:

– Sim.

■ ■ ■

Max e Riley se dedicaram a organizar a despedida de solteiro de Carter, que acabou sendo uma viagem divertidíssima de dois dias para Las Vegas. Max ficou muito agradecido pelo fato de Carter, Riley e Tate, que Max convidara para se unir ao grupo, se absterem de beber na companhia dele. Na segunda noite, no entanto, depois de um dia inteiro na piscina, Max colocou, à força, uma dose de tequila na mão de Carter, provocando-o sem dó sobre ele estar se sujeitando a uma vida de servidão. Eles deram um abraço de homem e tapinhas nas costas e Carter virou aquela porcaria como se estivesse desesperado por ela.

Foram mais cinco depois da primeira.

Como Carter determinara, não houve strippers, para tristeza de Riley. Em vez disso, os dez integrantes da festa curtiram comida boa, vinho bom, clima escaldante e muitos, muitos jogos. Max não podia negar que se divertira, mesmo tendo sido difícil estar em uma boate sem beber; mas seus amigos nunca estavam muito longe, encorajando-o e ajudando-o a resistir. Max entendia que sua vida seria assim para sempre, para o bem ou para o mal, e, enquanto observava Riley se esfregar em um grupo de meninas ao mesmo tempo que os outros riam e o incentivavam, percebeu que aquilo não seria um problema.

Ele não se importava com o fato de ser o motorista da turma e de ter que ajudar Carter a encontrar o número de Kat para ele ligar para ela e dizer que estava com saudade. Por um breve instante,

enquanto Carter tagarelava ao telefone enrolando a língua, e a risada de Kat ecoava pelos fones, Max se perguntou como Grace iria se sentir se ele fizesse o mesmo.

Três dias depois de terem voltado sãos e salvos a Nova York, decidido e cheio de atitude, Max ligou para Grace e perguntou na lata:

– Quando posso ver você?

Ela ficou muda por um instante antes de responder:

– Você quer me ver?

Max bufou e se jogou no sofá.

– Grace – disse ele, suspirando. – Eu *preciso* ver você. – Ele brincou com um fio solto na barra da camiseta. – Já faz semanas e eu sei que disse que te daria tempo, mas...

– Mas o quê?

Max colocou a mão na testa.

– Estou com saudade.

Ela prendeu a respiração.

– Eu também.

– Então venha para cá – insistiu Max, inclinando-se para a frente.

– Venha para Nova York. Ou posso ir até aí, como você preferir.

– Como, se estou trabalhando? É noite de quinta. E o casamento do Carter não é no próximo fim de semana?

Max bateu com a mão no braço da poltrona.

– Puta merda!

Como pôde esquecer? Que ótimo melhor amigo ele era. O jantar de ensaio era amanhã e o casamento no sábado. Ele ainda tinha que ensaiar seu discurso de padrinho.

Grace riu de leve.

– Está tudo bem.

– Domingo?

– Não posso. Estarei em Washington, com Kai.

Max expirou pesadamente e se atirou de volta na poltrona.

- Semana que vem, então.
- Grace emitiu um ruído apreciativo.
- Semana que vem. Combinado.

■ ■ ■

Max podia contar nos dedos a quantidade de vezes que tinha visto Carter perder o controle. Apesar de sua reputação, o melhor amigo de Max era bastante tranquilo com relação à maioria das coisas. O dia de seu casamento, no entanto, não era uma delas. Max nunca vira Carter tão nervoso e, na verdade, aquilo era engraçado pra caramba.

– Parem de rir e me ajudem, seus idiotas! – exclamou Carter, parado na frente do espelho, batalhando contra a gravata cor de pêssigo havia pelo menos quinze minutos. – Sou um inútil para essas coisas.

Max bufou, parado ali ao lado de Riley, e se aproximou, afastando as mãos de Carter e dando o nó na gravata por trás, seus braços se esticando por cima dos ombros de Carter. Ele deu um sorriso largo para o amigo pelo espelho.

– Vá se foder! – resmungou Carter, revirando os olhos. – Sei que você está adorando me ver assim.

– Pode apostar – respondeu Max.

Ele ajustou o nó perfeito no pescoço de Carter e deu dois tapinhas na barriga do amigo.

– Pronto.

Carter suspirou e assentiu com a cabeça quando Max se afastou.

– Beba mais alguma coisa – ofereceu Max, pegando uma taça de champanhe pela metade e entregando a ele.

Havia centenas delas espalhadas pela casa de praia, deixadas

pelas inúmeras pessoas que zanzavam por lá. Max nunca tinha visto tanta gente em atividade.

Carter virou o champanhe e suspirou. Ele deu uma olhada para o relógio grande em seu pulso e engoliu ruidosamente. O “show” ia começar em quinze minutos. Max riu e entregou a ele o paletó cinza do terno.

– Cara, relaxe, parece que você está indo para o seu julgamento no tribunal.

– Não – respondeu Carter, apontando um dedo para o rosto de Max. – Eu jamais estaria nervoso assim se esse fosse o caso.

Tanto Riley quanto Max riram. Max fitou Riley, que, entendendo a necessidade de os dois melhores amigos ficarem sozinhos por um momento, assentiu com a cabeça e saiu do quarto, fechando a porta.

– Por que você está tão nervoso, cara? – perguntou Max, olhando de volta para Carter, que colocou a taça vazia em uma prateleira próxima e ergueu os ombros. – Não é isso que você quer?

– Sim! – exclamou Carter. – É claro, mal posso esperar para vê-la, para casar com ela, mas...

Ele olhou pela janela, na direção da praia. Viu várias fileiras de cadeiras ficando lotadas de convidados e um arco branco decorado com flores brancas e cor de pêssego sob o qual um homem com aparência oficial aguardava. Todos esperando o casamento começar.

– Você está com medo de ferrar com tudo?

Carter confirmou com a cabeça e sussurrou:

– Me cagando de medo.

Max sorriu e se aproximou do melhor amigo.

– Vai dar tudo certo, meu irmão. Está bem? Ela ama você. Ninguém entende por que – os dois riram –, mas ela ama. – Ele deu um apertão no ombro de Carter. – Então desça lá e mostre para todo mundo por que ela escolheu você.

Os olhos de Carter brilharam de um jeito que fez Max balançar.

– Estou orgulhoso de você, Max – disse ele baixinho. – Orgulhoso pra caralho.

Max não teve tempo de responder antes de Carter puxá-lo para um abraço apertado. Não houve tapinhas nas costas nem declarações de macho, apenas dois homens com vinte anos de amizade, apreciando silenciosamente quão longe eles tinham chegado.

Carter não vacilou mais depois disso.

Max ficou parado cheio de orgulho ao lado dele, onde sempre esteve e sempre estaria, enquanto ele se casava com Kat, que estava deslumbrante em seu vestido marfim. Os votos que ambos fizeram foram tão emocionantes e proferidos com tanto fervor que, mais de uma vez, Max sentiu uma pontada de saudade de Grace. Mesmo assim, ele foi o primeiro a aplaudir e fazer festa quando Kat e Carter deram seu primeiro beijo como marido e mulher.

A pista de dança e o bar tinham sido montados do lado de fora da casa de praia, na areia, rodeados por mesas brancas onde os convidados comeram e brindaram ao casal. O barulho das ondas era a única música de fundo para o discurso de padrinho de Carter, antes de o DJ convidar os recém-casados para sua primeira dança. Vendo o casal feliz dançar ao som de Otis Redding, Max se recordou de ter dançado com Grace naquele bendito bar aonde Ruby levara todos eles naquele feriado de julho e sorriu para si mesmo com a lembrança. Ela estava linda demais aquela noite.

Riley se sentou ao lado de Max enquanto a pista de dança começava a encher.

– Belo discurso. Mandou bem, cara – disse ele, seus olhos em uma morena jovem que dançava a poucos metros dali.

Max sorriu.

– Valeu, cara.

Riley olhou para ele e piscou.

– Então, você e a sua menina das corridas... Estão preparados

para tudo isso?

Ele apontou para onde Kat e Carter se moviam lentamente em meio aos outros dançarinos mais animados da pista; os recém-casados olhavam um para o outro como se o mundo ao redor deles não existisse.

Max balançou a cabeça.

– Não para um casamento.

Ele observou a cabeça de Carter cair para trás enquanto ele ria alto de alguma coisa que Kat tinha dito. O peito de Max ficou apertado com uma alegria inegável pelo amigo, seguida imediatamente por uma dor movida a Grace.

– Mas para a felicidade? Sim, estou mais que pronto para isso.

– Amém, irmão – murmurou Riley, dando as costas para a morena que o estava olhando com interesse e apoiando os cotovelos na mesa.

Max o imitou.

– Você está bem?

Riley assentiu com a cabeça, afrouxando a gravata e abrindo o botão de cima da camisa.

– Sim. É só que... Às vezes, me pergunto onde eu estaria se tivesse tomado uma decisão diferente, sabe?

Apesar de Max não saber a que decisão Riley se referia, ele conhecia muito bem a sensação do arrependimento e odiava pensar que o amigo sentisse qualquer coisa remotamente parecida com aquilo. Os olhos cor de mel de Riley estavam perturbados.

– Quer conversar sobre isso?

Riley sorriu.

– Ah, cara – disfarçou ele, erguendo sua taça e batendo na garrafa de refrigerante de Max. – Hoje é dia de festa, não de compaixão. – Ele virou o champanhe e se levantou com os braços abertos. – Hora de dançar!

Max bufou enquanto observava Riley se mexer e dançar, indo

para a pista na direção da morena, tirando o paletó com os ombros enquanto caminhava. Max sempre se surpreendia ao ver como Riley parecia ser resiliente. Tate tinha razão, ele era de fato como uma bolinha de borracha; mas Max se preocupava mesmo assim.

Com o refrigerante na mão, Max perambulou pela pista de dança, sorrindo e conversando com amigos e membros da família de Kat. A mãe dela era um pouquinho rabugenta, como Carter havia alertado, mas o padrasto parecia legal. Já a avó, Nana Boo, era uma figura, e dançou com Max por duas músicas inteiras antes de ir pegar uma taça de vinho. Saber que Carter tinha uma nova família, pessoas que aparentavam gostar dele de verdade, deixava Max mais tranquilo.

Ele olhou para o oceano, tão azul quanto o céu que o encontrava no horizonte, e fechou os olhos, sabendo que Grace teria amado aquilo. Max teria adorado dançar com ela ali, sob o luar, e beijá-la sob as estrelas.

– Max? – Assustado, ele se virou e viu Kat, as bochechas coradas, seus grandes olhos verdes brilhando e felizes. – Tudo bem?

Ele sorriu, afugentando os sussurros de melancolia que os pensamentos sobre Grace tinham trazido.

– Sim. Tudo bem. Como você está?

Ele apontou com a cabeça para onde Carter estava dançando com Nana Boo, seus pequenos pés descalços se equilibrando sobre os sapatos sociais grandes e brilhantes dele.

– A sensação é estranha?

Kat riu.

– Não. A sensação é perfeita.

– Ótimo.

– Tem certeza de que não tem problema você passar a noite aqui depois que nós sairmos?

Ele tomou um gole de refrigerante.

– Absoluta.

– Ótimo – disse ela, dando um sorriso torto e olhando de canto

de olho para ele. – Sabe, eu estava aqui pensando, talvez você possa pedir à Grace que passe a noite aqui com você.

Max franziu a testa, tendo pensado exatamente a mesma coisa e considerado como aquilo teria sido fantástico.

– Ela está no condado de Preston – murmurou ele.

– Mesmo?

Kat virou a cabeça na direção da casa.

O olhar de Max se voltou rapidamente para a casa de praia, onde, parada ao lado da grande porta, trajando o mesmo vestido vermelho que usara no lago, estava Grace. O peito dele deu um triplo mortal carpado quando ela abriu um sorriso nervoso, fazendo-o fixar os olhos nela, sabendo que era a coisa mais perfeita que ele já tinha visto na vida.

Max não sabia ao certo como chegara até ela, se andara ou flutuara pela pista de dança; e só percebeu que havia se mexido quando já estava a poucos passos de Grace. Ele parou, admirando-a, os cabelos pretos soltos em torno do rosto, escorrendo pelos ombros e pelas costas, tremulando com a brisa suave. A pele escura em maravilhoso contraste com a cor vibrante do vestido, as pernas longas, os pés perfeitos e as unhas pintadas no mesmo tom do vestido.

Ele passou a língua nos lábios.

– O que... Como... O que você...

Ela riu.

– Importa?

Ele balançou a cabeça, sem conseguir encontrar palavras.

– Não. Nem um pouquinho. Você está aqui. Pensei...

– Também pensei, mas... Senti tanto a sua falta. – Ela apontou para o terno cinza dele. – Você está lindo.

Max fez uma careta.

– Essa frase era minha.

Dando um sorriso torto, Grace deu de ombros.

– Bem, agora é minha.

Ela riu de novo quando Max permaneceu em silêncio, incapaz de fazer qualquer coisa além de fitá-la.

– O que está olhando?

– Você – respondeu ele, dando um passo adiante. – Dominando todo o salão.

– Estou na porta – provocou ela. – Estou praticamente do lado de fora.

– Não importa onde você esteja – garantiu ele. – Você é tudo o que vejo.

O rosto de Grace pareceu suavizar e relaxar com as palavras dele.

– Max – começou ela, dando um passo à frente e diminuindo a distância restante entre eles, enquanto o aroma de manteiga de cacau o envolvia por completo. – Antes de dizermos ou fazermos qualquer coisa, precisamos conversar.

Max concordou com a cabeça, a pulsação disparando de expectativa, sem saber se deveria rir ou chorar.

– Você me pediu para dizer o que eu quero – continuou ela. – Posso dizer agora.

– Certo.

Max se preparou.

Grace lambeu o lábio superior, roçando os dentes nele de leve e erguendo os ombros.

– Quero que você me diga que isto é real – disse ela com cuidado. – Quero que você me diga que deseja isto; que me quer. Não que precisa de mim, porque você não precisa de mim mais do que precisa de uma bebida ou de ficar chapado. Quero que você me prometa que não vai fugir de novo, que vai conversar, ser sincero comigo, que nós dois sempre vamos lutar contra nossos demônios por nós mesmos, não pelo outro. E, se você puder fazer isso tudo, juro que farei o mesmo.

Max engoliu em seco enquanto o pedido dela envolvia seu coração, prendendo sua resposta na garganta. Ele respirou, cerrou os dentes em uma tentativa de se recompor e disse:

– Não vou mais fugir. Nunca mais. Eu quero você, sim. Quero mesmo, Grace. Isto é *real*, eu juro. Eu te... Eu...

Grace apertou a mão dele, interrompendo sua batalha contra palavras que ele não dizia a ninguém havia muito tempo.

– Nada de rótulos – murmurou ela, sorrindo.

Os ombros dele relaxaram de alívio. Não que Max não *quisesse* dizer aquelas palavras – Deus, ele queria muito! –, ele só não sabia se conseguiria. Elas o assustaram por tanto tempo que, apesar de senti-las em cada fibra de seu corpo, verbalizá-las para Grace ainda levaria algum tempo.

– Não se preocupe – acrescentou Grace, como se pudesse ler a mente dele. – Vai acontecer. Não tenha medo.

– Estou apavorado – admitiu ele, repetindo as palavras que dissera a ela na última noite em que fizeram amor.

– Eu sei. Eu também. Vamos encontrar nosso caminho – disse ela, entrelaçando os dedos nos dele. – Juntos.

Ele apoiou a testa delicadamente na dela, fechando os olhos enquanto o peso do que eles estavam decidindo o pressionava deliciosamente, como um cobertor de inverno.

– Agora me diga uma coisa – pediu Grace baixinho.

– Qualquer coisa.

– Qual era a sua pergunta? Aquela noite, na galeria, o que você queria me perguntar?

Max ergueu a cabeça. Ele colocou a mão no rosto de Grace, sorrindo quando ela se aconchegou em seus dedos. O polegar dele passeou preguiçosamente pela maçã do rosto dela, por sua pele macia.

– Você falou que entendia que Lizzie foi meu primeiro amor – murmurou ele. – E você estava certa, ela foi.

Grace assentiu com a cabeça, a expressão solene.

– Eu sei.

Max congelou.

– E minha pergunta era: você aceita ser o último?

Grace ofegou. Sua boca se curvou no sorriso mais maravilhoso do mundo enquanto ela estremecia sob os dedos de Max. Ela fechou os olhos, lágrimas escorrendo nos cantos.

– Com uma condição – respondeu ela, fitando-o.

Max deu um risinho malicioso, mas dominou sua expressão rapidamente, entrando no jogo.

– Está bem, Gracinha. Qual a condição?

– Que você me beije – respondeu ela, sem hesitar.

– Agora?

– Agora.

Max olhou para aquela boca maravilhosa, os lábios molhados, e arqueou a sobrancelha, fingindo considerar o pedido. Ela estreitou os olhos, brincando, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Max segurou seu rosto, aproximou-se e a beijou. Ela gemeu de alegria em sua boca e segurou seus braços, fazendo Max se perder no gosto e no toque dela de novo.

Ele estava vagamente ciente dos gritos e dos urras que pareciam vir de Riley, Tate e Carter, mas não estava nem aí.

Tudo o que importava era a mulher que envolvia em seus braços, sussurrando seu amor por ele, e a sensação avassaladora de esperança que sentiu florescer em cada parte de si, todas pertencentes a Grace.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, um agradecimento especial à minha equipe incrível – um grupo de mulheres que me inspira e me mantêm sã todos os dias: Lorella e Louise, as agentes mais maravilhosas do mundo; Micki, Marla e Kristin, da Gallery Books; e Kate e Jo, da Headline Eternal. Minha gratidão por tudo que vocês fazem é imensurável.

A minha família, meus amigos e todos que leram, revisaram, retuitaram, curtiram, postaram em seus blogs e recomendaram esses livros. O entusiasmo e o amor de vocês por esses personagens faz com que escrevê-los seja uma alegria tremenda.

Vocês são o meu Oreo, e eu adoro cada um de vocês.

SOBRE A AUTORA



SOPHIE JACKSON é uma professora do noroeste da Inglaterra que adora ler e assistir filmes e é assumidamente fã de quadrinhos. Ela gosta de se exercitar, mas só porque adora comer e beber vinho. A série Desejo Proibido já foi vendida para diversos países, como Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Itália e Turquia.

www.sophiejacksonauthor.com.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

32

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro